DOCENTE ACOMPANHANTE

Prof. Doutor Manuel Graça Dias

Nuno Maria Pires de Miranda Pena | Dissertação de Mestrado | F A U P 2009.2010

VAZIOS URBANOS

Dimensões do vazio nas Cidades : Sobremodernidade e o Parque da Cidade do Porto

AGRADECIMENTOS

Pela disponibilidade e acompanhamento do trabalho,

Arquitecto Manuel Graça Dias

Pela cedência de fotografias que integram este trabalho,

Fotógrafos do colectivo *fotoalternativa*

Por aceitarem contribuir respondendo ao questionário,

Cidadãos abordados no Parque da Cidade do Porto

Pelo incondicional apoio e compreensão,

Família e Amigos

Minha Mãe,

que És e assim também eu posso Ser.

RESUMO

O processo evolutivo das cidades é, como se sabe, tanto uma construção afecta ao espaço, como ao tempo; inerentemente complexa na sua organização, inevitavelmente mutável e variável nas formas e significados que ostenta.

diversidade

As cidades são o território privilegiado das oportunidades, das trocas, das partilhas. Da diversidade formal, social e cultural, do estranho, do oculto e do inesperado. As cidades devem representar a celebração da possibilidade de uma vida em comum. Como tal, a formalização física, social, cultural e económica do meio urbano assenta numa

reciprocidade

relação de reciprocidade entre os agentes que nela participam e a disponibilidade das morfologias resultantes dessa mesma participação.

cidade tradicional

O presente trabalho incide essencialmente sobre o âmbito da *cidade tradicional* e as esferas onde manifestamente se reflectem o carácter, os modos de organização e os

espaço público

níveis de disponibilidade decorrentes dos mesmos: o espaço público. Atentando no processo evolutivo das cidades, enquanto somatório e sobreposição de histórias, culturas,

lugar / não lugar

intenções e cronologias diversas, abordam-se primeiramente conceitos como o de *lugar*,

terrain vague

não-lugar (Augé, 2006) e *terrain vague* (Solá-Morales, 1996). Com base nestes princípios, são explorados aspectos relativos à composição social, cultural e económica das cidades,

espaço móvel

bem como a denominada proliferação de um *espaço móvel* (Rémy & Voyé, 1994) e *con-*

espaço conceptual

ceptual (Sorkin, 1992), associando-se estes conceitos à identificação e explicitação de outras dimensões de *vazio*, destacando-se relacionados com as mesmas os fenómenos de disfuncionalidade e/ou limitação, de obsolescência e esvaziamento funcional, de desvalo-

desertificação

rização e desertificação física, social e económica – todos intimamente relacionados.

Parque da Cidade, Porto

Sobre esta base de ordem teórica, este trabalho integra um estudo que incide especificamente sobre o Parque da Cidade do Porto: um *vazio* intencionalmente qualificado; um espaço público com características relativamente desconhecidas e inovadoras no âmbito da cultura portuguesa.

Com esta componente prática - sustentada pela elaboração de um inquérito ao qual responderam sessenta transeuntes abordados aleatoriamente no parque – procura-se entender as dinâmicas que se desenvolvem, tanto ao nível do indivíduo, como na sua relação com o *vazio* e respectivos elementos que o integram e circundam. Neste sentido, o estudo visa especificamente este espaço pois as questões que o mesmo suscita são passíveis de se identificar e aplicar abrangentemente a muitos dos conceitos e ideias explorados pelo trabalho, permitindo avaliá-los sobre uma base prática, pálpavel e concreta.

A partir das visões partilhadas pelos transeuntes acerca dos significados e dinâmicas envolvidas e atribuídas a este *vazio* – das quais forma parte importante uma representação gráfica do parque elaborada por cada um dos mesmos – procura-se avaliar o

identidade

estatuto e as condicionantes actuais do *lugar*; a sua identidade, representatividade, funcionalidade e, acima de tudo, a pertinência da sua mutabilidade no âmbito da sua clarificação e consolidação, enquanto realidade integrada no processo evolutivo da cidade.

ABSTRACT

The evolutive process of cities is, as we know, as much a construction through space, as it is through time; inherently complex in its organization, inevitably mutable and variable in the forms and meanings it withholds.

Cities are the privileged territory of opportunities, trade, exchange and sharing. *diversity* Of formal, social and cultural diversity, of the strange, the unknown, the unexpected. Cities should represent the celebration of the possibility of living collectively. As such, the physical, social, cultural and economic formalization of the urban reality sets itself upon *reciprocity* a relationship of reciprocity between the agents which participate in it and the level of openness and availability of the morphologies resulting from that participation.

traditional city The present essay focuses essentially on the *traditional city* and the realms where its character, levels of effectiveness and modes of organization are manifestly exposed and *public space* reflected: public space. Considering the evolutive process of cities, an ever crescent superimposition of layers from diverse stories, cultures, intentions and chronologies, the con- *place / non place* cepts of *place*, *non place* (Augé, 2006) and *terrain vague* (Solá-Morales, 1996) are firstly *terrain vague* approached. On the basis of these principles, in straight relation with the denominated *mobile space* proliferation of both *spaces for mobility* (Rémy & Voyé, 1994) and a new *conceptual spa- conceptual space tial reality* (Sorkin, 1992), aspects relating to the social, cultural and economic composition of cities are considered and explored. These concepts are, in turn, associated to the identification and explanation of other dimensions of *void* or *emptiness*, related to which are phenomena such as disfunctionality and/or limitation, functional obsolescence and *desertification* emptying, social and economic devaluation and desertification - all intimately related.

Based on this theoretical platform, this paper integrates a study specifically fo- *Parque da Cidade, Porto* cused on Portos' Parque da Cidade: an intentionally qualified *void*; a public space with relatively unknown and innovative characteristics to portuguese urban and social culture. With this practical component – greatly reliant upon the results obtained from a survey, in which sixty randomly chosen citizens visiting the park participated – an attempt is made at understanding the dynamics developed, both within the individual, as well as with what concerns his relationship with the space and respective elements which compose and surround it. In this sense, this study focuses specifically on this park because the aspects brought to light by it are directly and widely identifiable and applicable to many of the concepts and ideas explored previously – giving way to a more practical, palpable and concise evaluation of their meaning.

From the perspectives shared by the citizens regarding the meanings and nature of the processes attributed and involved in this *void* – of which a graphic representation of the park attempted by each of the surveyed individuals forms an important part – an evaluation of the present status and conditional aspects of the *void* as *place* is made po- *identity* ssible. This evaluation regards aspects such as identity, representative qualities, functionality and, above all, the adequacy of its mutable character in the process of its clarification and consolidation as a concrete reality integrated in the evolutive process of the city.

INDICE

1. INTRODUÇÃO 1

2. O CONCEITO DE LUGAR

2.1. Sítios e Lugares 9
2.2. Introdução aos conceitos de *presença* e *espaço existencial* 11
2.3. A figura e a *Gestalten* 15
2.4. Introdução ao conceito de *Genius Loci* 19
2.5. História, identidade e linguagem 19

3. O CONCEITO DE NÃO-LUGAR

3.1. Breve caracterização do conceito de Sobremodernidade 31
3.2. O excesso 33
3.3. Da colectividade ao individualismo 37
3.4. Símbolos, signos e imagens 43
3.5. Uniformização : imposição tipológica ou falta de carácter? 49

4. DIMENSÕES DO VAZIO NAS CIDADES

4.1. O vazio físico não planeado : "*terrain vague*" 67
4.2. Complexidade, diversidade e mistura tipológica 83
4.3. Zonamento e esferas económicas 97
4.4. O vazio invisível aos olhos: a dimensão social e cultural 117
4.5. Vazios intencionais : dos valores intencionais às discretas lacunas 129

5. O PARQUE DA CIDADE DO PORTO

5.1. Contexto histórico 151
5.2. Configuração física do Parque e envolvente urbana 155
5.3. Problematização do lugar e do vazio : exemplos e boas práticas 163
5.4. Estudo empírico : exposição da informação recolhida 199
5.5. Considerações sobre o caso de estudo 211

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 231

7. ANEXOS

ANEXO I : Modelo do questionário 240
ANEXO II : Representações gráficas elaboradas pelos participantes 244

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 305

1. INTRODUÇÃO

A relação do Homem com o meio que o envolve sempre se construiu sobre a base da experimentação e do engenho. Os primeiros abrigos nascem da constatação da inadaptabilidade do Homem ao meio natural – da impossibilidade de uma vivência ao relento, em plena harmonia com a Natureza.

Platão afirma pela primeira vez (cerca de 400 a.C.) que "A necessidade é mãe da invenção"[1]. Hoje, em pleno século XXI, ultrapassámos em larga escala as noções de abrigo, povoação e ruralidade. Hoje, de acordo com estatísticas avançadas pelas Nações Unidas, mais de 50% da população mundial encontra-se fixada em zonas urbanas. Em 2030 estima-se que a percentagem se eleve para 60%[2]. E a utilização do termo *fixada* não é ingénua. Implica, obviamente, um sentido de residência, vivência e relativa permanência. Mas podemos também, se atentarmos ao termo e expressão inglesas "*fixated in something*", considerar que as cidades pretendem (e actualmente, em muitos casos, conseguem) algo mais do que isso. Funcionam quase como organismos com uma dupla personalidade: ora providenciando e promovendo os recursos e as oportunidades para o desenrolar da vida saudável e enriquecedora em comunidade, ora extrapolando e 'anestesiando' muitos desses aspectos positivos relegando-os para segundo plano – atente-se, por exemplo, na emergente preponderância dos hábitos e necessidades de consumo –, tornando-os uma característica secundária e dificilmente apropriável para a maioria das pessoas.

As cidades possuem modos de apropriação de espaço bastante particulares relativamente àqueles que se registam em meio rural, a título de exemplo. Os meios urbanizados de grande escala caracterizam-se como unidades sociais com acentuado sentido de dinâmica colectiva (Rémy & Voyé, 1994). Assim, constituem-se como pólos extremamente atractivos para o desenvolvimento de diversos projectos – tanto ao nível individual como colectivo – exercendo um efeito *magnetizante* sobre diversas populações em zonas rurais, que para as cidades emigram em busca de múltiplas possibilidades de coexistência, troca, experiência, etc..

> "(...) por convergência de produtos e informações, desempenha um papel privilegiado nas trocas - materiais ou não -, em todas as actividades de direcção e de gestão no processo de inovação. (...) Lugar a partir do qual se estrutura o campo das actividades sociais, a cidade também confere uma dimensão sistemática à cultura regional circundante; pode também, pelo contrário, ser, em certos momentos, um lugar de ruptura e de inovação."[3]

[1] Plato, *cit.* Angel, S., 2004

[2] http://www.unfpa.org/swp/2007/english/introduction.html

[3] Rémy, J. & Voyé, L, 1994; p. 14-15

Neste sentido, e cada vez mais nos dias de hoje, as cidades e os mecanismos, organismos e espaços que a geram e gerem, funcionam como um organismo aliciante, viciante (ao qual a maioria das pessoas sucumbem, e se tornam *fixated*), tanto em termos individuais (da singularidade de cada indivíduo), como, talvez como consequência disso mesmo, à escala social, colectiva.

Hoje é um facto que o domínio da individualidade se sobrepôs massivamente e na maioria dos casos às noções de colectividade e partilha. As cidades são mais uma manifestação e um produto da solidão e do ego do Homem "médio"[4] do que uma construção colectiva e socioeconomicamente abrangente que reflicta uma filosofia de vida em comum e a História de uma comunidade, por mais vasta e diversificada que esta seja.

Este trabalho centra-se então, primordialmente, no estudo do complexo organismo que são as zonas urbanas – as Grandes Cidades. Interessa, no entanto, clarificar e delinear clara e assertivamente algumas noções e limites, de modo a que o estudo não se torne demasiadamente disperso, ou caia na tentação de perder a sua finalidade e objectividade.

Torna-se fundamental esclarecer algumas das características que, sendo mais ou menos inerentes e/ou naturais nas grandes cidades, as diferenciam como tal de outros conceitos como sejam os de aldeia, pequena vila ou subúrbio. Porque não se trata apenas de uma questão de escala. Trata-se fundamentalmente de conceitos como os de *concentração* e *densidade*, *misturas tipológicas*, *misturas sociais/culturais* e *oportunidades pessoais* e *colectivas*. As cidades querem-se como um sistema aberto e eternamente disponível, seja para aqueles que nelas habitam, seja para qualquer visitante ou turista que as visite em busca de algo de novo, surpreendente, ou apenas diferente (Jacobs, 1993).

Excluem-se, à partida, as tentações de atender a uma escala metropolitana [englobando a "cidade difusa" (Domingues, 1999)], que abarcaria desde logo um campo de estudo demasiadamente disperso, vasto e com uma multiplicidade de problemas e incógnitas que superam desnecessariamente todas aquelas já contidas no âmbito da *cidade tradicional* – ou histórica (delimitada e consolidada). Introduzem-se, no entanto, dois conceitos importantes e, aparentemente, indissociáveis: *polis* e *cosmopolis*. O primeiro refere-se a uma ideia de comunidade entre cidadãos, aludindo a um certo sentido de auto-governabilidade dentro desse mesmo meio. O segundo, por sua vez, de carácter mais individualista, implica a existência de grupos ou comunidades diversas, que convivem com base na tolerância mútua mas sem a presença do carácter activo e interventivo na sua vida como cidadãos, relegando o exercício do poder e da decisão para a esfera política[5].

Esta importante distinção, que define a origem de muitas das vicissitudes e pro-

[4] O termo *Homem "médio"* provém, neste caso, da definição de Mauss (1966), que se refere ao mesmo como sendo, na sociedade moderna, "qualquer homem entre os que não pertencem à elite. É semelhante a quase todos os homens das sociedades arcaicas ou atrasadas na medida em que apresenta como eles uma vulnerabilidade e uma permeabilidade ao meio circundante imediato." (Augé, M., 2006; p.44)

[5] Weintraub, J. (1995), *cit*. Graça Dias, M., 2006; p. 5

blemas das grandes cidades, introduz também aquele que é o âmbito principal deste trabalho: o espaço colectivo, ou público. Porque é nele que se reflectem, de forma mais ou menos imediata, todas as virtudes e fragilidades de uma sociedade urbana. Porque é ele o domínio privilegiado para o complexo "*ballet*" (Jacobs, 1993) quotidiano que revela, congrega, ou segrega, os sonhos e desejos de muitos milhares de pessoas. É o espaço colectivo que nos apresenta na forma mais clara e evidente o principal problema que as grandes cidades nos colocam: como lidar com a complexidade de forma organizada? (Jacobs, 1993).

É aqui que se introduz uma das maiores problemáticas físicas e espaciais (mas também, como veremos, de índole socioeconómica e política) das cidades contemporâneas; um aspecto que tem vindo a ser posto em foco, especialmente após a destruição massiva de muitas cidades Europeias após a Segunda Guerra Mundial (Relph, 1987): os espaços ou edifícios residuais, inconsequentes, expectantes – os *Vazios Urbanos*.

A origem destes "*terrains vagues"*, tal como os designa Ignasi Solà-Morales (1996), provém de uma multiplicidade de razões e 'partidos' interventivos (desde o exercer de actos básicos de cidadania, à ineficácia e/ou inadaptabilidade dos planos e intervenções urbanísticas, até às responsabilidades municipais e políticas). Mas existe uma característica fundamental que é comum à grande maioria destes casos: a memória. Não apenas a memória daquilo que aqueles sítios (falar-se-á, de seguida, sobre a distinção entre os conceitos de *sítio* e de *lugar*) já foram, no seu sentido físico e funcional, mas também, e talvez de forma mais peremptória, do espaço e significância que constituíram na memória individual e colectiva dos cidadãos.

Deste modo, consideram-se à partida diversas alterações nos parâmetros de identificação e gestão do indíviduo e de diversas redes e estruturas que, por sua vez, directa e significativamente interferem na formulação dos sentidos espaciais, sociais e culturais das cidades. É neste âmbito que se percorrerão as dinâmicas que regem as relações entre os parâmetros emergentes na era da *Sobremodernidade (*Augé, 2006*)*, e a forma como os mesmos se repercutem nos *lugares* e nos sistemas que vão sustentando, transformando, ou simplesmente dissolvendo.

Com esta análise – complementada por um estudo de índole prática incidente sobre o Parque da Cidade do Porto, do qual formam parte preponderante as opiniões e visões transmitidas por cidadãos aleatóriamente abordados – se procurará avaliar, com toda a multiplicidade de factores inerentes e indissociáveis, os estatutos, significados e a pertinência de diversas possibilidades de transformação/adaptação do *lugar* e do *vazio* na contemporaneidade.

Neste sentido, é a partir da questão da História e da memória, aliadas às antagónicas noções de anonimato e identidade, que se procura iniciar o 'diálogo' com o mutismo urbano que emana destes *vazios*.

O que é um *lugar*?

“Partindo-se dali e andando três dias para Levante o homem encontra-se em Diomira, cidade com sessenta cúpulas de prata, estátuas de bronze de todos os deuses, ruas pavimentadas a estanho, um teatro de cristal e um galo de ouro que canta no alto de uma torre todas as manhãs. Todas estas belezas o viajante já as conhece por tê-las visto também noutras cidades. Mas a propriedade desta é que quem chegar numa noite de Setembro, quando os dias já diminuem e as lâmpadas multicolores se acendem todas ao mesmo tempo por cima das portas das lojas de peixe frito, e de um terraço uma voz de mulher grita: uh!, lhe apetece invejar os que agora pensam que já viveram uma noite igual a esta e que então foram felizes.”[6]

[6] Calvino, I., 1990; p.11

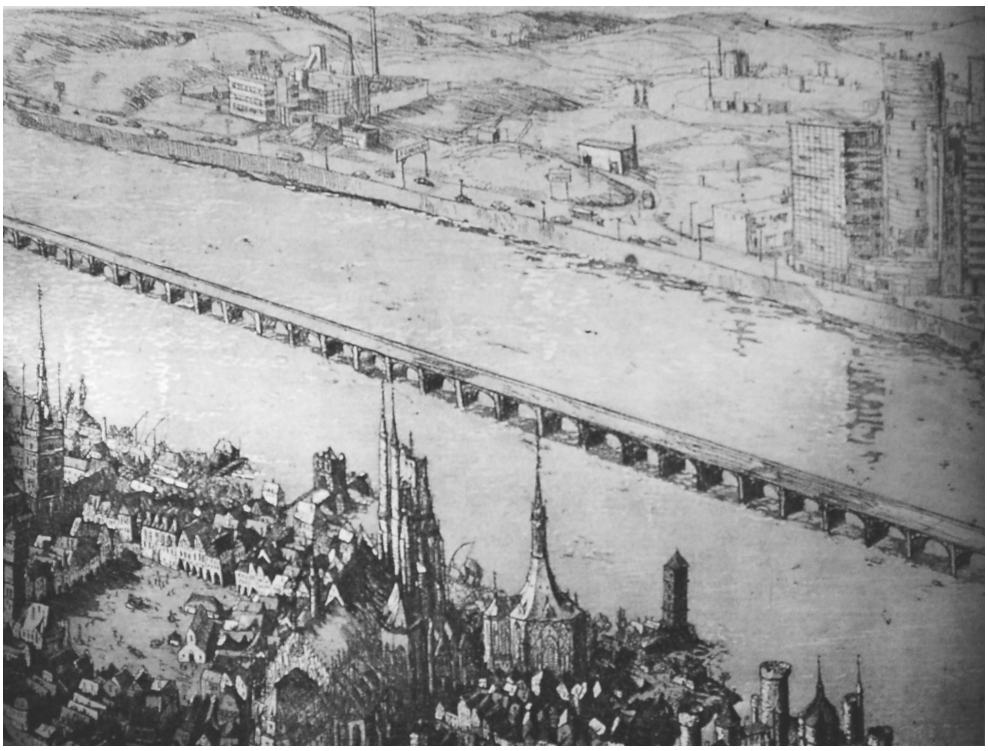


Figura 2.1. *The Bridge*, Jan Soucek | Norberg-Schulz, C. 1984; p. 32

2. O CONCEITO DE LUGAR

| 2.1. Sítios e Lugares

É recorrente referirmo-nos a um determinado espaço ou conjunto de espaços (onde se encontrarão, muitas das vezes, diversos objectos, entre outras referências) como lugares. É curiosa a distinção etimológica que se faz ao empregar este termo e não o termo *sítio*. A definição de dicionário de ambos os termos oferece, ainda que muito superficialmente, algumas noções sobre esta distinção:

> Sítio: "lugar; local; localidade; povoação".
>
> Lugar: "espaço ocupado por um corpo; sítio; localidade; pequena povoação; região; posição; ordem; categoria social; cargo; emprego; vagar; tempo; ocasião; ensejo; vez; trecho ou passagem de um livro".[7]

Atentando apenas na abrangência de cada uma das definições, torna-se possível compreender que o conceito de *lugar* é passível de se desmultiplicar nas mais diversas áreas e referências. Este implica no entanto, a nível etimológico e linguístico, a definição de algo com um carácter mais concreto (relativamente ao sítio), como que aludindo a uma escala de pensamento e interpretação mais precisa, localizada e detalhada daquilo que se deseja indicar ou conceber. Pressupõe, de forma mais incisiva e na maioria dos casos, uma relação entre duas ou mais coisas. O *lugar* é, no fundo, um conceito bastante mais concreto, complexo e divergente, respectivamente ao de sítio. Tal como os distingue Otto Friedrich Bollnow (*cit.* Aguiló, 1999), aludindo ao carácter concreto de um lugar como "espaço susceptível de diferenciar-se, enquanto o sítio apenas imprime no lugar alguma intenção; a ideia de ali colocar algo"[8].

Torna-se claro que a existência e/ou identificabilidade de um lugar engloba, então, a presença, a percepção e a acção do Homem a diversos níveis. Ou seja, a relação entre os Homens e o meio que os envolve. É precisamente sobre a complexidade deste relacionamento que se deve introduzir, como refere Martin Heidegger (*cit*. Norberg-Schulz, 1984), a noção de "espaço existencial"[9]. Sobre este aspecto, torna-se fundamental compreender que o Homem não atinge a noção de enraizamento existencial apenas através do conhecimento científico. Ao longo da História, foram, são e serão sempre necessários símbolos e conceitos – ou "obras de arte" (Norberg-Schulz, 1984) –, que se constituam e reconheçam claramente como manifestações das mais diversas situações existenciais.

espaço existencial

[7] Costa, J. Almeida & Sampaio e Melo, A. *Dicionário da língua portuguesa, 5ª edição,* Porto Editora, 1984

[8] Bollnow, O. (1999), *cit.* Miguel Aguiló, 1999

[9] M. Heidegger, *cit.* Norberg-Schulz, C., 1984; p.5

Figura 2.2. Vista aérea da aldeia de Piodão, Portugal | http://www.acultura.no.sapo.pt

O conceito de *espaço existencial* compreende, então, algo que transcende o âmbito de um termo meramente lógico ou matemático (Norberg-Schulz, 1984). Este espaço é, acima de tudo, uma concepção que abarca as relações entre o Homem e o ambiente que o envolve; e que este, por sua vez, influencia significativamente (e aos mais diversos níveis) a estrutura do Ser Humano. Isto implica, desde logo, que o propósito da arquitectura – e das manifestações colectivamente construídas, que são as cidades – transcende a definição sugerida durante os períodos iniciais da corrente funcionalista (Norberg-Schulz, 1984). Martin Heidegger (*cit*. Relph, 2000) utiliza a expressão "*Räumlichkeit*"[10] – que, traduzida, se refere ao sentido de *presença* – para fazer alusão ao espaço em que se desenvolve a vivência quotidiana. Um espaço em que tudo tem o seu *lugar*; um espaço em que todos estes lugares se conjugam para conduzir à criação da globalidade espacial e ambiental que permite o desenrolar de uma vida com sentido enraizado. Também no que toca a noção de *ter lugar*, importa salientar a forma como sugere que a vida não é uma corrente que flui sem qualquer estrutura mas, antes, uma sequência de acontecimentos que estão, ou devem estar, regular e intimamente relacionados entre si (Norberg-Schulz, 1984). Neste prisma, deve encarar-se a noção de espaço existencial como um sinónimo de "habitar genuíno" (Heidegger *cit*. Malpas, 2006). No sentido existencial, o Homem habita quando é capaz de se orientar e de se identificar com um determinado espaço ou ambiente, como lhe sendo significativo. Segundo esta ideia, torna-se fundamental perceber que os lugares onde a vida – ou o *habitar* – têm lugar devem representar algo mais que abrigos ou casualidades de mera instância ou necessidade física. Estes espaços devem ser *lugares*, no verdadeiro sentido da palavra. Estes espaços devem possuir "um carácter distinto e diferenciável".[11]

presença

orientação

carácter

> "Any real *presence* is inimately linked with a character. (...) *all places have character,* and that character is the basic mode in which the world is 'given'. (...)"[12]

A noção de carácter é, de facto, fundamental na identificação, apreciação e descrição de um determinado lugar. De um modo geral – e apesar de existirem correntes filosóficas como a fenomenologia, por exemplo, que aprofundam a questão reportando à distinção entre céu e terra, divinos e mortais, desenvolvendo a partir daí as premissas para clarificar a origem e o significado do conceito de *lugar* (Norberg-Schulz, 1984) – o carácter

[10] Heidegger, M., *cit*. Norberg-Schulz, C., 2000; p.27

[11] *Idem*; p.5

[12] Norberg-Schulz, C., 1984; p.14

Figura 2.3. Vista da aldeia de Piodão, Portugal | http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Piódão

é determinado a partir da forma, ou modo, como as coisas são e/ou se apresentam. Deste modo, a experiência perceptiva das coisas que nos rodeiam fornece-nos uma base para o estudo dos fenómenos concretos da nossa vida quotidiana. Em certo sentido, poder-se-ia fazer referência aos efeitos e significados da transformação de um sítio (vago, vasto, ou apenas sem referências) em *lugar*, através da alusão a uma ideia de "paisagem cultural" (Norberg-Schulz, 1984). Esta transformação é composta essencialmente por dois factores: um geográfico, ou físico, o outro de índole sentimental.

paisagem cultural

Assim, na construção, identificação ou descrição de um determinado *lugar*, será sempre fundamental constatar como se conjugam estas duas componentes, entre outras que serão mais adiante abordadas, conformando algo que poderá ser apreciável ou identificável como uma paisagem - ou identidade – cultural.

conjugação

Introduzem-se, então, três conceitos fundamentais para a percepção e consolidação do conceito de *lugar*: a memória, a linguagem e o sentido de identidade. De entre todos, o conceito de identidade será, talvez, aquele que mais interessa aprofundar. Não só no âmbito do principal objecto de estudo em causa (os *Vazios Urbanos*) mas, também, porque neste aspecto se concentram, reflectem e explicitam, na maioria dos casos, traços e vestígios importantes da memória – tanto individual, como colectiva – e de determinado campo linguístico[13].

identidade

linguagem

> "(...) o que procuramos na acumulação religiosa dos testemunhos, dos documentos, das imagens, de todos os 'signos visíveis do que foi', é a nossa diferença, e 'no espectáculo dessa diferença o fulgor súbito de uma identidade inencontrável. Já não uma génese, mas a decifração do que somos à luz do que já não somos'."[14]

Sobre os modos de composição e comunicação (ou, a linguagem), dever-se-á referir como os princípios da memória, identificação e orientação – conjugados com análogas realidades materiais como sejam as da figura, forma e espaço–, estabelecem os parâmetros necessários para o desenvolvimento da linguagem arquitectónica (Norberg-Schulz, 2000).

Tal como acontece com a linguagem verbal, da qual – sob análise de léxicos diversos – é possível extrair fortes indícios que sugerem a sua íntima relação com uma respectiva cultura[15], a linguagem arquitectónica servirá então, analogamente, o propósito de comunicar e dar a entender um determinado *léxico* físico, construído; ou uma *paisagem cultural*, tal como já foi referido. Deste modo, poder-se-ia estipular que o poder da lingua-

léxico físico

[13] Entenda-se que este termo abarca as mais amplas vertentes da linguagem, partindo do principio que tudo aquilo que comunica com os sentidos o fará através de uma linguagem própria.

[14] Pierre Nora, *cit.* Augé, M., 2006; p.25

[15] Franz Boas foi o primeiro antropólogo a realçar o relacionamento entre a linguagem e a cultura (Hall, E. T., 2005; p.115)

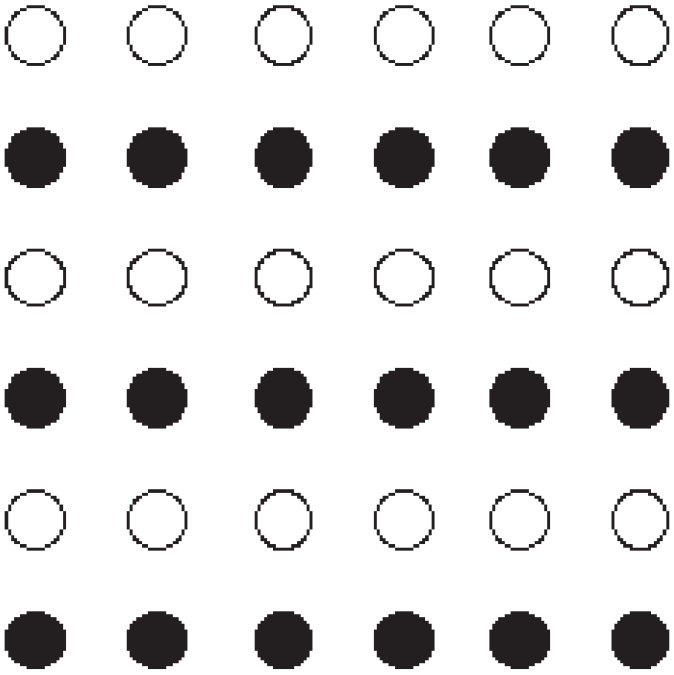


Figura 2.4. *Gestalt* : esquema de padrões de semelhança | http://commons.wikimedia.org

gem ultrapassa em grande escala a função de mero meio casual para resolução dos mais diversos problemas. Este poder rege e delimita os hábitos e contornos do Mundo que habita (Norberg-Schulz, 2000).

Em termos algo poéticos, ou simplesmente descartando de certa forma a importância da objectividade física e material – como alguns poderão considerar –, Antoine de Saint-Exupéry (*cit*. Hall, E. T., 2005) refere-se à questão da seguinte forma:

> "O que é a distância? Sei que nada que realmente diga respeito ao ser humano pode ser calculado, pesado, medido. A verdadeira distância não interessa ao olho. Ela é concedida apenas ao espírito. Seu valor é o valor da linguagem, pois é a linguagem que faz a ligação entre as coisas."[16]

. | 2.3. A figura e a *Gestalten*

É precisamente sobre os sentidos da percepção, que operam quantitativa e qualitativamente sobre as relações de distância, escala, posicionamento, etc. relativamente a figuras e formas básicas, concretas e delimitadas, que se introduz a ideia de *Gestalt*, ou a *Gestalten* (Norberg-Schulz, 2000). Esta teoria baseia-se essencialmente nos princípios que condicionam o *eidos*[17] de uma determinada figura, procurando acima de tudo atender à racionalidade das capacidades e funções pré-cognitivas. Neste âmbito, é colocado especial ênfase nas noções de proximidade, continuidade, unidade e encerramento, entre outras características. Embora, à partida, aparentem ser bastante básicos e óbvios, estes princípios representam e sustentam uma fundamental tendência à estruturação; uma importante constância perceptiva e, acima de tudo, parâmetros estruturais sobre a ideia de segregação (ou distinção) entre figura e fundo. Deste modo, são estabelecidos os princípios base para a percepção da configuração de figuras – contribuindo então, também, objectiva e decisivamente para a definição da identidade – bem como de outros contornos e significados gerais dos *lugares*.

eidos

estruturação

distinção

> "Figure and background as experienced do not take form in the same way, since in a certain sense, the background has no form at all. (...) a figure has the character of a thing, while the background has the character of a fabric."[18]

[16] S.-Exupéry, A., *cit.* Hall, E. T., 2005; p.117

[17] O termo *eidos* tem origem Grega e deriva do verbo *Eido* - verbo *Ver*. Em termos gerais, refere-se à constatação de algo que existe material e fisicamente e que, como tal, deve possuir uma essência e substância primárias claras. (Norberg-Schulz, C., 2000)

[18] Rubin, *cit.* Norberg-Schulz, C., 2000; p.135

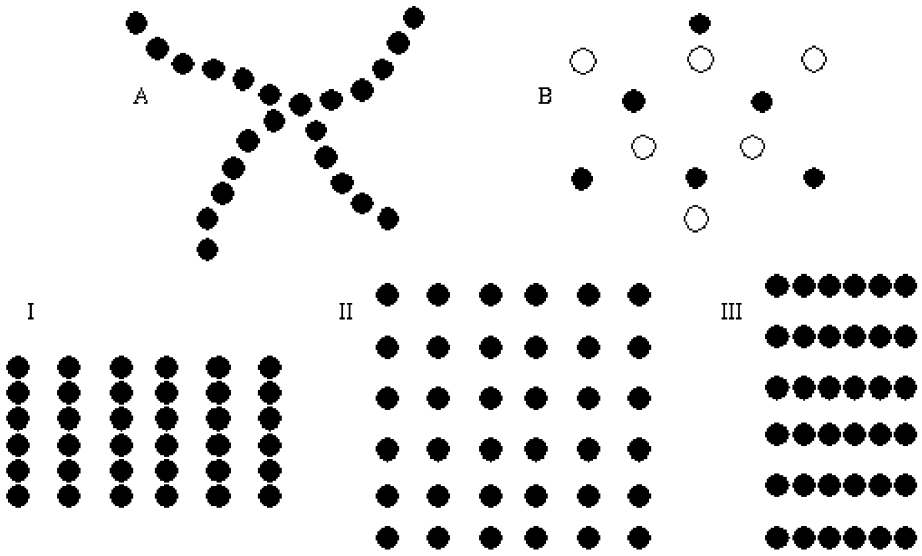


Figura 2.5. *Gestalt* : esquemas de padrões de semelhança | http://www.cs.bham.ac.uk

A partir deste ponto, torna-se fundamental transpor o problema para a dimensão urbana; ou seja, a forma como se deve encarar as cidades como totalidades físicas constituídas por *Gestalten*: um vasto somatório de figuras e realidades materiais que se procuram estruturar, agora, sobre um *background* altamente complexo e mutável.

figura

background

Neste sentido, é importante esclarecer que as realidades de figura, forma e espaço [embora, tal como sugere Norberg-Schulz (2000), forma e espaço sejam princípios adjacentes ao da figura, não fossem eles dependentes da mesma], não desempenham valências e estatutos equivalentes no que toca a linguagem. Dir-se-ia, então, que o conceito de figura é aquele que mais significado comporta neste âmbito de realidades físicas, uma vez que se constitui como uma síntese dos outros aspectos.

Tratando-se de um processo de percepção e reconhecimento, procura-se reconhecer e perceber uma figura ou forma como algo concreto e significativo para, simultânea ou posteriormente, lhe atribuir o seu *lugar* no Mundo. Neste processo identificativo e interpretativo, do qual a linguagem forma parte altamente preponderante, torna-se igualmente importante introduzir a noção de *tipicidade* – a ideia de que existe *algo* que está ali, diante dos nossos olhos e sentidos e que, portanto, deve ser identificado e considerado como algo concreto: com um nome, uma figura/forma e um sentido específicos (Norberg-Schulz, 2000). A linguagem, tanto verbal como arquitectónica, deve possuir na sua génese a capacidade de ser utilizada em qualquer lugar ou situação. Como tal, esta mesma génese deve ser constituída de tal modo que os seus elementos estruturais mais primários sejam típicos; ou, no caso específico da arquitectura, que essa linguagem permita ser reconhecida através de características e elementos típicos presentes na própria materialização da arquitectura.

tipicidade

linguagem

Nas cidades, tal como em quase todos os ambientes que permitem que a vida possa *ter lugar*, existem três aspectos, ou *Gestalten*, básicos: o centro (que será identificado como lugar de reunião), o percurso (no qual alguém vive), e o campo de acção (no qual alguém se manifesta de acordo com os seus próprios limites) (Norberg-Schulz, 2000). Sobre este último ponto, tendo em vista o principal objecto de estudo, é importante esclarecer que muitas das vezes as manifestações individuais (tal como as colectivas) são limitadas por factores e condicionantes que ultrapassam (ou, por outro lado, nunca chegam a atingir) os limites individuais de cada um, uma vez que o próprio meio físico – embora, em muitos casos, também o social, cultural e político – nem sempre terá sido estruturado com base na contemplação dessa mesma multiplicidade individual e colectiva. Na verdade, dir-se-ia que a identidade do Homem é uma função da sua participação na identidade de um *lugar* (Relph, 2008). Este é, no entanto, um problema bastante complexo, que será introduzido nos subcapítulos seguintes e devidamente aprofundado – em conjugação com diversos outros agentes, factores e variáveis – ao longo deste trabalho.

centro, percurso, limite

identidade

Figura 2.6. Identidade : Homem e Lugar | http://www.innovationcircle.net

| 2.4. Introdução ao conceito de *Genius Loci*

Intimamente relacionados com as noções de carácter e identidade dos lugares, foram invocam-se dois conceitos, aos quais Christian Norberg-Schulz (1984) se refere como condições essenciais para a sua construção, apreensão e perpetuação no espaço e no tempo: as noções de *stabilitas loci* e *genius loci*.[19] A primeira, talvez mais inerente a aspectos de índole pessoal, social, ou até sentimental, refere-se à forma como um *lugar* deve apresentar-se e representar-se enquanto realidade relativamente estável. Embora seja reconhecível e compreensível que a estrutura de um determinado lugar não seja eternamente fixa (dado que devemos considerar uma enorme multiplicidade de factores e agentes participantes), esta premissa não deve implicar que se registe a perda da unidade e estabilidade que dele emanam. Por outras palavras, deverá persistir sempre, e apesar de todas as variáveis e condicionantes, um forte e marcante sentido da essência ou "espírito do lugar" (Norberg-Schulz, 1984); uma forte ideia de concretização do *genius loci* [20].

stabilitas loci

genius loci

Seguindo esta lógica, deve sublinhar-se e relativizar-se, igualmente e indissociavelmente, o carácter - ou condição - singular e irrepetível do *lugar*.

singularidade

> "Place involves an integration of elements of nature and culture; 'each place has its own order, its special ensemble, which distinguishes it from the next place' (...). This clearly implies that every place is a unique entity."[21]

| 2.5. História, identidade e linguagem

identidade

Voltemos, então, à questão da identidade. O momento de chegada a um determinado lugar ou espaço [registe-se que o espaço arquitectónico – ou construído – sempre foi identificado e percepcionado como uma imagem ou interpretação do espaço natural (Lynch, 2009; Norberg-Schulz, 1984)] só faz sentido se esse mesmo *lugar* possuir uma identidade própria. Na esfera das reacções e sensações humanas, uma chegada implica, naturalmente, expectativas. Neste sentido, o ponto de chegada deve constituir-se de tal forma a permitir a sua comparação com o ponto de partida, no âmbito de constituir as valências necessárias para ser identificado como um objectivo. A este respeito, poder-

[19] Norberg-Schulz, C., 1984; p. 18

[20] *Genius Loci* é um termo de concepção Romana, que se refere à crença de que cada Ser independente possui o seu genius, aludindo a um espírito guardião. Hoje, e no âmbito deste trabalho, o *genius loci* refere-se sobretudo ao espírito - à essência - das coisas e dos lugares: à forma como englobam e interpretam em si pré-existências naturais e ambientais conservando um forte sentido de carácter e unidade. (Norberg-Schulz, C., 1984; p. 18-23)

[21] Lukermann, *cit.* Relph, E. 2008; p. 3

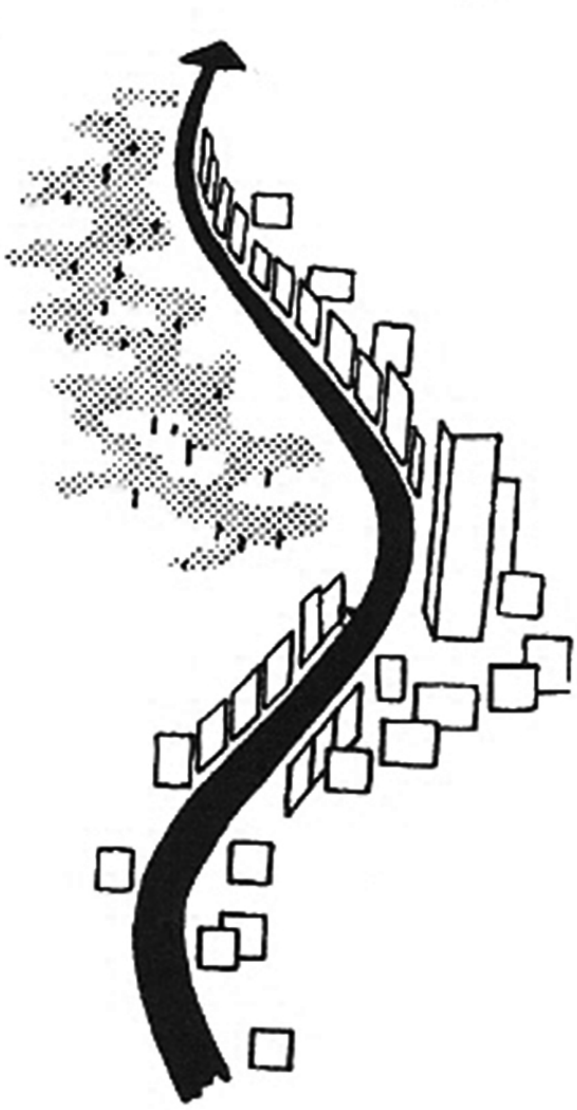


Figura 2.7. Percurso: limites, referências e orientações direccionais | Lynch, K., 2009; p. 100

se-á aludir ao passado, às cidades medievais, por exemplo, nas quais a delimitação física por meio de uma muralha (com os respectivos pontos de entrada claramente definidos e delimitados) contribuía significativamente para enfatizar a importância desta noção de partida e chegada – interior e exterior – ou, se quisermos, figura e *background* (fundo).

figura / background

fronteira / limite

> "Any enclosure is defined by a boundary. Heidegger says: 'A boundary is not that at which something stops but, as the Greeks recognized, the boundary is that from which something begins its presencing'."[22]

Hoje, no entanto, devido às mais diversas razões [das quais, a mais óbvia e natural será o rápido crescimento populacional e os avanços tecnológicos – dos quais resulta também um extremo desenvolvimento ao nível da mobilidade (Rémy & Voyé, 1994)], toda esta experiência se tornou menos clara, mais redundante e difusa (Norberg-Schulz, 2000; Lynch, 2009).

mobilidade

Nesta constatação sobre a actualidade, é igualmente importante introduzir os conceitos de orientação e alienação. Foi mencionado anteriormente que existe uma relação de forte reciprocidade entre o meio em que o Homem habita e a sua própria identidade. As duas realidades são indissociáveis, funções mútuas – recíprocas e fundamentais. Como refere L. Wittgenstein (*cit.* Norberg-Schulz, 2000) - "Eu sou o meu Mundo"[23] e é nesse mesmo Mundo que o indivíduo se deve rever; é esse mesmo Mundo que deve, como função da sua presença e participação, contribuir para que, por exemplo, o sentido de orientação se sobreponha significativamente ao de alienação. Porque identidade significa habitar um Mundo que compreende tanto o *lugar* como a comunidade em que alguém vive (Norberg-Schulz, 2000). Neste sentido, a noção de alienação implica uma perda do sentido de pertença a um qualquer lugar ou identidade. De facto, não é fácil assumir a pertença a um lugar cujo carácter único e típico da sua identidade se constata gradualmente debilitado, até ao eventual ponto extremo da sua inexistência, tornando-o neste âmbito algo infrutífero e insignificante.

orientação / alienação

pertença

> "É como se andasse muito, esperando chegar a um local e, quando lá chegasse, descobrisse que, afinal, nada existia."[24]

[22] Norberg-Schulz, C., 1984; p. 13

[23] L. Wittgenstein, *cit.* Norberg-Schulz, C., 2000; p.34

[24] anónimo, *cit.* Lynch, K., 2009; p.45

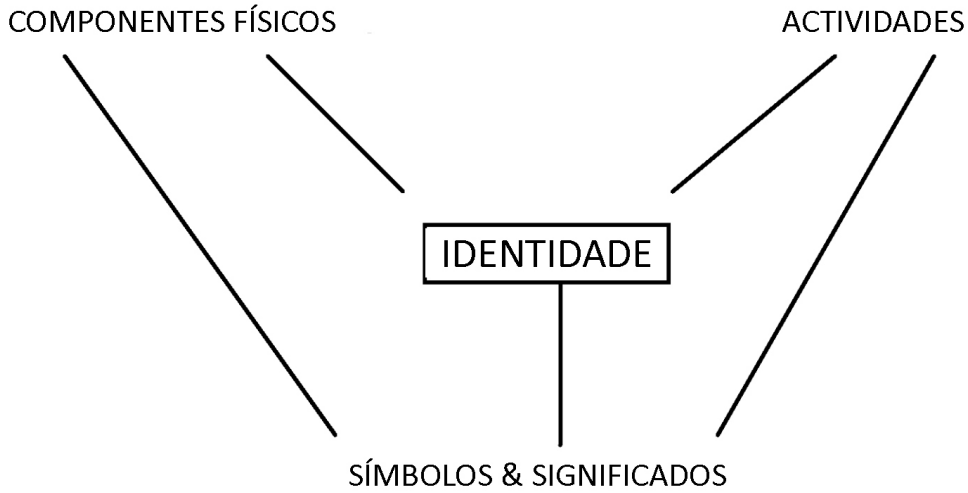


Figura 2.8. Principais factores envolvidos na definição da identidade dos lugares

identidade

A este nível, no entanto, considerando a questão identitária como elemento fundamental para estabelecer e transmitir o espírito e a essência dos lugares, devem considerar-se diversas perspectivas. Em *Place and Placelessness* (2008), Edward Relph transcreve algumas visões sobre variantes influentes na construção, apreciação e percepção da identidade. Um termo que pode advir de uma constante e persistente semelhança no seio de um Ser, acompanhado de um persistente sentido de partilha de uma qualquer característica com outros (Erik Erikson *cit*. Relph, 2008). Outra perspectiva (defendida por Kevin Lynch, *cit.* Relph, 2008) refere que a identidade dos lugares é o factor que lhes confere o seu carácter único e individual – a capacidade de os distinguir mutuamente, funcionando então como uma base para o seu reconhecimento enquanto entidade identificável e separável. Ian Nairn (*cit*. Relph, 2008) expõe uma perspectiva que se constitui, de certa forma, como uma extensão desta última: pode existir um número de identidades para um lugar equivalente ao número de pessoas existentes – ou frequentadoras – do mesmo. Neste caso, considera-se que a identidade (ou o poder de reconhecimento da mesma) está contida nas experiências, nos olhos, mentes e intenções dos diversos agentes envolvidos, de forma igualmente preponderante como estará patente na configuração – ou aparência – física da cidade ou paisagem em questão. Deste modo, a problemática da identidade não se resume apenas ao lugar – como realidade autónoma,

reciprocidade

introvertida e auto-suficiente – mas também ao sentido de identidade que um determinado indivíduo ou grupo desenvolvem para, e com o mesmo.

> "Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida...O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros."[25]

componentes

Neste sentido, na apreciação e nos processos identificativos dos lugares, devem considerar-se constantemente – e muitas vezes conjugadamente - três componentes: "a sua disposição física, estática, as actividades neles desenvolvidas e os seus significados"[26]. Entre eles, poder-se-á dizer que aquele que mais dificuldades representativas e apreciativas nos coloca é o que se refere às significâncias – visto que não será um parâmetro estático ou implicitamente inerente às características físicas do lugar (mesmo que nelas se possa apoiar, ancorar, ou reproduzir). Este aspecto não é invariavelmente uma propriedade estável, completa e previamente adquirida dos lugares, mas sim uma realidade maioritariamente pertencente à esfera das vivências, intenções e experiências humanas,

[25] Calhoun (1994), *cit.* Castells, M., 2003; p. 2

[26] Camus, A. (1955), *cit.* Relph, E., 2008; p. 47

volatilidade
significado

tornando-a assim uma característica altamente volátil e facilmente mutável. A questão da representação e atribuição de significado é, portanto, bastante complexa. Decorrente da intencionalidade, remete para variações tanto do foro individual, como do cultural (e colectivo) que, por sua vez, reflectem interesses, experiências e pontos de vista muito diversos e particulares (Relph, 2008).

> "Physical context and activities combine to give the human equivalent of locations within the 'functional circle' of animals (...); setting and meaning combine in the direct and empathetic experience of landscapes or townscapes; activities and meaning combine in many social acts and shared histories that have little reference to physical setting. All of these dialectics are interrelated in a place, and it is their fusion that constitutes the identity of that place."[27]

Existe ainda uma outra realidade fundamental e intimamente relacionada com a identidade dos lugares, pelo que se coloca uma questão que já foi introduzida e que se pode identificar, essencialmente, como a mais perene e profundamente impregnada condição do lugar: o seu espírito, ou *Genius*.

genius loci

Todos estes termos se referem a uma ideia de carácter ou personalidade. Todos envolvem tanto elementos topográficos e aparências físicas, como funções e actividades económicas e sociais – todos constituintes de uma particular significância que deriva de eventos passados e situações do presente. No entanto, o *genius loci* não se resume ao simples somatório de todos estes elementos. Pode persistir apesar das mais profundas e significativas alterações e deslocações dos parâmetros mais básicos que constituem o factor e a construção identitária (Relph, 2008).

> "Distinctiveness persists despite change. Italy and Switzerland, Paris and London have retained their respective identities through many social, cultural and technological revolutions."[28]

Por muito subtil ou vago que seja, o *espírito* que é passível de se reter na memória e na consciência (seja ela individual, ou colectiva – duas realidades que, tal como já foi referido, podem assumir volatilidades e divergências no que respeita à questão perceptiva e, consequentemente, identitária), é um aspecto que frequentemente se entranha e emana dos lugares – perdurando através de tempos e mudanças, constituindo em muitos

[27] Merleau-Ponty (1967); Cassirer (1970), *cit.* Relph, E. 2008; p. 48

[28] Dubos, R. (1972), *cit.* Relph, E. 2008; p. 48

casos, provavelmente, a derradeira condição que permitirá constituir e reconhecer a individualidade inerente à condição de unicidade de cada lugar.

unidade

Assim, torna-se fundamental identificar a essência dos lugares também como uma questão de unidade relativamente delimitada; uma realidade mais ou menos concreta que permita – nas múltiplas experiências nela impressas e desenvolvidas – identificar e distinguir as noções e os sentimentos de interioridade e exterioridade. Uma unidade definida por um sistema concreto e particular de aspectos físicos, de actividades e significados, que possibilite da forma mais intensa e autêntica possível estabelecer sentidos de pertença e de identificação. E quanto mais fortes, evidentes e profundos forem estes sentidos, mais forte será, também, o sentido de identidade dos lugares.

> "Being inside is knowing where you are. It is the difference between safety and danger, cosmos and chaos, enclosure and exposure, or simply here and there."[29]

[29] Lyndon, D. (1962), *cit*. Relph, E. 2008; p. 49

“Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade e ao mesmo tempo a observar certos velhos postais ilustrados que a representam como era dantes: a mesma idêntica praça com uma galinha no lugar da estação de autocarros, o coreto da música no lugar do viaduto, duas meninas de sombrinha branca no lugar da fábrica de explosivos. Para não desiludir os habitantes o viajante tem de gabar a cidade nos postais e preferi-la à presente, com o cuidado porém de conter o seu desgosto pelas mudanças dentro de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e prosperidade de Maurília transformada em metrópole, se comparadas com a velha Maurília provinciana, não compensam uma certa graça perdida, a qual contudo só poderá ser gozada agora nos velhos postais, enquanto outrora, com a Maurília provinciana debaixo dos olhos, de gracioso não se via mesmo nada, e igualmente não se veria hoje se Maurília houvesse permanecido tal e qual, e que no entanto a metrópole tem mais esta atracção, que através do que se tornou se pode repensar com nostalgia no que era.

E nem pensem em dizer-lhes que por vezes se sucedem cidades diferentes sobre o mesmo chão e sob o mesmo nome, nascem e morrem sem se terem conhecido, in-comunicáveis entre si. Às vezes até os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os delineamentos dos rostos; mas os deuses que habitam debaixo dos nomes e sobre os locais partiram sem dizer nada a ninguém e no seu lugar aninharam-se deuses estranhos. É inútil interrogarmo-nos se estes são melhores ou piores que os antigos, dado que não existe entre eles nenhuma relação, tal como os velhos postais não representam Maurília como era, mas sim outra cidade que por acaso se chamava Maurília como esta.”[30]

[30] Calvino, I., 1990; p.33-34

Figura 3.1. Dispositivo Metro do Porto | http://www.naolugaresnoporto.blogspot.com

3. O CONCEITO DE NÃO-LUGAR

| 3.1. Breve caracterização do conceito de *Sobremodernidade*

A noção e ideia de *lugar* – seja ele de carácter urbanístico/arquitectónico, antropológico, social ou cultural – apresenta-se visível e já bastante plausível desde os tempos da Grécia antiga (400 anos a.C.). É, aliás, com base na concepção desta ideia que Aristóteles considera toda a concepção de espaço – empírico e delimitado – a partir do ponto de vista do lugar (*topos*): aludindo ao lugar de determinado corpo ou objecto como sendo definido pela sua forma e o seu limite, enquanto algo concreto que apresenta e representa uma consciência da sua existência baseada na forte alusão ao lugar – recipiente – em que se insere (Montaner, 1997).

A concepção de *não-lugar*, por sua vez, constitui-se à partida como um domínio bastante mais recente, certamente mais controverso e menos sedimentado, visto que é, como refere Marc Augé (2006), uma problemática de tempos mais recentes. No seu livro *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade* (2006), Augé procura tecer uma crítica às sociedades excessivamente globalizadas e informatizadas do final do século XX. Concluímos agora a primeira década do século XXI e tudo indica que o panorama se mantém, ou que eventualmente se terá vindo a agravar[31]. A este respeito, e para que se clarifique à partida esta questão, não aparentam ser os avanços tecnológicos e os novos meios e formas de mobilidade, por si só, o principal problema. Trata-se fundamentalmente, e muito provavelmente como consequência mais ou menos directa dos factores acima referidos, de uma questão de *superabundância* – uma constante e exagerada preocupação, um fervilhante desejo de atribuir um sentido, qualquer que ele seja, ao Mundo (Augé, 2006).

globalização

tecnologia

mobilidade

superabundância

> "O que é novo não é que o mundo não tenha, ou tenha pouco, ou menos, sentido, é antes que experimentemos explícita e intensamente a necessidade quotidiana de lhe dar um: dar um sentido ao mundo, e não a certa aldeia ou a certa linhagem. Esta necessidade de dar um sentido ao presente, senão ao passado, é a contrapartida da superabundância de acontecimentos que corresponde a uma situação que poderíamos dizer de "sobremodernidade", a fim de darmos conta da sua modalidade essencial: o excesso."[32]

[31] Assiste-se a um contínuo desenvolvimento ao nível das tecnologias relativas à difusão de informação e imagens: a obcessão pela *alta-definição* e o *3D*, a evolução para a *terceira geração (3G)* nas telecomunicações móveis - que agora funcionam também como meio de obtenção e difusão imagética e informativa -, o desenvolvimento de diversas *redes sociais* no espaço virtual da internet, etc.

[32] Augé, M., 2006; p.28-29

Figura 3.2. O fascínio pela nova tecnologia | http://www.telegraph.co.uk

Figura 3.3. Nova tecnologia *questiona* as noções do *real* | http://www.fraunhofer.de

É precisamente uma ideia de excesso – tanto ao nível do indivíduo como da própria sociedade – que se introduz como principal factor degenerativo e perturbador de muitas realidades inerentes e fundamentais ao Homem e suas Cidades. Poder-se-ia dizer que, na realidade, toda a abundância de acontecimentos, cruzamentos e desvios, toda a evolução ao nível dos parâmetros que regem as possibilidades e opções de vida de cada um, se constituem factores que contribuem para a intensificação dos processos de busca de sentido (Augé, 2006). Como se de um mecanismo de defesa ou de auto-(re)conhecimento – mesmo que operando de forma inconsciente – se tratasse. No entanto, também é verdade que toda esta realidade se pode assumir como um enorme potenciador de alargamento e diversificação da memória colectiva, como se ao virar de cada esquina nos pudéssemos deparar sempre com algo mais, que rapidamente fará parte integrante da nossa história pessoal. É neste cenário, no seio de um rebuliço imenso de acontecimentos, que sentimos que cada vez mais esta história pessoal se cruza e se funde com a História global, formando dela uma parte igualmente preponderante (Augé, 2006).

sentido / defesa

memória colectiva

A noção de excesso é passível de se desmultiplicar em diversas áreas e em diversas culturas. Porém, é possível e bastante abrangente eleger três parâmetros sobre os quais, segundo Augé, a noção do excesso se aplica de forma extremamente visível e prejudicial: o tempo, o espaço, e por fim – quase sempre como um produto dos efeitos dos primeiros dois factores - a figura do ego, do indivíduo.

ego / indivíduo

A questão temporal – do excesso de tempo – alude essencialmente ao excesso de acontecimentos do mundo actual. É uma dificuldade generalizada de pensar o tempo que aliada – e muitas das vezes impulsionada – à falta de capacidade de assimilar e atribuir um sentido ao passado e à História (por mais recentes que eles sejam), potencia o desenvolvimento de todo um conjunto de interferências e conflitos pouco ou nada desejáveis. É precisamente uma enorme dificuldade em compreender e assimilar o presente – toda a sua velocidade e multiplicidade de acontecimentos e valores – que põe automaticamente em causa a atribuição de um sentido ao passado mais próximo. A este propósito, Augé refere uma crise de sentido das sociedades contemporâneas; uma crise que se transcreve em muito num forte sentido de desilusão relativamente aos acontecimentos e às construções – sejam elas de índole social, cultural ou política – do passado. No entanto, e consequentemente, esta é também uma forte crise de identidade, tanto individual como colectiva – tema que será aprofundado um pouco mais adiante.

crise de sentido

O problema espacial, por sua vez, caracteriza-se essencialmente por uma questão de mudança e alargamento de escalas. O Ser Humano e a sua Terra não são mais uma realidade (de)limitada e assertivamente contida. Os seus limites projectaram-se muito para além desta esfera, reduzindo a nossa existência e consciência espacial a uma parte

escala

Figura 3.4. Vista da *Piazza d'Italia*; *New Orleans,* EUA | http://www.idesignproject.com

Figura 3.5. Crise de identidade | http://www.istockphoto.com

consideravelmente mais ínfima e minúscula, relativamente aos parâmetros inicialmente estabelecidos e reconhecidos. Da conquista espacial propriamente dita, aos satélites por ela produzidos e postos em funcionamento, aos meios e oportunidades de transporte e mobilidade que reduzem distâncias geográficas significativas a intervalos temporais reduzidos, culminando na percepção imagética do Mundo que é possível alcançar através dos mais diversos meios de transmissão, o alargamento da esfera espacial em que vivemos é – apesar de muitas vezes reconfortante e conveniente – extremamente arrebatador. Ainda neste âmbito, deve introduzir-se também o poder exercido pela difusão alargada e generalizada de imagens, símbolos e signos - sem dúvida uma das mais potentes e eficazes formas de manifestação do excessivo alargamento espacial em causa.

alargamento espacial

difusão

> "É próprio dos universos simbólicos constituírem para os homens que os receberam como herança um meio de reconhecimento mais do que de conhecimento: um universo fechado em que tudo é signo, conjuntos de códigos dos quais alguns têm a chave e o uso, mas cuja existência todos admitem, totalidades parcialmente fictícias, mas efectivas, cosmologias (...)"[33]

A esfera muito própria - e cada vez mais abrangente - dos signos, símbolos e imagens é, no entanto, uma questão que será aprofundada no subcapítulo 3.4. do trabalho, que se debruça exclusivamente sobre este conjunto de realidades. A abundância espacial excessiva atrás referida traduz-se, igualmente – através de diversos processos imagéticos e imaginários, entre outros como sejam aqueles afectos à mobilidade individual – numa extensa multiplicação de referências. É precisamente a partir desta ideia que se introduz a terceira figura de excesso da *Sobremodernidade*: a figura do indivíduo - do ego – e todo um processo complementar de individualização de referências.

individualização

Sobre esta modalidade do excesso, deve colocar-se especial ênfase na posição e postura particularmente interiorizada – de certo modo solitária – que se observa, sobretudo nas sociedades ocidentais. Aqui, de um modo geral, o indivíduo considera-se pessoal e socialmente um Mundo; entendendo, na maior parte dos casos, interpretar e assimilar tudo aquilo que o rodeia por e para si próprio. É sobre esta realidade que se estabelecerá, muito provavelmente, um dos grandes focos de uma crise mais ou menos generalizada de sentido e de identidade – constituindo-se quase como uma irónica, mas preocupante, contradição: enquanto se torna bastante claro que, provavelmente mais do que nunca, as histórias e experiências individuais se influenciam, envolvem e manifestam estreita e explicitamente com a história colectiva, os pontos de referência da identificação colectiva apresentam-se, por sua vez, cada vez mais variáveis e flutuantes (Augé, 2006).

crise de identidade

identidade colectiva

[33] Augé, M., 2006; p.31-32

Figura 3.6. Crise de sentido e identidade | http://www.istockphoto.com

> "Espectadores de si próprios, turistas do íntimo, não poderiam imputar à nostalgia ou às fantasias da memória as mudanças objectivamente testemunhadas pelo espaço em que continuam a viver e que já não é o lugar onde viviam."[34]

| 3.3. Da colectividade ao individualismo

Perante uma tremenda incapacidade de atribuir sentidos e significados ao passado mais recente – dado que tudo se processa agora sobre uma base temporal que se desdobra num constante e excessivo bombardeamento de acontecimentos e informações[35]–, o Homem da *Sobremodernidade* procura, naturalmente e muitas vezes inconscientemente, um certo tipo de mecanismo de defesa. Esta não será, no entanto, uma defesa reflexa de uma certa resistência a tudo o que tenda à individualização e à solidão, mas uma ordem de mecanismos de comportamento que contribuirão para enaltecer ainda mais a sua posição como indivíduo – singular, com as suas próprias e únicas escolhas, preferências e modos de encarar tudo aquilo que o rodeia. Michel de Certau refere-se a este mecanismo utilizando a expressão "astúcia das artes de fazer"[36]. Uma realidade que, segundo o autor, consiste num conjunto de estratégias e acções pessoais e quotidianas (com um certo carácter de improvisação) que, face a diversas imposições e inconvenientes globais das sociedades modernas (mais especificamente aquelas de carácter urbano), permitem que cada indivíduo possa traçar neste meio o seu cenário ideal; as suas próprias escolhas e itinerários – particularizados e a maioria das vezes totalmente independentes e segregados do domínio colectivo em que, naturalmente, se inserem.

mecanismos de defesa

segregação

Neste âmbito, deve introduzir-se a multiplicidade de factores que – não erradicando totalmente a existência dos lugares – identitários, relacionais e históricos (Augé, 2006) – vão emergindo de forma generalizada, sobrepondo-se assim aos mesmos. É esta, então, a essência da *Sobremodernidade*: um tempo dobrado sobre si próprio, um conturbado abolir de limites físicos, identitários e culturais, perante a ressurgência de um sem-limite de realidades e oportunidades virtuais – unidimensionais, velozes e instantâneas. É o Mundo das chegadas sem partidas – da viagem solitária e silenciosa através de realidades não palpáveis e muito pouco familiares. Uma constante viagem sem rasto, por entre imagens, signos e símbolos flutuantes; um tempo sem tempo – a identidade histórica perdida quando tudo o que resta é demais.

limite

solidão

[34] *Idem*; p.49

[35] Para além dos efeitos negativos causados pelo constante apelo, através de imagens e signos publicitários e políticos, ao gosto e ao sentido crítico da individualidade.

[36] Certau, M. (1990), *cit.* Augé, M., 2006; p.36

Figura 3.7. O espaço móvel e a publicidade *gritam* uma nova realidade, Pasteleira, Porto

Figura 3.8. Constante apelo ao sentido e ao consumo através da imagem, Pasteleira, Porto

Da colectividade ao individualismo – ao enaltecer da figura do Ego – foram-se sobrepondo cadeias de alterações nos modos de percepção e de vivência[37]. Carece perceber como a rapidez de difusão e a preponderância das imagens, símbolos e os signos constituem uma realidade altamente decisiva neste processo de transformação.

transformação

Neste sentido, deve-se clarificar a forma como – apesar de poderem funcionar como factores altamente prejudiciais e corrosivos – este conjunto de realidades sempre foi, no seu sentido lato, feliz e naturalmente um meio de construção e identificação inerente às sociedades (Lynch, 2009). Consideremos a *imagem da cidade* em si, como realidade física e palpável, colectivamente construída e apreendida. A imginabilidade da cidade – com todas as suas inerentes referências, simbologias e memórias – constituirá muito provavelmente um dos factores mais directamente influentes na forma como se processam todas as outras realidades desviantes e manifestamente degenerativas da mesma.

imagem da cidade

> "Mas a imagem é valiosa, não só por actuar como um mapa indicador das direcções em que nos movemos; num sentido mais lato, pode servir de quadro geral de referência, dentro da qual o individuo pode agir, ou em relação ao qual pode ligar os seus conhecimentos. Desta forma, ela constitui um corpo de crença ou um conjunto de hábitos: é um organizador de factos e possibilidades."[38]

Neste contexto, o problema actual situa-se precisamente num certo sentido generalizado de desconstrução e multiplicação desenfreada dos parâmetros referenciais e identificativos. Assistimos então à introdução e difusão de uma nova ordem de símbolos e referências que – intensa e extensivamente – conduzem a um processo de desenraizamento identitário pessoal e social, um certo sentido de artificialidade e falsificação que funciona como uma tremenda sobrecarga para a estabilidade de diversos grupos e sociedades, conduzindo frequentemente o indivíduo a experienciar sentidos de alienação, ou perda, no seio das mesmas (Lynch, 2009).

símbolos

artificialização

alienação

Em *Variations on a Theme Park* (1992), Michael Sorkin refere que o panorama e as estruturas sociológicas e urbanísticas actuais poderiam, de um modo geral, constituir-se como analogias de uma emissão televisiva. Tal como na estrutura que rege as estratégias de difusão televisiva e imagética, procuram-se neutralizar diferenças entre diversas partes e conteúdos, atribuindo (ainda que, por vezes, de forma ilusória) igual valor a todos os elementos constituintes dessa mesma rede. Deste modo, em qualquer

difusão imagética

[37] De um modo geral os valores e as percepções históricas e culturais tornaram-se mais superficiais, em consonância com a superficialidade que decorre da própria essência das imagens publicitárias, emissões televisivas, etc. A partilha, o convívio e o confronto de experiencias e culturas no âmbito colectivo - no espaço público da cidade - aparenta ter perdido preponderância, sendo substituída por esferas virtuais como a internet, espaços restritos e individualistas como o do automóvel, esferas de consumo interiorizadas, centros comerciais, etc.

[38] Lynch, K., 2009; p.128

Figura 3.9. Símbolos, referências e *apelos* emanam do *não-lugar*, *A1* Porto-Lisboa

Figura 3.10. Percursos urbanos : *Sobremodernidade* | João Figueiredo - *fotoalternativa*

número infinito de combinações programáticas, gerado num qualquer dia, estaria sempre assegurada a intencionalidade de tudo poder, inviolavelmente, gerar e fazer sentido.

É ainda com referência à ideia de excesso espacial – exposta por Marc Augé (2006) – que se poderá entender que os novos parâmetros estruturais e vivenciais das cidades, que o seu crescimento desenfreado e dificilmente apropriável e controlável, não é apenas uma realidade de âmbito físico. Trata-se igualmente, e talvez de forma ainda mais proeminente, da introdução de um vastíssimo e relativamente desconhecido *espaço conceptual* (Sorkin, 1992). Neste sentido, e devido a muitos outros factores (tais como o poder da difusão imagética publicitária ou política – temas que serão aprofundados um pouco mais adiante)–, o principal problema destas cidades não se centraria numa lacuna ao nível de um qualquer edificio ou lugar em particular, mas sim nos espaços que separam e/ou ligam estes elementos; ou seja, os espaços intersticiais que deveriam dar continuidade e sentido a todas as formas e fragmentos, configurando um todo coerente, identificável e apreensível (Sorkin, 1992).

espaço conceptual

Nestes termos, e considerando a enorme dependência que demonstram as cidades e sociedades contemporâneas nos múltiplos itinerários e percursos infindáveis – onde tudo se movimenta, aparece e desaparece a velocidades estonteantes – estaremos perante uma esfera espacial e vivencial que se constitui como arquétipo do *não-lugar*: não apenas os campos espaciais privilegiados da solidão mas também do anonimato e da impessoalidade do viajante (Augé, 2006).

anonimato
impessoalidade

> "Todas as interpelações que emanam das nossas estradas, dos nossos centros comerciais ou das vanguardas do sistema bancário na esquina das nossas ruas visam simultânea, indiferentemente, cada um de nós ("Obrigado pela sua visita", "Boa viagem", "Obrigado pela sua confiança"), qualquer um de nós: fabricam o "homem médio", definido como utilizador do sistema viário, comercial ou bancário. Fabricam-no e eventualmente individualizam-no: em certas estradas e autoestradas, a advertência súbita de um painel luminoso (110! 110!) chama à ordem o automobilista demasiado apressado (...)"[39]

Deve referir-se, no entanto, que no seio desta hiper-realidade de fluxos impessoais, o indivíduo que pretender usufruir da imensa esfera de *não-lugares* será quase sempre obrigado a estabelecer com os mesmos uma relação do género contratual (Augé, 2006). Seja através de um bilhete que lhe garanta o direito de prosseguir o seu caminho de forma legal e regularizada, seja a partir de um qualquer número ou código que represente a sua condição ou o seu poder, consoante o objectivo ou caminho que pretende traçar. É

[39] Augé, M., 2006; p.84-85

Figura 3.11. Painél publicitário alusivo à nova tecnologia hiper-real da imagem, Porto

Figura 3.12. Símbolos, referências e apelos do *não-lugar*, *A1* Porto-Lisboa

este o sentido de identidade que ordena e governa estas realidades. Sem um constante e rigoroso controlo destes parâmetros, o indivíduo será impedido de ingressar e usufruir dos espaços de trânsito e de consumo da contemporaneidade; o acesso encontrar-se-á vedado se a sua situação não se verificar regularizada segundo essas mesmas condições[40]. Perante esta realidade, sem este controlo de identidade, não haverá possibilidade nem espaço para a sua individualização.

trânsito / consumo

| 3.4. Símbolos, signos e imagens

É precisamente a partir desta condição que se introduz e multiplica toda uma parafernália de esquemas e sistemas de comunicação e sedução, cuidadosamente elaborados e direccionados. É aqui que se revela todo o poder de atracção e reconhecimento das imagens publicitárias, dos logotipos, dos signos e sinais globalizados. Não apenas porque neles se explicitará uma esfera de consumo que qualquer indivíduo poderá facilmente reconhecer e aceitar – visto que nela se revê, ao ser constantemente interpelado – mas também porque, quando rodeado de um ambiente novo ou desconhecido, ao sentir-se perdido ou alienado, encontrará nestas imagens globalmente difundidas um ponto de referência, um alívio que o fará sentir mais familiarizado com todo o desconhecimento, ou anonimato, que se encontra em seu redor. É também aqui que se explicitará, quase ironicamente, uma forte tentação narcísica: quando se constata orientado e guiado apenas e somente por uma rede de símbolos e imagens, o indivíduo procura agir como os outros numa tentativa de ser – e se reconhecer – a si próprio (Augé, 2006).

publicidade

> "É uma cultura da cópia, uma sociedade de saturação, o segundo dilúvio. O mundo tornou-se infinitamente «fotocopiado»."[41]

Neste ponto, deve retornar-se brevemente à questão do sentido, àquela generalizada e expansiva crise que foi identificada como uma das principais consequências da condição de excesso da *Sobremodernidade*. Porque o excesso de informação possui uma fatal dualidade na sua essência: enquanto cada parte procura gerar o seu próprio sentido, o excesso resultante da soma de todas as partes tem como efeito a negação do sentido, como realidade global. Como se, no acumular de tantas ideias e intenções diversas, tudo se mesclasse aleatoriamente num tremendo esforço para alcançar notoriedade e significado – anulando assim o seu potencial efeito comunicativo e socializador (Leach, 2005).

comunicação

[40] É este o papel desempenhado pelas cabines de portagem nas autoestradas, ou pelas barreiras de *check-in* nos aeroportos, por exemplo.

[41] Baudrillard, J. (1993), *cit.* Leach, N., 2005; p. 13

Figura 3.13. *Disneyland*; California, EUA | http://www.visitingdc.com

dissolução

"Assim, a informação dissolve o sentido e dissolve o horizonte do social, numa espécie de nebulosa votada não a um excesso de inovação, mas, pelo contrário, à entropia total."[42]

Deste modo, a criação e difusão de informação – que se estrutura, projecta e sustenta cada vez mais na base e no tratamento da imagem – sugere uma forte e generalizada tendência à simulação, um constante e obsessivo desejo de representação e transmissão da ideia de *hiper-realidade*. A imagem constitui, agora, a essência de uma nova realidade: uma espécie de duplicação ou regeneração do mundo real, através de um novo mundo virtual altamente estetizado que sobre ele flutua, "no seu próprio envelope hermeticamente fechado"[43].

simulação

É precisamente a introdução e o desenvolvimento dos modos de representação de uma nova hiper-realidade que mais implicações parece ter ao nível da estabilidade e credibilidade das diversas estruturas previamente existentes (sejam elas económicas, sociais, políticas, etc.). Quando o imaginário – ou a mera fabricação ou projecção de ideias e conceitos – se configura e difunde de forma a assumir o estatuto de real, o próprio conceito de realidade (aquele que se tomava à partida como palpável, concreto e inabalável) perde proeminência e, consequentemente, espaço[44] (Leach, 2005).

fabricação

Sob o aparentemente inabalável poder da imagem, assiste-se então a uma gradual transformação dos parâmetros sob os quais se vivencia, percepciona e, consequentemente, assimila diversas realidades (tais como aquelas que se consideraram e descreveram anteriormente como sendo verdadeiros, vivenciáveis e autênticos lugares). Porque uma das mais fortes e prejudiciais ideias que o desenvolvimento desta transformação proporcionou (muito embora a consiga quase sempre dissimular com recurso a diversas estratégias[45]) foi aquela da inautenticidade – a própria subversão e substituição da profundidade dos significados históricos, culturais e vivenciais, por uma cultura que se baseia e se rege pela simulação.

subversão

"Na era da hiper-realidade, a Torre Eiffel passa a ser a «Experiência da Torre Eiffel», bem como a Notre-Dame a «Experiência da Notre-Dame»."[46]

[42] *Idem*; p. 15

[43] *Idem*; p. 16

[44] No âmbito das sociedades urbanas, este *espaço perdido* será, em grande medida, toda a concepção tradicional e histórica de cidade: do significado e função atríbuidos ao seu espaço público e às relações que no âmbito físico, palpável, cultural, social e politicamente significativo do mesmo se desenvolveriam.

[45] A subjectividade transmitida como objectividade - ou verdade - absoluta e inabalável é apenas uma delas. Deste tipo de estratégia decorrerá, por exemplo, a essência do *mito*: um aspecto que será aprodundado mais adiante.

[46] Leach, N., 2005; p. 18

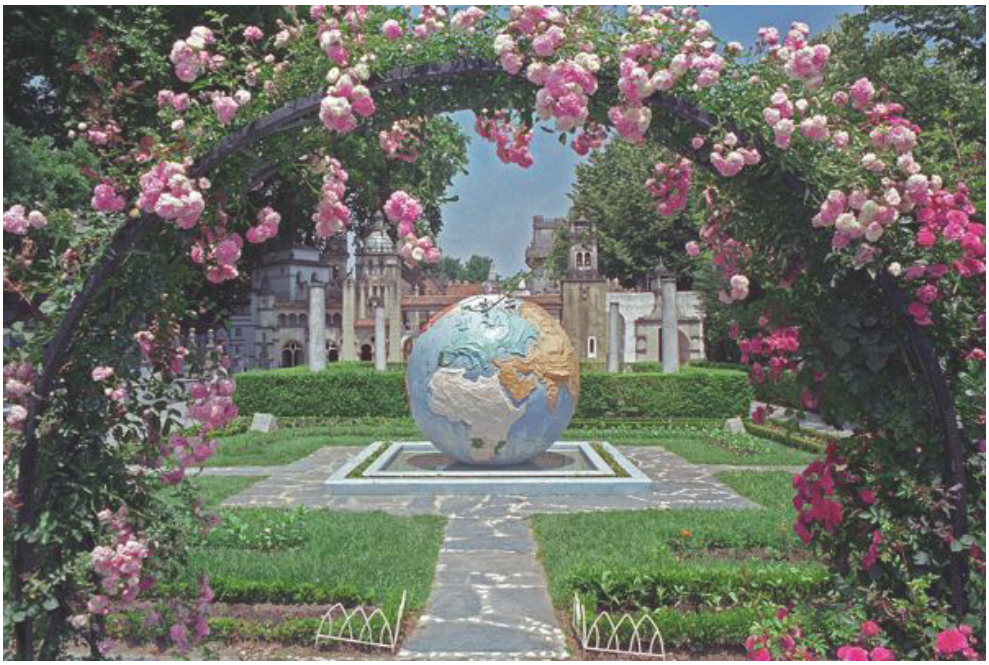


Figura 3.14. *Portugal dos Pequenitos*, Portugal | http://www.43places.com

A este respeito, introduzem-se duas expressões a que autores como Neil Leach (2005), Edward Relph (2008) e Michael Sorkin (1992) aludem como representativas desta cultura – ou modo representativo e difusor – emergente: a *Dysneificação* e a *Museificação* da realidade. Fenómenos impulsionados por uma cultura que se tornou altamente *estetizada* (Leach, 2005), em que o valor das coisas (sejam elas objectos, meras imagens, ou até sítios ou lugares) se avalia a partir de toda a superficialidade decorrente do simples acto de ver, despojando-as assim da sua eventual profundidade, relevo ou significado – e consequentemente do seu sentido original (Leach, 2005).

estetização

Dysneificação

Os produtos da *Dysneificação* operam e reflectem precisamente estes princípios. No plano da sua relação física com as culturas e lugares específicos onde se inserem, apresentam-se como fabricações sintéticas e absurdas, englobando em si uma – ou várias – combinações de história, mito, realidade e fantasia que pouco ou nada se relacionam com uma qualquer posição geográfica ou cultural específica (Relph, 2008). Insistem e subsistem a partir da fabricação, instituição e profusão de determinadas iconografias imagéticas que se vão perpetuando através de várias gerações (o caso da *Disney* será apenas um entre muitos exemplos). Na realidade, este é um dos principais problemas em foco: ao perpetuar um mundo totalmente fabricado, ao suster a sua credibilidade com base em sonhos, imagens e viagens instantâneas, apagam-se (ou fundem-se) as realidades de passado, presente e futuro. É um tempo sem Tempo. Um sítio sem Lugar. Uma viagem sem Viajar.

iconografia

> "Disneyland is in perpetual shadow, propelling its visitors to an unvisitable past or future, or to some (inconvenient) geography. The whole system is validated, though, by the fact that one has literally traveled, that one has, after all, chosen to go to Disneyland in lieu of any of the actual geographies represented. One has gone nowhere, in spite of the equivalent ease of going somewhere. One has preferred the simulation to reality. For millions of visitors, Disneyland is just like the world, only better." [47]

Esta realidade *per si* – como fenómeno pontual, claramente identificado e delineado – não seria certamente tão corrosiva e degenerativa como é quando se constata a sua propagação mais ou menos generalizada sobre os mais diversos meios e culturas, sobre as próprias cidades enquanto construções colectivas que reflectem essas mesmas esferas. O problema assume proporções ameaçadoras, portanto, quando estes ideais tendem a formar parte altamente integrante e preponderante das culturas e modos vivenciais, ou seja, quando tudo se torna *estetizado* e, consequentemente, banalizado. Quando as cidades passam a ser consumidas como espectáculos alimentados pelo fabricado e pelo instantâneo[48]. Quando, como acontece na *Disneyland*, a narrativa se resume a um movi-

estetização

banalização

instantaneidade

[47] Sorkin, M., 1992; p. 216

[48] Neste âmbito podem referir-se, entre outros exemplos, os painéis colocados nas vias de transito - nomeadamente nas autoestradas - aludindo ou seduzindo, superficial e artificialmente, à presença de referências históricas das cidades em redor, como se de um cartão de visita das mesmas se tratasse.

Figura 3.15. Carreiras de turismo, Porto

Figura 3.16. Metropolitano do Porto | http://naolugaresnoporto.blogspot.com

mento perpetuado sem profundidade Histórica, em que cada um é constante e repetidamente colocado na posição de espectador da sua própria condição de espectador, do seu próprio espectáculo (Sorkin, 1992).

Museificação

A *Museificação*, por sua vez, constitui-se como uma espécie – ou subtipo – de *Disneyficação*. Consiste em reconstruir ou preservar elementos do passado a todo o custo (nomeadamente edifícios, embora existam casos que abrangem maior escala, aludindo a aldeias ou povoações: veja-se o exemplo do *Portugal dos Pequenitos,* em Coimbra, da vila de Óbidos, ou da *Upper Canada Village*, no Canadá), descurando a sua especificidade cronológica, geográfica e cultural. Pretende-se, em certo sentido, idealizar – e consequentemente artificializar – a História (Relph 2008). Os lugares *Museificados* são – tal como muitas das imagens publicitárias – "claramente e cuidadosamente fabricados à medida e ao escrutínio do desejo por uma estética e um ambiente limpo; despojados ao máximo de eventuais problemas ou complicações, fácil e rapidamente apreensíveis e apropriáveis. Querem-se como uma imagem retirada de um sonho sobre um passado imutável"[49]. Segundo esta lógica, começa a tornar-se possível perspectivar e escolher não apenas a localização geográfica do passado que se pretende conhecer, mas também a cronologia exacta desse mesmo passado fabricado.

estética

imutabilidade

> "Neither by the public, nor by those who have the care of public monuments, is the true meaning of the word restoration understood. It means the most total destruction out of which no remnants can be gathered: a destruction accompanied by a false description of the thing destroyed ... . And as for direct and simple copying, it is palpably impossible ... . There was yet in the old some life, some mysterious suggestion of what it had been, and of what it had lost; some sweetness in the gentle lines which rain and sun had wrought. There can be none in the brute hardness of the new carving."[50]

|3.5. Uniformização: imposição tipológica ou falta de carácter ?

Após explicitação de alguns dos processos e efeitos inerentes à configuração e perpetuação do fenómeno do *não-lugar,* é pertinente sugerir que se assiste a uma crescente tendência mais ou menos generalizada para a estetização, homogeneização e banalização das especificidades pessoais, sociais e culturais.

Operator / Spectator

Neste sentido, importa agora transpor estas questões para as cidades, directa e influentemente, no âmbito das morfologias relacionais entre "*Operator*" e "*Spectator*" (Barthes, 2006); na forma como estes processos nelas se vão projectando, governando e

[49] Whitehill, 1968, *cit.* Relph, E., 2008; p. 101

[50] Ruskin, J., *cit.* Relph, E., 2008; p. 103

Figura 3.17. Percursos urbanos : *Sobremodernidade* | João Figueiredo - *fotoalternativa*

assimilando . Procure-se então entender até que ponto estas alterações, através dos agentes e hábitos sociais, económicos, etc., manifestam repercussões nas mais diversas *paisagens culturais* que por eles são constante e continuamente construídas, sustentadas e modificadas.

Pode começar-se por abordar a questão reportando ao actual panorama que sustenta e incita, de forma generalizada e globalizada, uma filosofia de massas; desde os meios e recursos afectos à comunicação e à mobilidade, à abrangência e afirmação de uma cultura própria – "*mass culture*" (Relph, 2008) - que apresenta repercussões ao nível dos seus valores, modos vivenciais, identificativos, comportamentais, etc.. Do passado relativamente próximo (recorde-se que é a partir do final do século XIX que se registam as primeiras alterações significativas sobre os parâmetros em causa), até à contemporaneidade que aqui se denomina como a era da *Sobremodernidade*, assiste-se a um gradual desenvolvimento de diversos processos de mobilização, identificação e dispersão a grande escala. No entanto, de certa forma ironicamente, nenhum deles contribuiu para que se tenha criado maior coesão ou união ao nível das sociedades, à luz de uma ideia de projecto – ou identidade – colectivos[51]. Pelo contrário, tal como foi anteriormente abordado e explicitado, estes processos reflectiram um aumento ao nível da individualização, da divergência, multiplicação e difusão dos parâmetros identificativos e comunicativos.

mass culture

dispersão

divergência

> "(...) in things spiritual and temporal alike our modern mania is to carry with us our own way of life, instead of accepting that which we find on the spot ..."[52]

Todos os avanços tecnológicos, todas as novas formas de difusão imagética e comunicativa (jornais, rádio, televisão, etc.) interferiram, de forma mais ou menos directa, na configuração e no significado atribuído aos lugares – nas cidades – e às sociedades, em geral. Através da difusão e relativa facilidade de acesso aos mesmos, do constante alargamento do já referido *espaço conceptual*, as mais diversas sociedades deparam-se com um novo sentido de liberdade, ou desapego, relativamente aos constrangimentos geográficos a que anteriormente estavam sujeitos (Webber *cit*. Relph, 2008). Assim, assiste-se igualmente a uma tendência para encarar diversas questões e problemáticas de ordem local e específica como realidades susceptíveis a razões e soluções generalizadas, de ordem global, de acordo com parâmetros e ideais instaurados, ou divulgados, pelas ciências sociais e pelos métodos de planeamento de um novo mundo. Um mundo que é, na sua essência e com toda a sua exuberância, "*place-free*" (Relph, 2008).

espaço conceptual

[51] Cada um procura ter o *seu* carro, a *sua* televisão, o *seu* telemóvel, a *sua* conta bancária, o *seu* poder de compra; o *seu* 'espaço'. Um espaço que - devido às condicionantes referidas, suportadas por uma mentalidade dominante - inevitavelmente se apresenta introvertido, segregado de um qualquer domínio colectivo palpável.

[52] Harrison, F. (1887)., *cit.* Relph, E., 2008, p. 90

Figura 3.18. Percursos urbanos : *Sobremodernidade* | João Figueiredo - *fotoalternativa*

"Central authority undertakes to act for the whole of its territory in specified matters. This tends to produce uniformity in cultural impress even where the natural landscape is diverse."[53]

distanciamento

Consequentemente, assiste-se ao desenvolvimento de diversos processos de distanciamento entre o indivíduo – enquanto entidade singular, detentor dos mais diversos e diversificados projectos e desejos – e as esferas superiores que o sustentam e controlam. As ideias, imagens, produtos e ordens vivenciais/referenciais são, cada vez mais, aspectos formulados e desenvolvidos exclusivamente no seio de entidades globais, superiores, tornando cada vez mais escassa e distante a participação e o envolvimento dos indivíduos e sociedades na elaboração dos mesmos (Relph, 2008). No entanto, importa reter que muitas destas atitudes, em conjunto com os respectivos meios difusores, são específica e intencionalmente direccionadas ao já referido Homem "médio", pelo que transparecem uma série de paradigmas e estratégias de certa forma limitadoras e unidireccionais; instruções ou incitações que revelam um conjunto de atitudes pré-concebidas, facilmente penetráveis e apropriáveis pela população – uma vasta maioria – em questão.

"What is wanted is not to be different but to be the same."[54]

Aqui regista-se um importante conflito no que toca à intencionalidade de clarificar se as diversas realidades que visam estabelecer um sentido de uniformização e homogeneização se traduzem, de facto, num certo tipo de imposição tipológica. Ou, se pelo contrário ou mesmo em conjunto com essa assunção, fora a excessiva permeabilidade ou facilidade com que o indivíduo e as sociedades se dispersaram, alheando-se de diversas formas de um sentido de unidade, identidade e carácter, que eventualmente os teria feito reagir de outro modo.

permeabilidade

alheamento

Neste sentido, urge atender ao tipo, multiplicidade e velocidade de vivência que se registam nos meios urbanos, à forma como se torna necessário desenvolver diversos mecanismos de controlo e resguardo pessoal para que se consiga salvaguardar um certo de tipo estabilidade relativamente aos constantes estímulos e impulsos provenientes do(s) meio(s) circundante(s) (Leach, 2005).

"A estrutura psicológica do indivíduo urbano assenta na intensificação da vida emocional, resultante do movimento rápido e contínuo de estímulos interiores e exteriores."[55]

[53] Whittlesley (1935), *cit.* Relph, E., 2008; p. 115

[54] Briggs, A. (1968), *cit.* Relph, E., 2008; p. 92

[55] Simmel, G. (1903), *cit.* Leach, N., 2005, p. 65

Figura 3.19. Percursos urbanos : *Sobremodernidade* | João Figueiredo - *fotoalternativa*

capitalismo

Segundo esta ordem de ideias, o indivíduo que vivencia e usufrui de forma continuada o contexto urbano capitalista, apresenta – ou desenvolve – padrões comportamentais de certa forma intelectualizados e destituídos de emoções, padrões esses que coincidem com a própria essência do movimento do capitalismo (Georg Simmel *cit*. Leach, 2005). O próprio Simmel denomina os processos que inferem e advêm deste tipo de realidade, os mecanismos de defesa que visam constituir-se como protecção ao excesso de estímulos, como o desenvolvimento de uma atitude "*blasé*"[56].

blasé

Sobre esta atitude – que pressupõe acima de tudo uma posição de carácter defensivo perante a incapacidade de reagir adequadamente às condições já mencionadas–, deve referir-se que reflecte, essencialmente, uma estratégia de adaptação. De certa forma, constitui-se como um mecanismo que opera sobre os indivíduos – de forma mais ou menos consciente – manifestando os seus resultados, no seu estado mais extremo, através da renúncia a diversas reacções e respostas relativamente às condições envolventes (Leach, 2005).

narcose / embriaguez

Esta ideia conduz a uma analogia, que se poderá denominar como o efeito de *narcose*, ou *embriaguez*, induzido pelas questões em causa que se explicitam e perpetuam no seio de intensos e extensos ambientes urbanos. Neste estado, a eventual disponibilidade para estar receptivo a numerosos e constantes estímulos sensoriais potencia muitas vezes um efeito – ou padrão comportamental – semelhante àquele que é induzido pelas substâncias psicotrópicas (Leach, 2005).

> "(...) renderem-se a tais atractivos, deambular pela metrópole encantada em busca de desejo e distracção."[57]

flâneur

É no contexto da exacerbação do indivíduo, que inevitavelmente se depara no "remoinho da multidão da metrópole moderna" (Leach, 2005), que se pode atentar num outro tipo de atitude – ou perfil comportamental – que não muito se afasta dos parâmetros que definem o sujeito *blasé*. Enquanto esta atitude se caracterizou como um mecanismo de defesa do indivíduo enquanto elemento integrante e participante das multidões, o *flâneur*[58], que agora se introduz, caracteriza-se pelo seu carácter de relativo isolamento, ou marginalização, relativamente às mesmas.

[56] Este tipo de atitude - cada vez mais frequente e generalizada - contribuirá, por exemplo, para a diminuição do número de pessoas que procura usufruir do espaço público nas suas horas livres; constatando-se uma crescente tendência para a desertificação dos centros das cidades durante de certas horas do dia.

[57] Gilloch, G. (1995), *cit.* Leach, N., 2005, p. 68

[58] Benjamin, W. (1986), *cit.* Leach, N, 2005; p. 73

Figura 3.20. Percursos urbanos : *Sobremodernidade* | João Figueiredo - *fotoalternativa*

> "(...) o *flâneur,* o ocioso urbano (...) habita, no limiar da modernidade, os espaços desaproveitados, como as passagens cobertas, enquanto uma época dá lugar à seguinte. (...) esse observador desinteressado, conhecido por levar as tartarugas à rua e outras estratégias de resistência à investida furiosa do mundo de hoje, (...)"[59]

Importa então caracterizar todo este confronto da *Sobremodernidade* como o desencadear de diversas ordens e motivos de choque (Leach, 2005). É esta a essência subjacente aos desenvolvimentos de tempos mais recentes, em que a tecnologia e a alteração de diversos parâmetros e configurações espaciais (a já referida sobreposição de um vasto *espaço conceptual* sobre a determinação e a historicidade geográfica), não somente modificam radicalmente o ambiente, como condicionam o comportamento humano, fazendo surgir simultaneamente outros tipos de mentalidade dominante (Benjamin *cit*. Leach, 2005).

No primeiro capítulo do trabalho procurou-se explicitar a necessidade que o Ser Humano naturalmente possui de se adaptar e se rever nos ambientes que o rodeiam; a necessidade de estabelecer e manter um estável e coerente *espaço existencial*.

espaço existencial

> "Benjamin usa o termo *mimesis* para se referir a este processo. O ser humano procura reproduzir aspectos do mundo exterior através do impulso mimético, processo que parece regido pelo instinto da morte - o desejo de unificação com o meio ambiente -, mas que se baseia na sobrevivência, não na morte."[60]

Neste capítulo, deve reconhecer-se a acrescida dimensão sacrificial subjacente a este tipo de atitude. Atente-se na paralização e na adopção de diversas posturas e atitudes de carácter "camaleónico" (Leach, 2005), mecanismos de simulação voluntária e muitas vezes inconscientemente utilizados, que visam acima de tudo assegurar, na iminência de qualquer ameaça exterior, a sobrevivência. Em concordância com esta ordem de ideias, poder-se-á, por associação dos estados e panoramas anteriormente referidos, apontar uma tendência para a abstracção comportamental. Assim, sucumbindo ao incontrolável poder dos constantes – e muitas vezes inapreensíveis – estímulos exteriores, adoptam-se frequentemente modelos despersonalizados às rotinas vivenciais. Estas manifestações reaccionárias reflectem, por sua vez, "a racionalidade abstracta que impregna toda a cultura" (Kracauer *cit*. Leach, 2005).

abstracção

[59] Leach, N., 2005; p. 73

[60] *Idem*; p. 76

Figura 3.21. O signo e a criação do *mito* | http://amnesia.com.au

> "(...) o exemplo arquétipo encontra-se no comportamento da multidão. A partir do conto de Poe acerca do homem que mergulha na multidão, Benjamin assinala o facto de o indivíduo, ao ser empurrado, se submeter profusamente àqueles que o empuram como se fosse um autómato. (...) neste gesto de reverência, um gesto tão vazio quanto o do sorriso falso, (...)"[61]

mito

Considerando esta realidade não se pode descurar o inestimável poder do signo – a forma como influi na criação e na consolidação do fenómeno de mito[62]. Na *Sobremodernidade*, no panorama da cidade contemporânea, as entidades interventivas e reguladoras expressam, difundem e impregnam, nos ambientes, paisagens construídas e respectivas sociedades, os mitos da razão; de um passado e futuro ideais, do progesso e da permissividade, da liberdade individual e do conforto material, etc. (Relph, 2008).

> "(...)it establishes a blissful clarity; things appear to mean something by themselves. (...)Nothing is produced, nothing is chosen: all one has to do is possess these new objects from which all soiling trace of origin or choice has been removed."[63]

responsabilidade

Assim, deve reconhecer-se a preponderância destes fenómenos, dado que se constituem como concepções generalizadas a partir das quais se procura estabelecer, ou determinar, os contornos de um consenso social acerca da qualidade dos meios em que se inserem e operam. No entanto, o fenómeno mitológico constitui-se também como um meio de controlo – ou condicionamento – das experiências e hábitos de consumo, papel que desempenha através dos anúncios, campanhas publicitárias e outros variados meios de criação e difusão dos mesmos. Neste sentido, importa não desvalorizar a responsabilidade das próprias entidades que os estruturam e regulam.

A questão da uniformização dificilmente encontrará, portanto, uma só explicação – um só agente ou entidade dominantemente influente no processo. Como referido, as cidades e as sociedades actuais encontram-se cada vez mais fundamentadas e operacionalizadas na fragmentação sistémica entre o local e o global, realidade relativamente à qual se associam e consolidam diferentes e divergentes estruturas entre tempo e espaço, entre poder e experiência (Castells, 2003).

---

[61] Benjamin, W. (1992), *cit.* Leach, N., 2005; p. 77

[62] A concepção de mito aqui referida baseia-se na forma como a simplificação, superficialização e globalização dos signos - que cada vez menos reflectem uma participação generalizada de vários membros de uma sociedade ou cultura específicas a que procuram referir-se - se manifesta e difunde de forma imediata, intensiva e extensiva através dos mais diversos meios de comunicação. Neste sentido, assumem o poder de construir e difundir verdades aceites como absolutas; despojadas de contradições ou dialéticas profundas. (Barthes, R. (1972), *cit.* Relph, E., 2008; p. 138-139)

[63] Barthes, R. (1972), *cit.* Relph, E., 2008; p.139

Figura 3.22. Cartaz publicitário *smart : Vive no teu mundo* | http://www.ptfolio.com

> "(...) as organizações da sociedade civil atrofiam-se e são desarticuladas, pois deixa de haver continuidade entre a lógica da criação de poder na rede global e a lógica de associação e representação em sociedades e culturas específicas. Desse modo, a busca pelo significado ocorre no âmbito da reconstrução de identidades defensivas em torno de princípios comunais. (...)"[64]

uniformização
homogeneização
dissociação
fragmentação
poder
códigos culturais

Deste modo, poder-se-ia encontrar no desejo de uniformização e homogeneização do indivíduo um mecanismo de defesa que permitisse camuflar a sua perda de sentido – explicitar o seu forte desejo de identificabilidade com o meio que o rodeia, relativamente ao qual se sente cada vez mais dissociado e distante. Neste prisma, importa ressalvar que, enquanto agentes participantes e influentes nas sociedades que integram, os indivíduos, ou os grupos, devem reconhecer e assimilar que se assiste ao surgir de um vasto manancial de novas formas de poder. Actualmente, os "códigos da informação" e as "imagens da representação" (Castells, 2003) em torno das quais as sociedades se estruturam e organizam, sobre os quais, por sua vez, os indivíduos regem e fundamentam as suas opiniões e comportamentos, constituem-se como uma imponente vertente do conceito de poder. Deste modo, esse poder é passível de ser identificado, contido e exercido pela própria mente dos indivíduos e grupos. É precisamente por este motivo que a questão que aqui se procura clarificar assume contornos difusos, uma inevitável contrariedade: enquanto se pode alargar e percepcionar novas formas de poder sobre as coisas – sobre o próprio indivíduo – dificilmente se conseguirá plenamente exercê-lo, dado que esse mesmo poder é uma função indissociável de um extenso, complexo e cada vez mais variável conflito de interesses pelos códigos culturais da sociedade (Castells, 2003).

> "A «vida privada» mais não é do que essa zona de espaço, de tempo, em que eu não sou uma imagem, um objecto. É o meu direito político de ser um sujeito que tenho de defender."[65]

obrigatoriedade

Perante este cenário, sendo compreensíveis os mecanismos de defesa e distanciamento desenvolvidos pelos indivíduos perante a aparente falta de poder de controlo sobre si próprios e sobre os acontecimentos que os rodeiam, é também inevitável referir que os meios e códigos pelos quais a essência da *Sobremodernidade* se rege assumem uma vertente crescentemente unidireccional e restritiva, à qual subjaz implícito – muitas vezes mitologicamente edificado e difundido – um sentido de *obrigatoriedade.* Relativamente a esta questão caberia ao indíviduo – à adaptação do seu

[64] Castells, M., 2003; p. 9

[65] Barthes, R., 2006; p. 23

conhecimento e sentido crítico – avaliar a sua real natureza. Tal como refere Edward W. Soja (1992), os parâmetros alteraram-se e desviaram-se drasticamente, fazendo com que os símbolos que anteriormente ancoravam e sustentavam os mapas políticos tradicionais se dissolvessem. As novas geografias e emergentes conceitos espaciais encontram-se repletos de formas de poder imprevistos e não devidamente *ensaiados* ou experimentados pela História. Neste sentido, aponta-se "uma forte necessidade de fazer ressurgir novos modos de construção e difusão da crítica e da confrontação"[66].

crítica / confrontação

> "O mundo da sobremodernidade não tem as medidas exactas daquele em que cremos viver, porque vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Teremos de reaprender a pensar os espaço."[67]

[66] Soja, E., 1992; p. 122

[67] Augé, M., 2006; p. 34

"Depois de ter caminhado sete dias através de bosques, quem vai para Bauci não consegue vê-la e no entanto já lá chegou. São finíssimas andas que se elevam do solo a grande distância umas das outras e se perdem acima das nuvens que sustêm a cidade. Sobe-se com escadotes. No chão os habitantes raramente se mostram: têm já tudo de que precisam lá em cima e preferem não descer. Nada da cidade toca o solo à excepção daquelas pernas compridíssimas de fenicóptero em que assenta e, nos dias luminosos, uma sombra perfurada e angulosa que se desenha na folhagem.

Três hipóteses se põem sobre os habitantes de Bauci: que odeiam a Terra; que a respeitam a ponto de evitar qualquer contacto; que a amam tal como ela era antes deles e com binóculos e telescópios apontados para baixo não se cansam de passá-la em resenha, folha a folha, pedra a pedra, formiga por formiga, contemplando fascinados a sua própria ausência."[68]

[68] Calvino, I., 1990; p. 79

Figura 4.1. *Terrain Vague* | Z - *fotoalternativa*

4. DIMENSÕES DO VAZIO NAS CIDADES

| 4.1. O vazio físico não planeado : "*terrain vague*"

A reflexão sobre as múltiplas dimensões do vazio nas cidades inicia-se com o seu aspecto mais óbvio, ou visível: os vazios físicos deixados ao abandono, que se constituem, a maior parte das vezes, como lacunas ou impasses generalizados no processo de criação e atribuição de sentido à imagem das cidades. Deve dizer-se, no entanto, que este não é propriamente um problema de tempos recentes, mas sim uma questão eterna e naturalmente inerente ao processo de desenvolvimento das cidades, que se apresentam como construções colectivas no espaço, mas também no tempo. As cidades não são apenas objectos perceptíveis, vivenciados e apreciados por milhões de pessoas, que por sua vez constituem uma infinita multiplicidade de classes e personalidades, mas também – e talvez de forma mais influente – um produto de inúmeros actores e factores que nela imprimem um constante processo de transformação, pelas mais diversas e particulares razões. Assim, as cidades nunca se estabelecem – ou apresentam – como um resultado final e estático, mas antes como uma contínua e mais ou menos encadeada sucessão de fases (Lynch, 2009).

transformação

sucessão

> "We have the impression that if terrains vagues did not exist they would have to be told, narrated, written and even projected. In other words, contemporary culture in some way predicts these 'unstable terrains'."[69]

Após a destruição quase total e generalizada de muitas das grandes cidades europeias, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), surgem novas concepções, variáveis e responsabilidades sobre os domínios e os principais agentes do planeamento urbano. A partir deste ponto, esta problemática deixa de se constituir como uma realidade fraccionada – ou até exótica – partilhada por um certo grupo de idealistas (Relph, 1987); o *Vazio Urbano* torna-se condição inerente e altamente preponderante no âmbito da (re)estruturação e (re)construção das cidades. No entanto, mais de meio século depois, o estatuto ocupado por estes terrenos *sem nome* alterou-se. Não são mais um vasto todo sem referências físicas, fruto de uma destruição massiva mas, na maior parte dos casos, um conflito – ou interregno – pontual inserido num contexto mais ou menos consolidado (a forma como se estrutura e formaliza esta consolidação é, evidentemente, discutível e será devidamente analisada mais adiante). É esta a situação mais recorrente na maioria das cidades Históricas consolidadas.

(re)estruturação

consolidação

[69] Morales, J., 1997 *in* Quaderns D'Arquitetctura I Urbanismo – Fórum Internacional. n. 214. Barcelona; p. 164

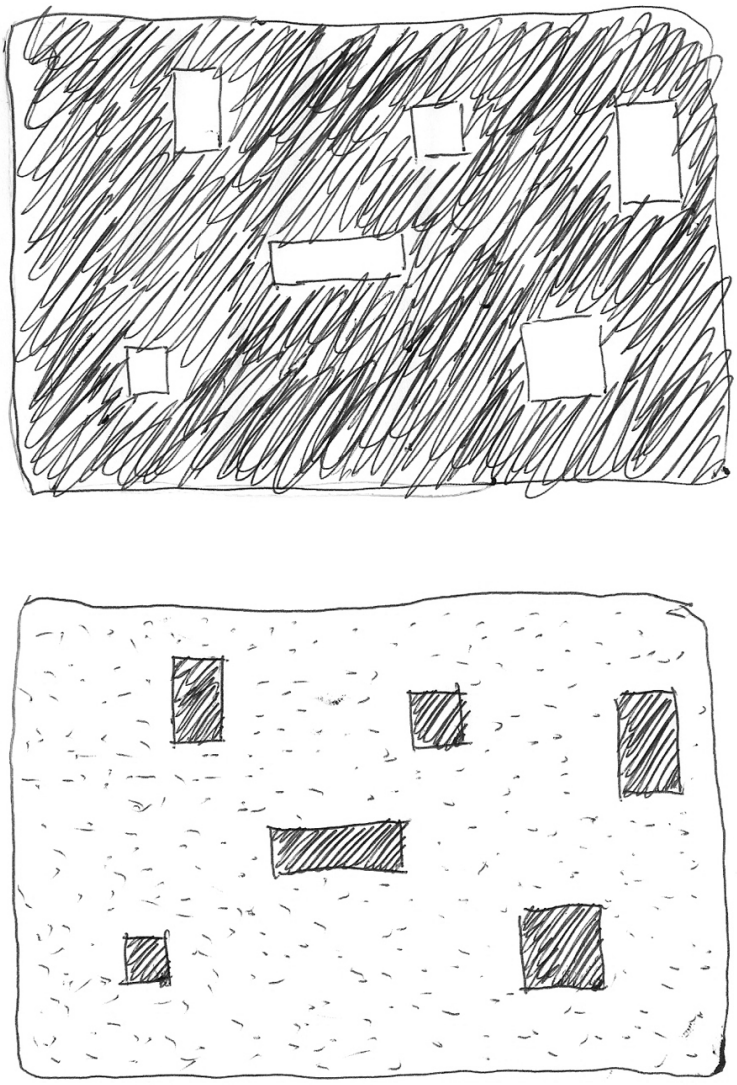


Figura 4.2. Esquemas de cheio-vazio: Cidade tradicional *versus* Cidade difusa

> "Os Vazios Urbanos são assim enunciados enquanto espaços residuais da cidade perimetrada, dita tradicional ou histórica, ou enquanto espaços marginais da chamada cidade difusa, constituída pelas envolventes metropolitanas."[70]

cidade tradicional
cidade difusa

Poder-se-ia dizer que o panorama actual que distingue a *cidade tradicional* da *cidade difusa* – aquele que se vem, aliás, perpetuando e agravando ao longo dos últimos anos – se pode definir, no primeiro caso, como uma acumulação de *vazios*[71], geralmente intencionais, planificados e devidamente qualificados, integrados de forma coerente e apreensível numa estrutura construída amplamente indiferenciada. No segundo caso, esta questão delinea-se de forma praticamente oposta – como uma acumulação de elementos construídos, geralmente dispostos e concebidos de forma autónoma e muitas vezes aparentemente aleatória, dispersos sobre um *vazio* amplamente indiferenciado.

Antes de mais, torna-se fundamental esclarecer a ideia que se visa, referindo-se ao *vazio* físico não planeado – ou devidamente qualificado – nas cidades. Porque não se trata necessariamente de invocar um espaço que nada contém, visto que no seio de qualquer contexto urbano, estes espaços possuirão inerentemente – ou simplesmente de uma qualquer forma induzida – algum suporte (seja ele um particular contexto, memória, ou disposição). O vazio em causa não alude, então, de forma tão óbvia, ao suporte em questão, mas antes ao que nele está contido – uma realidade que resulta desconsiderada, relativamente inútil e quase sempre prejudicial, porque se apresenta desprovida ou destituída daquilo que é próprio, inerente – construtiva e significantemente – matéria da natureza das cidades (Belo Rodeia, 2007).

suporte

> "Uma área sem limites claros, sem uso actual, vaga, de difícil compreensão na percepção colectiva dos cidadãos, constituindo normalmente um rompimento no tecido urbano. Mas é também uma área disponível, cheia de expectativas, de forte memória urbana, com potencial original: o espaço do possível, do futuro."[72]

campo léxico
terrain vague

Já foi referida a analogia que as cidades – na sua configuração histórica, formal e linguística – estabelecem com outros campos léxicos como sejam os da literatura ou da música, por exemplo (Lynch, 2009). Neste âmbito, poder-se-ia identificar nos vazios urbanos – ou *terrain vague*, tal como os apelida Solà-Morales (1996) – uma espécie de vocábulo em falta, ou apenas temporariamente desajustado, no contexto de uma narrativa global com um sentido histórico e inevitavelmente contínuo (Mateus, 2007).

[70] Belo Rodeia, J., 2007; p.21

[71] Espaços exteriores de carácter público: ruas, parques, praças e jardins, por exemplo.

[72] Sóla-Morales, I. (1996), *cit.* Mateus, J. 2007; p. 13

Figura 4.3. Rua desertificada: painéis publicitários sobrepõem-se e *ocultam* a presença do *terrain-vague,* esquecido, gradeado e anónimo por trás. Pasteleira, Porto

Por outro lado, possuem quase sempre uma característica que lhes confere indícios ou valores frequentemente bastante significativos. Trata-se do estatuto, ou eventual responsabilidade, que estes *vazios* intrinsecamente possuem, de forma mais ou menos explícita na memória das valências e significados que terão ostentado no passado: uma importante componente do *imaginário colectivo* das cidades e cidadãos. Assim, o seu valor não decorre apenas da sua inconsequência ou disponibilidade para transformações físicas, sociais, culturais ou económicas. Porque é a memória (mesmo que esta se apresente ou represente de forma latente ou pouco visível) que sustenta de algum modo o seu estatuto de sítios – ou lugares – irrepetíveis. De acordo com estas concepções os *Vazios Urbanos* constituem e englobam, na sua existência perpetuada e num presente cada vez mais impulsionado pela urgência do futuro, atordoado pela falta de capacidade em assimilar o passado, uma condição bastante complexa[73].

responsabilidade

imaginário colectivo

transformação

perpetuação

> "A ideia de vazio tende a formar-se no paradoxo da sua própria recepção como condição do não presente, do que no plano dominante é irreconhecível. Ontologicamente, o ainda não percepcionado é imaginado como inexistente. Esta modelação da ideia cria resistência ao reconhecimento e aceitação da diferença na diferença. A ideia consubstancia-se como impossibilidade à transformação. (...) O vazio actualiza a oportunidade na qual se [re-]activa o entre que o transfigura numa condição visível e, preferencialmente, nomeável."[74]

Uma outra questão, igualmente crítica, inerente à configuração (ou à falta dela) e ao estatuto destas realidades é a forma como, quase sempre, manifestam e propiciam um grave conflito na delineação e apreensão de limites; daquilo que pode ser publicamente apropriável ou, por outro lado, daquilo que é estritamente privado. Porque se existem características, ou propriedades comuns, partilhadas pela maioria destas realidades, duas delas são, sem dúvida, o seu carácter híbrido e heterogéneo (Morales, 1997). Esta condição deriva, normalmente, do seu estatuto de relativo abandono, da falta de uma intencionalidade claramente expressa no desenho da sua natureza e da sua forma bem como, por consequência, do seu propósito e significado. Nesta perspectiva, os *terrains vagues* devem também ser entendidos como falhas mais ou menos temporárias num dos sistemas que mais significativa e assertivamente rege a clareza e a ordem das cidades e dos seus cidadãos – o público/privado.

limites

apropriação

heterogeneidade

ordem

[73] Perante uma crise de sentido generalizada, em que os campos espaciais e referenciais convencionais se desmultiplicam e se tornam mais difusos, fazendo com que a cultura urbana e o espaço geográfico associado à mesma percam alguma da sua proeminência histórica, torna-se cada vez mais dificil avaliar e projectar a pertinência, os sentidos, as funções e os valores que se desejam, colectivamente, associar a estas realidades.

[74] Taborda, C., 2007; p. 126

Figura 4.4. Sem função, sem pessoas; rua desertificada. Avenida da Boavista, Porto

Figura 4.5. Rua desertificada: painéis publicitários sobrepõem-se e *ocultam* a presença do *terrain-vague,* perpetuado nas suas traseiras. Avenida da Boavista, Porto

pertença

O problema dos limites, da forma como se materializa ou se transmite o campo físico e social de pertença destes espaços, tem múltiplas implicações e explicações. No entanto procurar-se-á, nesta fase, abordar apenas duas delas. Aquelas que se consideram como as mais preponderantes e indispensáveis no âmbito da clareza e manutenção da boa ordem nas grandes cidades: a rua e os diversos graus de sentido de interioridade ou exterioridade [ou *insideness* e *outsideness*, como refere Edward Relph (2008)].

interioridade

exterioridade

> "We require an alternative which reconsiders community practices, the interplay of social and group encounter, the relationship between formal decisions and their practice. (...) By transforming the meaning of the public relationship, it becomes necessary to tend towards inclusive practices."[75]

rua / passeio

As ruas e os seus passeios – com uma escala mais ou menos alargada, centrando-se este trabalho, essencialmente, no âmbito da *cidade tradicional* – constituem-se como elementos altamente preponderantes e definidores do carácter e das possibilidades vivenciais das cidades: o seu espaço público de excelência. No entanto, por si só, estes elementos não passam de uma mera *abstracção*. Adquirem e afirmam o seu valor, função e significado, apenas quando se constata a natureza do contacto que mantêm com o edificado ou outros espaços e usos que os conformam, com os quais devem, sempre que possível, manter uma relação de extrema proximidade, cumplicidade e complementaridade (Jacobs, 1993).

proximidade

> "Streets and their sidewalks, the main public places of a city, are its most vital organs. (...) If a city's streets look interesting, the city looks interesting; if they look dull, the city looks dull."[76]

Neste âmbito, enquanto se fala exclusivamente da dimensão do física dos *vazios,* enquanto terrenos ou edifícios devolutos, inconsequentes e objectivamente sem significado ou função evidentes, deve referir-se a forma como a sua condição interfere de forma negativa e prejudicial na imagem e na vivência das ruas e espaços urbanos aos quais são contíguos. É obvio, no entanto, que a escala deste problema se relaciona directamente com a escala – a dimensão e/ou frequência – com que estes interregnos surgem ao longo de determinada rua, percurso ou zona de cidade.

imagem / vivenciação

escala / frequência

É também segundo esta lógica que se introduz uma outra problemática inerente

[75] Morales, J., 1997 *in* Quaderns D'Arquitetctura I Urbanismo – Fórum Internacional. n. 214. Barcelona; p. 164

[76] Jacobs, J., 1993; p. 37

Figura 4.6. Vista para a torre do Burgo, Avenida da Boavista, Porto

à presença, mais ou menos acentuada, destes *vazios*. Não apenas no que concerne ao seu poder de diluir – ou dificultar – a clareza da imagem das cidades (Lynch, 2009), mas também à forma como, quando localizados ou multiplicados por diversas zonas, colocam muitas vezes em causa os sentidos de pertença e de segurança com que se percepcionam e vivenciam as mesmas. Na realidade, o problema adquire uma dimensão bastante significativa quando se constata que estes sentimentos se constituem como condições impreteríveis e incondicionalmente desejáveis em qualquer zona, entre qualquer meio urbano.

pertença / segurança

> "The bedrock attribute of a successful city district is that a person must feel personally safe and secure on the street among all these strangers. (...) A city district that fails in this respect also does badly in other ways and lays up for itself, and for its city at large, mountain on mountain of trouble."[77]

A questão da segurança – ou dos sentidos de identificação e pertença – enquanto abordada na perspectiva dos *terrains vagues*, invoca algumas questões que, embora devam ser abordadas sob outras perspectivas que não apenas a questão formal (cf. subcapítulos seguintes), podem aqui ser introduzidas superficialmente. A primeira questão centra-se precisamente na condição de relativo abandono destes sítios – ainda que temporário, ou expectante; a forma como não possuem nem transmitem uma ordem de clareza, um propósito, uma função. Esta é uma condição fulcral na forma como influenciam a quantidade e a qualidade vivenciais (ou, neste caso, a ausência das mesmas) dos meios em que se inserem. Uma rua que estabelece as bases estruturais para ser bem – e regularmente[78] – utilizada, possui, à partida, todas as condições para ser segura. Tal como uma rua despojada de funções, actividades e interesses – desertificada – será, à partida, insegura (Jacobs, 1993).

abandono

desertificação

> "You can't make people use streets they have no reason to use. You can't make people watch streets they do not want to watch."[79]

Importante será, igualmente, referir que ao mencionar o caso das ruas em concreto, se entende que a mesma lógica se aplica aos mais diversos sectores e espaços públicos das cidades, sejam *terrenos baldios* (que, pela sua natureza, encontrarão a insegurança

[77] *Idem*; p. 38

[78] A questão do tipo e frequência de usos será desenvolvida no subcapítulo seguinte (4.2)

[79] *Idem*; p. 46

Figura 4.7. *Terrain vague*, empenas, ausência de diversidade e de fluxos de pessoas : o abandono e o anonimato alastram-se às zonas circundantes; Boavista, Porto

como factor iminente e inerente à sua condição), praças, parques urbanos, parques de estacionamento, rotundas, túneis, viadutos, etc.

Em termos gerais, podem enumerar-se três condições que a totalidade, ou fragmentos, destes conjuntos de espaços ou esferas urbanas deveriam possuir, de modo a que a função básica e fundamental da sua vivência em segurança fosse, no mínimo, mais clara, constante e perceptível. A primeira, que já foi abordada, prende-se com a necessidade da delineação e delimitação clara e assertiva quanto ao carácter dos espaços: ou público, ou privado. Neste aspecto, a ambiguidade pode suscitar uma variada ordem de problemas (Jacobs, 1993)[80]. A segunda condição incide na imprescindibilidade de existir – o mais constantemente possível – um sentido de observação sobre os espaços, o sentimento de conforto que advém da percepção da presença e do olhar daqueles que – como refere Jane Jacobs (1993) – se podem identificar como os "proprietários naturais" das ruas e restantes realidades urbanas. Neste aspecto, torna-se fundamental que os edifícios procurem, sempre que possível, voltar-se para os espaços em questão, permitindo precisamente cultivar e exercer esta relação física e visual. Por fim, a última condição (da qual as origens e factores operativos serão devidamente desenvolvidos no subcapítulo seguinte), refere-se à necessidade de existir um fluxo regular e o mais contínuo possível de pessoas nas ruas, não apenas para que o ambiente no seio das mesmas se componha mais diversificado, mas também mais seguro: mais presenças, mais trocas de olhar que, mesmo involuntariamente, conferem um maior sentido de convivência e segurança. Deste modo, também nos ambientes circundantes – nomeadamente no foro íntimo, na esfera privada dos edifícios que bordejam estes espaços – um cenário desta índole induzirá o desejo (ou a inconsciente necessidade) de maior e mais frequente contacto com os cenários e acontecimentos exteriores.

público / privado

observação

fluxo

segurança

Torna-se importante, agora, perceber a forma como o *terrain vague* – na sua já descrita condição que, pelos mais diversos motivos, se encontra alheado e muitas vezes obstaculizado relativamente à realidade urbana envolvente – interfere nos vitais meandros das experiências perceptivas e sentimentais dos cidadãos.

> "The new city was still to me as though denied and the unresponsive landscape spread its darkness as though I were not there. The nearest things did not bother to reveal themselves to me. The alley climbed to the street light. I saw how alien it was."[81]

Fala-se da forma como o *vazio* físico não caracterizado (*terrain vague*) e outras realidades como edíficios devolutos, ruas sem saída, etc., na sua condição de abandono

[80] Dificultam os sentidos de identificação, imaginabilidade e pertença das pessoas com o meio envolvente, impulsionam ambiguidades, confrontos e distanciamento entre funções ou classes sociais, por exemplo.

[81] Rilke, *cit.*, Relph, E., 2008; p. 51

Figura 4.8. *Terrain vague*: o abandono alastra às zonas circundantes, Boavista, Porto

anonimato

e anonimato, na ausência perpetuada de um campo linguístico apreensível e apropriável, que neles automaticamente induz um estado de rejeição ou interdição, quase sempre transparece um sentido de incompreensão; uma presença e instância de observação sempre exteriores e distantes. São realidades que, em regra geral, exaltam e intensificam o sentimento de *"outsideness"* (Relph, 2008). No entanto, existem diversos graus – ou categorias – deste sentimento. Quanto à temática em foco nesta secção, importa especialmente salientar, em jeito introdutório, três deles: o sentimento de exterioridade objectiva (*"objective outsideness"*), o incidental (*"incidental outsideness"*) e, ainda, o sentimento de interioridade comportamental (*"behavioural insideness"*) – a partir do qual se poderão retirar, por contraposição, importantes referências.

exterioridade objectiva

O sentimento de *exterioridade objectiva* encontra-se intimamente aliado ao tipo de relação (a debilidade, ou mesmo a inexistência da mesma) que as pessoas mantêm com diversas realidades físicas – sítios ou lugares – como sejam os *terrains vagues*. Trata-se de um sentimento deliberadamente desenvolvido, que reflecte uma atitude despegada e desinteressada relativamente a um determinado sítio (visto que, como anteriormente referido, estes vazios não possuem, na maior parte dos casos, características ou valências que permitam identificá-los como *lugares*). Esta condição conduz a uma identificação selectiva dos espaços ou áreas em questão, que se baseia exclusivamente nos termos da sua localização no seio de um contexto mais abrangente, ou apenas como espaços onde, ou em redor dos quais, diversos objectos e actividades se encontram localizadas[82]. Este sentimento acarreta implicitamente, portanto, uma profunda segregação entre o indivíduo e o meio urbano em questão.

exterioridade incidental

Enquanto o sentimento acima referido traduz um conjunto de atitudes deliberada e conscienciosamente formadas, a *exterioridade incidental*, por sua vez, implicita um processo que pende mais para o foro do inconsciente. Neste âmbito, os espaços – sítios ou locais – em questão são percepcionados de forma vaga e difusa, sem qualquer tipo de consciência ou conhecimento de eventuais especificidades ou propósitos. Poder-se-á dizer que se constituem como mero pano de fundo – ou *background* – de certas actividades, possuindo igualmente um estatuto bastante incidental, ou independente, relativamente às mesmas. Assim, esta realidade não implica – nem gera – qualquer tipo de sentido posicional ou geográfico, nenhum apego pessoal ou sentimental – a sua condição é, como arquétipo de *não-lugar*, superficial, isolada e solitária[83].

> "Indeed such incidental outsideness is probably a feature of everyone's experience of places, for it is inevitable that what we are doing frequently overshadows where we are doing it, and pushes places into the background. (...)"[84]

[82] Este tipo de sentimento desenvolve-se relativamente a bairros conotados como *proibitivos*, ou zonas exclusivamente industriais, por exemplo, sem qualquer tipo de interesse para o cidadão comum.

[83] É este o tipo de sentimento que geralmente se desenvolve relativamente a realidades como sejam aeroportos, pólos exclusivamente empresariais ou centros comerciais, por exemplo.

[84] Tuan, *cit.*, Relph, E., 2008; p. 52

Figura 4.9. Vista sobre Miraflores, Lisboa | António Vieira - *fotoalternativa*

interioridade comportamental

No que respeita ao terceiro aspecto passível de referência – o sentimento de *interioridade* (ou, por oposição, exterioridade) *comportamental* – deve explicitar-se que consiste, essencialmente, num conjunto de experiências perceptivas e vivenciais de carácter concreto e, de certa forma, familiar – logo, fácil e directamente assimilável. É a própria consciência da presença do indivíduo num lugar, que por sua vez é composto por uma série de objectos, vistas/visões e actividades dispostas de uma certa forma, adquirindo então, igualmente, determinadas qualidades do ponto de vista da sua observação e apreensão. Neste âmbito, num patamar mais elevado, poder-se-ia igualmente aludir a uma ideia de *interioridade existencial* (Relph, 2008).

No âmbito da realidade incerta e dificilmente apropriável do *terrain vague* esta condição torna-se altamente preponderante, dado que a sua intangibilidade se encontra quase sempre garantida. Na ausência ou na falta de clareza de elementos delimitadores, na inexistência de um sentido de funcionalidade, identidade ou protecção (seja ele físico, ou até pessoal/social – veja-se o exemplo do sentimento de insegurança referido anteriormente), entre outros factores, o *terrain vague* potenciará sempre, enquanto tal, um afastamento da desejável e reconfortante condição de interioridade comportamental.

> "(...) essentially three elements in our experiences of environment: first is 'place', (...) our immediate position defined visually as an enclave or enclosure; second is 'content', appearance in all its facets, including the nature of this and that, colour, texture, scale, style, and character; and third is 'serial vision', the sequence of views as we move into, out of, and between 'places'. (...) The essential point in all this is the simple one that 'the items of the environment cannot be dissociated one from the other' [Cullen, G.] (...)"[85]

identificação

pontos focais

elementos de ligação

É claro, no entanto, que considerando a escala, a complexidade e a multiplicidade de agentes, culturas e variáveis que constituem o panorama das cidades, a percepção da sua imaginabilidade e identificabilidade não se pode assumir de forma equivalentemente forte e clara em toda a sua extensão (Lynch, 2009). No entanto, torna-se fundamental assegurar a existência de elementos dominantes, cenários que garantam uma considerável extensão de fácil percepção identificativa, pontos focais, elementos de ligação, etc.. Neste sentido seria importante que, apesar da consciência da estratificação cronológica, cultural, etc. que são as cidades, cada sector se encontrasse clara e assertivamente relacionado com o todo que integra (Lynch, 2009). É precisamente este um dos pontos fundamentais da problemática em causa, da qual faz parte, de forma meramente expectante, ou possível e eventualmente transformadora, esta dimensão de *vazio*: as cidades não estão a ser percepcionadas e encaradas como um todo, mas antes como uma sucessão – ou colecção – de partes, independentes e autónomas, procurando a todo o custo a fatalidade do seu próprio esquecimento ou a glória do seu excessivo protagonismo.

[85] Relph, E. 2008; p. 54

Figura 4.10. Cidade *deserta*, Lisboa | Alberto Monteiro - *fotoalternativa*

É sobre a questão da complexidade e da decorrente disposição (ou imposição?) tipológica que se procura desenvolver o estudo sobre o *vazio* nas cidades, transpondo-o da dimensão meramente física para outras, talvez menos visíveis, mas igualmente presentes e preponderantes – de algum modo sempre influentes na dimensão física[86].

No capítulo introdutório fez-se menção a um dos principais problemas que as grandes cidades colocam. Esta é uma questão intimamente relacionada com diversos graus de complexidade – nas mais diversas áreas e quadrantes – que as mesmas foram construindo e sobrepondo, tornando a tarefa de lidar com esta realidade de forma relativamente organizada e estruturada cada vez mais complexa e delicada. Este é, à partida, um dado adquirido: a diversidade e a complexidade são características naturais – inerentes – às grandes cidades (Jacobs, 1993)[87].

disponibilidade

Neste sentido, poder-se-á começar por dizer que, em qualquer meio urbano, não deve existir construção que não se integre de forma relativamente disponível e equilibrada no seio do mesmo. Por outras palavras, não deve haver nenhuma tipologia que não se encontre, estruturalmente, penetrada e influenciada por uma morfologia urbana. Todas as realidades que se estabeleçam ou se encontrem significativamente desajustadas deste sistema, pouco mais serão além de manifestações individualistas ou ilusões tecnocráticas (Portas, 2007).

Partindo deste princípio, impõe-se a necessidade de explicitar que, de modo a compreender e estruturar o funcionamento altamente complexo das cidades, se deve atender primordialmente ao domínio e à organização de múltiplas combinações – ou conjugações – de usos (Jacobs, 1993). Tal como é altamente desejável estabelecer um sentido de enredo contínuo na configuração dos diversos elementos físicos que constituem as cidades, a mesma lógica se deve aplicar aos usos e funções que albergam ou representam. A este nível, quanto mais próxima e intricada for a mistura e a diversidade de usos e valências – Jane Jacobs (1993) refere-se a esta ideia utilizando a expressão "*close-grained diversity*" –, mais forte serão os alicerces de uma estrutura que se apoia mutuamente (e, de preferência, o mais constantemente possível), tanto no âmbito económico, como no social.

proximidade / intricação

Importa, então, explicitar e perceber alguns aspectos e práticas que, sendo comuns, viáveis e aplicáveis à grande maioria das *cidades tradicionais*, se podem constituir como fortes potenciadores das condições de complexidade e diversidade.

multiescalaridade

Em primeiro lugar, impõe-se a ideia da multiplicidade e da diversidade ao nível

[86] Entende-se que o *terrain vague* (bem como os edifícios abandonados e devolutos, as ruas desertificadas, etc.) é apenas a dimensão visível resultante de complexos processos que operam sobre dimensões (económicas, sociais, etc.) menos visíveis ou perceptíveis.

[87] As cidades caracterizam-se por uma ordem de *complexidade organizada:* um vasto número de variáveis conjugadas e indissociáveis, sendo que a alteração de qualquer uma das mesmas se repercutirá, por mais subtilmente que seja, nas restantes (Jacobs, 1993).

Figura 4.11. Cidade *deserta*, Lisboa | Alberto Monteiro - *fotoalternativa*

das escalas que a cidade comporta. Deve esclarecer-se que as grandes cidades são meios que – devido à sua própria natureza – possuem múltiplas capacidades para, ciclicamente, gerar diversidade. A inerência desta condição identifica-as, também, como meios altamente favoráveis para o estabelecimento e desenvolvimento dos mais diversos projectos (sejam eles pessoais, colectivos, económicos ou sociais) e ideias. Ainda sobre este aspecto, é importante atentar na diversidade de escalas que estas actividades podem/devem atingir. Neste sentido, na lógica da interdependência e mútuo suporte anteriormente referida, é fundamental reter esta ideia: a própria natureza diversa das cidades possibilita e estimula mais – e outros tipos – de diversidade (Jacobs, 1993), como se de um processo cognitivo encadeado, cíclico e interdependente se tratasse[88]. No entanto, e ainda sobre a diversidade de escalas dos agentes sociais e económicos que se estabelecem nas cidades, importa mencionar a forma como a relativa proximidade – ou a eficiência das redes e relações que se estabelecem entre eles – interfere na sua condição de existência e sucesso. A inconveniência da distância é um problema que afecta – e conduz à obsolescência – especialmente aqueles que são mais pequenos, especializados ou pessoais (Jacobs, 1993). A ameaça do distanciamento excessivo – o abandono ou a exclusão destas actividades da esfera de eficiência económica de usos que integram – deveria, então, ser prevenida e evitada.

interdependência

proximidade

> "The diversity of city enterprises includes all degrees of size, but great variety does mean a high proportion of small elements. A lively city scene is lively largely by virtue of its enormous collection of small elements."[89]

Jane Jacobs (1993) identifica quatro condições primordiais de modo a assegurar uma base relativamente estável e funcional para a geração da diversidade. Estes factores devem ser estabelecidos e salvaguardados, sempre que possível, em estrita relação de coexistência e suporte – à imagem do cenário desejável no que respeita à conciliação e interdependência ao nível das escalas. Caso contrário, propiciam-se diversas situações favoráveis à multiplicação das dimensões de *vazio*: a constituição de um *deserto económico*, condição que, por razões óbvias, induzirá um processo de desertificação a diversos outros níveis – a um gradual esvaziamento social, cultural e, consequentemente, físico e funcional.

deserto económico

A primeira condição prende-se, então, com a necessidade de cada extensão relativamente alargada das cidades (Jacobs refere-se à noção de *distrito*), possuir, ou servir, mais de uma função primária, reduzindo assim as probabilidades de se encontrar rendida às fatalidades que advêm da monofuncionalidade. A concentração e a mistura de usos e

monofuncionalidade

[88] Sobre o princípio da interdependência e mútuo suporte, a implantação de um conjunto residencial, por exemplo, pode desencadear e impulsionar o desenvolvimento de diversas estruturas de apoio ao mesmo: escritórios, comércio de *conveniência*, supermercados, escolas, etc.

[89] Jacobs, J., 1993; p. 193

Figura 4.12. Zona exclusivamente residencial, Lisboa | António Vieira - *fotoalternativa*

funções devem garantir, à partida, uma desejável presença e rotatividade de pessoas que utilizam os mesmos edifícios, meios e ruas, a horas diversas e com propósitos igualmente diversos. Sobre esta ideia, cujos efeitos sobre as ordens sociais da segurança e vitalidade foram anteriormente referidos, devem agora explicitar-se, brevemente, as suas inferências noutras esferas.

funções primárias
funções secundárias

Distinguiram-se, à partida, os usos (ou funções) primários, dos secundários. É importante clarificar que o termo *primário* alude às realidades que, na sua condição mais básica, se constituem como valências e actividades que atraem pessoas para uma determinada zona, funcionando assim como sistemas de "ancoragem"[90]. Neste sentido, deve igualmente dizer-se que, por mais diversificada que possa ser uma eventual combinação de usos e funções primárias (que podem englobar, entre os já referidos exemplos, outros como a educação, a recreação e certos tipos de entretenimento), se o estabelecimento e a coexistência dos mesmos não produzir dinamismo, alternância e constância ao nível dos números e alturas do dia em que as pessoas utilizam as ruas, dificilmente se atingirá um estado que permita sustentar a diversidade: um desejável "efeito economicamente estimulante – um ambiente fértil e propício para o desenvolvimento da diversidade secundária"[91].

coexistência

Este fenómeno secundário surge, essencialmente, como consequência (ou complemento) do estabelecimento de diversos usos e funções primárias. Refira-se que, para funcionarem de forma estável e continuada, estes factores secundários devem servir um certo grau de diversidade de usos primários. Caso respondam apenas a um tipo destes usos, encontrar-se-ão, à partida, provavelmente destinados a estados de ineficiência ou inutilidade parcial (veja-se, por exemplo, a recente ameaça de encerramento das *Piscinas do Belenenses,* em Lisboa).

ineficiência / inutilidade

> "Shopping Centers that serve only residential primary use, for example (...). Thus many such shopping centers have been closing in the mornings and staying open in the evenings. (...) The innate inneficiency of serving a single primary use is one reason (in combination with several others) why so few shopping centers are able to support any but standardized, high-turnover enterprises."[92]

No limite, uma conjugação efectiva e eficiente de usos primários – que permita gerar, por sua vez, um desenvolvimento consolidado de diversas funções ou complexidades secundárias – poderia permitir que, ao adquirirem um estatuto de relativa estabilidade, especificidade ou desejabilidade, se tornassem também realidades de cariz

[90] Escritórios, fábricas, unidades residenciais, são todos exemplos deste tipo de usos.

[91] *Idem*; p. 211

[92] *Ibidem*

Figura 4.13. Marcas e memórias de um gaveto abandonado | Z - *fotoalternativa*

primário, com o poder de atracção inerente a essa mesma condição. Neste sentido, carece atentar no carácter de efectividade e equilíbrio que estas relações devem possuir, de modo a reunirem condições favoráveis ao estabelecimento de círculos económicos e funcionais que permitam – assentes na base do mútuo suporte – gerar e gerir diversidade, em detrimento de anular ou segregar essa mesma diversidade e os agentes que nela activamente participam. Os efeitos nefastos de alguns destes desajustamentos – incidentes, nomeadamente, sobre muitos centros de cidade consolidada – serão desenvolvidos, em conjunto com a problemática do zonamento funcional, no subcapítulo seguinte.

equilíbrio

mútuo suporte

concentração / densidade

permanência

A segunda condição advém ou encontra-se, de certo modo, intimamente relacionada com a primeira. Trata-se da importância de estabelecer uma concentração suficientemente densa de pessoas, independentemente dos propósitos ou motivações que regem a sua presença. Neste aspecto, é um dado adquirido que os agentes em questão variam entre graus de maior ou menor permanência. No entanto, é fundamental assegurar um elevado grau de concentração de agentes com carácter relativamente permanente – a título de exemplo os residentes ou habitantes das zonas em questão.

A ideia que sugere uma relação de conveniência entre elevados níveis de concentração e a diversidade de serviços que os mesmos conseguem gerar e suportar– nos quais se inserem também aqueles de carácter mais específico, ou especializado –, não é recente (Jacobs, 1993). No entanto, o panorama presente demonstra, através de diversas realidades – de que a desmantelação e dispersão de várias zonas urbanas, ou a *cidade difusa*, é apenas um exemplo – que, cada vez mais, esta ideia tem sido negligenciada, ou simplesmente aniquilada por diversos outros factores e interesses que à mesma se sobrepõem.

dispersão

> "Men, thinly scattered, make a shift, but a bad shift, without many things ... It is being concentrated which produces convenience."[93]

Neste sentido, deve sublinhar-se a alta preponderância que as elevadas densidades habitacionais – populações de carácter relativamente permanente – possuem neste âmbito. Este será um princípio base para, tal como anteriormente referido, potenciar, aos mais diversos níveis, a continuidade e a sustentabilidade de uma vida urbana diversificada, relativamente estável e enriquecedora. A importância deste factor será revisitada no último capítulo do trabalho, com breve alusão ao caso de *Rittenhouse Square*, em Philadelphia: a zona da cidade que possui densidades habitacionais mais elevadas, transcrevendo-se, como reflexo disso mesmo (entre outros factores) num caso de sucesso tanto ao nível da diversidade, continuidade e qualidade vivenciais do espaço público em questão, como nos usos, funções e actividades em seu redor.

sustentabilidade

Rittenhouse Square

[93] Johnson, S. (1785), *cit*. Jacobs, J., 1993; p. 261

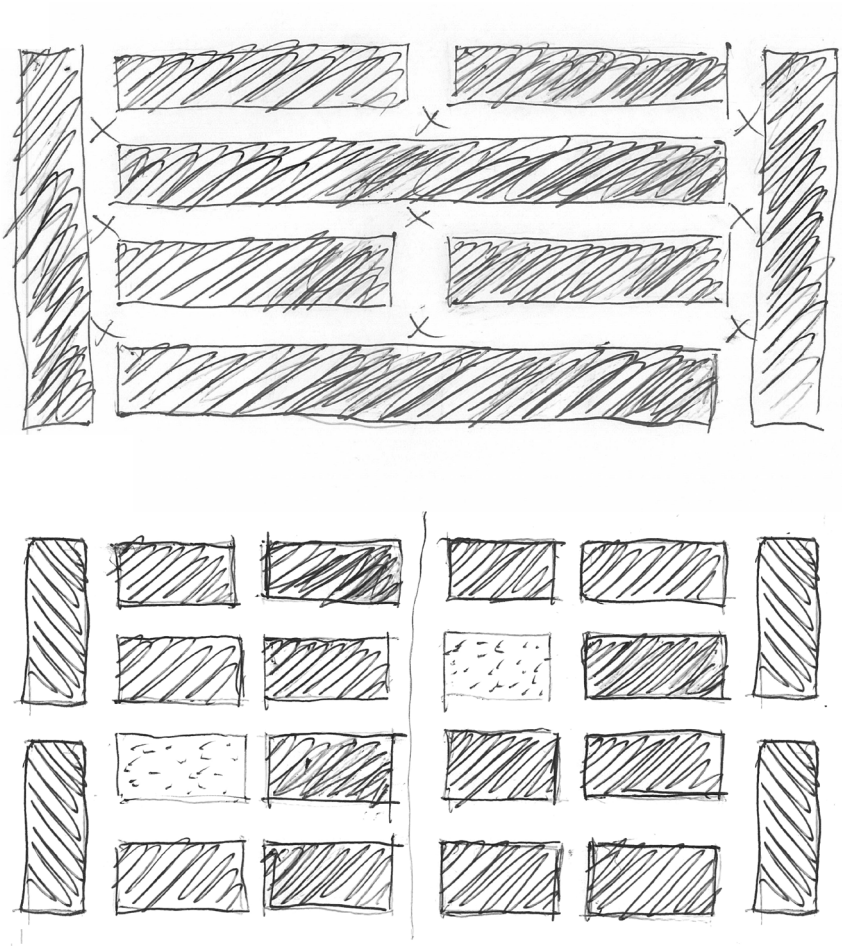


Figura 4.14. A importância da configuração física dos quarteirões que compõem as cidades

A questão da densidade habitacional não deve, no entanto, ser encarada como um aspecto – ou uma decisão – matemática; não deve ser planeada ou julgada com base em ideias abstractas que reflectem sobre uma eventual e desejável (?) condição ou sociedade ideal (Jacobs, 1993). É, pelo contrário, uma questão extremamente variável que deve ser, sempre que possível, determinada e controlada pelas relações de reciprocidade entre diversos factores, pela forma como se comportam e se sustêm em mútuo apoio e convívio, na sua convivência quotidiana. De um modo geral, as densidades serão demasiado altas, ou baixas, quando se constata que possuem o efeito de frustrar – ou dificultar – a geração da diversidade urbana, quando deveriam constituir um factor base para o seu estabelecimento e desenvolvimento.

reciprocidade

configuração física

A terceira e quarta condição são relativas, por sua vez, a aspectos de índole mais objectiva, palpável e visível. São aspectos que pertencem à natureza construída das cidades, à configuração física das ideias e políticas urbanísticas e arquitectónicas que as suportam. Trata-se da desejabilidade de existirem quarteirões, ou superfícies construídas, com uma extensão relativamente curta - ou, por outras palavras, de promover a existência de ruas, atravessamentos e oportunidades de mudança de direcção e cenário de forma relativamente frequente. Neste aspecto, no caso de um meio previamente consolidado, a existência de eventuais zonas em estado de abandono, sem intenção ou função explícita – os *terrains vagues* – pode adquirir, dependendo do grau de consciência com que são encarados, um papel extremamente importante.

Pode deduzir-se, a partir de ideias e exemplos anteriormente expostos, que ruas demasiadamente discretas ou pouco diversificadas, bairros ou fragmentos de cidade isolados, fechados sobre si próprios, apresentam diversos problemas ao nível do desenvolvimento das relações sociais e económicas que devem propiciar. Em diversos sentidos, a configuração de ruas demasiadamente contínuas e ininterruptas constitui um obstáculo à resolução destes problemas e conflitos, um constrangimento à facilidade e à conveniência de criar esferas de cruzamento e uso comuns, tanto a nível social, como económico.

constrangimento

> "(...) the economic effect of these self-isolating streets is equally constricting. The people on this street, and the people on the adjacent streets can form a pool of economic use only where their long, separated paths meet and come together in one stream."[94]

monotonia

Esta questão não é afecta apenas aos aspectos da monotonia que facilmente se pode apoderar de percursos com este carácter, das dificuldades acrescidas em atrair, incluir e cruzar diversas populações, provenientes de diversas zonas, com propósitos vários. Frequentemente, realidades configuradas deste modo tendem a estabelecer um de-

[94] Jacobs, J., 1993; p. 234

Figura 4.15. Adaptação de edifício devoluto, *Massachusetts* | http://albuquerquehub.com

Figura 4.16. *Massachusetts Museum of Contemporary Art,* EUA

estandardização

primente padrão de *estandardização comercial*[95], devido à falta de oportunidades distintas, de diferentes escalas espaciais de conveniência que permitam, por sua vez, estabelecer hierarquias e diversidade de usos e funções de modo enriquecedor.

> "Long blocks, in their nature, thwart the potential advantages that cities offer to incubation, experimentation, and many small or special enterprises, insofar as these depend upon drawing their customers or clients from among much larger cross-sections of passing public."[96]

sobreposição

alternância

A última condição prende-se com a questão da continuidade temporal das cidades, a natureza de sobreposição cronológica no interminável processo da sua modelação e construção. Neste sentido, é desejável promover, ou conservar, a existência e a mistura de edifícios que variem tanto na sua idade, como na sua condição. Este estado coexistencial deve garantir tanto uma elevada proporção de edifícios mais antigos (dado que a sua própria condição permite garantir variações ao nível dos rendimentos, ou retornos económicos que visam estabelecer), como uma realidade de alternância e variabilidade, entre os outros em causa (mais recentes, ou com funcionalidades diversas), relativamente próxima, intricada e inter-relacionada (Jacobs, 1993).

Em consonância com as ideias anteriormente expostas, deve explicitar-se a inconveniência e as diversas limitações que podem advir de uma zona exclusiva ou maioritariamente constituída por edifícios novos, ou recentes: devido aos custos e rendas relativamente mais elevados inerentes à sua condição de novo, o tipo e a escala de actividades que ali se poderão estabelecer e desenvolver encontrar-se-ão, à partida, condicionados pela capacidade ou incapacidade em satisfazer essas mesmas exigências económicas. Neste sentido, deve referenciar-se a relação entre a sobreposição cronológica das cidades – enquanto realidade física – e a evolução das sociedades e economias (com o natural, consequente, emergir e cruzamento de novas actividades, conceitos e ideias) como uma questão que não concerne apenas ao aspecto construtivo, estilístico, ou arquitectónico das mesmas mas, de igual modo, à coexistência, flexibilidade e adaptabilidade ao nível dos usos, funções e actividades que ali se desenvolveram, desenvolvem, ou poderão, eventualmente, vir a desenvolver[97].

flexibilidade / adaptabilidade

[95] É esta uma das fatalidades no caso da Avenida da Boavista, por exemplo, ao longo da qual se registam zonas comercialmente limitadas, e outras vastas e ininterruptas extensões abandonadas/desertificadas.

[96] *Idem*; p. 238

[97] Atente-se, por exemplo, no que sucedeu no bairro de *Mitte*, em Berlim. Perante o estado de declínio e crescente degradação de muitos edifícios e espaços urbanos que ali constam, foram promovidas espontaneamente pelos cidadãos uma série de intervenções, adaptações e ocupações dos mesmos (estudios/galerias de arte, feiras, etc.), que revitalizaram e embuíram de um novo - e alternativo - espiríto as áreas e edifícios em questão: a galeria *Tacheles* é apenas um exemplo.

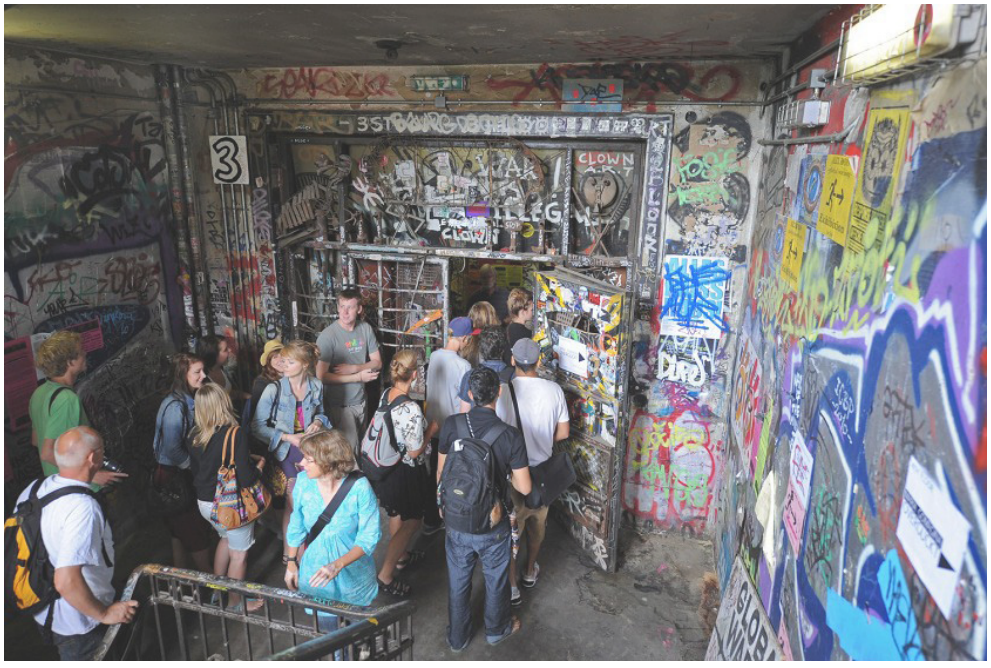


Figura 4.17. Feira em redor da galeria *Tacheles*; *Mitte*, Berlim | http://www.bushtrash.de

Figura 4.18. Vista do interior de um dos edifícios ocupados, Berlim | http://www.welt.de

> "Old ideas can sometimes use new buildings. New ideas must use old buildings. Even the enterprises that can support new construction in cities need old construction in their immediate vicinity. Otherwise they are part of a total attraction and total environment that is economically too limited – and therefore functionally too limited to be lively, interesting and convenient."[98]

hierarquização

Neste âmbito, torna-se fundamental perceber que a mistura de edifícios de construção recente com outros de construção mais antiga (entre os quais, é igualmente desejável que exista uma hierarquia de idade e mistura), em conjunto com a consequente mescla ao nível das capacidades económicas e de interesses, é uma condição essencial para almejar um desejável grau de diversidade e estabilidade entre populações residenciais[99]. Em estrita relação com o desenvolvimento das mesmas, semelhante lógica se aplica a nível comercial/económico – factor que se traduziria através da diversidade e da mútua convivência entre diversos tipos e escalas de actividade (pequeno, médio e grande comércio, empresas, etc.). A este nível, é fundamental reter a importância e a particular vocação que os edifícios de carácter mais antigo possuem como "incubadores" (Jacobs, 1993) de novos e diversos tipos de diversidade primária; uma realidade que, tal como explicada, é crucial no processo de contínuo e sustentado desenvolvimento de diversos sectores, nomeadamente aqueles que, a certo ponto, surgem como adicional e enriquecedora diversidade de cariz secundário.

interdependência

Em suma, estas condições sugerem que as grandes cidades – na sua vasta escala e multiplicidade de vertentes, agentes e actores – não devem ser compreendidas como conjuntos de fragmentos funcional, social e economicamente segregados e independentes. Almejando um sentido de segurança (aos mais diversos níveis), um frequente e diversificado contacto público e o cruzamento de usos e funções, as cidades (ou alargadas e significativas partes das mesmas) devem ser entendidas como organismos altamente interdependentes. Cada parte, esfera ou sector – por mais ínfimo ou insignificante que possa ser ou parecer – possui ou possuirá, sempre que seja concebida e gerida consciente e abertamente em relação à sua condição de convivência e contribuição para um bem comum –, um importante potencial, valor ou valência no seio do sistema altamente complexo que integra.

> "All four in combination are necessary to generate city diversity; the absence of any one of the four frustrates a district's potential."[100]

[98] *Idem*; p. 245

[99] Esta é, provavelmente, uma das condições que mais tem influído nos casos de desvitalização e abandono dos Centros Históricos. No caso do Porto, por exemplo, tem-se assistido à adaptação de alguns edifícios para albergar novos cafés/bares ou discotecas, que dinamizam as zonas maioritariamente durante períodos nocturnos. Seria importante considerar esta tendência relativamente a outros usos e funções, equacionando igualmente as vantagens de eventuais construções novas, considerando outras escalas, funções e horários, integrados pontualmente em locais estratégicos (a loja *FNAC* na Rua de Santa Catarina e o Edifício da Alfândega do Porto são dois bons exemplos deste tipo de abordagem).

[100] *Idem*; p. 197

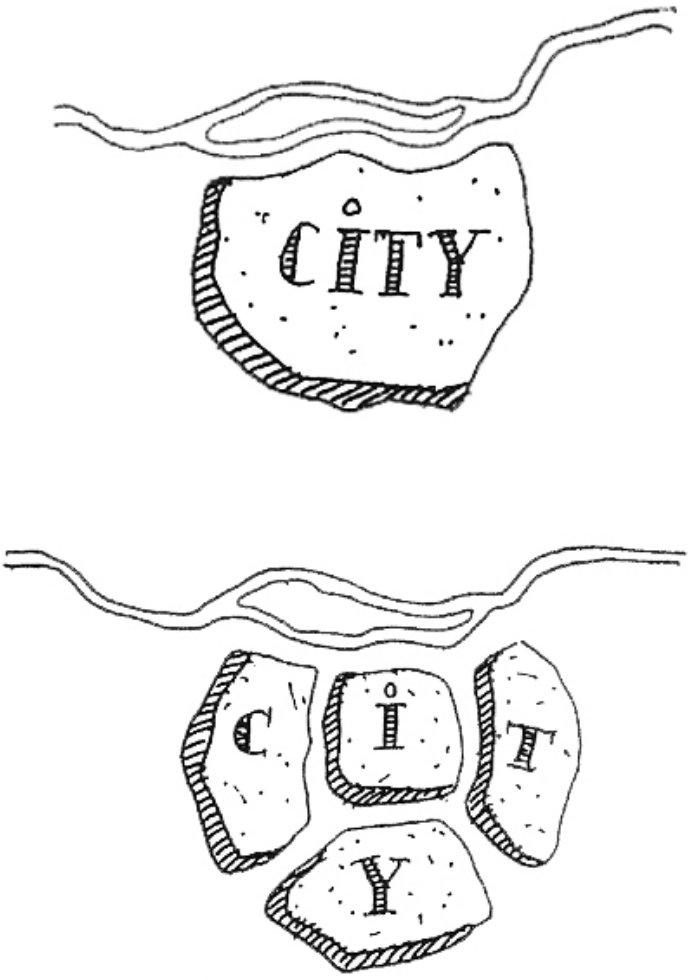


Figura 4.19. Esquemas “Cidade” e “Anti-Cidade” | Krier, L., 1999; p. 89

Esta secção debruça-se – em continuidade e estreita relação com os temas anteriormente abordados – sobre algumas das principais razões e princípios subjacentes à destruição, ou desvalorização, das práticas e condições que sustêm cidades e vivências urbanas de carácter marcadamente construtivo e enriquecedor, extraindo das mesmas a sua essência: colectivismo, diversidade, mútuo apoio e - acima de tudo - a sobreposição generalizada do conceito de *polis*[101] sobre o ideal cosmopolita.

Abordar a problemática do zonamento funcional – ou *zoning* – implica atender essencialmente a duas realidades, ou paradigmas temporais: em primeira instância, às condições e motivações que conduziram à concepção e introdução mais ou menos generalizada desses princípios para, hoje, procurar compreender os seus resultados efectivos – a forma como inferiram nas configurações físicas, sociais e organizacionais do modelo de *cidade tradicional*, histórica, delimitada e centralizada.

> "Relíquia do século XIX, as regiões industriais conheceram um forte desenvolvimento, com uma importante subida da densidade e um habitat a tornar-se mais compacto, sem que isso, no entanto, acarretasse automaticamente quer formação de cidades, quer, sobretudo, urbanização."[102]

industrialização

É de facto pertinente indiciar o início e consequente desenvolvimento do processo de industrialização como factor altamente propulsionador da consolidação das mais diversas políticas que visam e favorecem a segregação funcional das cidades. É precisamente esta ideia que, tal como aponta Léon Krier (1999), foi sugerida alguns anos mais tarde pela

Carta de Atenas

Carta de Atenas, de 1931 (apesar dos seus fundamentos e pretensões gerais não o indicarem explicitamente), impulsionando e encorajando uma nova técnica – ou conceito – de desenvolvimento industrial. No entanto, deve referir-se que os regulamentos que regem as práticas de zonamento possuem origens mais distantes, que remontam ao final do século XIX: por exemplo, na Alemanha, como solução para separar os matadouros das zonas residenciais ou na California, com pretensões de carácter sociocultural, como forma de impor limites à localização de lavandarias chinesas (Relph, 1987). Também entre o final do século XIX e a primeira década do século XX, Ebenezer Howard e Raymond Unwin haviam,

Cidade-Jardim

no Reino Unido, elaborado, introduzido e posto em prática um modelo de cidade – a *Cidade-Jardim* – que se regia, precisamente, pelos princípios da divisão por zonas e da clareza e delimitação de diversas unidades, entre as quais se destacam especialmente as de vi-

[101] Weintraub, J. (1995), *cit*. Graça Dias, M., 2006; p. 5

[102] Rémy, J. & Voyé, L., 1994; p. 53

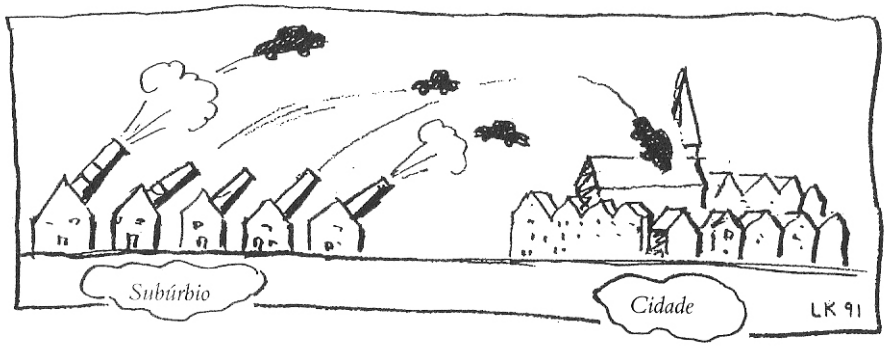


Figura 4.20. Subúrbio - Cidade | Krier, L., 1999; p. 87

zinhança, reflectindo o seu carácter assumida e maioritariamente residencial (Relph, 1987).

São muitos – e de diversa índole - os factores que inferem na instituição e no desenvolvimento das teorias, regulamentos e políticas de zonamento. Inicialmente surge como mecanismo de controlo, restrição e distinção (veja-se, a título de exemplo, o caso da California atrás referido, ainda durante o século XIX). Já no decorrer do século XX – com a evolução e preponderância do sector industrial – os valores do zonamento adquirem diversas, cada vez mais extensivas, dimensões. Neste âmbito deve atentar-se especialmente nas transformações que ocorrem ao nível do consumo e da estruturação do espaço (Rémy & Voyé, 1994). Nesta fase, que conta já com diversos desenvolvimentos ao nível da mobilidade [o automóvel tem o poder de difundir, ou nivelar, a acessibilidade (Rémy & Voyé, 1994)] e das estruturas que a suportam, com diversos mecanismos que sustentam e perpetuam um longo processo de individualização (Augé, 2006; Rémy & Voyé, 1994), as teorias de zonamento visam extrapolar os limites da cidade tradicional e consolidada, transpondo-a para outras esferas espaciais – mais rentáveis e eficientes (Boyd *cit*. Relph, 1987). É precisamente na questão da eficiência que se concentram e fundamentam, em tempos mais recentes, as principais valências e virtudes deste sistema.

controlo / restrição

consumo

rentabilidade

Thomas Adams (*cit*. Relph, 1987) escreve, em 1932, que "o objectivo geral do planeamento deve ser proporcionar o máximo bem-estar aos homens – saúde, segurança e comodidade, desde que isso possa ser feito assegurando a ordem e o equilíbrio do crescimento físico das comunidades"[103]. No entanto, enquanto possam ser reconhecíveis alguns traços de racionalidade e uma intencionalidade decididamente motivadora de melhores condições para as cidades e os seus cidadãos, a verdade é que nem sempre esta filosofia interfere de forma positiva e construtiva, tanto nos organismos que cria, como nas vertentes e mais-valias que extrai do pré-existente, por meio dessas mesmas – e diversas – criações.

> "O primeiro imperativo do *zoning* é o de organizar cada parcela do território (cidade e campo) de tal forma que o cidadão possa desempenhar uma só função, num só local e num tempo único. O segundo imperativo do *zoning* é a mobilização real e quotidiana da sociedade no seu conjunto (os adultos, os velhos e os jovens, os doentes e os sãos, os ricos e os pobres, os inválidos e os válidos, os activos e os desempregados) para não realizar nada mais do que os deveres quotidianos."[104]

Em certo sentido, e na maioria dos casos, o zonamento nega à partida a multiplicidade de condições e variáveis altamente favoráveis para a configuração, qualitativa e quantitativa, da vivência quotidiana de qualquer cidade. Tratemos em primeiro lugar, no

[103] Adams, T., *cit*. Relph, E., 1987; p. 126

[104] Krier, L., 1999; p. 88

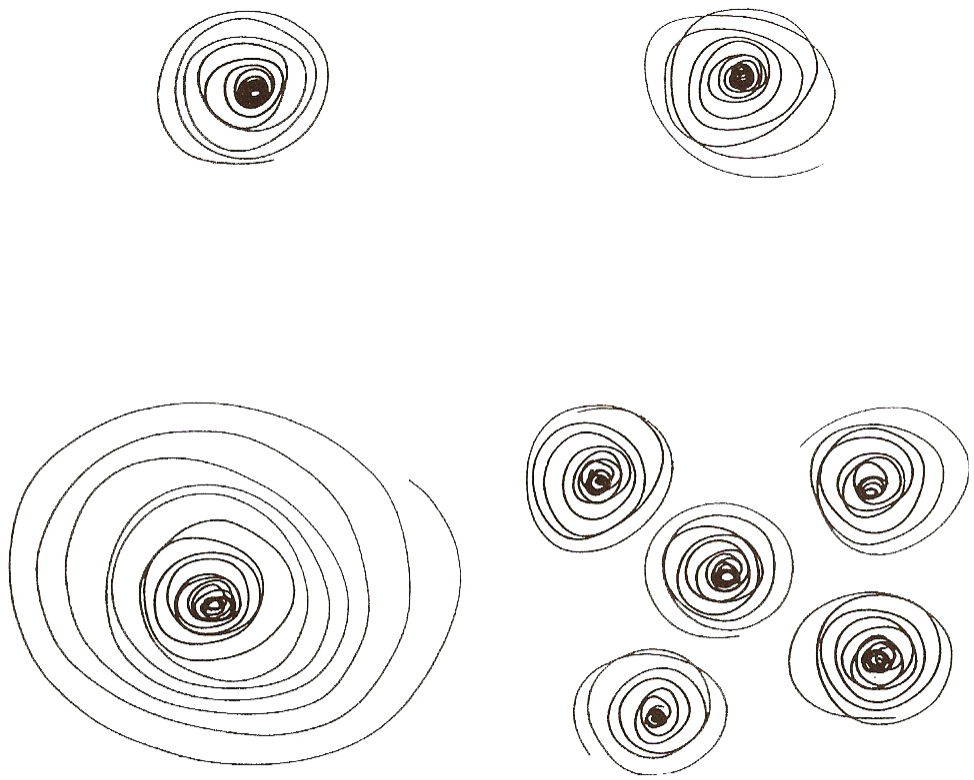


Figura 4.21. Crescimento por Hipertrofia - Crescimento por duplicação | Krier, L., 1999; p. 91

entanto, a alteração das lógicas funcionais que advêm da adopção deste género de políticas.

Tal como tem vindo a ser sublinhado de forma mais ou menos explícita, a *cidade tradicional* deveria reger-se, em primeiro lugar, por uma série de princípios ou elementos identitários – nomeáveis e delimitáveis – que formem e mantenham ao nível funcional, entre si, íntimas e intricadas relações de proximidade, coexistência e apoio. As cidades e correspondentes relações sociais devem basear-se sobre uma ideia de "harmonia na hierarquia" (Rémy & Voyé, 1994) que, em estado de interdependência, constantemente constroem, desenvolvem e devem procurar sustentar. Segundo esta lógica, deve atentar-se no carácter centrípeto destes meios, permitindo frequentemente identificar e delimitar, em termos hierárquicos, um sentido de centralidade que se constitui mais ou menos diversificado consoante a posição – ou nível – em que se situam relativamente à hierarquia funcional que integram (Rémy & Voyé, 1994).

harmonia / hierarquia

Neste sentido, podem considerar-se as causas, processos e efeitos do zonamento em duas vertentes distintas que, não obstante, operam mutuamente sobre a mesma realidade: os centros de cidade consolidada. Em primeiro lugar, a forma como os desvitalizam e transpõem muitas das suas funções e valências, que se encontram em estado de concentração e integração, para fora do âmbito físico, social e económico a que as mesmas pertencem; a decomposição da cidade tradicional com recurso a uma redistribuição de carácter centrífugo – dispersivo – extrapolando as esferas, ou limites, afectos à mesma (Rémy & Voyé, 1994). Note-se ainda que este processo acarreta transformações a diversos níveis: enquanto se assiste ao esventramento dos centros, despojando-os de muitos dos sectores e funções que constituíam a base para as desejáveis condições de densidade e diversidade, também ao nível social – nomeadamente no que respeita as lógicas residenciais – se verificam alterações.

desvitalização

dispersão

Através da dispersão, em que os parâmetros e exigências da mobilidade se satisfazem quase exclusivamente com recurso ao automóvel [a maioria destas realidades emergentes baseia-se numa lógica de *espaço descontínuo* (Rémy & Voyé, 1994)], conformam-se automaticamente diversas condições, imposições e limitações relativamente aos novos espaços e fronteiras socioeconómicas. Neste sentido, as lógicas residenciais correspondem, de modo semelhante às lógicas funcionais de apropriação e consumo do espaço, a um fenómeno de especialização com tendência à formação de diversas categorias dominantes, agrupadas especialmente de acordo com referentes socioprofissionais (Rémy & Voyé, 1994).

espaço descontínuo

> "This Picture was further complicated by an increasingly uneven geographic distribution of economic development, which produced equally exaggerated differences between zones of prosperity and poverty."[105]

[105] Crawford, M., 1992; p. 25

Figura 4.22. Vista aérea do pólo empresarial *Tagus Park*, Oeiras| http://www.monofasica.pt

Figura 4.23. Vista aérea de subúrbio de Lisboa | http://www.vistadosubúrbio.blogspot.com

Segundo esta lógica de carácter centrífugo, assiste-se a uma decomposição física mas, acima de tudo, estrutural, social e funcional dos tecidos e redes consolidados, procurando subverter a lógica da unidade interdependente a favor da constituição de diversos outros núcleos que, não obstante todas as suas limitações (dado que dificilmente atingem as dimensões de complexidade, diversidade e mistura tipológica normalmente vigentes na cidade tradicional), visam estabelecer-se como realidades relativamente autónomas e segregadas (Rémy & Voyé, 1994). Neste aspecto, constituem-se não somente como fragmentos de certa forma incompletos – com lacunas ao nível da sua funcionalidade e complementaridade – mas também como uma contradição, na medida em que, devido a essa mesma condição, negam a sua completa autonomia e subsistem dependentes de um elevado nível de mobilidade – um vasto "espaço móvel" (Rémy & Voyé, 1994), quase sempre sustentado pela proliferação dos já referidos *não-lugares* – para que possam continuar a ser usufruídos e habitados[106].

subversão

autonomia / segregação

espaço móvel

No entanto, as políticas de zonamento nem sempre consistem na trasladação efectiva de funções e pessoas para o exterior da cidade tradicional – um fenómeno afecto essencialmente ao desmantelamento hierárquico e à dispersão periférica, colocando em causa o valor identitário, histórico e simbólico que elevava a expressão do centro a uma percepção generalizada de "entidade coerente" (Lévy, J.P., *cit*. Rémy & Voyé, 1994).

coerência

> "O *zoning* funcional não é, portanto, um instrumento neutro. Ele transforma uma sociedade de indivíduos activos em sociedade de massas mobilizadas. A ordem orgânica da cidade é substituída pelo *zoning* funcional em desordem mecânica de periferia e ausência de centralidade."[107]

Frequentemente, diversos processos da mesma índole têm origem e operam no seio de uma estrutura física previamente existente – nos centros urbanos históricos e consolidados –, actuando então sobre as dinâmicas distributivas e operativas das funções e tipologias existentes e emergentes que procuram gerir. Neste sentido, abordam-se agora algumas questões inerentes tanto às políticas de zonamento periférico, como às políticas ou processos que decorrem e afectam as estruturas e tecidos previamente consolidados.

A primeira ideia afecta aos dois casos trata de uma tendência para estudar e elaborar a maioria destas intervenções segundo métodos uniformizados e padronizados – recorrendo a estratégias de "planeamento por números" (Relph, 1987). Especialmente a partir do período pós-segunda Guerra Mundial, com o surgir de diversas novas pos-

uniformização

[106] O crescente desenvolvimento de pólos exclusivamente empresariais (*Tagus Park*), comerciais (*NorteShopping* ou *Oeiras Park*) ou universitários (U.P. - Asprela) - geralmente periféricos ou marginalizados relativamente à *cidade tradicional*, localizando-se relativamente próximos de artérias de autoestradas ou vias rápidas - são apenas alguns dos exemplos desta realidade.

[107] Krier, L., 1999; p. 90

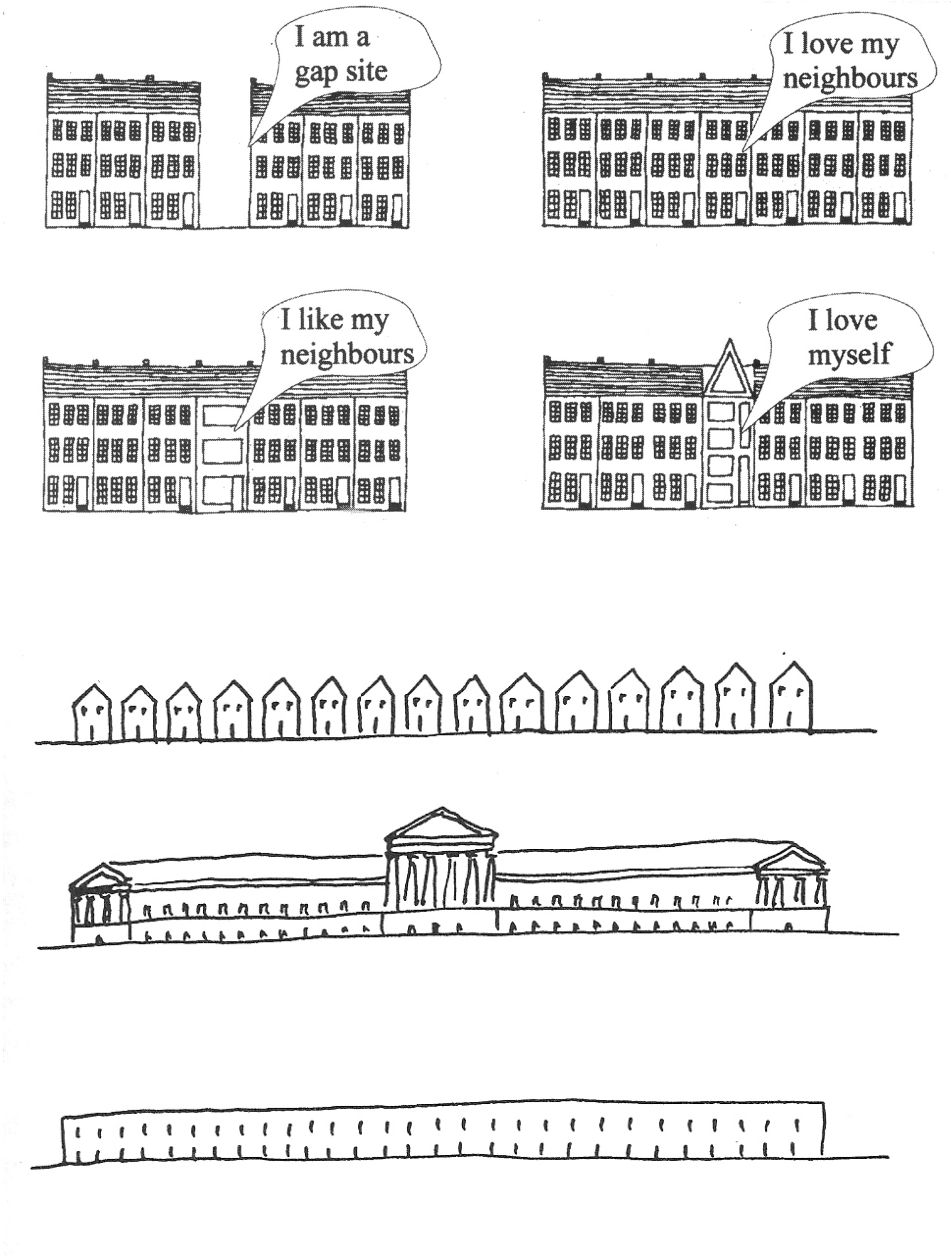


Figura 4.24. Ausência, monotonia ou excessivo protagonismo ? | Menin, S., 2003; p. 71

Figura 4.25. *Zoning* : Megaestruturas | Krier, L., 1999; p. 65

sibilidades, condições e desafios, torna-se imperativo instituir uma certa proeminência legislativa de ordem superior (Relph, 1987). Assim, em conformidade com uma forte necessidade de colmatar diversas dificuldades administrativas relativas às estratégias de planeamento a adoptar perante populações e aglomerados em rápida e franca expansão, a grande maioria dos planos assume, na sua essência, um carácter bastante regulamentado e estandardizado – "à semelhança de uma linha de montagem"[108].

estandardização

> "City processes in real life are too complex to be routine, too particularized for application as abstractions. (...) Comprehensive statistical studies, to be sure, can sometimes be useful abstracted measurements of the sizes, averages and medians of this and that. Gathered from time to time, statistics can tell too what has been happening to these figures. However, they tell almost nothing about how the quantities are working in systems of organized complexity."[109]

Este tipo de abordagem introduz, ainda, problemas de outra ordem. Um deles é a forma como a homogeneização funcional tem, frequentemente, repercussões ao nível da instauração ou da diferenciação de ordens visuais, ou estéticas. Invocam-se então as questões da monotonia, dos desejos ou intenções infundadas, meramente superficiais, para marcar a diferença, e ainda a tendência para a dissolução da noção dos fundamentais valores de orientação[110]. Cenários compostos por uma semelhança funcional (e estética) generalizada raramente possuem e demonstram as diferenças e subtilezas necessárias para instaurar e salvaguardar a clareza de um sentido posicional, direccional – um vector consciente e hierarquizado de movimento[111]. Logo, panoramas desta índole possuirão, à partida, todas as condições para induzirem sentidos de desorientação e confusão, um certo tipo de caos que advém de uma suposta clareza na ordem homogeneizada (Jacobs, 1993).

homogeneização

> "... the interweaving of human patterns. They are full of people doing different things, with different reasons and different ends in view, and the architecture reflects and expresses this difference – which is one of content rather than form alone. (...)
> Considering the hazard of monotony ... the most serious fault in our zoning laws lies in the fact that they permit an entire area to be devoted to a single use."[112]

[108] Gans, H. (1968), *cit.* Relph, E., 1987; p. 127

[109] Jacobs, J., 1993; p. 576

[110] Refere-se, a título de exemplo, o caso de edifícios que procuram, na sua presença formal e linguística, assumir um protagismo excessivamente egocêntrico, sem que essa faceta contribua para a ordem, clarificação ou sedimentação funcional, social e cultural do meio em que se inserem.

[111] Como referem Kevin Lynch (2009) e Jane Jacobs (1993), são necessários pontos de referência: monumentos, elementos física, funcional ou culturalmente simbólicos, assimetrias, mudanças de direcção pontuadas por uma característica distinta e diferenciável, por exemplo.

[112] Raskin, E., *cit.* Jacobs, J., 1993; p. 298-299

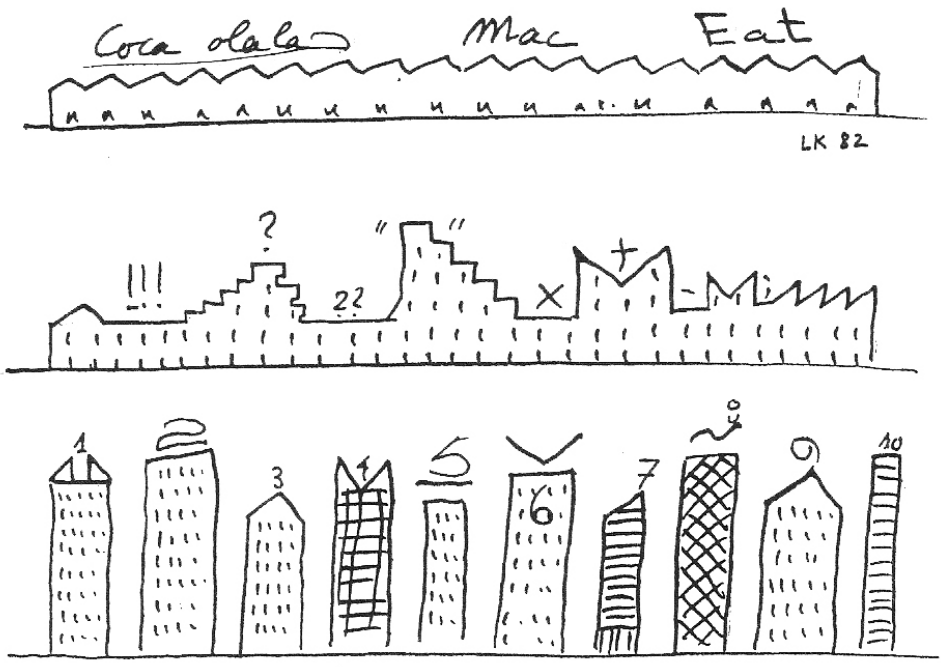


Figura 4.26. *Zoning* : Megaestruturas | Krier, L., 1999; p. 65

diversidade

Outra das fatalidades induzidas pelas políticas de zonamento centra-se num dos aspectos fulcrais para o sucesso das cidades enquanto organismos organizadamente complexos: a diversidade. Enquanto no subcapítulo anterior foram explicitados alguns princípios e condições fundamentais para a geração e sustentação deste tipo de característica, deve agora analisar-se a forma como nos mais diversos sectores e sob a influência dos mais diversos processos a sectorização ou especialização excessivas podem conduzir à destruição dessa mesma diversidade. Tal como no que respeita ao espoletar e desenvolvimento da diversidade, os factores susceptíveis de a condicionar – ou, em casos limite, conduzir à obsolescência – são também múltiplos e directamente relacionados entre si[113].

excesso

Primeiramente visa abordar-se um problema que decorre do excesso – ou falta de controlo – de certos tipos, ou sectores, de diversidade que atingem níveis de afluência e sucesso extremamente elevados. Este fenómeno tem repercussões bastante frequentes e visíveis na estrutura e na hierarquia funcional de muitas cidades – ou centralidades – consolidadas. Trata-se do caso de zonas em que foi conseguida uma mistura altamente diversificada, intricada e bem sucedida de usos e funções e nas quais se regista, naturalmente, um acréscimo na procura e na competição por espaço (Jacobs, 1993). Desta mesma condição advém que apenas alguns sectores – normalmente aqueles economicamente mais rentáveis ou poderosos – conseguem reunir os requisitos necessários para resistir ou subsistir, não obstante toda a diversidade de usos e escalas que eventualmente os terá conduzido a esse estatuto. Neste sentido, a tendência mais frequente aponta para uma gradual multiplicação desse mesmo uso - dessa mesma rentabilidade – com um efeito de tal forma impetuoso, ou no limite, monopolístico, que acaba por encobrir e conduzir à decadência toda a diversidade de outros sectores previamente existentes[114].

competição

monópolio

decadência

Segundo a mesma autora, este é um fenómeno susceptível de originar e repercutir os seus nefastos efeitos a diversos níveis de escala: desde pontos particulares de ruas onde foi atingido um patamar de diversidade e vitalidade extremo, passando pela possibilidade de afectar determinados conjuntos de ruas, ou – no caso mais extremo e gravoso – toda a extensão de um bairro ou distrito[115] (note-se que esta é a tendência mais frequente da generalidade das políticas mais comuns de zonamento periférico). No entanto, importa acima de tudo reter a forma como processos desta índole possuem a capacidade de, com diversos efeitos e causas encadeados, iniciar uma corrente de gradual desvitalização e esvaziamento. Os sistemas, ou zonas, em questão têm então tendência a verem-se abandonados pelas pessoas que os utilizavam e que deles não preteriam por outras – e bastante diversas - razões, propósitos e funções para além daquelas que se manti-

esvaziamento

[113] Como refere Jane Jacobs (1993), todos os agentes, forças e motivações relacionados com o sentido de mudança nas cidades encontram-se sempre intimamente inter-relacionados, condição igualmente partilhada com todos os outros factores envolvidos nos mesmos processos, embora de forma mais indirecta.

[114] Atente-se no que sucedeu na Avenida do Brasil, ao longo da qual a ocupação por instituições bancárias e lojas de vestuário, veio sobrepor-se a diversas actividades de pequeno comércio que aí se fixavam. Um processo semelhante pode verificar-se igualmente em torno da Rotunda da Boavista.

[115] Veja-se como se formou, alargou e perpetuou a Zona Industrial de Matosinhos/Porto.

Figura 4.27. *Coney Beach,* EUA | http://www.urban75.org

veram activas, triunfantes. Deste modo, estas zonas tornam-se tanto funcional, como visualmente, mais monótonas, menos disponíveis, eventual e inevitavelmente marginais.

marginalização

duplicação

> "These clumps of excessive duplication are the cause of the center's movement. (...) A moving downtown usually leaves, along with its clumps of excessive duplication, pockets of nothing much at all. (...) There is space here, but nothing to catalyze uses for it." [116]

Neste âmbito, é fundamental reter - para além do já referido facto de as cidades constituírem uma problemática que trata, essencialmente, de complexidade organizada – também a natureza das mais diversas especificidades dos efeitos derivantes da mesma questão.

Em primeiro lugar, reconhecer e aceitar a incontornável ordem evolutiva que explica o fenómeno da *auto-destruição* da diversidade maioritariamente como resultado da obtenção e perpetuação de crescentes níveis de sucesso (Jacobs, 1993)[117]. Depois, é pertinente constatar que, tal como foi referido, o processo de destruição em causa se constitui como uma continuidade de outros processos económicos que conduziram ao crescimento e à duplicação, sustentados por essa mesma ordem de crescente sucesso e afluência.

auto-destruição

rotatividade

No entanto, deve ressalvar-se que o aspecto competitivo e rotativo das funções e usos é, até certo ponto, uma grande qualidade no âmbito da evolução dos bairros, dos centros, das próprias cidades enquanto entidades globais e interdependentes.

> "All city diversity grows, in part at least, at the expense of some other tissue. During this growth period even some unique uses may be crowded out because they give such low economic return for the land they occupy. This we think of as salutary if the unique uses are junk yards, used-car lots, or abandoned buildings; (...) This result of economic competition for space is net increase in diversity."[118]

O problema coloca-se, portanto, ao nível da estipulação, identificação e reconhecimento do *ponto crítico* em que as vantagens que advêm deste processo são superadas - normalmente traduzidas em termos de excesso ou limitação e monofuncionali-

[116] Jacobs, J., 1993; p. 323-324

[117] Geralmente, quando um determinado uso inserido numa zona relativamente diversificada atinge níveis de popularidade/sucesso excessivamente elevados relativamente aos outros, a tendência aponta para a multiplicação ou duplicação desse mesmo uso ou actividade, dissolvendo gradualmente a diversidade em seu redor. Veja-se o que sucede na cidade do Porto, no caso da Rua do Almada, ao longo da qual emergiram e se multiplicaram os pontos de comércio relacionados com o vestuário e acessórios associados ao conceito *retro.*

[118] *Idem*; p. 328

Figura 4.28. Comercio em falência *trespassa-se*; Porto, Portugal | http://www.dn.sapo.pt

Figura 4.29. Comercio em falência, Reino Unido | http://www.news.sky.com

dade – assumindo, então, um carácter declaradamente prejudicial (Jacobs, 1993). Perante esta realidade, Jacobs identifica o problema remetendo para uma ideia de *feedback*, que normalmente é fraco, tardio, ou simplesmente inexistente, no âmbito de monitorizar e procurar controlar – na medida do benefício e do desejável - as dinâmicas em causa[119].

comunicação / feedback

Neste sentido, muito embora desejar que as cidades possuam, ou incrementem, um sistema de *feedback* verdadeiramente fiável, preciso e eficaz seja uma imposição deveras ambiciosa, importa referir algumas hipóteses que poderiam revelar-se úteis, segundo o princípio da sua praticabilidade no âmbito da natureza do meio em que se inserem.

O primeiro aspecto prende-se precisamente com certos tipos de consciência perante a questão do zonamento. Ao contrário da generalidade dos princípios adjacentes a este tipo de práticas – que visam e estabelecem, sobretudo, panormas assentes na base da conformidade –, devem objectivar-se políticas e práticas de zonamento que considerem, encorajem e fomentem a diversidade. Importa no entanto referir que, tal como todo e qualquer outro tipo ou sistema de zonamento, também as seguintes hipóteses assumem, pela sua própria natureza, um carácter supressivo (Jacobs, 1993). Um dos recursos que se pode incluir neste tipo de filosofia é, por exemplo, a imposição de controlos e limites que visem preservar – ou impedir a demolição/obsolescência – de edifícios com elevado valor histórico. Neste sentido, perante um cenário que, pela sua natureza e tempo diversos, os identifica como tal (seja ao nível das cérceas, da idade, do tipo e valor de da construção, do seu uso, etc.), procurar-se-ia manter essa mesma condição, reduzindo assim a possibilidade e a tentação de uma rápida, desenfreada e desajustada duplicação de edifícios e funções.

carácter supressivo

> "(...) zoning aimed directly at building ages and building sizes is a logical tool, because variety in types of accomodations is reflected, usually, in variety of uses and populations."[120]

Um outro aspecto de carácter defensivo relaciona-se com a determinação e a capacidade de entidades e edifícios públicos e semi-públicos se manterem firmes, estáveis e perseverantes nas suas posições e estatutos, uma vez consolidado e reconhecido o seu valor enquanto elementos potenciadores ou contribuidores para o aumento da diversidade. Esta questão poder-se-á traduzir, com o tempo, numa crescente necessidade de manutenção de valores éticos – em alguns momentos quase sacrificiais – visto que não são fenómenos novos ou inesperados aqueles que surgem a partir de crescentes

valores éticos

[119] Esta dinâmicas referem-se aos níveis de relativa oferta e procura; à forma como os mesmos são registados, transmitidos e geridos, tanto no sentido horizontal (entre as próprias comunidades e actividades), como no vertical (entre as comunidades e os organismos superiores que os controlam e gerem).

[120] *Idem*; p. 331

Figura 4.30. Baixa do Porto (São-Bento/Sé) em estado de degradação; Porto, Portugal

Figura 4.31. Baixa do Porto (Sé/Vitória) em estado de degradação; Porto, Portugal

níveis de afluência e sucesso de uma zona: a crescente valorização dos edifícios e espa-

pressão económica

ços eventualmente disponíveis; a crescente e avassaladora pressão económica[121] (Jacobs, 1993).

> "(...) public and public-spirited bodies can do much to anchor diversity by standing staunch in the midst of *different* surrounding uses, while money rolls around them and begs to roll over them." [122]

Importa, por fim, mencionar ainda um outro aspecto que deve coexistir com as referidas políticas. Trata-se da necessidade de regular de forma mais produtiva e efectiva o equilíbrio entre procura e oferta de zonas com elevados níveis de vivência, oportunidade e diversidade. Deste modo, apela-se a um maior sentido de opção, ou escolha,

competitividade

competitiva que permita, mesmo que com menores níveis de oportunidade e sucesso relativamente a outras zonas, constituir opções igual e potencialmente válidas e, como tal, exercer um efeito atractivo sobre elas próprias, tirando partido de eventuais efeitos de repulsa emergentes dos elevados níveis de sucesso e competitividade que se registam noutras zonas[123] – Jacobs (1993) refere-se a esta questão utilizando o termo "*competitive diversion*".

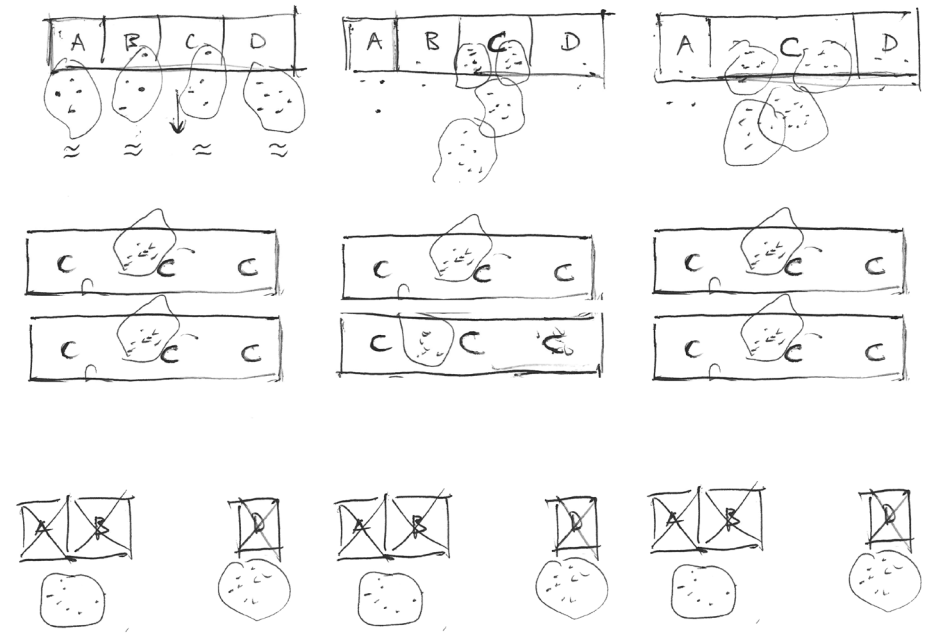
> "(...) If other localities are not far behind in opportunities and interest, however, and still others are coming along, these can offer competitve diversion from the most popular. Their pull would be reinforced by the obstacles to duplications introduced in the most popular districts, which are a necessary adjunct to competitive diversion. (...) If and when competing localities, in their turn, should become sufficiently successful to need city substitues for feedback signals, they should ask and get defenses against excessive duplication."[124]

[121] Em zonas de crescente valorização, é frequente assistir-se à substituição ou apropriação de certas funções e espaços por grupos, organizações ou actividades de mais elevado poder e retorno económico. Neste âmbito, assumem maior protagonismo funções como centros comerciais, instituições bancárias ou condomínios privados, por exemplo.

[122] *Idem*; p. 333

[123] No âmbito das relações entre agentes económicos e relativos poderes de atracção/repulsa, deve ter-se em conta a potencial *esfera de influência* de cada sector/entidade. Uma correcta avaliação/controlo da mesma influenciará tanto o poder de atracção e sucesso de cada agente, como as dinâmicas que se desenvolvem entre os mesmos e com a sociedade.

[124] *Idem*; p. 334-335



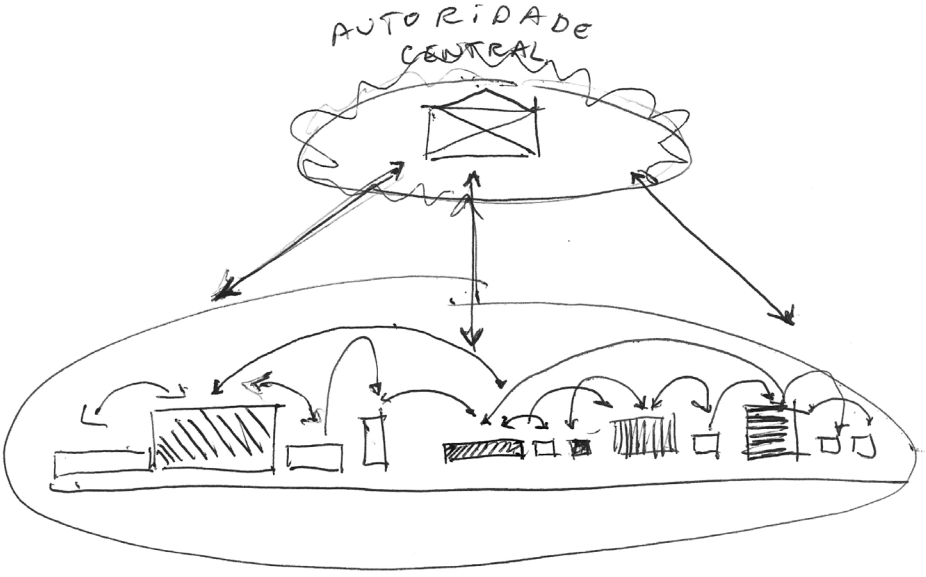


Figura 4.32. Esquema ilustrativo de um dos processos de duplicação de usos/funções

Figura 4.33. Esquema ilustrativo do sistema de comunicação e *feedback* entre organismos

Deste modo, poder-se-ia afirmar que qualquer tipo de política de zonamento acarretará consigo efeitos supressivos (Jacobs, 1993); de uma ou de outra forma limitações ao nível de eventuais potencialidades de desenvolvimento económico – e também, muitas vezes consequemente, social – das estruturas em que operam. A questão remonta novamente à necessidade de apurar e tornar mais efectiva a dialéctica entre as comunidades locais, sobre as bases de um sistema de controlo operativo que deve considerar e conjugar, tanto uma hierarquia vertical mais vocacionada para as escala globais, como um sistema de divisão horizontal, que deverá orientar de forma mais apropriada e localizada diversas realidades de menor escala, como sejam o bairro, a freguesia ou o distrito. Em termos gerais, dada a natural dificuldade que as entidades e governos globais enfrentam no processo de entender e actuar profunda, efectiva e realmente sobre a vasta multiplicidade de variações que se registam entre diversas realidades específicas, tornar-se-ia fundamental estabelecer um bom nível de coordenação entre diversos sectores e serviços no seio das mesmas.

hierarquia vertical / horizontal

> "(...) great cities must be divided into administrative districts. These would be horizontal divisions of city government but, unlike random horizontality, they would be common to the municipal goverment as a whole. The administrative districts would represent the primary, basic subdivisions made within most city agencies."[125]

Segundo esta lógica, poder-se-ia almejar, à partida de forma mais consolidada e estável, um sistema que permitisse um nível de monitorização, comunicação e decisão mais especificamente adaptado – logo, mais eficiente – que deveria assegurar uma melhor gestão dos casos de sucesso: fenómenos esses que se constituem como a principal causa da auto-destruição da diversidade, da desertificação económica, social, etc.. Será necessário (re)estabelecer uma relação de maior estabilidade e equilíbrio entre a efectiva oferta e procura de zonas diversificadas – aos mais diversos níveis e nos mais diversos sectores – interessantes e apelativas.

monitorização

oferta / procura

[125] *Idem*; p. 544-545

Figura 4.34. Passagem ou presença interdíta a pessoas | http://www.surveysuperstore.co.uk

Aqui abordam-se questões decorrentes de realidades – configurações e relacionamentos de ordem social, cultural e territorial – que se podem identificar com o desenvolvimento de certos tipos e processos de zonamento. Mesmo aqueles em que, tal como foi referido e descrito, a intencionalidade nem sempre seja previsível, cujos resultados nem sempre sejam deliberadamente estipulados ou planeados *a priori*[126].

Trata-se de procurar compreender a formação de algumas dimensões de vazio que – atentando na desejável multiplicidade e complexidade das cidades – vão espoletando e desenvolvendo de modo menos palpável ou perceptível. São realidades que, surgindo de forma mais ou menos espontânea, frequentemente possuem especificidades de diversa ordem, pelo que a sua visibilidade como sistemas problemáticos, incompletos ou pouco disponíveis resulta dificultada. De facto, em muitos destes casos – Neil Smith (1992) refere-se a uma "Nova Cidade, Nova Fronteira" –, nunca foram proporcionadas ou encorajadas as condições, os requisitos e as políticas necessárias para estabelecer o seu ponto análogo: a plenitude na diversidade. Surge então a consciência de que, apesar de existir uma qualquer base de apoio ou crescimento, poderia – e deveria – registar-se um cenário em que esses elementos, à partida primários, se pudessem apresentar, representar e desenvolver em harmonia coexistencial com outras realidades de outras áreas e quadrantes, pelos mais diversos motivos ausentes, segregadas, limitadas ou simplesmente impedidas de assim o serem.

invisibilidade

harmonia coexistencial

> "In this new century, we are facing a different kind of threat to public space - not one of disuse, but of patterns of design and management that exclude some people and reduce social and cultural diversity. In some cases this exclusion is the result of a deliberate program to reduce the number of undesirables, and in others, it is a product of privatization, commercialization, historic preservation, and specific strategies of design and planning."[127]

Antes de mais, após referências feitas à forma como certos tipos de zonamento invocam tendências de (re)agrupamento consoante factores e referentes socioeconómicos e socioprofissionais, deve atentar-se em alguns aspectos inerentes às perspectivas e motivações que os agentes envolvidos nestes processos naturalmente revelam. Tal como

(re)agrupamento

[126] Tal como sugere Edward Relph (1987), a pobreza e as desigualdades económicas/sociais não foram erradicadas, tal como desejavam os reformistas do século XIX. As mesmas - seja a situação da pobreza, como a do desemprego ou dos edifícios e actividades devolutas - apenas mudaram de forma, tornando-se cada vez menos visíveis - cada vez mais dissimuladas - no seio de uma "sociedade da abundância".

[127] Low, S., Taplin, D. & Schled, S., 2005; p. 1

Figura 4.35. *Nova Cidade* : interdiçao e rejeição, Lisboa | Vasco Gil - *fotoalternativa*

foi referido, os meios de comunicação, a difusão e homogeneização de diversos bens culturais (nos quais se incluem também aqueles de cariz social, cultural, urbanístico e arquitectónico) através de todo o mundo, possibilitam – chegando, em muitos casos, a encorajar – uma dissociação entre a realidade geográfica da vida quotidiana e o *espaço conceptual* em que agora se formam de igual modo referências de avaliação, selecção e poder (Rémy & Voyé 1994).

dissociação

> "Assim, Mac Luhan falará em «aldeia global» na medida em que informações e referências longínquas podem ser mais bem conhecidas que acontecimentos ocorridos no universo próximo."[128]

proximidade

Neste sentido, a proximidade geográfica já não se constitui de forma tão imperativa e veemente como um indicador ou garantia de proximidade social e cultural, dado que as suas vicissitudes se encontram ultrapassadas pela emergência de diversas novas formas de apropriação e controlo, que permitem, por sua vez, superar os limites ou imposições dos espaços imediatos. Deste modo, possibilita-se e impulsiona-se a instauração dos já referidos projectos individuais para além de constrangimentos meramente territoriais, supostamente específicos e próprios na sua linguagem e nos seus hábitos sociais e culturais (Rémy & Voyé, 1994).

A este propósito, deve referir-se uma forte tendência para a perda de preponderância dos modelos de *harmonia na hierarquia* – neste caso especialmente afecto às esferas sociais, que encorajaria ou permitiria situações de próxima e saudável coexistência entre diversos estratos e grupos – a favor de uma lógica de "competição pela igualdade" (Rémy & Voyé, 1994). É igualmente a partir da natureza desta premissa que surgem diversas possibilidades e processos de distinção entre o "grupo de pertença" e o "grupo de referência" (Rémy & Voyé, 1994).

competição

grupo de pertença / grupo de referência

> "O modelo cultural gera efeitos paradoxais nos agrupamentos residenciais. Uma proximidade e visibilidade demasiado grande entre grupos sociais com capacidade económica diferente, longe de aproximar, tende a multiplicar as frustrações recíprocas; os desfavorecidos sentem as suas carências, ao passo que os outros suportam mal as várias expressões de inveja. Daí podem resultar modos de agrupamento espontâneos, visando aumentar o nível de satisfação no desenrolar da vida quotidiana."[129]

[128] Mac Luhan, M (1968)*, cit.* Rémy, J. & Voyé, L, 1994; p. 87

[129] Rémy, J. & Voyé, L., 1994; p. 87-88

Figura 4.36. Zona sem espaço adequado de convivência; confrontos de uso e escala violentos e inóspitos | Vítor Cid - *fotoalternativa*

Esta situação tem, como é óbvio, repercussões de semelhante natureza ao nível do sistema de personalidade de cada indivíduo, ou até dos pequenos e restritos grupos que formam durante o processo. As tensões inerentes ao estatuto, comportamento e comunicação sociais adquirem complexidade e acrescidas dificuldades de resolução, uma vez que o indivíduo – através de diversos processos de individualização que foram anteriormente explicitados – não mais se encontra dependente de um meio social, cultural e geograficamente totalizante e interdependente. Neste sentido, o indivíduo – no âmbito da conciliação e satisfação do seu projecto individual integrado na restante sociedade – depara-se com um outro nível de exigência: uma crescente necessidade de desenvolver simultaneamente, e com sucesso, tanto o investimento pessoal que deposita nos pequenos grupos de segurança afectiva, como uma "manipulação flexível dos critérios externos de referência e dos instrumentos abstractos"[130] de que agora, mais ou menos inevitavelmente, dispõe e depende.

projecto individual

segurança afectiva

O desenvolvimento de processos desta índole encontra-se intimamente relacionado – entre outros já referidos factores, como sejam a difusão imagética e publicitária, a proliferação do *não-lugar*, a introdução de novas formas de apropriação do espaço e do poder, etc. – com a própria natureza e disponibilidade do meio construído em que frequentemente espoletam. É precisamente sobre o aspecto de eventuais debilidades ao nível da disponibilidade e diversidade económica, social e cultural do espaço público que Jane Jacobs (1993) coloca ênfase:

disponibilidade

> "When an area of a city lacks a sidewalk life, the people of the place must enlarge their private lives if they are to have anything approaching equivalent contact with their neighbors. They must settle for some form of "togetherness", in which more is shared with one another than in the life of the sidewalks, or else they must settle for lack of contact. (...) In the case of the first outcome, where people do share much, they become exceedingly choosy as to who their neighbors are, or with whom they associate at all."[131]

Neste âmbito, coloca-se em foco a relação entre o planeamento, ou as formulações morfológicas e distributivas residenciais, e os consequentes processos de adaptação e integração social que permitem ou rejeitam, tanto voluntária como involuntariamente. A este respeito, comunidades que para fomentarem e sustentarem o contacto e convivência entre vizinhança dependem de elevados níveis de equidade e homogeneidade nos estatutos sociais, económicos e valorativos dos seus agentes, são geralmente constituídas por um núcleo relativamente restrito de população com poder de escolha próprio

integração

homogeinedade

[130] *Idem*; p. 91

[131] Jacobs, J., 1993; p. 82

Figura 4.37.Espaço interditado : processo de *gentrificação* | http://www.blog.seattlepi.com

Figura 4.38. Protestos contra a demolição das torres do Aleixo| http://aeiou.expresso.pt

– uma classe média-alta (Jacobs, 1993). No entanto, a maioria das soluções que visam satisfazer esta questão apenas resolvem um problema relativamente simples, sobre uma população relativa e igualmente simples (no que respeita as dinâmicas que representa, tanto ao nível económico como social, no seio de uma comunidade inteira, global). Assim, este sistema não se demonstra tão efectivo – Jacobs refere mesmo que não funciona – quando a população em questão diverge desses mesmos parâmetros.

> "The more common outcome in cities, where people are faced with the choice of sharing much or nothing, is nothing. In city areas that lack a natural and casual public life, it is common for residents to isolate themselves from each other to a fantastic degree. If mere contact with your neighbors threatens to entangle you in their private lives, or entangle them in yours, and if you cannot be so careful who your neighbors are as self-selected upper-middle-classe people can be, the logical solution is absolutely to avoid friendliness or casual offers of help."[132]

Processos e atitudes deste género, deve dizer-se, raramente têm origem de forma casual ou isenta de intencionalidades concretas, previamente impostas sobre o território e correspondente natureza da estrutura edificada –, tanto no seu aspecto urbanístico, como nos valores económicos e sociais que procuram representar. No subcapítulo anterior abordaram-se diversas consequências que os processos de zonamento repercutem sobre a morfologia física, funcional e valorativa das unidades que visam compôr ou qualificar; um processo nomeada e assumidamente de carácter segregador. É deste modo, aliás, que Alison Ravetz (*cit*. Relph, 1987) denomina os resultados colectivos desta excessiva sectorização: "a cidade segregada". Existem no entanto, para além das já referidas implicações de ordem física, funcional e económica, diversos factores de índole social e cultural que, em certo sentido, se identificam como potenciadores de uma semelhante tendência segregadora.

cidade segregada

Neste sentido, deve referir-se uma outra realidade que advém essencialmente da falta de oportunidades – ou da imposição de oportunidades demasiadamente tipificadas e unidireccionais –, controlos e políticas de gestão da diversidade social e cultural: um processo identificado por diversos autores como "*gentrification*" (Jacobs, 1993; Smith, 1992; Low, Taplin & Scheld, 2005). Na sua essência, esta problemática identifica-se como um conflito entre grupos, classes ou níveis socioeconómicos (Smith, 1992) resultante de diversas intenções (ou imposições) de renovação, transformação, ou adaptação urbanística e social; um processo de abolição de uma eventual e enriquecedora heterogeneidade a favor de um quadro social e económico doravante mais homogéneo[133].

gentrification

[132] *Idem*; p. 85

[133] Veja-se, por exemplo, os sinais de revolta e conflito que surgiram após manifestas as intenções de demolir as torres do Aleixo, no Porto, expropriando os seus habitantes, no âmbito de ocupar aqueles terrenos com novos blocos de apartamentos, do tipo condomínio privado de "luxo".

Figura 4.39. Vista das torres do bairro do Aleixo | http://www.skyscrapercity.com

Figura 4.40. Jardim de São Lázaro, Porto | http://www.jpr.icicom.up.pt

> "Relinquished to the working class, abandoned to the poor and unemployed amid postwar suburban expansion, reconfigured as reservations for racial and ethnic minorities, the terrain of the inner city is suddenly valuable again, perversely profitable. Gentrification represents a geographical, economic, and cultural reversal of postwar urban decline and abandonment. (...) "neighborhood recycling" or the more celebratory 'revitalization' (...)"[134]

Deste modo, assiste-se geralmente ao desenvolvimento de um círculo progressivamente vicioso de políticas e atitudes de carácter defensivo. Fomentam-se, por um lado, diversas atitudes, decisões e formulações que tendem para a segregação e exclusão social enquanto, por outro, uma crescente e inerente necessidade de criar processos de (re) agrupamento e investidas alternativas, de carácter mais ou menos espontâneo ou hostil. Para além das óbvias transformações que estes processos implicam ao nível dos indíviduos e dos grupos que os mesmos vão naturalmente integrando (recorde-se a crescente flexibilidade e volatilidade no âmbito das relações entre *grupo de pertença* e *grupo de referência*), constituem-se também acrescidas as implicações sobre os parâmetros da *competição pela igualdade*.

exclusão

hostilidade

> "Gentrification is widely scripted in the media as a struggle to conquer and civilize the urban frontier. As the real-estate industry pushes new development and rehabilitation into existing neighborhoods, threatened areas mount a militant defense of home and community. In London's Notting Hill, for example (...) - this is a clear "front line" between a gentrified zone on the one side and a diverse working-class community on the other."[135]

Neste sentido, não somente se amplia o distanciamento relacional entre classes e culturas diversas, como se multiplicam, quase sempre de forma consequente, os casos de desenvolvimento de núcleos social, física e culturalmente segregados, frequentemente com conotações socialmente indesejáveis e/ou proibitivas. São disto exemplo os bairros de habitação precária - *slums* (Jacobs, 1993), como o denominado *bairro 6 de Maio*, na periferia de Lisboa, alguns bairros sociais (o *bairro do Aleixo* e o *bairro do Cerco*, no Porto, são apenas dois entre muitos exemplos) e diversos espaços públicos apropriados e frequentados por uma classe ou sector dominante[136], etc..

marginalização

[134] Smith, N., 1992; p. 64

[135] *Ibidem*

[136] Veja-se o exemplo do Jardim de São Lázaro, no Porto: gradeado, hoje encontra-se regularmente vazio ou frequentado quase exclusivamente por grupos de pessoas reformadas e outras que têm como ocupação a prostituição.

Figura 4.41. Cidade e Natureza : morfologias diversas | Rui Vaz - *fotoalternativa.net*

> "The tolerance, the room for great differences among neighbors - differences that often go far deeper than differences in color - which are possible and normal in intensely urban life, but which are so foreign to suburbs and pseudosuburbs, are possible and normal only when streets of great cities have built-in equipment allowing strangers to dwell in peace together on civilized but essentially dignified and reserved terms."[137]

Com a difusão e o desenvolvimento deste tipo de políticas urbanísticas e sociais, nomeadamente os espaços de carácter mais amplo, como parques e praças urbanos, são então, frequentemente eleitos como esfera privilegiada para uma derradeira demonstração metafórica de firmeza e poder (Smith, 1992). Neste prisma, que será devidamente desenvolvido no último capítulo deste trabalho, deve ser colocado ênfase no próprio sentido histórico – social e culturalmente significativo – desseas mesmas esferas públicas; na forma como o seu significado tem vindo a ser subvertido, superficializado ou aniquiliado. Tal como refere Roland Barthes, "o mito é constituído pela perda da qualidade histórica das coisas"[138], pelo que se pode depreender que, quanto maior for a separação dos eventos relativamente à sua geografia natural, maior será o poder da mitologia e igualmente mais *cliché* se tornarão as paisagens geográficas que expressam e são expressas através do fenómeno mitológico.

manifestação de poder

mito

> "Nature too is rescripted in the new city. The frontier myth - originally engendered as an historicization of nature - is now reaplied as a naturalization of urban history. (...) In affirming the connection with nature, the new city denies its social history, the struggles that made it."[139]

Tendo em consideração, de igual modo, o gradual desenvolvimento das oportunidades e possibilidades invocadas por crescentes níveis de globalização, devem considerar-se novos e múltiplos factores nas sociedades urbanas: mais imigrantes, novos usos do espaço público – nomeadamente dos parques e praças –, menos fundos públicos para intervenção e manutenção e um sistema mais partilhado das responsabilidades gestoras com entidades privadas (Low, Taplin & Scheld, 2005).

globalização

Neste sentido devem introduzir-se e tomar-se em consideração as noções de sustentabilidade social e cultural. David Trhosby (*cit*. Low, Taplin & Scheld, 2005) estabelece um estreito paralelismo entre os *ecossistemas naturais*, que apoiam e preservam um estado de *equilíbrio natural*, e os *ecossistemas culturais*, que desempenham a mesma função

sustentabilidade

ecossistema natural

ecossistema cultural

[137] Jacobs, J., 1993; p. 95

[138] Barthes, R., *cit*. Smith., N, 1992; p.69

[139] Smith, N., 1992; p.73

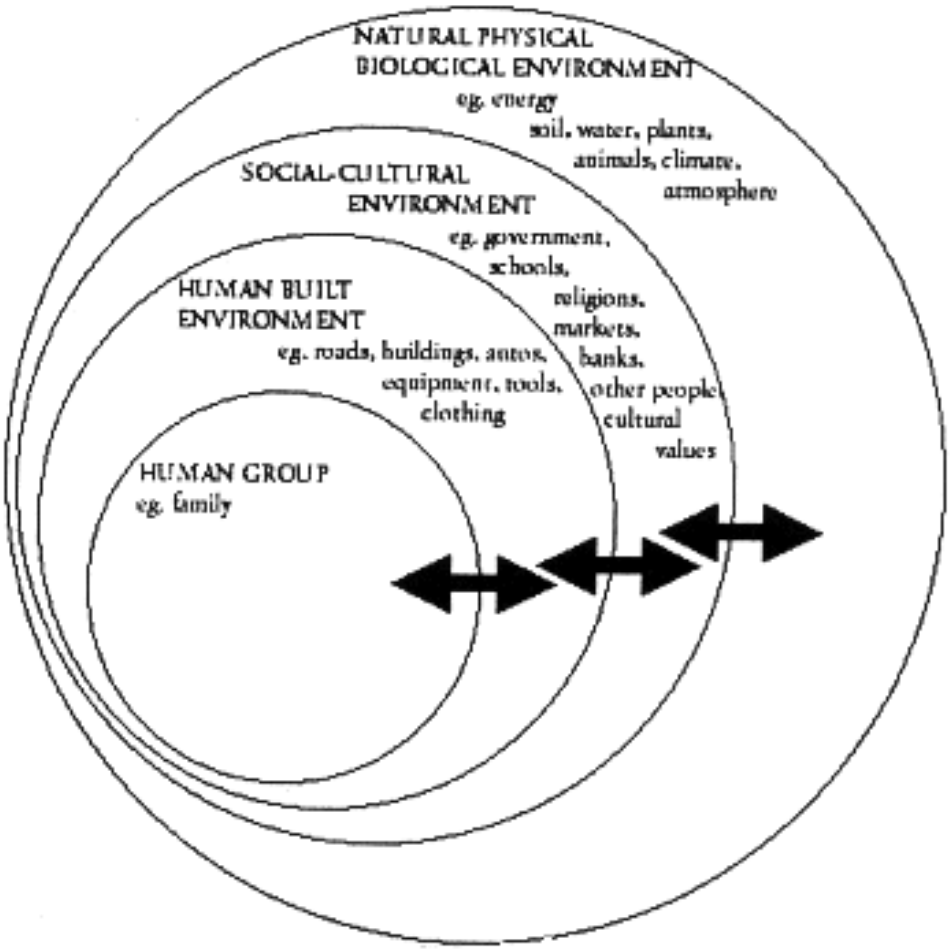


Figura 4.42. Esquema representativo dos principais elementos que constiuem e condicionam o *ecossistema humano*, Bubolz & Sontag | http://www.aifs.gov.au

no âmbito das vivências culturais e da civilização humana. A noção de sustentabilidade social apresenta-se, então, como um subtipo da sustentabilidade cultural, activamente representativa das necessidades de manutenção e preservação das relações e significados sociais que fortalecem os sistemas culturais. Assim, a noção de sustentabilidade social refere-se especificamente à manutenção e ao enaltecimento das diversas Histórias, valores e relações ostentadas e desenvolvidas pelas populações contemporâneas.

> "It is a common condition in multicultural societies in which inclusiveness is determined by a group's proximity to political and economic power. Despite the development of pluralist societies, heritage - and many other aspects of the landscape and built environment - often reflects only the dominant culture."[140]

valores éticos
responsabilização

Segundo estes parâmetros, deve ainda aludir-se novamente à preponderância da noção de ética, essencialmente no sentido de a mesma traduzir os valores culturais em acções, tal como referem Chris Johnston & Kristal Buckley (*cit*. Low, Taplin & Scheld, 2005). Neste âmbito, os valores e parâmetros éticos devem intensificar-se e complexificar-se de modo a permitir tanto a responsabilização individual, como a minimização de efeitos negativos – descriminação, segregação, etc. – segundo a especificidade social, cultural e histórica dos contextos e situações com que se deparam. É precisamente segundo estas capacidades de adaptação, compreensão e inclusão, que se poderá almejar o fortalecimento e o desenvolvimento da sustentabilidade social e a sua íntima relação com a História, os valores, as representações culturais e a crescente multiplicidade de padrões de vivência e uso, a longo-prazo.

| 4.5. Vazios intencionais : dos valores intencionais às discretas lacunas

Este subcapítulo debruça-se sobre uma outra dimensão de *vazio*: espaços ou elementos de cáracter físico, social e economicamente limitativo, que potenciam a formação de manchas fronteiriças inevitavelmente segregadoras. No entanto, dado que algumas das repercussões de ordem social e cultural foram previamente abordadas, esta secção do trabalho concentrar-se-á primordialmente nos efeitos e limitações de ordem física e funcional que estes elementos exercem sobre si próprios, bem como, mais determinantemente, sobre as dinâmicas urbanas que os circundam.

[140] Low, S., Taplin, D. & Scheld, S., 2005; p. 13

Figura 4.43. Estação ferroviária abandonada, Michigan, EUA | http://archiculturefilm.com

Figura 4.44. *Norteshopping* e zonas circundantes, Matosinhos | http://anaicrem.com

> "Massive single uses in cities have a quality in common with each other. They form borders, and borders in cities usually make destructive neighbors."[141]

No âmbito destas realidades – como são, a título de exemplo, as vias férreas, frentes marítimas ou fluviais obstruídas, pólos universitários, vias rápidas, alguns centros comerciais, parques de estacionamento de larga escala, etc. – importa procurar compreender e reter os principais motivos pelos quais frequentemente propiciam, embora nem sempre esteja implícito ou patente um estado de degradação física, uma tendência para a estagnação. Estagnação essa que precede, quase invariavelmente, o início de processos de degradação e abandono generalizados (Jacobs, 1993).

estagnação
abandono

> "The root trouble with borders, as city neighbors, is that they are apt to from dead ends for most users of city streets. They represent, for most people, most of the time, barriers."[142]

fronteiras
vazio
desertificação
afluência
passividade

Estes elementos limítrofes, ou fronteiriços, exercem, portanto, uma tendência para espoletar e perpetuar *vazios*, ou "vácuos" – como os denomina Jacobs (1993) – funcionais nas ruas e restantes espaços e organismos urbanos que os circundam. Como tal, assiste-se geralmente a um processo de desertificação que se alastra, consequentemente, às diversas realidades circundantes – um pouco à imagem do que sucederia relativamente aos efeitos económicos decorrentes de uma excessiva singularização de usos e funções (subcapítulos 4.2 e 4.3). Uma vez que a afluência de pessoas que utilizam os espaços imediatamente contíguos aos limites em causa será extremamente reduzida (a casualidade e os objectivos da sua presença ou passagem encontram-se condicionados pela própria limitação das funções existentes), também as ruas adjacentes às mesmas registam essa fragilidade, uma vez que apenas serão utilizadas como local obrigatório de passagem pela ligeiríssima afluência que se dirija até aos já referidos limites, que se encontram para além das mesmas. Consequentemente, verifica-se um alargamento de escala do problema, espoletando um ciclo de passividade e simplificação funcional que, quanto menor o grau de intensificação, diversidade e fluxo de usos e pessoas, mais se alastrará para além dos já referidos "becos sem saída".

fluxos

Esta questão adquire especial relevância, sublinhando-se serem precisamente os fluxos contínuos e diversificados de pessoas – a diferentes horas do dia e com propósitos igualmente diversos – que primordialmente contribuem para que se percepcione um sentido de segurança nas ruas. É igualmente este, aliás, o principal factor que fomenta o

[141] Jacobs, J., 1993; p. 336

[142] *Idem*; p. 338

Figura 4.45. Obstáculo urbano: via férrea sobre-elevada e estação ferróviaria, Lisboa | Alberto Monteiro - *fotoalternativa*

desenvolvimento de elementos de diversidade secundária. É esta, também, a forma mais natural e equilibrada para encorajar a constituição de unidades urbanas coesas e interdependentes, sobrepondo-se assim à infeliz casualidade de se perpetuarem como meros fragmentos, ou pequenos núcleos, em constante estado de isolamento e segregação.

> "(...) by oversimplifying the use of the city in one place, on a larger scale, they tend to simplify the use which people give to the adjoining territory too, and this simplification of use (...) feeds upon itself. The more infertile and simplified territory becomes for economic enterprises, the still fewer the users, and the still more infertile the territory."[143]

De acordo com Jacobs, no livro que se tem vindo a referenciar, poder-se-ia classificar, em termos gerais, áreas ou extensões urbanas em dois tipos distintos. O primeiro tipo,

general land

que a autora denomina de *"general land"*, incita e serve uma utilização pública de carácter pedestre, livre, regida por motivações e escolhas reais e objectivas entre os cidadãos. Neste tipo de realidade espacial concentram-se exemplos como ruas com programa e oferta variada, praças, diversos parques de pequena escala, galerias abertas – públicas – de edifícios em contacto e estados de utilização directos com outros arruamentos, etc..

special land

A segunda realidade espacial aqui em foco – "*special land*" – não é geralmente passível de ser elegida ou efectivamente utilizada pelos cidadãos pedestres. Quer se apresente construída ou não, quer seja de carácter público ou privado e fisicamente acessível, raramente é utilizada e/ou dinamizada pelas pessoas.

> "The point is that people walk around it, or alongside it, but not through it."[144]

Neste sentido, o segundo tipo de realidade espacial urbana – vulgo *vazio urbano*

obstáculo geográfico

– apresenta-se sempre como um obstáculo geográfico, seja pelo seu estado de inacessibilidade ou, de igual modo, pela falta de produtividade, oportunidade e interesse que representa para as pessoas - potenciais utilizadores e dinamizadores do mesmo. Assim, deve dizer-se que, muito embora os sectores de cidade que aqui se denominam como "*special land*" não raras vezes contribuam para a utilização/dinamização dos outros espaços e esferas urbanas (através da contribuição de pessoas que neles habitam ou trabalham), ambas as realidades concorrem para a circulação de pessoas pelas cidades. No

[143] *Idem*; p. 338-339

[144] *Idem*; p. 343

Figura 4.46. Zona devassada pelo *espaço móvel*, Lisboa | Alberto Monteiro - *fotoalternativa*

conflituosidade

entanto, regista-se sempre um certo grau de conflituosidade – ou tensão – nas relações que entre os dois se desenvolvem. Existe sempre uma dualidade quantitativa e qualitativa no papel desempenhado pelos sectores de carácter "especial", com menos impulso e oportunidade de regeneração e diversificação: por um lado, contribuem significativa e positivamente para a utilização e dinamização das áreas e terrenos de carácter comum, mais geral. Por outro, interferem simultaneamente no funcionamento desses mesmos processos de utilização e usufruto. Neste aspecto, reporta-se mais uma vez à noção de equilíbrio, escala e frequência com que as realidades de carácter menos activo espoletam e interferem no funcionamento das restantes.

regeneração

> "The general land can absorb and elide most of the effects of special-land dead spots, especially when these are physically small in scale. Variations in intensity of the special land's give-and-take with the general land are needed, because smal quiet spots and crescendos of busy spots are necessary results and aspects of street and district diversity."[145]

No entanto, a forma como se processa e estabelece a relação entre estes dois tipos de realidade oscila entre extremos: de um estado de equilíbrio positivo, no qual se assiste à contribuição de uma para a outra normalmente através da fixação e do fluxo de pessoas que entre elas vão sendo distribuídas, até ao extremo mais prejudicial, no qual a tensão entre as duas vertentes não é facilmente amenizada ou compensada, tornando-se os casos de áreas "especiais" um imenso e intransponível obstáculo – tanto físico, como funcional.

decadência / esvaziamento

Os elementos fronteiriços de grande escala, monofuncionais ou simplesmente sem função aparente, para além de potenciarem o esvaziamento e decadência das zonas urbanas circundantes, constituem-se altamente segregadores, estilhaçando a desejabilidade e a produtividade que adviria da união e das relações de proximidade, favorecendo a perpetuação de pequenos – e isolados – fragmentos urbanos. Exemplifique-se a forma como podem dividir os bairros que ladeiam as barreiras físicas em causa[146], estabelecendo assim um tremendo contraponto à função desempenhada por outros elementos, como praças ou parques urbanos – que normalmente servem a função de aglutinação e mistura de pessoas que se encontrem em seu redor - inclusive em extremidades opostas –, enquanto território privilegiado para a união . A mesma lógica é aplicável às *ruas tradicionais,* que podem em alguns casos ser consideradas barreiras (note-se que a escala e os

divisão

aglutinação

rua

[145] *Idem*; p. 344

[146] Atente-se na disparidade ao nível da diversificação funcional, social e económica que existe em Espinho entre o bairro social/piscatório, a oeste da via férrea, e a zona central da cidade, do lado oposto da mesma. Um efeito semelhante verifica-se no Porto, quando comparados o estado e os níveis de diversidade e dinamização das extensões para cada lado da estação férrea de Campanhã. Outros exemplos deste tipo de efeito encontram-se visíveis junto à estrada Marginal (N6), nomeadamente nas zonas do Dafundo, Algés e Alcântara.

Figura 4.47. Anonimato e *espaço móvel*, Lisboa | Alberto Monteiro - *fotoalternativa*

usos associados a esta concepção são fundamentais – trata-se aqui do conceito de arruamento urbano, visto que do conceito de *estrada*, por exemplo, adviria toda uma concepção diversa – oposta, até – sobre as suas repercussões nestes aspectos). No entanto, a sua função agregadora sobre o território, respectivos usos e utilizadores deve sobrepor-se, em larga escala, a eventuais causas e efeitos segregadores que podem constituir.

estrada

> "Quando um bairro se encontra bem diferenciado nas suas diversas partes, pode revelar ligações com outras características urbanas. Neste caso, o limite deve ser penetrável: uma «costura», não uma barreira. (...)"[147]

Existem, porém, situações em que estes obstáculos, cujas consequências são geralmente nefastas, nem sempre se traduzem dessa mesma forma, com um carácter depreciativo e degenerativo no âmbito de uma boa percepção e desenvolvimento das morfologias e vivências urbanas. Se, por exemplo, as localidades que se encontrem inevitavelmente segregadas por um ou mais elementos desta natureza possuirem por si só uma escala, nível de diversidade (tanto de esferas económicas e socais de uso, como de pessoas) e um grau aceitável de independência na forma como gerem esses factores, eventuais elementos obstrutivos poderão traduzir-se em algo frutífero. Por este prisma, tais elementos identificar-se-iam como evidentes e importantes pontos de referência, contribuindo para clarificar – ou intensificar – a imagem e os limites da cidade e, consequentemente, os sentidos de orientação através dos quais a maioria das pessoas percepcionaria a vasta realidade em causa como um verdadeiro *lugar* (Jacobs, 1993)[148].

escala

pontos de referência

Muitos dos efeitos devastadores destas barreiras podem, portanto, ser amenizados ou gradualmente adaptados de modo a assumirem um carácter mais permeável e comunicativo com a envolvente. Em alguns casos, como algumas praças, parques ou bairros urbanos, poderia ser amenizado o efeito de barreira caso se deslocassem, introduzissem ou reproduzissem nos seus limites alguns dos usos e elementos que normalmente se concentram dispersos no seio dos mesmos (cafés, parques infantis, etc.). Habitualmente demasiado distantes e segregados dos espaços urbanos que os enquadram, tornar-se-iam assim elementos fundamentais de ligação e transição entre estas realidades e o meio urbano circundante (Jacobs, 1993).[149]

permeabilidade

transição

Também no que concerne a edifícios ou complexos de grande escala, como, a

escala

[147] Lynch, K., 2009; p. 108

[148] Atente-se, por exemplo, na forma como as muralhas e os torreões que circundavam as cidades medievais constituiam, para além de um elemento fronteiriço, um ponto de referência claramente indicador da sua presença, delimitação e contenção como unidade independente e relativamente autónoma. Ou mesmo no papel desempenhado pelo *Arche de la Défense*, que se constitui como um imponente ponto de referenciação relativamente a um dos limites do centro consolidado de Paris.

[149] Esta questão - especificamente incidente sobre a hipótese dos parques urbanos se constituirem como um elemento detractor, segregador ou impeditivo - será revisitada e desenvolvida no último capítulo do trabalho, com recurso ao estudo exploratório sobre o Parque da Cidade do Porto.

Figura 4.48. Publicidade e *espaço móvel*, Lisboa | Alberto Monteiro - *fotoalternativa*

título de exemplo, os pólos universitários, dever-se-ia adoptar uma disposição física dos elementos de cariz – ou interesse – público que fomentasse o seu contacto mais próximo e directo com as esferas urbanas circundantes, em detrimento da criação de barreiras ou limites demasiadamente pronunciados e distintivos. Tal poderia ser conseguido através da sua colocação ou distribuição em pontos estratégicos ao longo do seu perímetro. A *New School for Social Research* em Nova Iorque, por exemplo, adoptou esta estratégia, construindo um novo edíficio no perímetro do seu *campus:* uma biblioteca aberta ao público que estabelece e fortalece a relação do mesmo com a rua adjacente e, consequentemente, com o restante meio urbano (Jacobs, 1993).

limite / perímetro

No caso das frentes de água – normalmente acompanhadas por superfícies construídas demasiadamente extensas e, em muitos casos, física e visualmente impenetráveis – seria igualmente conveniente encarar a própria costa, e respectiva frente urbana, com toda a diversidade, potencial e interesse inerente aos elementos que normalmente aí se encontram, ou podem desenvolver[150] – como uma forte possibilidade de *suturação* relacional com a restante cidade.

suturação

> "Such stretches should be penetrated by small, and even casual, public openings calculated for glimpsing or watching work and water traffic. (...) Penetrations into working waterfronts need to be righ where the work (loading, unloading, docking) goes on to either side, rather than segregated where there is nothing much to see. Boating, boat visiting, fishing, and swimming where it is practicable, all help make a seam, instead of a barrier, of that troublesome border between land and water."[151]

Existem, no entanto, casos em que é inútil – ou simplesmente impraticável – procurar transformar barreiras em *costuras*; as vias rápidas e as suas características pontes e viadutos são apenas um exemplo destes casos. No sentido de minimizar, ou combater, os efeitos devastantes de *vazio* induzidos pela escala e natureza destes elementos, dever-se-ia procurar criar e/ou reunir, nas áreas circundantes, diversos factores e elementos que possuam suficiente poder de *contraposição* relativamente aos mesmos. Embora os efeitos destas medidas possam não acarretar ou garantir a intensidade e diversidade de uso até à fronteira propriamente dita, poderão certamente contribuir para confinar, ou controlar minimamente, as lacunas e as dimensões de *vazio* resultantes dos elementos em causa a uma esfera espacial de influência mais reduzida (Jacobs, 1993).

contraposição

Dada a necessidade acrescida de se constituirem atractivas, perante a constante iminência de se tornarem debilitadas devido à presença dos elementos froneiriços, na constituição destas forças contrapositoras seria imperativo acentuar os níveis de densidade e diversidade de concentração de pessoas e usos.

[150] Desde actividades portuárias, à pesca, desportos náuticos, zonas balneares, passeios marítimos, cafés e restaurantes, esplanadas, zonas recreativas e desportivas, etc.

[151] Jacobs, J., 1993; p. 350-351

Figura 4.49. Barreiras físicas e anonimato, Lisboa | Alberto Monteiro - *fotoalternativa*

> "(...) population concentration ought to be made deliberately high (and diverse) near borders, (...) blocks close to borders should be especially short and potential street use extremely fluid, (...) mixtures of primary uses should be abundant; so should mixtures in age of buildings."[152]

Blocos de habitação, pavilhões, auditórios, edifícios de carácter governamental, escolas, a maioria da indústria urbana e todos os tipos e escalas de comércio, funcionam melhor de forma conjugada – como partes da própria fabricação intricada e diversificadamente mesclada que são, por natureza, as cidades. Quando alguns ou, no caso extremo, todos estes elementos são deslocados e retirados do conjunto e isoladamente dispostos sob a forma de grandes unidades monofuncionais, geralmente passam a constituir-se como barreiras ou fronteiras. Acrescidamente, ao serem retiradas do seio de outros elementos de diversidade urbana, traduzem-se num decréscimo de recursos e possibilidades de que dispõem esses seios para a criação de forças contrapositoras (Jacobs, 1993).

monofuncionalidade

No entanto, é precisamente uma filosofia de dissolução e afastamento que se identifica como uma das tendências no seio das cidades contemporâneas. Aquela que Trevor Boddy (1992) denomina como a emergência de uma "cidade análoga": a suburbanização dos centros urbanos.

cidade análoga

> "Streets are as old as civilization, and more than any other human artifact, have come to symbolize public life, with all its human contact, conflict and tolerance. (...) downtown streets are now subject to attack, a slow, quiet, but nonetheless effective onslaught underground and overhead, by glittering glass walkways above streets, or tiled tunnels beneath them."[153]

A proliferação de realidades desta índole coloca novamente em foco a problemática da segregação funcional e social: a imposição de uma forte tendência à monitorização, controlo e restrição relativamente às dinâmicas e tipos de utilização/frequência que visam permitir e fomentar[154]. Neste sentido – e embora frequentemente de forma relativamente dissimulada – estas esferas espaciais assumem o carácter de propriedade predominantemente privativa. Esta é uma barreira, ou fronteira, cujos limites se estabelecem para além do físico - a partir das quais apenas se poderá usufruir consoante a verificação de um perfil

controlo / restrição

[152] *Idem*; p. 351

[153] Boddy, T., 1992; p. 123

[154] A frequência a um centro comercial, por exemplo, é sempre controlada e condicionada à entrada, segundo determinados parâmetros. Tal como são também os tipos de actividade, comportamento ou relação desenvolvidos no seu interior, tanto com recurso directo a seguranças, como a uma constante vigilância através de cameras de recolha de imagens.

Figura 4.50. Imagem do filme *Metropolis,* de Fritz Lang | http://khiasma.blogspot.com

Figura 4.51. *Cidade análoga*: projecto de Steven Holl, Pequim |http://khiasma.blogspot.com

adequado às mesmas –, uma identidade e um conjunto de parâmetros que se coadunem com o sistema vigente.

> "We are inside, contained, separate, part of the system, a consumer, a peruser, a cruiser - membership has its privileges."[155]

Elementos como grandes superfícies comerciais (*shopping centers*), grandes complexos, feiras culturais, ou até as já referidas vias e nós de trânsito de circulação a alta velocidade, representam barreiras que ultrapassam a mera imposição ou limitação física, transpondo as suas condicionantes, através dos respectivos sistemas de controlo e condicionamento, directamente para as esferas sociais e económicas. Tal como refere Trevor Boddy (1992) existe uma significativa amplitude de razões para justificar os efeitos de ordem urbanística e social que derivam das emergentes realidades paralelas de acessos e ligações. Em termos gerais, estas realidades aceleram processos de estratificação e segregação de classe socioeconómica enquanto, simultânea e paradoxalmente, contribuem para a degradação e um crescente estado de obsolescência da amenidade, segurança e natureza ambiental e vivencial das realidades que supostamente substituem e "remedeiam": o espaço público – nomeadamente, a rua e o espaço público tradicional.

estratificação

obsolescência

> "(...) downtown streets are the last preserve of something approaching a mixing of all sectors of society, their replacement by the sealed realm overhead and underground has enourmous implications for all aspects of political life. Costitutional guarantees of free speech and of freedom of association and assembly mean much less if there is literally no peopled public space to serve as a forum in which to act out these rights."[156]

> People now say they're "never going shopping downtown in winter" in exactly the same tone they use to say they're "never going into that neighborhood anymore".[157]

Deste modo, já não são apenas diversas zonas dos centros urbanos que apresentam um carácter hostil a serem evitadas [seja pela adversidade de condições meteorológicas – atmosféricas –, pela poluição, pela insegurança ou crime (Boddy, 1992)]. De igual modo, com causas e efeitos semelhantes aos que foram referidos relativamente a outros elementos de carácter obstrutivo no início deste subcapítulo, os espaços urba-

obstrução

[155] Boddy, T., 1992; p. 123

[156] *Idem*; p. 125

[157] *Idem*; p. 139

Figura 4.52. Torre de escritórios e Centro Comercial *Cidade do Porto,* Porto

nos de carácter público que circundam estes grandes núcleos comerciais, empresariais ou institucionais, podem assumir-se também como espaços indesejáveis, hostis e ameaçadores, gradualmente abandonados e desertificados, enquanto os *análogos* espaços interiores – protegidos e seguros – assumem cada vez mais protagonismo. Como um refúgio dos elementos que constituem o clima natural e, mais determinantemente, daqueles de índole social.

> "In the current environment of drugs, crime, and festering race relations, "being inside" becomes a powerful symbol for being protected, buttressed, coddled, while "being outside" evokes exposure, isolation and vulnerability."[158]

disponibilidade

desorientação

Neste sentido, para além dos factores de carácter condicionador e/ou obstrutivo no que concerne à disponibilidade social e aos restritos códigos de utilização que regem e representam estas realidades, deve-se também enfatizar a forma como a sua relativa *alienação* do contexto urbano circundante facilmente fomenta e amplia as noções de desorientação (são quase sempre vastas superfícies, enclausuradas e voltadas para si próprias, com escasso ou mesmo nulo contacto explícito com o exterior: veja-se como tal sucede, a título de exemplo, na galeria comercial *Península*, no centro da cidade do Porto).

> "Planners and critics in both cities argued that without at least periodic visual connection to the sun or to conventional streets, disorientation is a real problem in the new analogous city, not soluble through design alone."[159]

É precisamente a partir deste ponto que se constatam as semelhanças entre os mais diversos elementos que constituem a génese da *cidade análoga* e os efeitos gerados por outros elementos de grande escala que têm vindo a ser abordados neste subcapítulo. Poder-se-á dizer que todos contribuem para a perpetuação do fenómeno "ilha isolada" (Boddy, 1992). A circunstância da rede de ligações aéreas e subterrâneas que caracteriza a *cidade análoga* pode identificar-se como uma realidade acrescidamente prejudicial, uma vez que não se constitui apenas como uma fronteira física, socio-económica ou até política, mas que procura também concentrar e substituir para e em si própria, de forma artificializada e condicionada, todos os elementos da *cidade tradicional*.

[158] Boddy, T., 1992; p. 139

[159] *Idem*; p. 148-149

Figura 4.53. Edifício de escritórios e galeria comercial *Península*, Porto

Assim, identificar-se-ia o alargamento das esferas exclusivamente afectas ao indivíduo e a determinados grupos restritos, que procuram quase sempre dissociar-se do todo que são as sociedades e o seu espaço urbano convencial, como principal agente activo no processo de multiplicação das dimensões do *vazio* nas cidades. Do automóvel, aos espaços de circulação do trânsito solitário a alta velocidade, passando pelo incontornável desejo pela simulação, a *cidade análoga* – na qual será indispensável incluir um parque de estacionamento subterrâneo e privativo – representa apenas um alargamento de escala destas tendências: o resultado de um círculo vicioso assegurado pelo conforto, movido pelo distanciamento dos constrangimentos geográficos, culturais e sociais, complementado pela incomplementariedade com que vai *presenteando* as ruas, praças, jardins, parques, e todos os sistemas que dos mesmos dependem.

Neste âmbito, perante a preocupante e generalizada tendência para a aceitação e adesão a políticas urbanas e sociais desta ordem, Trevor Boddy (1992) sugere a forte necessidade de fazer re-emergir a essência coexistencial – a aleatoriedade, a fricção, o inesperado – da rua ou, de um modo geral, do espaço público *tradicional*.

coexistência

> "A zone of coexistence, of dialogue, of friction, even, is necessary to a vital urban order; either we must return to the streets, or the analogous city must become more like the real city and the real streets from whence it came. (...) To do less is to accept a substitute, to live an analogue."[160]

[160] *Idem*; p. 152-153

“Agora vou falar da cidade de Zenóbia que tem esta coisa admirável: embora situada em terreno seco, surge sobre altíssimas palafitas, e as casas são de bambu e de zinco, com muitos poleiros e varandas, postas a diferentes alturas, em andas que se sobrepõem umas às outras, ligadas por escadas de madeira e passeios suspensos, transpostas por miradouros cobertos de alpendres em cone, barricas de depósitos de água, girândolas cataventos, e sobressaem roldanas, linhas de pesca e gruas.

Qual necessidade ou ordem ou desejo terá impelido os fundadores de Zenóbia a dar esta forma à sua cidade, ninguém se recorda, e por isso não se pode dizer se terá sido satisfeito pela cidade tal como nós hoje a vemos, crescida talvez por sobreposições sucessivas a partir do primeiro e agora indecifrável desígnio. Mas a verdade é que quem habita Zenóbia se lhe pedirem que descreva como veria ele a vida feliz, é sempre uma cidade como Zenóbia que imagina, com as suas palafitas e as suas escadas suspensas, uma Zenóbia talvez toda diferente, toda desfraldada de estandartes e de faixas, mas obtida sempre combinando elementos daquele primeiro modelo.

Dito isto, não vale a pena determinar se se deve classificar Zenóbia entre as cidades felizes ou entre as infelizes. Não é nestas duas espécies que faz sentido dividir a cidade, mas noutras duas: as que continuam através dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos ou conseguem aniquilar a cidade ou são eles aniquilados.”[161]

[161] Calvino, I., 1990; p. 37-38

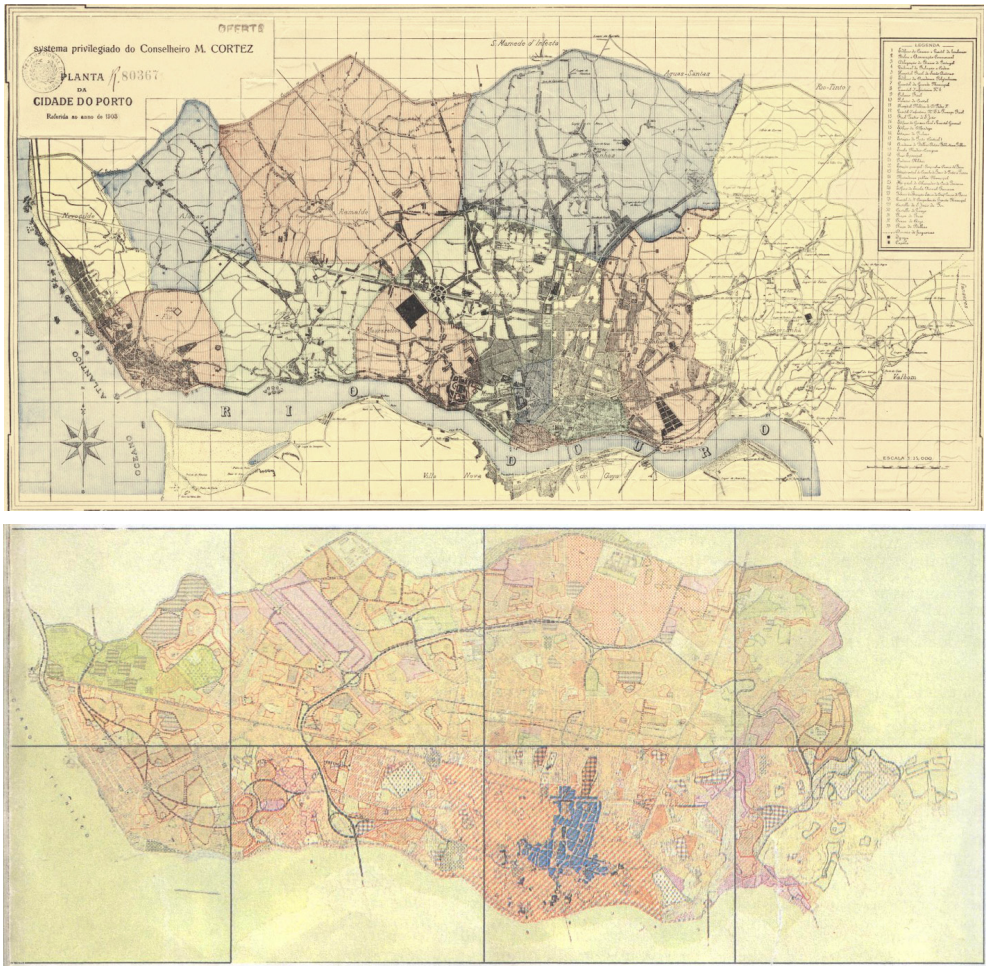


Fig. 5.1. Planta da Cidade do Porto, 1903 | http://www.4.bp.blogspot.com

Fig. 5.2. Plano Director da Cidade do Porto, 1962 | Oliveira Ramos, L., 1994; p. 538

5. O PARQUE DA CIDADE DO PORTO

| 5.1. Contexto histórico

A evolução da vasta área que actualmente se conhece como O Parque da Cidade do Porto não foi – tanto no plano administrativo, como urbanísitico e arquitectónico – nem linear, nem imediata e contínua.

A extensão urbana em questão é, então, pela primeira vez considerada como um potencial espaço de carácter predominantemente verde e lúdico em 1932, num "Prólogo ao Plano da Cidade do Porto", da autoria de Ezequiel de Campos - engenheiro, escritor e personagem politicamente activa.

> "É um capítulo importantíssimo do plano da Cidade: um capítulo revolucionário, porque o Pôrto não tem os jardins nem os parques nos seus hábitos de descanso nem de exercício. (...) O Pôrto de hoje tem sòmente umas amostras de jardins; e não tem nenhum parque. (...) precisa de ter jardins e parques: e não faltam sítios adequados e livres na Cidade para isso."[162]

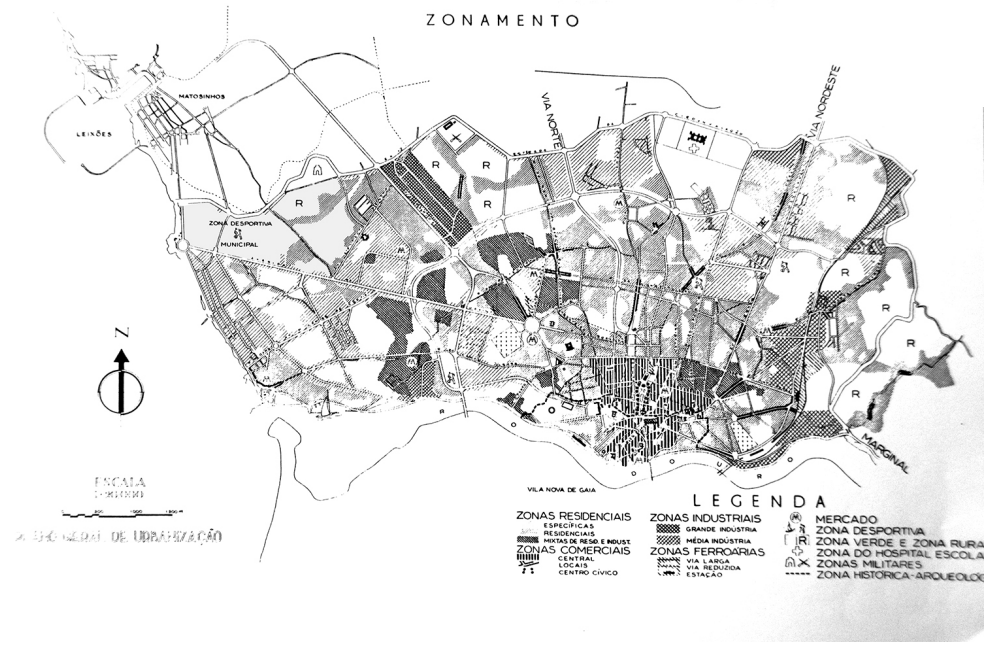
Alguns anos mais tarde – especialmente a partir de 1938 – com a colaboração de arquitectos Italianos como, por exemplo, Giovanni Muzio (Pardal, 2006), surgem algumas propostas que sugerem, naqueles terrenos, a implementação de um conjunto de infraestruturas desportivas de grande escala: um grande estádio e consequentes estruturas e ligações viárias circundantes. No entanto, é apenas a partir de um renovado Plano Director da Cidade, da autoria de Robert Auzelle que, em 1962, se começam a esboçar efectivamente os primeiros indícios da intencionalidade de desenvolver naqueles terrenos diversas actividades de carácter lúdico; "uma feira de exposições e zona desportiva".[163] Importa igualmente referir que, já em 1952, no Plano Regulador da Cidade do Porto – na altura apresentado por Antão de Almeida Garret – esta área (na altura atravessada transversalmente por duas vias de circulação automóvel, que mais tarde foram abolidas) se apresentava classificada como "zona desportiva municipal"[164], prevendo assim diversas estruturas e funções como sejam um hotel e casino no gaveto com a Avenida da Boavista, um pavilhão de desportos, instalações para basquetebol e patinagem com frente para a avenida marginal, uma piscina, um hipódromo, e instalações para a prática de ténis. É, no entanto, apenas em 1981 que o Arquitecto Artur Andrade – na altura vereador da Câmara

carácter lúdico

[162] Campos, E., 1932; p. 31-32

[163] Pardal, S., 2006; p. 9

[164] *Idem*; p. 19



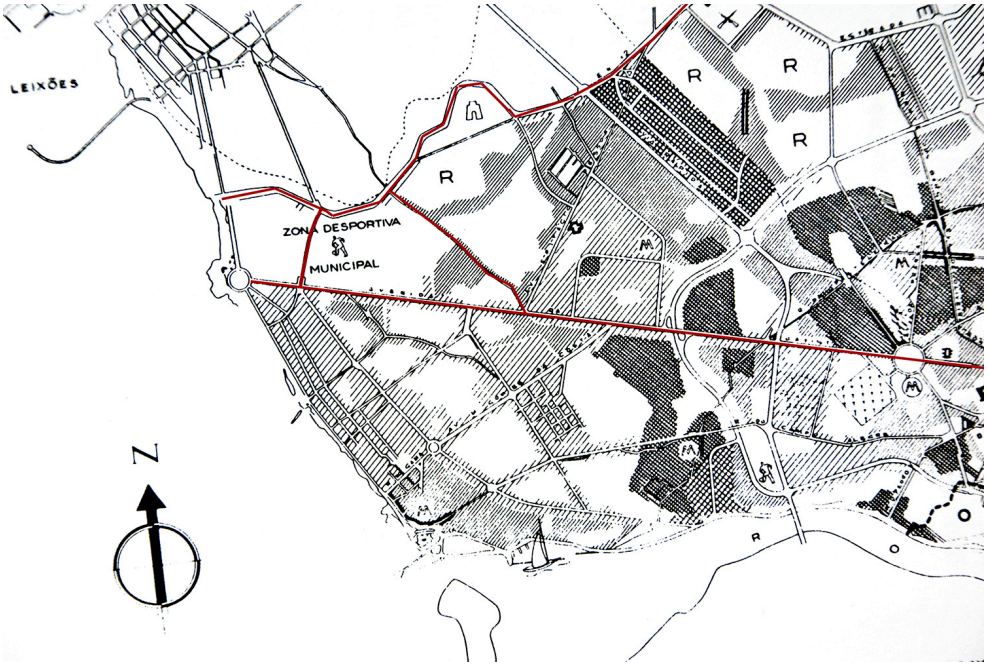


Fig. 5.3. Plano Regulador da Cidade do Porto, 1952 | Almeida Garret, A., 1952; p. 21

Fig. 5.4. Plano Regulador da Cidade do Porto, 1952 | Almeida Garret, A., 1952; p. 21

Municipal do Porto – propõe dar continuidade às intenções expressas pelo Plano de 1961: iniciam-se então os estudos com vista à concepção daquele que vai ser conhecido, alguns anos mais tarde, como o Parque da Cidade do Porto.

Até à época, a extensão de terreno em questão apresentava um estado de relativo abandono; uma vasta área despojada de desenvolvimento e ordem urbana, funcionalidade explícita e um qualquer carácter ou identidade que lhe pudesse conferir o estatuto de *lugar*. Em boa verdade, esta zona da cidade ainda aguardava o ínicio de um longo e demorado processo de urbanização. Não obstante a conclusão, no início do século XX, de uma das mais importantes e definidoras artérias dessa mesma estruturação, a Avenida da Boavista, da qual o último sector a ser concluído – por volta de 1915 (Oliveira Ramos, 1994)], é precisamente aquele que hoje bordeja a extensão sul do Parque da Cidade, desaguando a Oeste, na rotunda do Castelo do Queijo – apenas no final do mesmo século se começará a desfazer o interregno que destituía de clareza, função e sentido estes terrenos.

abandono / ruína

> "(...) um mosaico de lameiros, campos de semadura abandonados, um choupal plantado nos anos 30, uma mancha de pinhal, uma lixeira a céu aberto - que funcionou até aos anos oitenta - e ainda edifícios de um núcleo rural em estado de quase ruína."[165]

Assim, inicia-se a partir de 1981 um cauteloso e moroso processo de estudo e aproximação às diversas condicionantes e expectativas inerentes à zona e ao objectivo proposto. Uma vez que este se apresentava como um desafio bastante ambicioso e relativamente desconhecido, ou pouco aprofundado, no âmbito das culturas e práticas urbanísticas e paisagísticas portuguesas, o projecto adquiriu forçosamente um

transformação

certo sentido visionário; "uma transformação profunda da paisagem – necessária para esta parecer natural"[166] – pelo que foi necessário todo um processo de estudo, assimila-

referências

ção e apropriação de referências externas, como sejam por exemplo, numa primeira fase, aquelas provenientes de Lynn Miller e James DeTuerk (Pardal, 2006).

A construção do Parque conta essencialmente com três fases distintas, consoante o projecto concebido e liderado por Sidónio Pardal: uma inicial, sensivelmente entre 1990 e 1993, que visa o desenvolvimento do sector a nascente, junto a Aldoar. Uma segunda fase intermédia que, tendo sido iniciada apenas em 1998, se conclui sensivelmente em 2002, ampliando a área do Parque no sentido poente – ao longo da Avenida da Boavista – conformando assim cerca de 70% da área bruta prevista no projecto. Por fim, uma terceira fase afecta essencialmente à concretização da ligação do Parque com a frente marítima, com a qualificação de toda a extensão de terreno no sentido transversal, entre a Avenida da Boavista e a Circunvalação[167].

[165] *Idem*; p. 9

[166] *Idem*; p. 18

[167] Embora em alguns documentos cartográficos a área onde se encontrava a antiga Feira Popular - actualmente denominada "Queimódromo", se encontre inclusa no limite estipulado para o desenvolvimento do Parque da Cidade - a mesma não é consagrada ou apropriada pelo projecto como parte integrante do Parque.

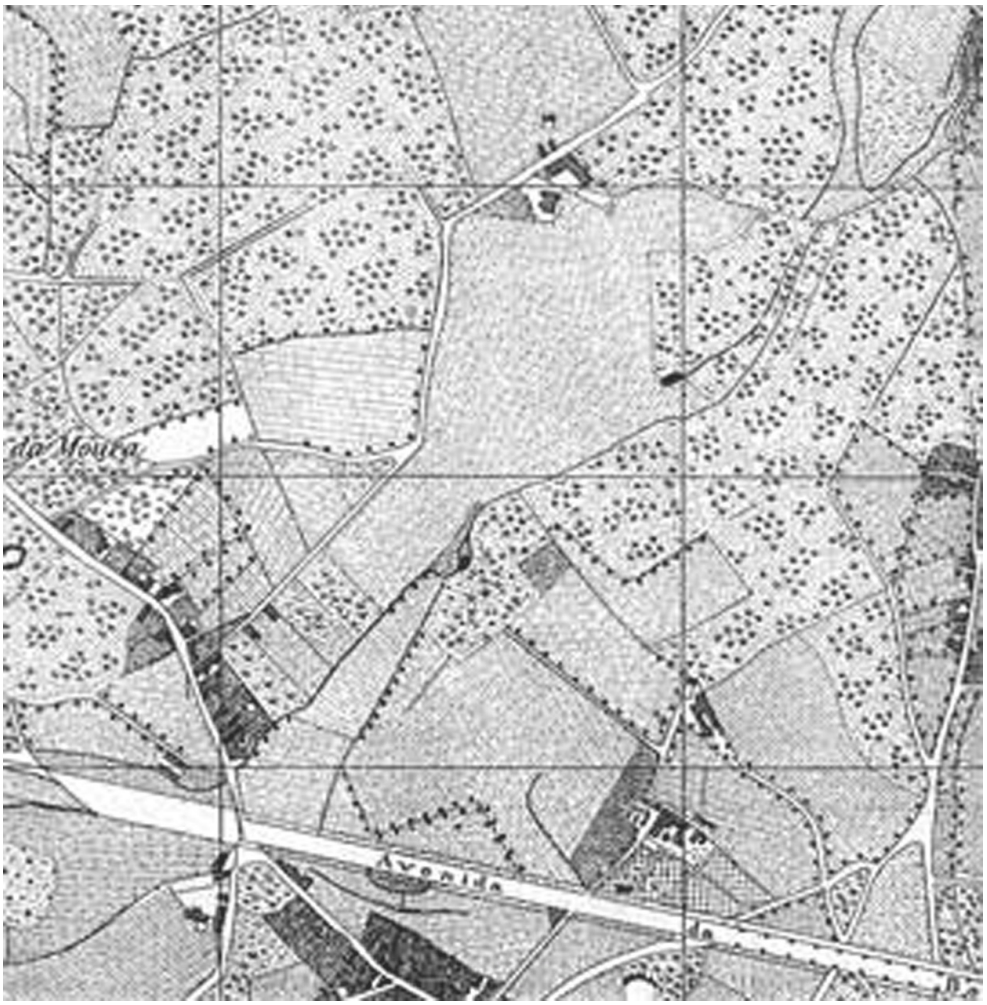


Figura 5.5. Vista aérea do sítio em 1983 | Pardal, S., 2006; p. 16

Figura 5.6. Morfologia dos terrenos | http://www.porto.taf.net_boavista

No subcapítulo anterior foi feita referência ao desafio que representa procurar planear, conceber e implementar, em pleno século XX e em Portugal, um Parque com franca dimensão e imponência no seio de um meio urbano; "integrar a expressão do *belo natural* no interior da cidade."[168]. Esta questão possuí multiplas implicações e condicionantes, entre as quais se destacam o desafio e a convicção necessárias para pensar e transformar um vastíssimo *terrain vague* – perpetuado numa área urbana ainda em claro processo de desenvolvimento – de acordo com um programa e uma escala de espaço público relativamente desconhecidos e inovadores no contexto português.

escala
carácter

> "Mas não se partiu para a pesquisa histórica sem interrogações sobre o nosso presente urbanístico, onde a designação de zonas verdes é um conceito confuso, misto de frase de cartaz publicitário e expressão vaga do que se realiza, para compensar os sentimentos de desconforto e carência no meio urbano. A designação urbanística de espaço livre, zona verde, nada esclarece quanto à natureza do objecto e da necessidade a que ele responde, pelo contrário, podemos constatar que, a coberto desta indefinição, se têm multiplicado os espaços vazios, os canteiros e taludes decorativos, que constituem uma praga nas urbanizações dos últimos trinta anos."[169]

A realidade é que, um pouco por toda a Europa – mas também nos Estados Unidos, por exemplo – os parâmetros e ideais que regiam e hierarquizavam os espaços urbanos exteriores de carácter público eram bastante mais claros e coerentes, assertiva e naturalmente integrados na estrutura urbana planeada da maioria das cidades até ao final do século XIX (Pardal, 2006). Neste sentido, elementos como sejam praças, alamedas, jardins públicos, parques urbanos, etc. devem todos constituir-se e assumir o carácter de uma mais que desejável concepção cívica da cidade; elementos integrados num todo orgânico que visa conjugar e desenvolver os valores da interacção social com o *bem-estar* do indíviduo (Pardal, 2006). O panorama actual é, no entanto, bastante diverso, dificultando – ou obstruindo – até certo ponto, a naturalidade e a disponibilidade relativamente a estas questões[170].

interacção social
bem-estar

[168] *Idem*; p. 14

[169] *Idem*; p. 11-12

[170] A este respeito podem referir-se, por exemplo, as condicionantes que advêm da dispersão/segregação funcional e social, das imposições viárias no que respeita a mobilidade, ou da instabilidade e competição vigentes no mercado imobiliário.

Figura 5.7. Vista aérea do Parque e envolvente urbana | http://www.cidadedoporto.pcp.pt

> "O aparecimento de um mercado específico de solo urbanizável, em simultâneo com a liberalização dos loteamentos ao sector privado (...) [originam], na gestão urbanística actual, grandes tensões no mercado fundiário, a especulação do solo é praticada como um direito. Resultam daí fortes congestionamentos, rarefacção de espaço, crescimentos e alterações precipitadas (...)"[171]

Brevemente introduzido que está o cenário político-urbanístico que acompanha um passado relativamente recente e o presente nesta matéria (logo, também, a construção do Parque da Cidade do Porto) poder-se-á partir para explicitar e analisar alguns dos seus aspectos de índole física; urbanística, arquitectónica e, sobretudo, paisagística.

A área total disponibilizada para a construção do Parque abarca cerca de cem hectares de terreno[172]. A abordagem a esta vasta extensão de terreno inicia-se com um

pré-existências

estudo da possibilidade de manter algumas das pré-existências naturais do vale em que se situa, para o qual confluiam três ribeiras: a de Aldoar, a da Boavista e a de Nevogilde. No entanto, uma vez que estas se encontravam já severamente fragmentadas devido a um crescente processo de urbanização – ameaçando, portanto, a sua continuidade – e após diversos estudos hídrográficos (a partir dos quais se constatam igualmente elevados níveis de poluição nessas mesmas águas), a hipótese da sua integração na configuração física e hidraúlica do Parque foi abandonada (Pardal, 2006). Esta decisão reverte, por sua vez, a favor da criação de lagos artificiais – potenciada e valorizada, igualmente, pelo estudo dos lençois freáticos que por ali correm – que hoje ocupam uma considerável porção da zona central do terreno.

topografia

Também no que toca a topografia do terreno – a sua estrutura geomorfológica – houve lugar a algumas considerações e alterações. Embora, a este nível, nem toda a área tenha sido alvo de um drástico processo de transformação, muitas das suas zonas mais elevadas são resultado de criações artificiais, assumindo assim o potencial de locais privilegiados para a contemplação panorâmica.

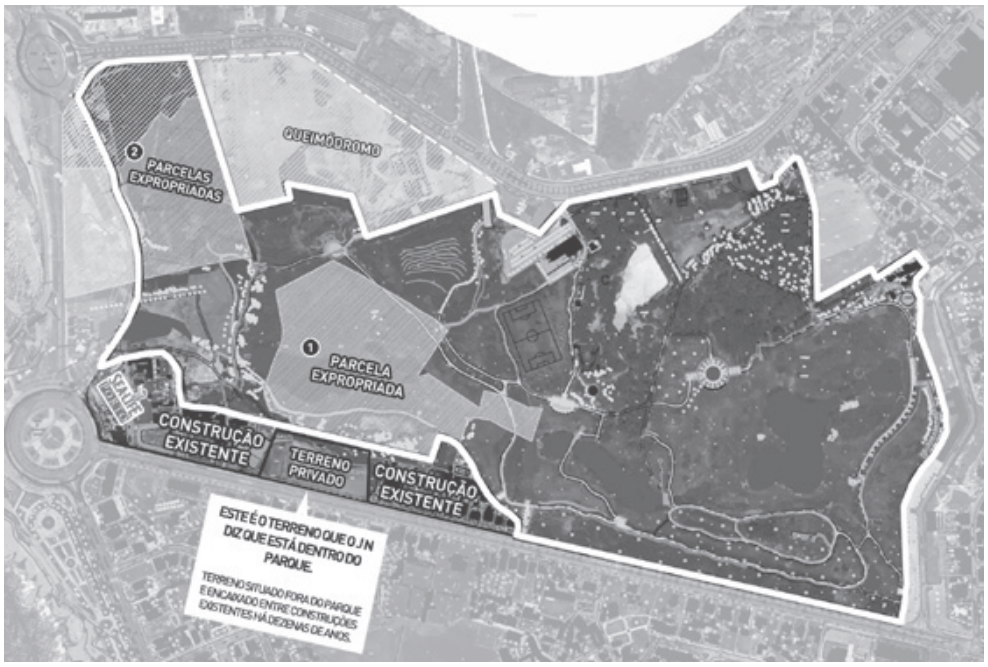
> "Os sítios onde se potencia uma dominância de vistas são tratados com a construção de acontecimentos, que enfatizam, orientam e enquadram o momento contemplativo. Acontece que, à excepção da vista sobre o mar, que se desfruta a partir de um sector localizado, os múltiplos campos panorâmicos foram criados artificialmente e é, sem dúvida, nestes que se alicerça a expressão paisagística do Parque."[173]

---

[171] *Idem*; p. 12

[172] O terreno é constituído por uma extensão longitudinal de cerca de 1200 metros, e uma transversal que ronda os 500 metros.

[173] *Idem*; p. 20-21



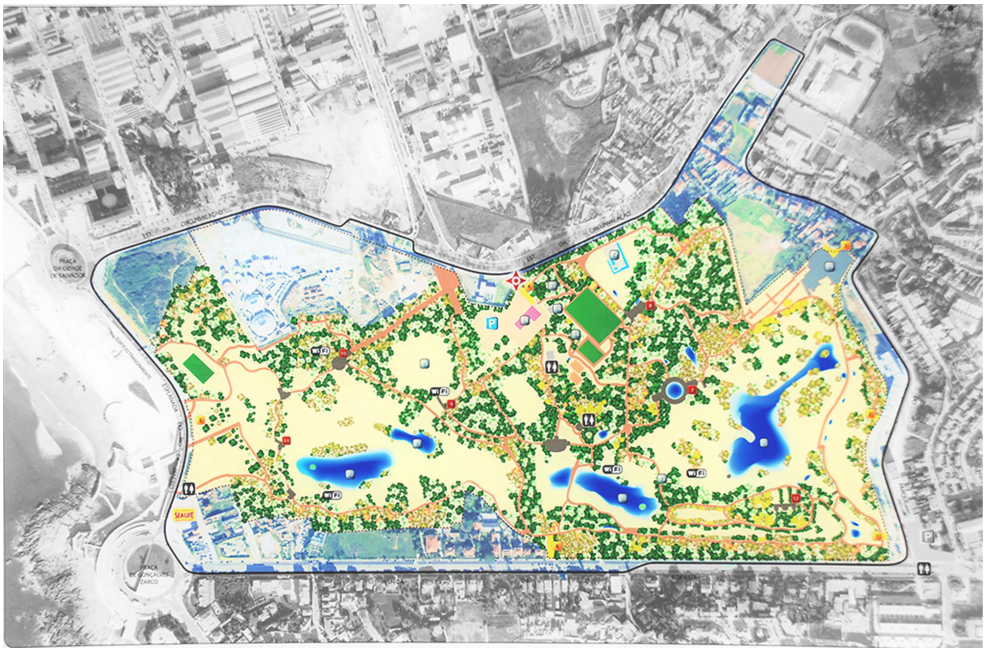


Figura 5.8. Origem de alguns dos impasses ao longo do processo | http://www.maiahoje.pt

Figura 5.9. Planta do parque exposta em *placards* informativos distribuídos pelo mesmo

estruturação

A par desta realidade, a estruturação e a modelação do Parque baseia-se de igual modo em torno de três grandes bacias artificiais, os já referidos lagos, que se estabelecem, cada um com a sua forma e valências individualizadas, como uma "unidade de paisagem" (Pardal, 2006). Deste modo o vasto *continuum* físico do vale é segmentado em três unidades distintas, tanto no plano cénico, como no hidrográfico.

unidade de paisagem

paisagem rural

Ainda no que toca a preservação de elementos remanescentes da paisagem rural que ali constavam, deve dizer-se que o projecto do Parque optou por manter e conservar apenas o núcleo de casario do centro de lavoura de Aldoar – situado a nascente e hoje denominado como "Núcleo Rural" do Parque – com os respectivos edíficios e caminhos pavimentados com calçada portuguesa.

> "A estrutura de campos de cultivo, com a sua compartimentação e afolhamento, não tem qualquer interesse paisagístico. (...) Parte destes campos são lameiros intransitáveis. Criar um parque urbano neste local requer uma profunda e radical transformação da paisagem."[174]

Neste sentido, levanta-se a questão da memória; uma necessidade de configurar e atribuir à transformação radical da paisagem um carácter de intemporalidade – fazer com que "se sinta o resultado final como se tudo fosse assim desde sempre" (Pardal, 2006). A filosofia de abordagem passa, então, por despojar o Parque de elementos de carácter decorativo, abdicando da instauração de cenários em jeito de simulação; não se pretende iludir os sentidos com elementos e características que possam suscitar ambi-guidades sobre a sua presença e consequentes usos e interpretações.

simulação

O desenho e a disposição paisagística de todo o espaço interior do Parque procuram explorar o aspecto da diversidade orgânica; incentiva-se o fluxo e a pluralidade de situações dignas de observação de modo a que o visitante possa sentir as permanentes variações na paisagem. Esta "compartimentação" não é, no entanto, conseguida a partir de violentas divisões ou segregações espaciais, mas antes com recurso a transições de pendentes e solos de forma pouco acentuada, sobre os quais, os limites advêm "fluidos e indeterminados" (Pardal, 2006). Não se procura criar ou induzir, portanto, situações que possam pender para uma hierarquização valorativa, ou uma distinção demasiadamente violenta e desconexa da paisagem e respectivos elementos compositivos.

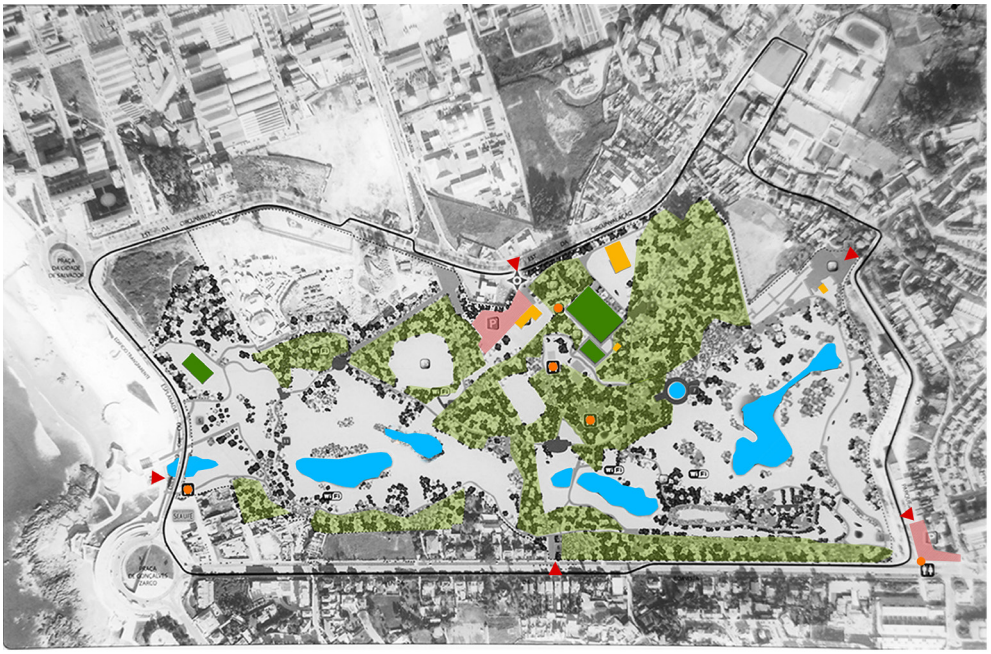
pluralidade

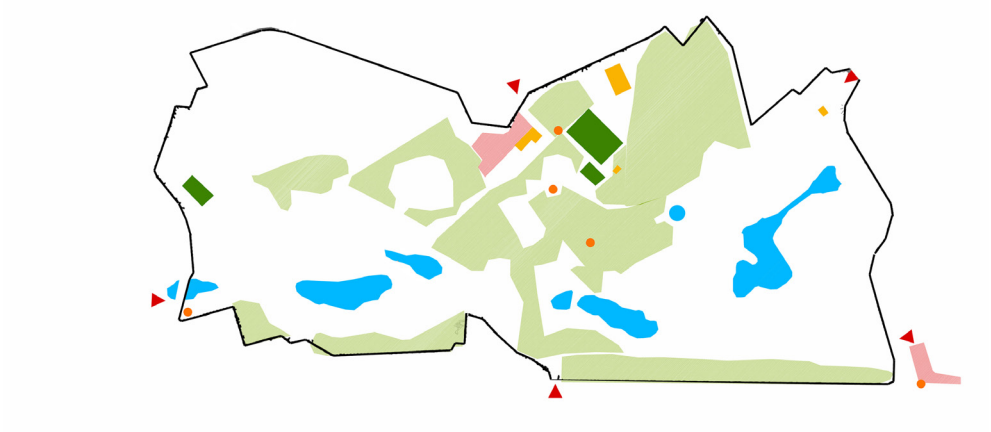
fluidez

> "Algum formalismo que teimava em aparecer nos desenhos iniciais foi sendo paulatinamente depurado, para dar lugar a paisagens com uma simplicidade de inspiração naturalista, conservando alguma formalidade campestre."[175]

[174] *Idem*; p. 24

[175] *Idem*; p. 29





Pontos de acesso ao parque
Limite administrativo do parque
Parques de estacionamento
Serviços sanitários
Zonas de água/lagos
Áreas de vegetação mais densa
Campos de jogos
Serviços/equipamentos

Figura 5.10. Esquema representativo de equipamentos, zonas e acessos predominantes do Parque da Cidade

rede de percursos

Neste âmbito, deve identificar-se a rede de percursos como um dos elementos de carácter mais marcadamente formal em toda a obra. Com uma extensão total de cerca de oito quilómetros, esta rede assume-se como uma estrutura extremamente importante em toda a configuração do Parque, muito embora assuma um carácter intencionalmente secundarizado e autonomizado - como se pode observar, por exemplo, pelo facto de não terem sido implantados caminhos nas imediações das margens dos lagos. Existe, no entanto, uma ligação que permite estabelecer continuidade e atravessamento sobre o lago central (este que, por sua vez, se desenvolve no eixo do acesso sul ao Parque, a partir da Avenida da Boavista). Segundo Sidónio Pardal, este atravessamento assume, então, dois propósitos: primeiro, a sua escala relativamente alargada permite utilizá-lo tanto como local de passagem, como local de estadia e contemplação. Secundariamente, através do mesmo, os visitantes são convidados a "abandonar os caminhos, para deambular no campo aberto dos prados", mantendo a envolvente dos lagos relativamente intacta e *naturalista*.

atravessamento

acessos

Actualmente o Parque possui cinco pontos de acesso qualificado, embora não exista sinalética que o explicite, tanto para o efeito de entrada, como de saída. No entanto, nem todos possuem o mesmo carácter e as mesmas valências. Junto ao limite oriental do Parque – o local de cota mais elevada – encontram-se duas entradas, uma das quais praticamente tangente à Avenida da Boavista que será, segundo o autor do projecto, um dos principais pontos de afluência de pessoas. Outra das entradas, de carácter relativamente semelhante a esta, situa-se a Norte, junto à Estrada da Circunvalação, através da qual se consideram equivalentes níveis de afluência dado que ali foi construído um amplo parque de estacionamento[176]. Os restantes pontos de acesso possuem, por sua vez, um carácter e uma escala diversos, como seja o exemplo do acesso, também a nascente, através do "Núcleo Rural", que se encontra condicionado, porém, devido à existência de uma porta que permite o permite fechar e assim regular a sua disponibilidade e funcionalidade. A sul, por sua vez, desenvolve-se o já referido acesso de carácter marcadamente pedonal, com uma escala que se coaduna com esta mesma pretensão, estabelecendo ligação directa entre a Avenida da Boavista e a zona central do Parque. No quadrante poente - zona em que o Parque se expõem em contacto aberto e directo com a frente marítima – o acesso é bastante mais amplo e menos restritivo no que toca ao seu desenho e eventuais directrizes ou possibilidades de utilização. Ainda sobre os pontos de acesso, o autor do projecto refere que, uma vez concluída a obra, com todo o seu enquadramento, se deverá registar uma afluência de visitantes bastante equilibrada através de todas as entradas. Esta questão será, no entanto, efectivamente revisitada e averiguada no subcapítulo 5.4., com base na análise e interpretação dos questionários que integram este trabalho.

disponibilidade

[176] Nas imediações deste acesso concentram-se a maioria dos serviços/equipamentos que integram o parque: o edifício administrativo da CMP, o Pavilhão da Água, campos de futebol - que são agora concessionados, deixando de ser gratuítos - e vóleibol, um novo café/bar com esplanada, dois núcleos de serviços sanitários.

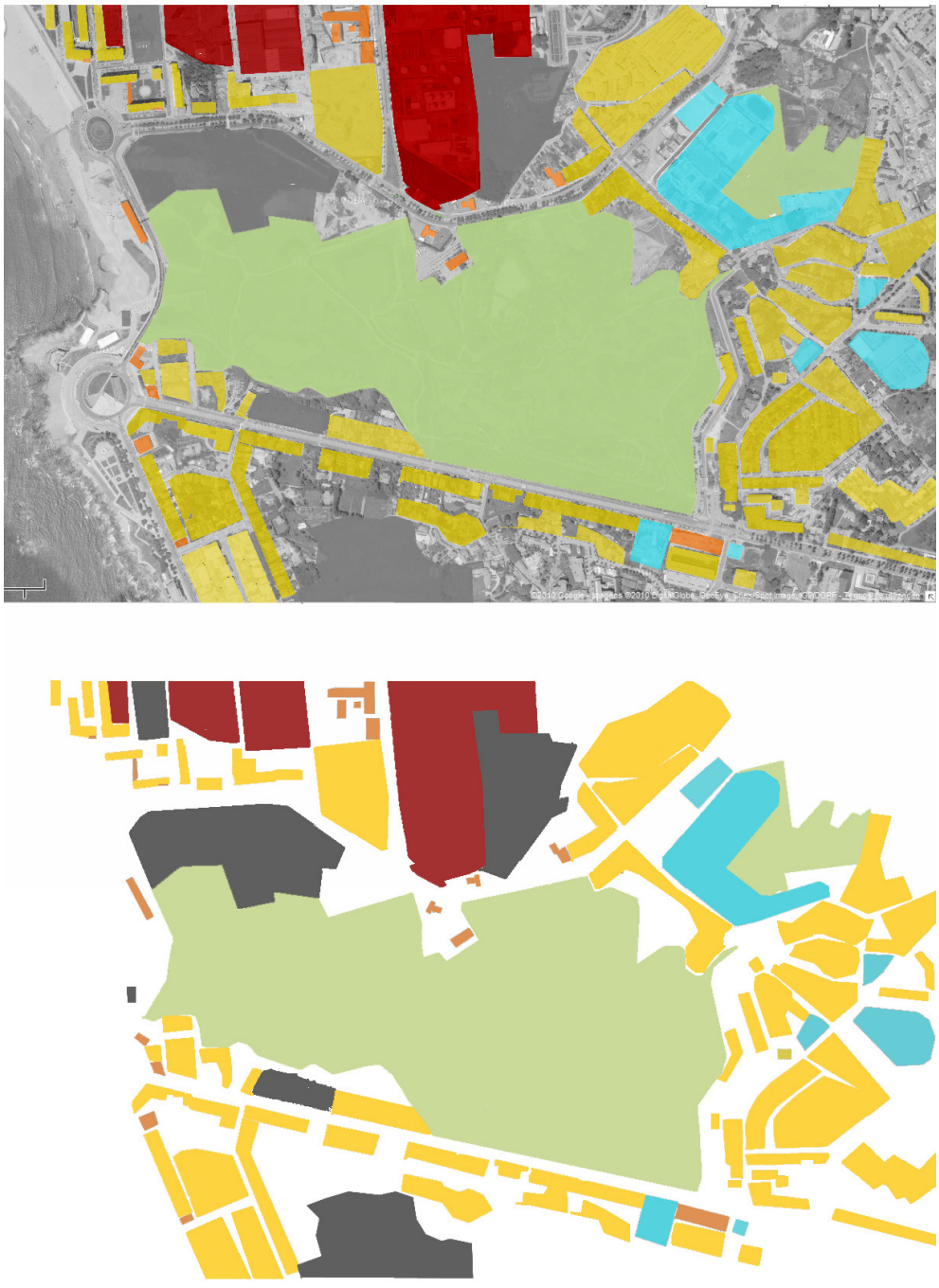


Figura 5.11. Esquema representativo de usos e tipologias predominantes na envolvente urbana do Parque da Cidade

vegetação

No que toca a configuração vegetal do Parque, a intervenção procura dar continuidade à já referida compartimentação que advém da modelação do terreno no sentido de ser desenvolvida com recurso à distribuição de vegetação arbórea e arbustiva, concebendo de igual modo as clareiras de prado. Neste sentido, existem zonas em que se concentram conjuntos maciços de vegetação densa – praticamente impenetráveis – e outros em que se desenvolvem outros tipos de distribuição e tipificação vegetal (cf. Figura 5.10); a considerável área predominantemente povoada de eucaliptos no extremo nascente/norte do Parque é apenas um exemplo dessa diversidade.

envolvente urbana

No que respeita a evolução da envolvente urbana do Parque, deve referir-se a conclusão e abertura da estrada da Circunvalação, em 1895 (Oliveira Ramos, 1994), que surge como elemento redefinidor dos limites do concelho, integrando as freguesias de Ramalde, Aldoar e Nevogilde; todas elas, na altura, ostentando um carácter marcadamente rural (Oliveira Ramos, 1994). É, no entanto, a partir da primeira década do século XX que, já tendo sido desenvolvidos diversos eixos e funções importantes na zona [o Passeio Alegre e a Avenida Montevideu – melhorada e alargada a partir de 1888 – nas imediações das quais se desenvolvem diversos chalés burgueses, cafés, restaurantes, hotéis, casa de jogo, etc. (Oliveira Ramos, 1994)], se desenvolvem algumas unidades edificadas (essencialmente habitação unifamiliar), ao longo do último troço da Avenida da Boavista.

No passado recente – já durante as últimas décadas do século XX – desenvolveu-se o Plano Urbano de Matosinhos-Sul, que confere ao edificado urbano a norte do Parque um uso predominantemente residencial. É composto essencialmente por unidades de habitação colectiva que, em alguns casos, integram núcleos de pequeno comércio ao nível da rua e do espaço público[177]. Para além desta tipologia claramente predominante, persistem ainda, no mesmo quadrante, alguns terrenos e edifícios devolutos, previamente destinados a indústria, bem como uma vasta área industrial que ainda hoje se encontra activa, do lado oposto da Circunvalação à entrada norte do Parque.

| 5.3. Problematização do lugar e do vazio : exemplos e boas práticas

Uma vez explicitada a configuração formal, paisagística e urbanística do Parque da Cidade do Porto, bem como as suas respectivas motivações e intencionalidades, carece aprofundar a natureza da sua existência como um *vazio* de carácter bastante particular, inserido num contexto que, por sua vez, apresenta diversas particularidades e condicionantes, algumas das quais dificilmente contornáveis[178].

[177] Predominantemente cafés/restaurantes e lojas/serviços de conveniência (vestiário, cabeleireiro, mobiliário, etc.)

[178] Por um lado os eixos viários que bordejam o parque, que representam elementos estruturantes ao nível da mobilidade. Por outro, tanto a monofuncionalidade tipológica da envolvente, como o seu carácter - em alguns pontos - ainda expectante ou em processo de desenvolvimento: tanto a norte, como a sul e a nascente existem ainda terrenos e edifícios devolutos.

Figura 5.12. Vista do interior do Parque para norte, com Matosinhos-sul ao fundo

> "O Parque, entendido como um espaço livre, preenche todo o seu espaço, pelo que não faria sentido querer ocupá-lo com elementos que lhe são estranhos, tomando-o como um espaço vazio ou devoluto. É conceptualmente fundamental o princípio de excluir do Parque quisquer serviços e equipamentos que comprometam a sua identidade como espaço livre não codificado, onde há áreas cativas para funções ou actividades específicas. Só assim é possível criar as condições essenciais que convidam ao repouso e à contemplação."[179]

Em primeiro lugar, importa deixar bem clara a natureza e as ambições que os parques urbanos constituem e representam. Convencionalmente, espaços desta natureza são alvo de aceitação positiva generalizada pelos cidadãos que, sem a sua existência, se encontrariam privados da possibilidade de usufruto das características e ambientes que os mesmos oferecem. Por outro lado, uma vez desenvolvidos, constatam-se frequentemente como sendo lugares de carácter extremamente volátil – capazes de facilmente oscilar entre os extremos da popularidade e impopularidade (Jacobs, 1993). Alguns exemplos e causas desta volatilidade serão explicitados mais adiante.

volatilidade

Outra das importantes valências, ou potencialidades, desta tipologia de espaço público centra-se na multiplicidade de oportunidades e recursos que históricamente revela e possui no âmbito de congregar, conjugar, sustentar e desenvolver a crescente diversidade dos *ecossistemas culturais* e *sociais* que são, tal como já foi referido, realidades fundamentais para assegurar príncipios e processos de inclusão e partilha social/cultural no seio dos meios urbanos.

escossistemas

> "Heritage sites and urban parks are just two examples of public spaces where these discussions can begin. The ethical imperative of cultural property rights for those whose "culture" or "environment" is being utilized or controlled by others rests on assumptions that power should be equitably distributed and that all cultural groups have rights to their native inheritance and/or home places. The same argument can be used to stress the importance of maintaining the cultural diversity of parks, beaches, and heritage sites."[180]

civismo / cidadania

Neste sentido, os parques urbanos constituem-se também como esferas espaciais privilegiadas para o desenvolvimento da consciência cívica e comunitária, bem como para a clarificação e determinação das abrangências, limitações, direitos e deveres do estatuto de cidadania. Tal como refere Harvey Gantt (*cit*. Low; Taplin & Scheld, 2005),

[179] *Idem*; p. 30

[180] Low, S., Taplin, D. & Scheld, S., 2005; p. 10-11

Figura 5.13. Vista para norte do lago mais a poente, Matosinhos-sul ao fundo

o debate sobre os processos e metodologias de envolvimento, participação e poder comunitários adquire um grau de importância e preponderância cada vez mais elevado, uma vez que as cidades apresentam, por sua vez, cada vez mais diversidade étnica e cultural e, consequentemente, mais acentuadas divisões demográficas e raciais. Segundo a mesma lógica, J.B. Jackson (*cit*. Low; Taplin & Scheld, 2005) sugere que espaços urbanos desta natureza assumem, também, uma dimensão de carácter político: é neles que – através das ideias, relações e actividades desenvolvidas – as pessoas se revelam como cidadãos. Esta convicção é, aliás, inicialmente exposta por dois arquitectos paisagísticos pioneiros, a partir do século XIX; F.L. Olmsted e C. Vaux (responsáveis pelo desenvolvimento de diversos parques urbanos, entre os quais se destaca o *Prospect Park*, em Brooklyn; um exemplo que será novamente referido e aprofundado no final deste subcapítulo), ambos importantes referências também no processo de estudo, composição e elaboração do Parque da Cidade do Porto (Pardal, 2006).

carácter político

> "People would learn to behave well and to interact with one another; the park's genteel constituency would provide models of good sportsmanship and of how voluntary groups come together and interact in the public realm. Olmstead saw his parks as training grounds for citizenship."[181]

Posto isto, torna-se fundamental proceder a uma breve distinção entre os diversos tipos e escalas de espaço público – ou *espaço verde*, em concreto – que se podem desenvolver no seio de um vasto tecido urbano previamente consolidado.

Inicia-se esta análise através da explicitação de algumas distinções entre as concepções de *Jardim* e de *Parque*, este último ainda no seu sentido mais abrangente.

jardim / parque

> "Há diversos paradigmas de jardim, mas este é indissociavelmente um espaço que adquire sentido como parte de um conjunto edificado. Onde há um jardim, procura-se sempre o edificado a que este pertence, que pode ser, por exemplo, a casa, o museu, o palácio ou o bairro. (...) O mesmo não se passa com um parque, cujo conceito lhe confere mais autonomia, podendo haver parques florestais de uso múltiplo em pleno espaço silvestre, sem qualquer relação de proximidade com a cidade, simples habitações ou outros elementos do sistema urbano. Esta autonomia não faz parte do conceito de jardim, (...)"[182]

[181] *Idem*; p. 46

[182] Pardal, S., 2006; p. 46-48

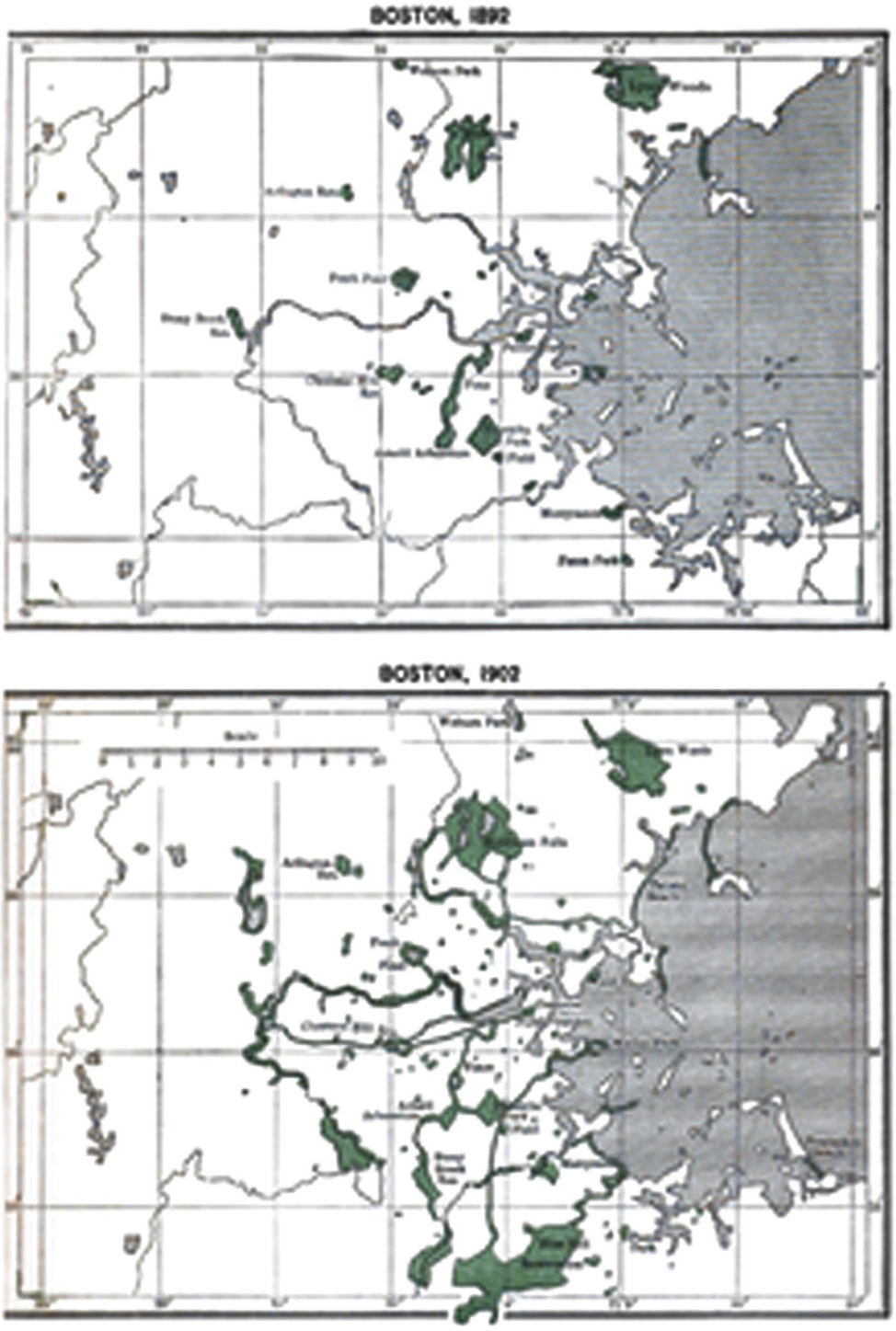


Figura 5.14. Sistema de Parques de *Boston* em 1892 e 1902 | http://www.en.wikipedia.org

Tal como acontece com o jardins – que se configuram e desenvolvem sobre as mais diversas formas, escalas e variantes (o jardim doméstico, o jardim representativo, o jardim botânico e o arboreto, o jardim público urbano, etc.), também o conceito mais abrangente de parque se subdivide em diversas tipologias, consoante paradigmas e escalas de implantação e utilização concretas.

Já foram referidos os parques florestais, uma realidade que, devido ao seu contexto relativamente desfasado daquele que este estudo visa[183], não merecerá excessivo aprofundamento. Uma outra tipologia geralmente existente e/ou desenvolvida à margem do contexto urbano são as Reservas Naturais Públicas e os Parques do Estado, que consistem no aproveitamento, manutenção e relacionamento de diversas áreas pré-existentes com este carácter natural. Sobre estas realidades, deve salientar-se a forma como alguns dos exemplos (o conjunto que integra a Reserva Natural de Boston é apenas um deles) demonstram a intencionalidade e os benefícios de, em casos de relativa proximidade geográfica, se procurar estabelecer relações explícitas com as cidades (Low; Taplin & Scheld, 2005).

Reservas Naturais

> "Olmsted's Boston work modeled his belief that cities need not just a single park, but a park *system* to bring the benefits of natural scenery within walking distance of all residents.
> (...) focused on areas of intrinsic scenic value to create large "reservations" of wooded and water land open to the public. These they linked to the urban core with a series of parkways and boulevards (...)"[184]

Em contexto declaradamente urbano, existem diversas tipologias com as quais o Parque da Cidade do Porto se pode identificar ou referenciar. Em primeiro lugar, os Parques Recreativos – *Recreation Facility Park* – uma subcategoria dos parques municipais que se desenvolve sobretudo a partir dos anos 1920 e 1930 (Low; Taplin & Scheld, 2005) e que visa essencialmente, com uma forte consciência de colectividade e abrangência social e etária, impulsionar e desenvolver os benefícios do convívio e da participação em diversas actividades lúdicas (locais específicos de recreio para as crianças, etc.) e desportivas. Para além destas tipologias – e apesar de existerem ainda outras, como sejam os casos dos parques ou reservas nacionais, com abrangências em escala e diversidade que englobam, ou inclusivamente transcendem, as valências e particularidades representadas por todas as outras tipologias – deve abordar-se agora, no âmbito de uma relação mais directa com o caso de estudo deste trabalho, o parque de índole predominantemente paisagística, geralmente com uma escala considerável: o "*Landscape Park*" (Low; Taplin; Scheld, 2005).

Parques Recreativos

[183] Desenvolvem-se quase sempre no seio de ambientes naturais - como sejam campos ou zonas florestais - à margem das esferas urbanas, muito embora, em alguns casos, se possam relacionar com as mesmas através de um sistema mais abrangente de ligações viárias ou pedonais.

[184] Low, S., Taplin, D. & Schled, S., 2005; p. 24

Parques Paisagísticos

Os parques desta natureza são normalmente equacionados como locais de "refúgio" da cidade circundante, sendo frequentemente planeados e estruturados de acordo com cânones estéticos que simulam a idealização do espaço rural – ou campestre – Inglês e Norte Americano (Low; Taplin & Scheld, 2005). Neste sentido, tal como já foi mencionado, também o Parque da Cidade procura, tanto no seu conceito paisagístico como nas premissas, ideiais e reflexões sobre a sua condição existencial, referências e alusões a esses modelos e realidades.

> "(...) a ideia do Parque da cidade se reconhece na memória do movimento dos parques urbanos, que marcou o século XIX e se apagou nos princípios do século XX. (...) A paisagem passa a ser um instrumento urbanístico, que permite a recuperação de padrões do espaço rural, sem qualquer sentimento nostálgico, apenas à luz de critérios do discurso arquitectónico."[185]

Romantismo

Sobre este tipo de concepção e idealização dos parques como espaço público nas cidades, deve ressalvar-se que, na época em que se inicia e a partir da qual se desenvolve, remete para bases e motivações filosóficas pertencentes ao Romantismo, do qual forma parte integrante a convicção de que a natureza – ou os cenários idealizados à sua imagem – possuem a capacidade de revitalizar o espírito humano (Low; Taplin & Scheld, 2005)[186]. Neste sentido, os parques de índole paisagística surgem como uma nova realidade, em diversos sentidos mais abrangente relativamente a outros tipos de espaço público de semelhante natureza, procurando concentrar e congregar na sua larga escala, diversas valências anteriormente dispersas, fragmentadas ou disfuncionais.

escala

> "(...) such places outside the larger cities were largely working-class resorts avoided by more fastidious citizens: "they were crowded, boisterous, and sometimes violent" (...). In sharp contrast, the new landscape parks substituted the aristocratic garden for the oldest, most popular kind of play space - sizable areas where common people could exercise and play and enjoy themselves and participate in community life."[187]

[185] Pardal, S., 2006; p. 73

[186] Recorde-se que as correntes filosóficas do Romantismo surgem essencialmente como consequência, ou reacção, aos efeitos do capitalismo industrial, já bastante evidentes a partir da segunda metade do século XIX. Devem destacar-se neste período, entre outros factores, o rápido crescimento dos meios urbanos, expressivos aumentos nos fluxos migratórios, surtos de doença epidémicos e elevados níveis de poluição ambiente. (Low, S., Taplin, D. & Schled, S., 2005; p. 20)

[187] Jackson, J.B. (1984), *cit.* Low, S., Taplin, D. & Schled, S., 2005; p. 22

Não obstante as intenções e efectivas novas possibilidades de convívio, desenvolvimento e representação social e cultural – e apesar de serem quase sempre pensados e planeados como lugares recreativos de eleição para todas as classes – os parques paisagísticos demonstram terem sido na maioria dos casos materializados segundo padrões partilhados pela e para a *classe-média* (Taylor *cit*. Low; Taplin & Scheld, 2005). Neste sentido deve dizer-se que, desde a sua origem, esta tipologia de espaço público regista um longo histórico de conflitos entre classes (maioritariamente entre a classe-média e a classe-operária) ou, como referem Low, Taplin & Scheld (2005), a necessidade de operacionalizar níveis de supervisão, policiamento e controlo social que automaticamente visam excluir ou emancipar determinados tipos de classe ou comportamento[188].

classe-média

Introduzidas as linhas gerais que regem esta tipologia, importa agora abordar uma outra tipologia de parque urbano que, de certa forma, pode também ser referenciada ou identificada com algumas características do Parque da Cidade do Porto: o "*neighborhood park*" (Jacobs, 1993); de menor escala e, geral e naturalmente, com uma esfera de influênca mais reduzida – mais afecto à realidade de bairro. É sobre estas realidades que, representando à partida casos mais comuns generalizados e diversificados, se abordarão alguns exemplos, princípios e inferências concretos que directa e pertinentemente serão aplicáveis aos conceitos e morfologias mais abrangentes, inerentes às outras tipologias de parque urbano.

Parque de bairro

> "(...) there are dozens of dispirited city vacuums called parks, eaten around with decay, little used, unloved. As a woman in Indiana said when asked if she liked the town square, 'Nobody there but dirty old men who spit tobacco juice and try to look up your skirt'.
>
> In orthodox city planning, neighborhood open spaces are venerated in an amazingly uncritical fashion (...)"[189]

Primeiramente, no âmbito de procurar perceber as dinâmicas que gerem a forma como as cidades e os parques se influenciam mutuamente, devem desmistificar-se algumas acepções mais ou menos generalizadas relativamente aos usos e funções dos mesmos; distinguir aqueles que são reais, efectivos e concretos, de outros que se foram constituindo e perpetuando como mitos e opiniões pouco ou mal fundamentadas.

mito

> "(...) for example, the science-fiction nonsense that parks are 'the lungs of the city.' It takes about three acres of woods to absorb as much carbon dioxide as four people exude in breathing, cooking and heating. The oceans of air circulating about us, not parks, keep cities from suffocating."[190]

[188] Um pouco à semelhança do que acontece nos centros comerciais. O *Passeio Público* do século XIX, em Lisboa - com entradas e frequência condicionados - oferece-nos um exemplo de que esta lógica, algo *subvertida*, de encarar o espaço público não é recente.

[189] Jacobs, J., 1993; p. 116-117

[190] *Idem*; p. 118-119

Do mesmo modo, deve clarificar-se que a implementação de um ou mais parques, não constitui *per si*, por exemplo, uma garantia de estabilização dos mercados imobiliários; tal como não representam necessariamente influência no poder de "ancoragem", preferência e satisfação das comunidades (Jacobs, 1993). Deve dizer-se que, como as ruas – que recorde-se, por si só não passam de meras abstracções –, também os parques urbanos representam realidades e volatilidades efectivas, valorativas e comportamentais bastante amplas e diversificadas. Na realidade, tal como refere Jacobs no livro que se tem vindo a acompanhar, uma das principais falhas dos planos e projectos urbanísticos da contemporaneidade – entre os quais se coloca especial ênfase nos empreendimentos de tipologia habitacional (condomínios privativos, etc.) – é precisamente a forma como a inserção de parques e outros espaços livres de carácter público, de um modo geral, não se traduz nem na valorização dos espaços urbanos adjacentes, nem na estabilização ou melhoria dos próprios meios, ou bairros, em que são inseridos e desenvolvidos.

ancoragem

volatilidade

> "A boat trip around Manhattan conveys the erroneous impression that here is a city composed largely of parkland - and almos devoid of inhabitants. Why are there so often no people where the parks are and no parks where the people are?"[191]

Neste âmbito, deve dizer-se que os parques, por qualquer que seja o motivo, destituídos de motivos de interesse e/ou pessoas revestem-se de um gradual e crescente sentido de impopularidade entre os cidadãos. A sua existência constitui, deste modo, uma ordem acrescida de conflitos e problemáticas; não somente pelo desperdício de espaço e pelo número de oportunidades falhadas que comportam, mas igualmente pela frequência com que a sua presença espoleta diversos efeitos negativos (Jacobs, 1993). A este propósito, a disfuncionalidade destas realidades transcreve-se em muitos dos problemas partilhados e anteriormente explicitados relativamente às ruas sem diversidade, sem alternância e constância de movimento, sem a efectividade das presenças e da observação casual, que lhes confere um natural e desejável sentido de vivenciação e segurança.

impopularidade

segurança

> "They have the same problems as streets without eyes, and their dangers spill over into the areas surrounding, so that streets along such parks become known as danger places too and are avoided."[192]

[191] Jacobs, J., 1993; p. 123. Deve ressalvar-se que estes exemplos se referem aos Estados Unidos, onde o movimento urbanístico e cultural em volta dos parques urbanos se estabeleceu há mais de dois séculos, encontrando-se como tal bastante enraízado e sedimentado entre a população e seus hábitos/vivencias.

[192] *Ibidem*

Figura 5.15. Vista aérea do Parque da Cidade do Porto | http://www.maps.google.com

expectativas

Poder-se-ia dizer que, em regra geral, se depositam gratuita e fortuitamente demasiadas expectativas – quase sempre extremamente positivas, porém pouco realistas–, sobre a essência e o potencial transformador e regenerador dos parques urbanos. Inversamente às acepções mais comuns sobre esta matéria, que ressalvam e valorizam essencialmente os efeitos positivos que os parques exercem nas esferas urbanas circundantes, deve dizer-se que estes efeitos se processam, na realidade, de forma praticamente contrária: são as próprias configurações e dinâmicas que integram e operam nas esferas urbanas (e consequentemente sociais e culturais) que afectam e determinam, directa e drásticamente, a natureza existencial e vivencial dos parques urbanos (Jacobs, 1993). Os seguintes exemplos procuram ilustrar e explicar brevemente algumas das dinâmicas inerentes a esta reciprocidade[193].

Rittenhouse Square

O primeiro caso abordado é o de *Rittenhouse Square*, declaradamente – e a diversos níveis – um caso de sucesso (Jacobs, 1993). Situa-se no seio de um bairro bastante valorizado; na realidade, de acordo com Jacobs, o único bairro antigo de Philadelphia que desenvolveu processos espontâneos de reabilitação dos seus limites e de valorização dos seus valores imobiliários. Neste sentido, o parque urbano em questão encontra-se enquadrado por um limite urbano bastante diversificado e, acrescidamente, por um igualmente diversificado conjunto de bairros, que se desenvolve para além desse limite:

reabilitação / valorização

> "Immediately on its edges it has in sequence, as this is written, an art club with restaurant and galleries, a music school, an Army office building, an apartment house, a club, an old apothecary shop, a Navy office building which used to be a hotel, apartments, a church, a parochial school, apartments, a public library branch, apartments, a vacant site where town houses have been torn down for prospective apartments, a cultural society, apartments, a vacant site where a town house is planned, another town house, apartments. Immediately beyond the rim, in the streets leading off at right angles (...), is an abundance of shops and services of all sorts with old houses and newer apartments above, mingled with a variety of offices."[194]

intricação / diversidade

É precisamente esta a principal causa do sucesso deste parque; a disposição/organização física e funcional do tecido urbano circundante tem influencia física directa no parque. A mistura intricada e diversificada de usos que compõe os edifícios em redor repercute, no parque, uma equivalente mistura de utilizadores que, por sua vez, o frequentam em alturas e com propósitos diversos, uma vez que os seus horários e quotidianos

[193] Os três casos que aqui serão expostos situam-se em Philadelphia, nos Estados Unidos da America. Foram todos concebidos e materializados segundo o Plano Urbano de William Penn, que data de 1683. Situam-se a distancias equivalentes do *City Hall:* sede do governo, localizado na praça central da cidade. Possuem todos sensivelmente as mesmas dimensões, originalmente os mesmos usos e funções, e presumivelmente as mesmas vantagens de localização, consoante as suas formulações e condições originais. (Jacobs, J., 1993; p. 123)

[194] Jacobs, J., 1993; p. 125

Figura 5.16. Vista aérea de *Rittenhouse Square* | http://www.maps.google.com

Figura 5.17. Vista de *Rittenhouse Square* | http://www.apartmenttherapy.com

são, de igual modo, variados. Deve referir-se, no entanto, que esta sequência intricada de usos e utilizadores é potenciada, para além da já referida morfologia do contexto urbano circundante, pela proximidade da frente construída relativamente ao parque, pela preponderância relativamente reduzida da rua que os separa (que assim não se impõe como uma barreira demasiadamente imponente ou impeditiva), e pelo carácter trespassável do próprio parque: é tanto um local de paragem, como de atravessamento entre extremos e destinos diversos, mas activos e funcionais, da cidade.

proximidade

permeabilidade

> "In short, Rittenhouse square is busy fairly continuously for the same basic reasons that a lively sidewalk is used continuously: because of functional physical diversity among adjacent uses, and hence diversity among users and their schedules."[195]

Washington Square

O segundo exemplo é o de *Washington Square* (Philadelphia), um parque que adquiriu um estatuto de extrema impopularidade devido ao desenvolvimento de uma frequência predominantemente indigente e "perversa" (Jacobs, 1993). Relativamente aos aspectos abordados inerentes ao sucesso de *Rittenhouse Square*, este parque apresenta um extremo – e negativo – contraste. Os limites construidos que o envolvem são constituídos quase exclusivamente por blocos de escritórios de grande dimensão pelo que, tanto este perímetro como o tecido urbano circundante mais próximo, não possuem de modo algum níveis e modos de diversidade equivalentes aos do caso anterior - serviços, restaurantes, amenidades e recursos culturais, a título de exemplo (Jacobs, 1993). Acrescidamente, os bairros circundantes registam densidades habitacionais relativamente baixas – um factor altamente determinante no processo positivo de construção e complexificação organizada da diversidade (estas questões encontram-se devidamente explicitadas nos subcapítulos 4.2 e 4.3). Consequentemente, nas últimas décadas, este parque conta apenas com um tipo de potenciais utilizadores locais: as pessoas que trabalham nos escritórios que o circundam.

envolvente urbana

densidade

fluxo

> "This principal reservoir of users all operate on much the same daily time schedule. They all enter the district at once. They are then incarcerated all morning until lunch, and incarcerated again after lunch. They are absent after working hours. Therefore, Washington Square, of necessity, is a vacuum most of the day and evening. (...)"[196]

[195] *Idem*; p. 126

[196] *Idem*; p. 127

Figura 5.18. Vista aérea de *Wahington Square* | http://www.maps.google.com

Figura 5.19. Vista de *Washington Square* | http://www.andy.myhomeblog.in

No que respeita a presença de pessoas indesejáveis no parque, deve dizer-se que a sua existencia não advém da configuração do parque em si, nem do facto de essas mesmas pessoas serem a causa primária de desertificação e desvalorização do espaço. Tal como refere Jane Jacobs (1993), factores como sejam a deterioração, o crime, e outras formas de marginalização, são todos sintomas superficiais de falhas económicas e funcionais precedentes mais profundas. O facto é que *Washington Square* registou, num passado distante, uma população de utilizadores e frequentadores bastante mais diversificada e constante (Jacobs, 1993). No presente, apesar de ser o mesmo parque, a sua essência e o seu uso alteraram-se completa e drasticamente, acompanhando o processo de alteração física e funcional dos espaços e edifícios em seu redor.

desertificação

marginalização

> "Like all neighborhood parks, it is the creature of its surroundings *and of the way its surroundings generate mutual support from diverse uses, or fail to generate such support*."[197]

Deve ainda referir-se que, embora neste caso o principal agente activo no processo de desvitalização e abandono do parque seja o elevado número de escritórios – sem que se registem outros tipos quantitativamente significativos de uso –, qualquer outro elemento predominantemente singular e monofuncional que impusesse uma rotina temporal e objectivamente limitada de utilizadores acarretaria consequências da mesma ordem. Este cenário verifica-se, a título de exemplo, em parques urbanos que se encontram circundados por uma percentagem excessiva e prejudicialmente predominante de habitação.

funções / usos

vitalidade / monotonia

> "A generalized neighborhood park that is struck with functional monotony of surroundings in any form is inexorably a vacuum for a significant part of the day. And here a vicious circle takes over. Even if the vacuum is protected against various forms of blight, it exerts little attractionfor its limited potential reservoir of users. It comes to bore them dreadfully, for moribundity is boring. In cities, liveliness and variety attract more liveliness; deadness and monotony repel life. And this is a principle vital not only to the ways cities behave socially, but also to the ways they behave economically."[198]

Franklin Square

O terceiro exemplo é o de *Franklin Square*; um parque que reflecte precisamente uma excepção à regra da diversidade de usos, pessoas e horários que tem vindo a ser colocada em foco. Esta excepção consiste num excerto de população – um determinado

[197] *Idem*; p. 128

[198] *Idem*; p. 129

Figura 5.20. Vista aérea de *Franklin Square* | http://www.maps.google.com

Figura 5.21. Vista de *Franklin Square* | http://www.geocaching.com

grupo nas cidades – que tem a capacidade de, por si só, dinamizar e usufruir de um parque durante longos e indeterminados periodos de tempo, sem que a sua presença atraia, necessariamente, outros tipos de frequentadores[199].

Neste sentido, este parque assume a conotação de "*Skid Row park*" (Jacobs, 1993), uma expressão que se refere, em sentido lato, a uma zona desvalorizada, deteriorada, sendo assim ocupada ou frequentada maioritariamente pelos já referidos *flanêurs* – sem-abrigo, alcoólicos, etc. Apesar disso, este parque demonstra que, dentro do seu género e da sua conotação mais generalizada, é possível conciliar esses factores com outras vivencias distintas, fazendo do parque um lugar onde ainda se cruzam e coexistem diversos extractos sociais e culturais, diálogo esse que se desenvolve assente na base do

civismo

sentido cívico e respeito mútuo (Jacobs, 1993).

> "Supply and demand have come together for once, and the accident is clearly appreciated by those who have been desinherited by themselves or circumstance. (...) The benches a the center of he reception are filled, with a voluble standing overflow milling about. Conversational groups continually form and dissolve into one another. The guests behave respectfully to one another and are courteous to interlopers too. (...) When the sun goes down the clock stops; the reception is over until tomorrow."[200]

Ainda neste âmbito, deve fazer-se breve alusão a um outro exemplo – provavelmente o maior parque *Skid Row* dos Estados Unidos (Jacobs, 1993) – que desenvolveu de forma natural e enriquecedora um conjunto de características, convivências e práticas culturais/sociais de ordem semelhante. Trata-se do principal parque do centro urbano de Los Angeles, *Pershing Square*. Neste sentido, esta realidade demonstra alguns aspectos im-

envolvente urbana

portantes relativamente à preponderância da estruturação do meio urbano envolvente:

> "So spattered ad decentralized are the central functions of Los Angeles that the only element of its downtown that has full metropolitan dimensions and intensity is that of the leisured indigent. Pershing Square is more like a forum than a reception, a forum composed of scores and panel discussions, each with its leading monologist or moderator. (...) Los Angeles is fortunate that the vacuum of a desintegrated downtown has not been appropriated by predators but has been relatively respectably populated by a flourishing Skid Row."[201]

[199] Este é o grupo de pessoas indigentes que, não possuindo obrigações ou ocupações pessoais/profissionais específicas, dispõem assim da totalidade do seu tempo - e da forma como o gerem - livremente.

[200] *Idem*; p. 130

[201] *Idem*; p. 131

Explicitados estes exemplos, que ilustram e procuram identificar sucintamente os principais agentes envolvidos nas relações entre a sociedade, os parques urbanos e o tecido urbano envolvente, torna-se fundamental sumarizar algumas apreciações e constatações relativamente aos mesmos.

De um modo geral, os parques urbanos que não sejam, à partida (e pelas já referidas razões), ocupados permanentemente por uma população indigente, apenas possuirão a capacidade de ser natural e casualmente povoados e usufruídos de forma constante e por uma população diversificada se se situarem muito próximos de pontos em que activas e diversas correntes de vivenciação e funcionalidade convergem (Jacobs, 1993). A mesma autora refere que existem diversas formas e indícios casuais e práticos com vista à identificação de áreas desta natureza:

convergência

> "It is easy to identify such centers of district life and activity, because they are where people with leaflets to hand out choose to work (if permitted by the police)."[202]

No entanto, deve identificar-se também a redundância e os efeitos degenerativos inerentes à implantação de parques urbanos em locais desta natureza, que carecem da sua existência se, durante esse processo, os factores e razões pelas quais as pessoas ali se concentram forem abolidos, e o próprio parque se assumir como um substituto das mesmas (Jacobs, 1993). Os parques urbanos como realidade isolada geralmente não possuem a capacidade de substituir as valências e os efeitos produzidos por graus elevados de diversidade urbana. A este propósito, deve sublinhar-se que, para se revelarem plenamente como casos de sucesso, os parques urbanos não se devem impôr como barreiras ou interrupções ao funcionamento intricado dos organismos urbanos que se desenvolveram, desenvolvem, ou desenvolverão em seu redor.

diversidade

Existem, porém, diversos aspectos intrínsecos à própria configuração - ou desenho - dos parques que inferem de igual modo na forma como são avaliados pelos cidadãos os seus aspectos valorativos e funcionais; na forma como nutrem, mantêm ou apelam aos sentimentos apego sentimental por eles desenvolvidos.

> "For if the object of a generalized bread-and-butter neighborhood park is to attract as many different kinds of people, with as many different schedules, interests, and purposes as possible, it is clear that the design of the park should abet this generalization of patronage rather than work at cross-purposes to it."[203]

[202] *Idem*; p. 132

[203] *Idem*; p. 134-135

Neste sentido, devem abordar-se quatro aspectos que, segundo Jane Jacobs (1993), se consideram, neste âmbito, fundamentais: intricação, centralidade, iluminação solar e sentido de clausura – um sentido físico de encerramento que permita suscitar noções de protecção e recolhimento.

intricação

A primeira questão refere-se à desejabilidade dos parques serem constituidos por uma diversidade de situações, momentos e oportunidades que estimule, precisamente, a correspondente diversidade de usos, pessoas e estados de espírito relativamente aos quais se devem encontrar receptíveis. Deve, portanto, evitar-se a monotonia ou a falta de interesse que podem decorrer de uma configuração demasiadamente homegeneizada ou simplificada. A este propósito, referem-se subtis expressões de diferenciação como sejam, por exemplo, diferenças de nível no terreno, agrupamentos de árvores, aberturas que estabeleçam ligação com diversos pontos focais. Os efeitos destas subtilezas seriam, por sua vez, ampliados pela diversidade de usos que despolearíam e se desenvolveriam sobre as mesmas. Neste âmbito, os casos de sucesso apresentam geralmente um aspecto bastante mais intricado enquanto estão a ser efectivamente usufruídos, relativamente a quando se encontram vazios.

monotonia

> "An intelligent and able woman who lives beside Ritthenhouse Square remarks, "I've used it almost every day for fifteen years, but the other night I tried to draw a plan of it from memory and couldn't. It was too complicated for me." The same phenomenon is true of Washington Square, in New York."[204]

centralidade

O segundo aspecto – a *centralidade* – é, provavelmente, o elemento constituinte do processo de intricação mais importante.

> "Good small parks typically have a place somewhere within them commonly understood to be the center - at the very least a main crossroads and pausing point, a climax. (...) People try hard to create centers and climaxes to a park, even against odds. (...) the finest centers are stage settings for people."[205]

insolação

A *insolação* - da qual provêm luz e calor, sombra e fresco, é outro dos aspectos a ter em conta no âmbito dos parques urbanos. Neste sentido, sublinha-se o efeito, muitas vezes indesejável, que a presença de edifícios altos – especialmente se se encontrarem implantados a sul – exercem sobre os parques. A este propósito, o exemplo de *Ritten-*

[204] *Idem*; p. 135

[205] *Idem*; p. 137-138

Figura 5.22. Vista aérea de *Prospect Park* | http://www.maps.google.com

Figura 5.23. Vista de *Prospect Park* | http://www.modusoptimus.com

house Square – apesar das suas múltiplas qualidades enquanto modelo de parque urbano – é alvo deste infortúnio durante determinadas horas do dia.

> "On a good October afternoon, for example, almost a third of the square lies completely empty; he great building shadow across it froma new apartment house is a great eraser of human beings within its pall."[206]

contenção / clausura

Não obstante a preponderância e os efeitos inerentes a este aspecto em particular, deve dizer-se que, no âmbito de providenciar e encorajar níveis e diversidade de utilização o mais elevados possível, a presença de edifícios nos limites, ou imediações, dos parques reveste-se de extrema importância e utilidade. Além de outras funções e valências – que serão abordadas mais adiante – conferem aos parques um enquadramento desejável; um sentido de emcerramento e contenção que, simultaneamente, clarifica a sua forma e o valor da relação que mantêm com a cidade.

> "They enclose it. They make a definite shape out of the space, so that it appears as an important event in the city scene, a positive feature, rather than a no-account leftover."[207]

Prospect Park

Antes de prosseguir para o subcapítulo seguinte, que visa especificamente o estudo do Parque da Cidade do Porto, importa referenciar e desenvolver brevemente um outro exemplo, directamente afecto ao objecto de estudo deste trabalho; o caso de *Prospect Park*, em Brooklyn (EUA). A citação que se segue introduz, em termos bastante gerais, a essência deste parque.

> "(...) parts of Brooklyn's Prospect Park seem much like the old grove. For instance, on the Peninsula lies a pleasant field of two or three acres bordering the lake on one side and a placid stream on the other. A dirt path meanders along the shore towards the woods beyond the field. Families gather for picnics under the trees or to sit and look out at the water. Men and boys fish, young people play ball, and children ride their bikes. Groups of adults and teenagers stroll along the nearby road, pausing to look out at the water. This is a favorite place to bring dogs because they can run in the field and swim in the lake. (...) Birds and ducks occupy the lake surface and the air above, and fish live in the water. Big trees cast shade, and when one ocasionally falls over its trunks and branches make an attractive jungle gym. (...)"[208]

[206] *Idem*; p. 138

[207] *Ibidem*

[208] Low, S., Taplin, D. & Scheld, S., 2005; p. 37

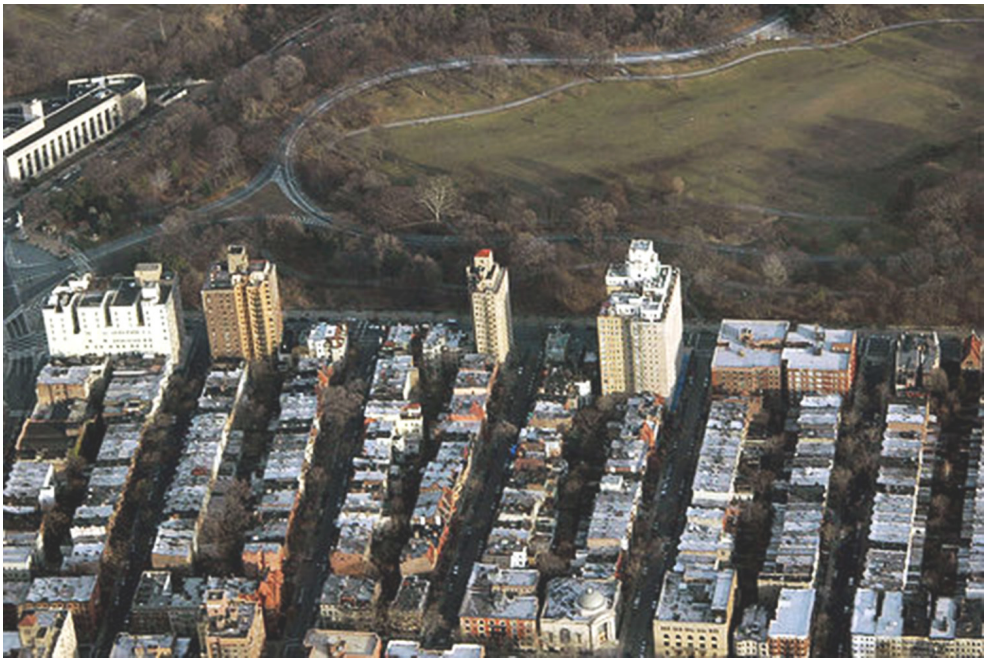


Figura 5.24. Planta de *Prospect Park* | http://www.mappery.com

Figura 5.25. Vista aérea de *Prospect Park* | http://www.gothamist.com

Este parque paisagístico - que possui uma extensão total duas vezes maior que aquela do Parque da Cidade do Porto - tornou-se um lugar previligiado para o desenvolvimento de diversas actividades recreativas vernaculares. É "amplo, agradável à vista, e cómodo para a utilização pedestre" (Low; Taplin & Scheld, 2005). O lugar tem resistido a crescentes e generalizadas tentações de desintegração, reconstrução, isolamento e restrição de espaços (com recurso a gradeamentos, etc.); encontrando-se igualmente despojado de efeitos ou motivos ajardinados e estruturas pitorescas. Neste sentido, este parque urbano apresenta algumas características físicas e dinâmicas sociais/culturais pertinentes no âmbito da constituição de referencias para o caso de estudo do trabalho.

recreação

> "Now the field seems just to exist, like a quiet rural place unclaimed by urban development."[209]

Primeiramente, deve referir-se que, a partir de 1995, os organismos responsáveis pelos parques urbanos nesta zona em particular acordaram que a alteração das atitudes e comportamentos dos utilizadores do parque poderia constituir um importante método de substituição dos convencionais – e mais custosos – níveis e práticas de manutenção e supervisão: os utilizadores tornar-se-iam, então, "seguranças" do parque. Neste sentido, as entidades gestoras do parque elaboraram estudos sobre diversos grupos de utilizadores do mesmo para, posteriormente, encorajar o diálogo entre esses grupos, que se fortaleceram e se tornaram mais activos, de acordo com algumas noções sobre as inferências das suas actividades no parque (Low; Taplin; Scheld, 2005).

segurança

diálogo

Sobre este parque, é fundamental referir que integra um complexo cívico que inclui, entre outras funções de menor importância, um Jardim Botânico, o Museu de Brooklyn e o edifício principal da Biblioteca Pública da cidade. O parque – a par das suas ligações e percursos principais – foram construídos entre 1867 e 1873, no âmbito da valorização de futuros empreendimentos residenciais que se desenvolveriam nos terrenos devolutos em seu redor. A estratégia resultou, uma vez que nas imediações surgiram, de forma "densa mas próspera" (Low; Taplin & Scheld, 2005), diversas secções residenciais (*Prospect Heights*, *Crown Heights* e *Park Slope*, a título de exemplo). Deste modo, o tecido urbano que envolve *Prospect Park* é maioritariamente de uso residencial, com as zonas maioritariamente compostas por indústria e escritórios localizadas noutras áreas, mais afastadas. A este propósito, é fundamental referir que os bairros adjacentes ao parque possuem todos uma relação espacial directa e imediata com o mesmo. Neste sentido, dada a diversidade de classes e etnias que aqui se concentram, a constituição étnica e, consequentemente, as atmosferas gerais do parque variam consoante a esfera de influência de cada bairro sobre o espaço.

valorização

proximidade

diversidade

[209] *Ibidem*

Figura 5.26. Vista de *Prospect Park* | http://www.nycgo.com

Figura 5.27. Vista do palco/*bandshell* de *Prospect Park* | http://www.gothamist.com

actividades

O parque integra, de igual modo, diversas estruturas construídas e recursos para o desenvolvimento de actividades, que se explicitam na seguinte citação:

> "The Bandshell (...) is the site of a popular, summer-long program of outdoor pop music concerts. On the opposite side of the park (...) are the Prospect Park Zoo, the Carousel, and the Lefferts Homestead, a historic house museum geared to children. There are six children playgrounds a different locations along the edges of the park, each relating to the adjacent neighborhood. Farther inside the park, a cluster of baseball fields (...), and an artificial skating rink borders the east side of the lake. There are several more ball fields in the Parade Ground, a separate area across Parkside Avenue from the park's southern border. Brooklyn's large West Indian community makes use of an area along the circuit drive near the corner of Ocean and Parkside avenues for a weekly drumming and dancing festival that can attract hundreds of participants, onlookers, and food and craft vendors on a warm Sunday afternoon. (...)"[210]

gestão

Também ao nível da estrutura que rege as responsabilidades de gestão e manutenção do parque foram desenvolvidos alguns aspectos que importa referir. Durante as décadas de 1970 e 1980, o parque atravessou uma fase de declínio e relativa degradação. Consequentemente, foi organizado e criado um grupo constituído por departamentos próprios afectos ao parque, utilizadores e líderes cívicos (*Prospect Park Alliance*) que, em conjunto com os organismos oficiais do governo da cidade, regem e acompanham os processos de gestão e manutenção do mesmo (Low; Taplin & Scheld, 2005).

> "The Alliance "brings together the community, corporate, and government resources" necessary to maintain and renew the park, raising funds for landscape restoration and community programming and operating a volunteer program (Prospect Park Alliance Annual Report 1995)."[211]

expressão social / cultural

No que respeita a forma como o Parque é aceite e percepcionado pelos seus visitantes – nomeadamente nas actividades e competências lúdicas, sociais e culturais que proporciona – deve salientar-se que o parque representa um lugar privilegiado para o desenvolvimento das expressões sociais e culturais de diversos grupos.

> "(...) African/West Indian drumming and dancing, Haitian roots music, and an officially sponsored yet very diverse pop music concert program. (...) Much of the action in the park is common to people of different cultural and class backgrounds."[212]

[210] Low, S., Taplin, D. & Scheld, S., 2005; p. 46-47

[211] *Idem*; p. 47

[212] *Idem*; p. 48

Figura 5.28. Vista da *Boathouse* de *Prospect Park* | http://www.nycgo.com

Figura 5.29. Vista do exterior do Carossel de *Prospect Park* | http://www.gothamist.com

Existem, no entanto, algumas diferenças relativamente à forma como diversas culturas e *backgrounds* se referem a certos aspectos do parque. Quando questionadas sobre as razões pelas quais frequentam o espaço, a resposta que indica "pelas pessoas" - que inclui motivações como sejam, por exemplo, "associação e identidade etnico-cultural", "lugar para encontros com amigos" e "diversidade social" - tem incidência mais elevada entre a população negra. Já a população caucasiana refere a categoria "agradável/bonito" como uma das principais razões. O parque como "recurso cívico" é um valor partilhado por ambas as populações. A este propósito, deve ainda referir-se que a população caucasiana é aquela que apresenta mais relutâncias em considerar o parque um "lugar seguro"(Low; Taplin & Scheld, 2005).

classe-média

Modo geral, os visitantes de *classe-média* expressão valores que reflectem a tradição romântica ocidental, que idealiza nestes parques a natureza e o espaço selvagem, a par de uma noção contemporânea de consciência cívica e ambientalista. Para a maioria representada por este grupo, a essência existencial do parque consiste num "lugar para caminhar e apreciar as vistas; para se estar sozinho ou para passear os cães; para correr ou andar de bicicleta; ou para reflectir e relaxar"(Low; Taplin & Scheld, 2005)[213] .

> "These visitors represent one extreme of the usership: for them the park is important as a wildlife sanctuary rather than as a social space."[214]

sucesso
variedade

Em suma, pode dizer-se que o *Prospect Park* é um espaço público de sucesso, essencialmente pela forma como atraí e congrega uma ampla variedade de pessoas, classes e culturas, por diversas razões e no âmbito do desenvolvimento de igualmente diversas actividades. Para esta condição contribuem um conjunto de factores que, com resultados positivos, representam um modelo válido e bastante pertinente:

> ""(...) a conveniently located, naturalistic, open ground enhanced with recreational amenities. The spatial pattern of open green spaces defined and separated by vegetation and topographic features, and the presence of water in some areas, provides many places for people o gather. This layout allows most visitors to find the combination of public and private experience that feels right to them. (...) An important variable in the distribution of such places is the presence of built features either intended or adapted for recreational use. Many of the socially active places in Prospect Park combine natural features of ground, vegetation, and sometimes water with built features.[215]

[213] Estes são apenas alguns dos aspectos referidos por um estudo sobre *Prospect Park* (entre outros parques urbanos), elaborado por Setha Low, Dana Taplin e Suzanne Scheld. Os dados referidos representam aspectos relevantes no âmbito do caso de estudo do presente trabalho, que serão devidamente expostos e relacionados nos subcapítulos que se seguem.

[214] *Idem*; p. 60

[215] *Idem*; p. 65

Outro dos factores inferentes no valor e bom funcionamento deste parque consiste no facto de ser o único espaço público de carácter declaradamente recreativo, de grande escala, no seio de um contexto urbano que alberga quase três milhões de pessoas - a maioria das quais não possui jardins ou espaços exteriores privados, associados às suas unidades habitacionais (Low; Taplin; Scheld, 2005). Neste sentido, deve referir-se igualmente a forma como a gestão e o acompanhamento das dinâmicas do parque foram constituídas e desenvolvidas, aprofundando os níveis de conhecimento e sensibilidade relativamente às diferenças de classe e cultura nele impressas; aumentando assim a capacidade sua capacidade de encontrar respostas inclusivas e satisfatórias no âmbito dos valores e intenções demonstrados pelos seus utilizadores.

gestão

valores / intenções

> "Prospect Park may be a valuable natural resource, but contemporary city residents have access to more satisfying examples of natural environments a bit farther afield. What really attracts people to this city park is its vibrant cultural life in a naturalistic setting."[216]

[216] *Idem*; p. 66

Este trabalho integra, como parte fundamental e estruturante do caso de estudo, o desenvolvimento de um questionário (cf. ANEXO I), que foi distribuído e preenchido por pessoas que aleatoriamente, em dias e horas diversas, foram abordadas no Parque da Cidade do Porto.

Tal como foi anteriormente sublinhado, os parques urbanos constituem-se como lugares privilegiados para a avaliação, demonstração e desenvolvimento das consciências e dos actos de cidadania. Neste sentido, o valor desta componente do trabalho é avaliado tendo em consideração a preponderância do papel que os indivíduos e comunidades desempenham no processo de determinação das vicissitudes e/ou lacunas dos seus espaços públicos e recursos históricos (Low; Taplin; Scheld, 2005).

cidadania

valores culturais

> "'Cultural values' refers to the shared meanings associated with people's lives, environments, and actions that draw upon cultural affiliation and living together. They are often expressed as value judgments, that is to say, something is considered good or bad depending on how it registers with a person's or group's attitudes at a particular moment. (...) Cultural values are our best indicators as to what people think and feel about a landscape such as a park or heritage site, and they can act as a guide to understanding park use and disuse, place attachment or lack of it, and symbolic meanings."[217]

Por forma a explorar o valor e as abrangências do supra-citado no caso concreto do Parque da Cidade do Porto, procurando avaliar a circustância particular deste vazio urbano agora caracterizado, foi desenvolvida uma metodologia de trabalho, que visa um conjunto de participantes, abaixo descrita.

Instrumento

Comprovadamente um meio pragmático para a obtenção de dados relativos ao quotidiano dos indivíduos, o registo de informação fornecida pelo próprio – sob a forma de um questionário – capacita-nos para encontrar respostas a uma série de questões que procuram constatar algumas concepções gerais que as pessoas manifestam sobre a existência do Parque, bem como a possibilidade e os modos de usufruto do mesmo, i.e., identificar por que razões, e de que modo, os indivíduos despendem e desenvolvem o seu tempo num espaço público de grande escala e com um carácter bastante particular.

[217] *Idem*; p. 15

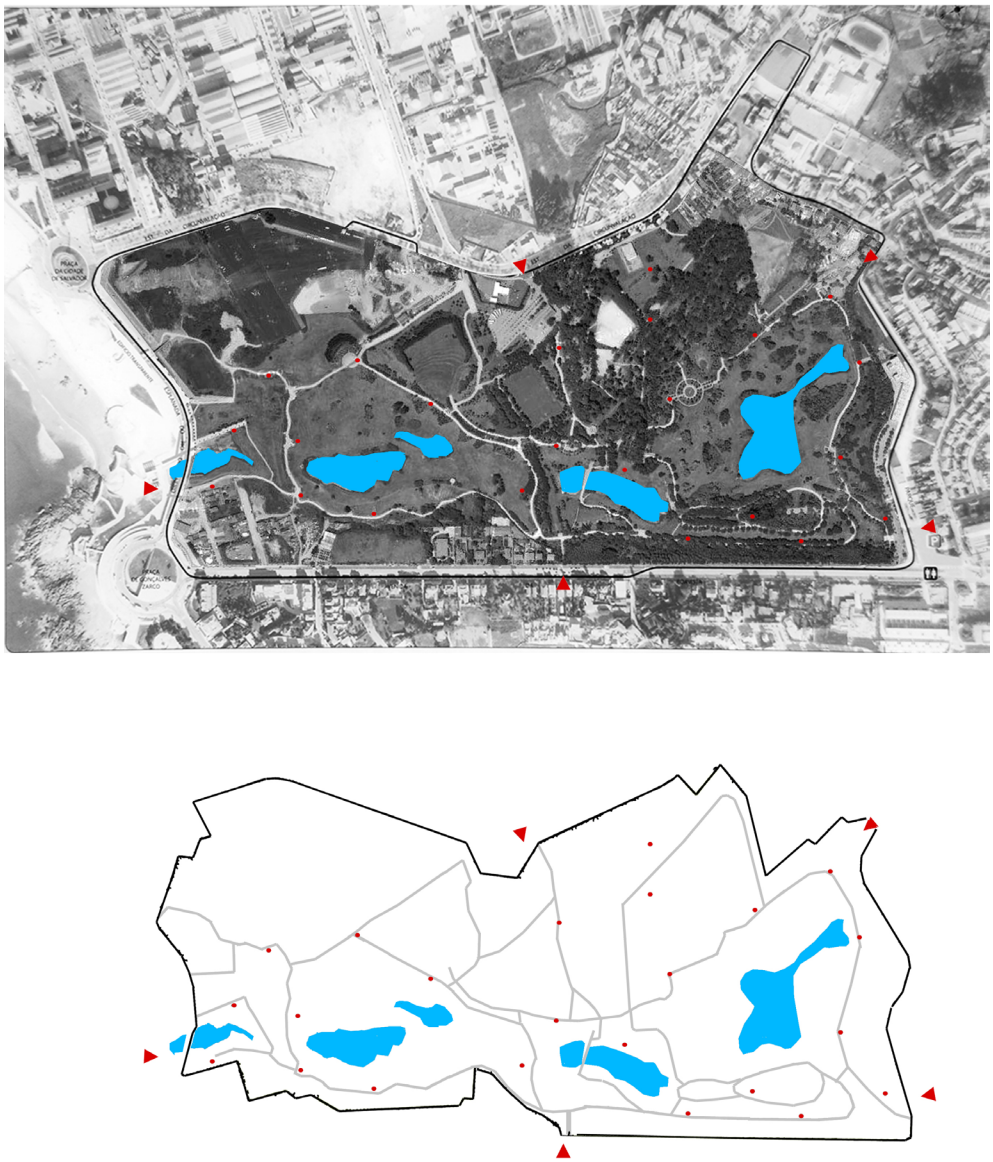


Figura 5.30. Esquema indicativo dos principais pontos de abordagem aos transeuntes

O instrumento é complementado, para além das questões formuladas, por uma tarefa de desenvolvimento gráfico e esquemático, solicitando-se a representação de uma planta geral do Parque, que visa apurar a capacidade de os seus utilizadores reterem e representarem uma imagem mental deste espaço.

O método de processamento das respostas aos questionários, organizadas em categorias e subcategorias, é baseado numa análise de conteúdo, a partir da qual se explicitam, em tabelas e gráficos, os correspondentes dados. As ilações decorrentes dos esquemas desenhados (cf. ANEXO II) serão essencial e devidamente abordadas, analisadas e relacionadas no subcapítulo seguinte, que visa explicitar algumas considerações finais acerca deste caso de estudo.

Procedimento

Os dados foram recolhidos entre os meses de Março e Agosto de 2010. O inquérito de recolha de dados foi realizado dentro do espaço delimitado do Parque da Cidade, em zonas diversas (cf. Figura 5.27), bem como em dias e horas distintas, tendo os múltiplos transeuntes abordados consistido na unidade de amostragem.

Os participantes foram abordados aleatoriamente, entre as 10h e as 20h, equitativamente em dias de semana e de fim-de-semana, tendo-lhes sido primeiramente explicitado o objectivo do preenchimento do inquérito, solicitando-se a sua colaboração.

Participantes

Participaram no estudo 60 indivíduos (30 do sexo masculino; 30 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 14 e 70 anos, em situação laboral de emprego, desemprego ou reforma; alguns dos entrevistados encontravam-se em situação de frequência académica (cf. Tabela 1)[218].

Tabela 1.

Características dos participantes e dos dias de realização do questionário

		(*N* = 60)	%
GÉNERO	Feminino	30	50.0
	Masculino	30	50.0
IDADE	> 35 anos	30	50.0

[218] Refira-se como limitação do estudo o facto de a dimensão da amostra não permitir uma generalização dos resultados para a população portuguesa, o que num estudo mais aprofundado deveria ser assegurado. Seria também uma mais-valia, num futuro estudo, abordar transeuntes não apenas no interior do Parque mas também no espaço circundante.

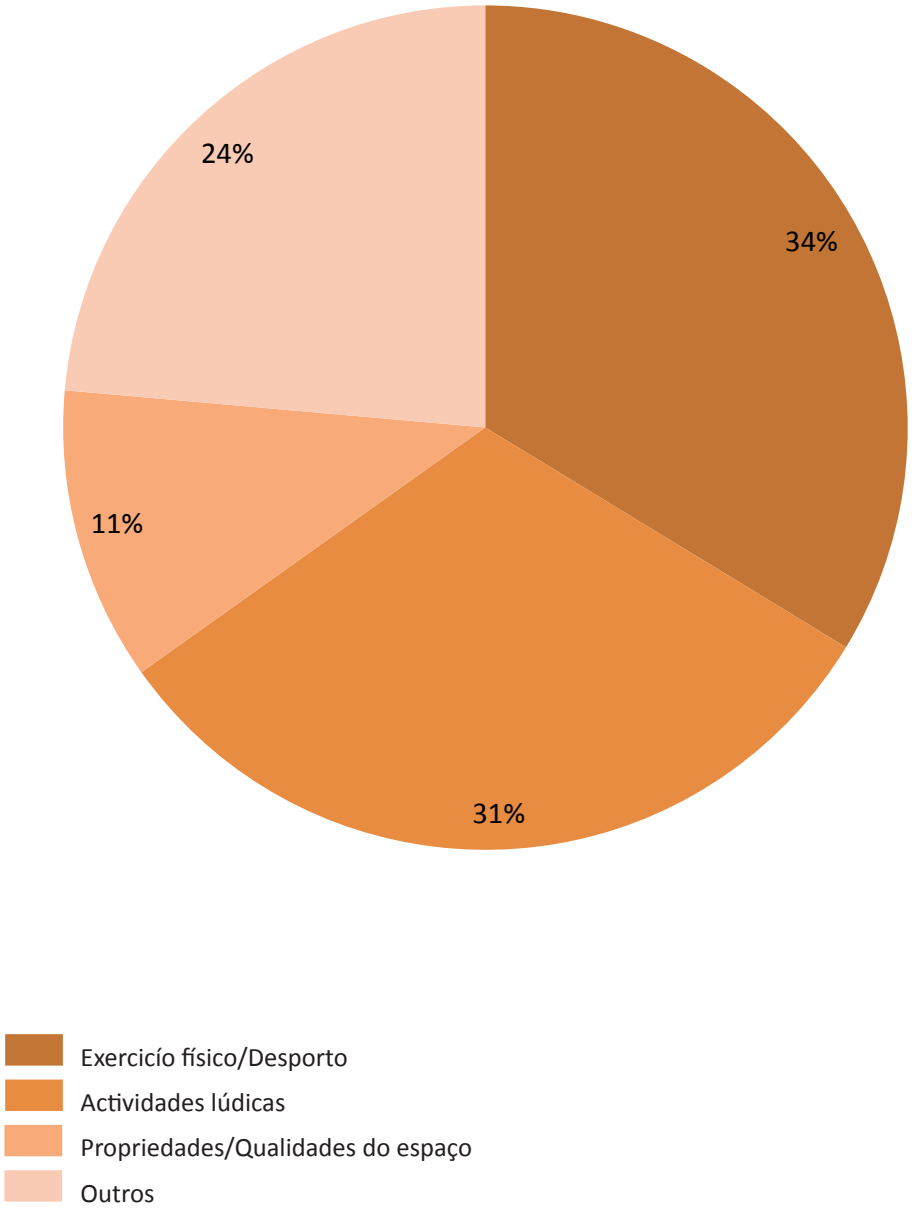


Figura 5.31. Gráfico representativo dos principais tipos actividade desenvolvidas no parque

	< 35 anos	30	50.0
SITUAÇÃO LABORAL	Empregado	34	56.7
	Desempregado	11	18.3
	Reformado	6	10.0
	Estudante	9	15.0
DIA DO QUESTIONÁRIO	Semana	30	50.0
	Fim-de-semana	30	50.0

• **Questão nº 1**

"Porque razão/razões frequenta o Parque ? Que actividades procura desenvolver nele?"

Tabela 2

Categoria	Actividade	*N*
Exercício físico/Desporto	Andar de bicicleta	6
	Correr	8
	Caminhar	16
	Jogar futebol	5
	Jogar mini-golf	1
	Jogar voleibol	1
	Não especifica	11
Actividades lúdicas	Fotografar	2
	Ir ao café	1
	Ler	6
	Apanhar sol	2
	Fazer pic-nics	2
	Passear com família/filhos	20
Propriedades/Qualidades do espaço	Ambiente	1
	Contacto com natureza	8
	Amplitude do espaço	1
Outros	Conhecer	2
	Actividades laborais	2
	Evangelizar	1
	Passear o cão	3

Figura 5.32. Vista de edifício devoluto e do oceanário junto à entrada poente do parque

• **Questão nº 2**

"Em que dias da semana e a que horas do dia costuma frequentar o Parque ?"

Tabela 3

Dias	Período	*N*
Semana	Manhã	0
	Tarde	6
Fim-de-semana	Manhã	9
	Tarde	23
Semana e Fim-de-semana	-	26

• **Questão nº 3**

"Que entrada/saída costuma utilizar ?"

Tabela 4

Entrada/Saída	*N*
Nascente (Parque de estacionamento)	26
Nascente (Núcleo Rural, Aldoar)	2
Sul (Avenida da Boavista)	11
Poente (Frente Marítima)	17
Norte (Circunvalação)	20
Indiferente	1

• **Questão nº 4**

"Qual a principal característica do Parque ?"

Tabela 5

Característica	*N*
Amplitude/Dimensão	13
Fauna/Flora	25
Percursos	6
Lagos	6

Figura 5.33. Vista para nascente de parte da extensão do acesso a poente do parque

Figura 5.34. Vista para poente de parte da extensão do acesso a poente do parque

Tranquilidade/Sossego	15
Beleza	3
Limpeza	1
Potencia diversidade de actividades	4
Contacto com natureza	16
Paisagem	2
Bem integrado na cidade	1
Fontes	1
Segurança	1
Ruína/Mirante	1

• **Questão nº 5**

"Qual a zona/atracção do Parque que mais lhe agrada ?"

Tabela 6

Zona/Atracção	*N*
Zona poente	7
Zona norte	3
Zona nascente	3
Zona rural	1
Zona sul	1
Percursos	5
Fauna/Flora	9
Campos desportivos	1
Relvados	2
Privacidade	1
Sombras	1
Lagos	30
Todas/Tudo	11
Não sabe/Não responde	1

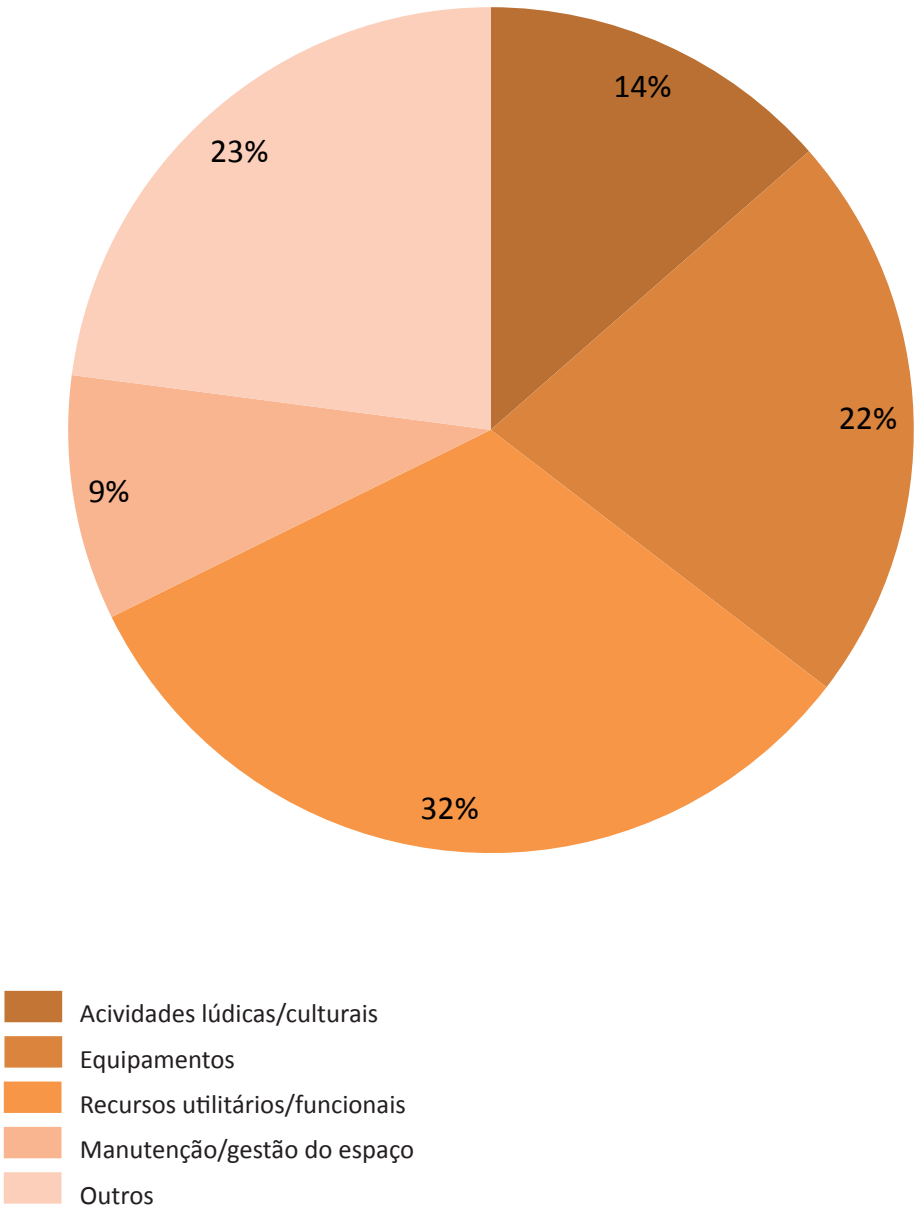


Figura 5.35. Gráfico representativo das principais referências de actividades a incluir/desenvolver no parque; inexistentes ou pouco desenvolvidos no panorama actual do mesmo

• **Questão nº 6**

"Considera o Parque um sítio seguro ?"

Tabela 7

Segurança		*N*
Sim	-	39
Não	-	3
Outros	Depende da zona e horas	19
	Depende da dispersão/isolamento das pessoas	1

• **Questão nº 7**

"O que faz falta no Parque?"

Tabela 8

Categoria	Elementos	*N*
Actividades lúdicas/culturais	Actividades vocacionadas para crianças	2
	Animação cultural/rua	3
	Eventos musicais /coreto	4
	Feiras	1
	Eventos de dança	2
	Dinamização de jogos lúdicos	1
Equipamentos	Parque infantil	5
	Piscina	4
	Cafés	3
	Casa de chá	1
	Área de lazer	2
	Pequeno zoo	1
	Campos de futebol gratuitos	1
	Postos de venda ambulante	2
	Zonas para refrescar	1
	Cestos basquetebol	1
Recursos utilitários/funcionais	Posto de primeiros-socorros	1
	Chuveiros	1
	Vedação nos lagos	2
	Locais para churrasco	2

Figura 5.36. Vista de parte de parte do limite sul do parque, a partir do interior do mesmo

	Chafarizes	1
	Cacifos	1
	Veículos eléctricos para os seguranças	1
	Zona de banhos	1
	Mais casas de banho	9
	Mais vigilância	8
	Mais iluminação	1
	Mais baldes de lixo	1
	Mais lavabos para as mãos	1
	Mais bancos	1
Manutenção/gestão do espaço	Melhor manutenção da relva	1
	Melhor manutenção dos animais	1
	Melhor manutenção da zona poente	1
	Mais árvores	2
	Mais percursos	1
	Mais limpeza	1
	Mais/melhor proveito dos limites	1
	Ligação mais aberta/diversificada com a cidade	1
Outros	Não sabe/Não responde	12
	Não foram questionados	10

| 5.5. Considerações sobre o caso de estudo

Neste subcapítulo final pretende-se, com referência aos diversos temas e exemplos até aqui abordados, tecer algumas considerações sobre a morfologia das significâncias inerentes e idiossincráticas do Parque da Cidade do Porto. Esta secção do trabalho culminará em algumas observações e sugestões relativamente a possíveis estratégias de (re)adaptação ou valorização do espaço, com base na informação elicitada com recurso aos inquéritos[219].

Principia-se pela transcrição de seis pontos (ou "lições") fundamentais – expostos por William H. Whyte (cit. Low; Taplin & Scheld, 2005) – no âmbito da promoção de condições favoráveis à sociabilidade e consagração da diversidade cultural no espaço público urbano[220]:

[219] Embora, como foi referido, o autor do projecto tenha explicitamente optado por despojar o parque de edifícios ou outros elementos alheios ao mesmo, deve ter-se em consideração que o processo de evolução das cidades é altamente complexo e mutável tanto no espaço, como no tempo. Neste sentido, segundo algumas constatações e exemplos que integram este trabalho, deve equacionar-se a hipótese deste vazio se encontrar ainda, em certos sentidos, expectante, não total e definitivamente consolidado.

[220] Considera-se a diversidade como uma componente essencial na avaliação do nível de sucesso de qualquer ecossistema humano. (Low, S., Taplin, D. & Scheld, S., 2005; p. 5)

Figura 5.37. Vista do edifício de serviços sanitários junto à entrada norte do parque

Figura 5.38. Vista do percurso principal do parque,junto ao limite sul do mesmo

> "1. If people are not represented in historical national parks and monuments or, more importantly, if their histories are erased, they will not use the park.
> 2. Access is as much about economics and cultural patterns of park use as circulation and transportation; thus, income and visitation patterns must be taken into consideration when providing access for all social groups.
> 3. The social interaction of diverse groups can be maintained and enhaced by providing safe, spatially adequate territories for everyone within the larger space of the overall site.
> 4. Accommodating the differences in the ways social class and ethnic groups use and value public sites is essential to making decisions that sustain cultural and social diversity.
> 5. Contemporary historic preservation should not concentrate on restoring the scenic features without also restoring the facilities and diversions that attract people to a park.
> 6. Symbolic ways of communicating cultural meaning are an important dimension of place attachment that can be fostered to promote cultural diversity."[221]

Neste sentido, deve referir-se que, dos sessenta transeuntes abordados, apenas três não possuem nacionalidade portuguesa[222]. A grande maioria da população entrevistada concluiu um curso superior e desempenha ocupações profissionais geralmente associadas a um estatuto socioeconómico mais elevado[223]. É igualmente importante referir que 10% (*N*=6) dos indíviduos entrevistados se encontram em situação de reforma, e que cerca de 18% (*N*=11) estão desempregados. Ainda sobre a natureza social/profissional dos utilizadores abordados, é identicamente significativo o número de indivíduos estudantes (*N*=9), do ensino secundário e, primordialmente, do ensino superior.

estatuto socioeconómico

frequência

Neste prisma, embora a frequência do Parque da Cidade não se circunscreva unicamente a indivíduos presumivelmente de classe média/média-alta ou alta, verifica-se que são estes que maioritariamente utilizam o espaço. Tal como foi referido nos exemplos anteriores, também este parque se enquadra, nos termos e dinâmicas da sua utilização, no modelo geral de parque paisagístico; tanto pelo estrato de população predominante que atrai, como pela ordem de valores e significâncias atríbuidas ao mesmo. Assim, uma vasta maioria de pessoas usufrui do parque essencialmente como lugar para o desenvolvimento de exercício físico ou actividades lúdicas/recreativas. Para a maioria destas

valores / significados

[221] Whyte, W., cit. Low, S., Taplin, D. & Scheld, S., 2005; p. 4-5

[222] Estes três cidadãos, todos do sexo masculino e actualmente residentes na cidade do Porto, têm nacionalidades Americana, Brasileira e Inglesa. A sua participação no inquérito suscita algumas considerações interessantes que serão abordadas mais adiante.

[223] Esta inferência cinge-se à ocupação profissional dos transeuntes abordados, referenciada com base na classificação International *Standard Classification of Occupations* (ISLO, 2008). Embora a variável ocupação profissional dos inquiridos seja bastante heterogénea, entre as mais referidas constam a de professor (*N*=3), engenheiro (*N*=3), investigador científico (*N*=2), entre outras como sejam as de enfermeiro (*N*=1) e empresário (*N*=1), a título de exemplo.

Figura 5.39. Vista do percurso principal do parque, junto ao limite sul do mesmo

Figura 5.40. Vista do campo de voleibol, situado no quadrante noroeste do parque

pessoas é o "sistema de percursos", o "contacto com a natureza" e a "amplitude do espaço" que se identificam como as principais características do mesmo[224]. Ainda sobre este aspecto, é importante reter o número significativo de referências ao carácter lúdico do parque, nomeada e especificamente sobre a possibilidade que representa para o convívio entre membros da mesma família. Apenas um entrevistado referiu explicitamente as suas visitas ao parque no âmbito de encontros e convívio com amigos ou conhecidos. Alguns transeuntes – líderes de grupos específicos, como sejam escolas, clubes desportivos ou infantários, a título de exemplo – elegem o Parque como lugar privilegiado para o desenvolvimento de algumas das suas actividades sem que, no entanto, a unidade desses grupos se dissolva excessivamente, limitando assim as possibilidades de contacto com outras pessoas, actividades e realidades. O único transeunte que demonstrou utilizar o parque explicitamente como meio de desenvolvimento ou contacto social/cultural espontâneo foi um estudante Americano – missionário – que, entre outras coisas, encontra neste espaço diversas possibilidades para "divulgar a mensagem religiosa".

carácter lúdico

grupos

contacto social/cultural

No que respeita aos períodos em que os transeuntes frequentam o parque, é importante assinalar que a maioria usufrui do espaço tanto em dias de semana – com especial ênfase nos períodos da tarde – como ao fim-de-semana, durante o qual se repartem de forma relativamente equilibrada as referências aos períodos de manhã e tarde. Foram feitas apenas duas referências (*N*=2) à utilização do espaço depois de anoitecer[225]. Deste modo, a maioria das pessoas revela manter com o parque uma relação rotineira, tanto no que concerne aos dias, como aos períodos horários dos mesmos.

A este propósito, importa retirar algumas ilações sobre as dinâmicas envolvidas nos processos de deslocação e acesso ao parque. Tal como foi referido no subcapítulo 5.2, o parque possuí cinco pontos de acesso devidamente qualificados. Assim sendo, deve referir-se que uma vasta maioria dos transeuntes abordados se desloca ao mesmo de automóvel, registando-se deste modo uma maior afluência de pessoas que utilizam as entradas nascente – adjacente à Avenida da Boavista – e norte, a partir da estrada da Circunvalação[226]. Para esta maioria de visitantes, o Parque da Cidade é um destino predefinido, ao qual se deslocam propositadamente para desenvolver determinadas actividades. Existe ainda um número significativo de respostas (*N*=17) que indicam a utilização do acesso a poente, junto à frente marítima. Na maioria destes casos – a par das pessoas que para ali se dirigem de transporte público – as referências mais comuns referem a incursão no parque como opção de continuidade de um percurso (geralmente à beira-mar)

acessos

mobilidade

[224] Em concordância com as constatações referentes ao exemplo de *Prospect Park*, este extracto de população - caucasiana e presumivelmente de nível socioeconómico médio - avalia o lugar maioritariamente pelas suas características físicas e ambientais; um juízo de valor do foro sentimental, que enfatiza a condição e a primazia do próprio indivíduo - ou de grupos restritos - relativamente a outros factores como sejam, por exemplo, o contacto, convívio ou partilha de experiências sociais/culturais.

[225] Este aspecto, que se relaciona inevitavelmente com a percepção dos níveis de segurança no parque, será desenvolvido e devidamente relacionado mais adiante.

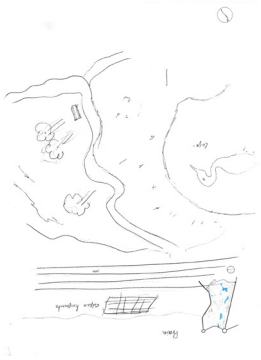
[226] *N*=26 e *N*=20, respectivamente. Note-se que ambos estes pontos de acesso se situam sobre eixos importantes ao nível da mobilidade nesta zona da cidade, existindo igualmente parques de estacionamento automóvel nas suas imediações. Ressalva-se, também, que alguns dos transeuntes que utilizam estes acessos se deslocam até aos mesmos com recurso a transportes públicos.

Figura 5.41. Vista do lago central e área envolvente

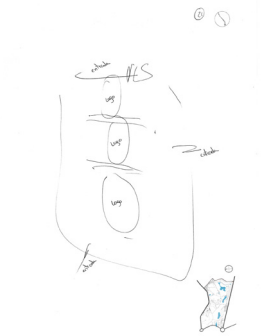
Figura 5.42. Vista de uma das clareiras relvadas na zona norte do parque

previamente iniciado. Importa ainda referir que apenas quatro entrevistados referiram explicitamente habitar nas imediações do Parque da Cidade, dois dos quais se constituem como os únicos a mencionar a utilização de um outro acesso existente a nascente, através do "Núcleo Rural".

carácter



Quando questionados relativamente a qual seria a principal característica do Parque da Cidade do Porto, a maioria dos inquiridos não se mostrou capaz de responder de forma imediata, ou unânime. Relativamente a esta questão não surgiram proeminentemente respostas que indicassem elementos de carácter físico e concreto, mas antes uma série de opiniões sobre a percepção ambiental e vivencial do espaço - o seu *genius*. Neste sentido, foram primordialmente referenciados aspectos como a "fauna/flora" (*N*=25), o "contacto com a natureza" (*N*=16), a "tranquilidade/sossego" (*N*=15) e a "amplitude/dimensão do espaço" (*N*=13). Foram obtidas respostas como "muitas árvores, sombras; desenhado de maneira rústica – à portuguesa. É amplo e verde", "verdura e natureza, ao menos não se vê prédios" e "é grande e fresco; verde e relaxante". Ainda sobre este aspecto, elementos declaradamente de índole física/paisagística como sejam, por exemplo, os lagos ou a rede de percursos, foram referidos apenas doze vezes.



No entanto, quando se pretende apurar qual a zona/atracção do parque que se constitui como a mais significativa ou agradável para os transeuntes, as referências aos lagos assumem clara relevância (*N*=30). Neste âmbito, deve referir-se também o número de referências à zona poente (*N*=9), na extensão da qual o parque entra em contacto com a frente marítima e com o *edifício transparente*. Um número relativamente significativo de respostas (*N*=11) indicam que não é feita distinção valorativa entre zonas/atracções do parque, sendo então a expressão do seu "todo" considerada como a principal valência atractiva do mesmo[227]. Já no que respeita a avaliação dos níveis de segurança no interior

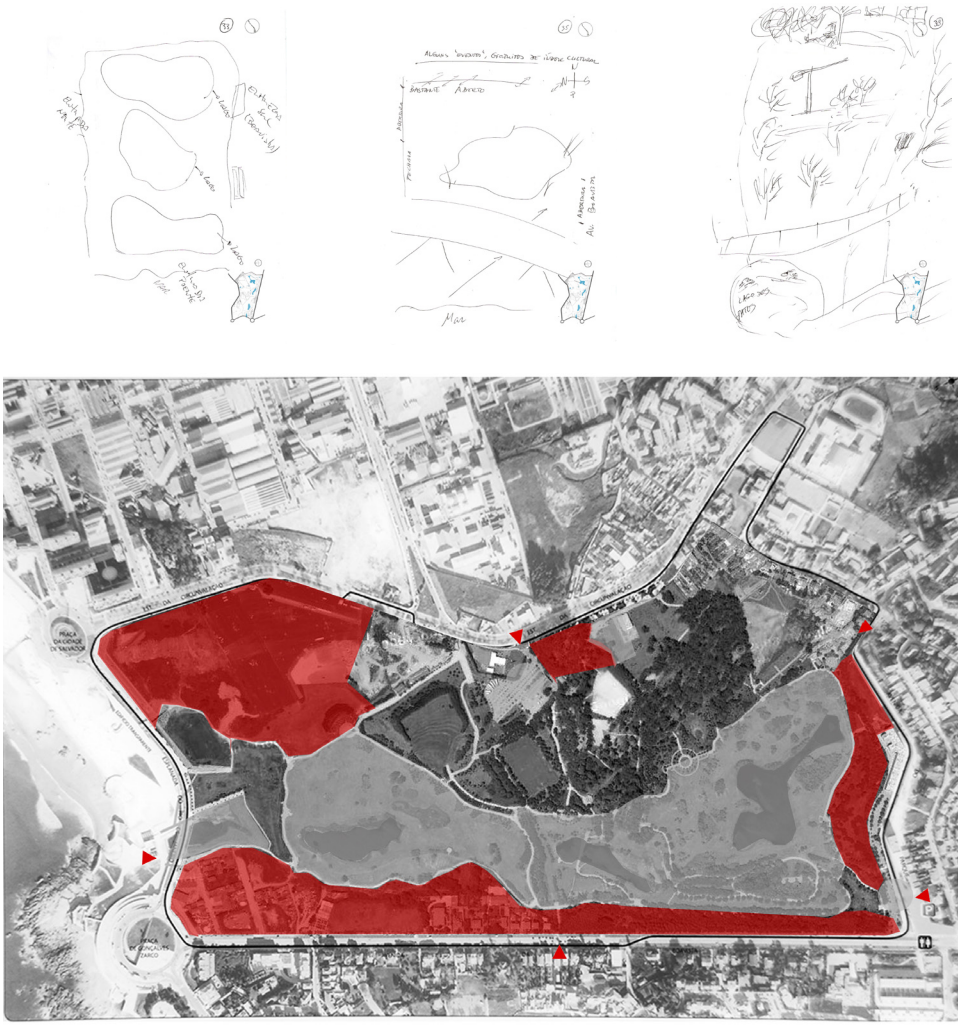
segurança

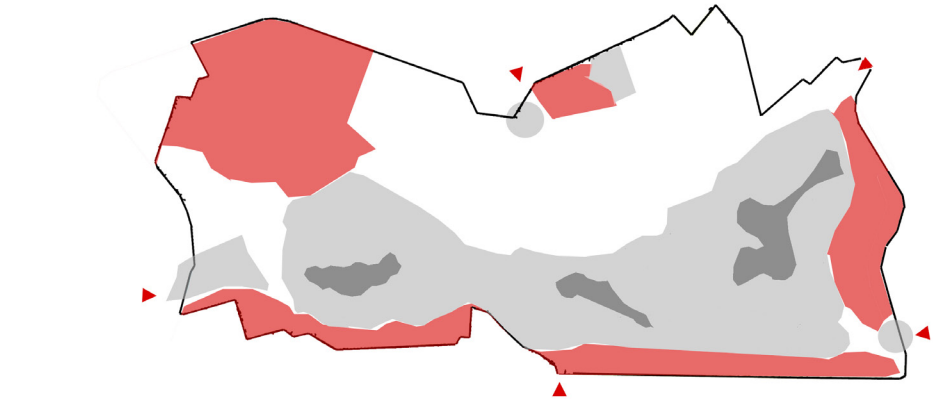
do parque, a maioria dos inquiridos (*N*=39) afirma, sem reticências, que "é um lugar seguro". No entanto, deve ressalvar-se que um número significativo dos mesmos (*N*=19) refere uma série de aspectos condicionantes relativamente a esta condição, colocando especial ênfase nos períodos do final do dia – "há queixas de ocorrências ao fim da tarde" – e nocturnos; "é seguro de dia, à noite não sei; não faço questão de cá entrar à noite". É igualmente importante referir a forma como alguns transeuntes percepcionam o nível de segurança consoante zonas específicas do parque. Neste sentido, as pessoas mencionam, a título de exemplo, "sim, mas depende da altura do dia e da zona do parque" ou "sim, embora a sua amplitude, que comporta zonas mais sombrias e reconditas, a par da forma como as pessoas se dispersam, favoreçam o perigo".

imaginabilidade

Como é natural, todas estas variáveis condicionam a forma como as pessoas percepcionam e retêm opiniões e imagens mentais do Parque da Cidade do Porto. Assim,

[227] Esta é uma situação interessante, dado que, quando deparados com a tarefa de representar gráficamente o parque, a maioria das pessoas não foi capaz de representar o seu todo de forma coerente. Neste sentido, reafirma-se que, para a maioria destas pessoas, a imagem do parque decorre essencialmente do seu *genius* (os elementos naturais, a tranquilidade, etc.), podendo também indiciar, por outro lado, que as referências físicas/construídas ou morfológicas dispersas pelo mesmo não são suficientemente significativas/representativas, claras ou dinamizadas para se constituirem como pontos evidentes de referenciação.





Pontos de acesso ao parque

Limite administrativo do parque

Zonas de mais difícil apreensão/reconhecimento

Zonas geralmente identificadas e reconhecidas

Zonas mais fácil e facilmente apreendidas e representadas

Figura 5.43. Esquema representativo do níveis de reconhecimento e capacidade de representação dos transeuntes relativamente às diversas zonas do parque

é fundamental começar por referir que apenas um número bastante reduzido de transeuntes foi capaz de conceber uma imagem que reflicta de modo fidedigno a realidade formal e dimensional do parque. A grande maioria das representações gráficas elaboradas pelos inquiridos transparecem uma imagem formal e proporcionalmente distorcida, fragmentada ou incompleta. Nos casos em que procuram representar a totalidade do parque, a maioria das representações apresentam os lagos – centralidades de escala significativa – como elemento predominante, muito embora frequentemente distorcidos ou desfazados relativamente ao seu posicionamento e enquadramento real. Diversos são também os casos em que os transeuntes representam apenas uma determinada zona – ou *unidade* – que geralmente inclui um, ou mais, lagos – sendo capazes de desenvolver a representação da sua envolvente mais próxima de forma relativamente mais detalhada[228].

centralidade / escala

unidade

Com o intuito de compreender os processos envolvidos na percepção e assimilação deste espaço, deve considerar-se a forma como nele se manifestam e representam alguns dos aspectos condutores deste trabalho: o lugar como *paisagem cultural* e os respectivos perfis identitários, bem como as noções de diversidade, centralidade e limite. Neste sentido, não se deverá considerar o Parque da Cidade do Porto como uma realidade isolada, mas antes como um espaço público caracterizado, desejavelmente enquadrado e articulado num contexto urbano relativamente consolidado.

paisagem cultural

Primeiramente sublinha-se que a morfologia e escala inerentes a esta tipologia de parque urbano representam um conceito de espaço público relativamente inovador e desconhecido no contexto da cultura urbana e dos hábitos sociais portugueses[229]. Como tal – equacionando-se que se possam encontrar ainda em processo de adaptação e assimilação – os valores e valências de lugar atríbuidos pelos transeuntes ao Parque da Cidade derivam essencialmente da expressão e apreciação do *belo natural*; uma paisagem que emerge, adquirindo valor e sentido pela forma como se contrapõe a uma natureza dominadora - a cidade - enquanto pressupõe o conforto do domínio da Natureza ou, pelo menos, não estar sob a violência dos seus fatalismos (Pardal, 2006). Deste modo, o estatuto de relativo anonimato ostentado, no passado, por estes terrenos, adquire sentido como *lugar* essencialmente a partir de factores sentimentais, uma vez que as transformações físicas neles impressas, embora paisagística e morfologicamente significativas, não traduzem propriamente princípios ou traços de uma memória colectiva ou de uma cultura enraizada especificamente naquele local [230].

belo natural

transformação

memória

Para esta acepção concorre igualmente o facto deste parque ser idealizado e construído – tal como acontece no processo de construção de diversos outros da mesma tipologia – como uma natureza de carácter e valências muito próprias, pelo que geralmente a

[228] Estes casos representam geralmente as zonas mais frequentadas pelas pessoas em causa. Neste tipo representação são feitas alusões gráficas aos patos, tipos mais específicos vegetação e eventuais percursos ou outros elementos circundantes.

[229] Este conceito de parque urbano é oriundo de outros países Europeus e Norte-Americanos, nomeadamente da Escola Paisagista Inglesa e do movimento específico de parques urbanos no século XIX (Pardal, 2006).

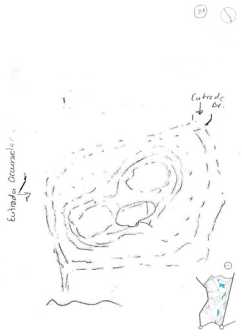
[230] Tal como foi referido no capítulo que aborda o conceito de *lugar*, a transformação de sítio em lugar é composta essencialmente por dois factores: um geográfico, ou físico; o outro de índole sentimental.

Figura 5.44. Vista da Avenida da Boavista (sul): áreas desqualificadas, obstruídas e devolutas

Figura 5.45. Vista de parte do limite sul do parque, a partir do seu interior: *terrain vague*

sua morfologia construída se sobrepõe a eventuais referências ou estados de preexistência, aniquilando quase sempre eventuais vestígios e memórias dos mesmos. Sobre este aspecto, deve referir-se que apenas dois transeuntes – ambos reformados, com idades de 57 e 67 anos - fizeram referência às memórias do sítio no passado: "lembro-me que exisitia um campo de futebol, um campo de voleibol e uma casa de banho junto à circunvalação; depois existia um muro que estava exactamente onde passa hoje um dos percursos do parque; para sul desse muro não existia nada, eram campos de cultivo com ciganos e cavalos"; e "antes do 25 de Abril não podíamos entrar aqui; só vinham os maiorais e os membros do governo fazer casamentos e jantares e os jogadores de futebol treinar; depois do 25 de Abril, quando pudemos entrar, não havia chafarizes nem fontes, era só ratos".

centralidade



Segundo estes princípios pode igualmente aferir-se que – como realidade representativa de uma determinada tipologia de espaço público – o Parque da Cidade do Porto configura-se de modo a ostentar e transmitir um carácter relativamente concreto; distinto e diferenciável[231]. Para esta noção contribui significativamente – para além da escala e da natureza paisagística do parque – a forma como os lagos e os percursos circundantes invocam a ideia de centralidade. Tal como refere Norberg-Schulz (1984), a existência de um centro é fundamental pois é o mesmo que se constitui como "lugar de reunião" privilegiado; um "*climax*" fundamental no desenvolvimento de processos de intricação social, cultural, física e funcional, no âmbito da intensidade de acções e actividades que aqui são geral e especificamente visadas e desenvolvidas[232].

Não obstante o valor inerente a esta constatação, existem outros aspectos igualmente importantes no âmbito da percepção e avaliação das valências e carências deste vasto espaço público. Importa referir que a aparente falta de capacidade mais ou menos generalizada para representar a totalidade do espaço e dos seus elementos não reflecte automaticamente lacunas, fraquezas ou ambiguidades no que respeita ao seu carácter ou identidade[233] – as imprecisões ou a incapacidade de representação dos elementos em causa pode igualmente decorrer da própria própria dimensão e morfologia do espaço,

escala

que é tanto vasta como bastante orgânica. Na sua imensidão, nas súbtis variações morfológicas e topográficas, na diversidade de situações e experiências espaciais que proporciona, o Parque da Cidade do Porto adquire valor e potencial pela sua heterogeneidade; pelo facto de não ser demasiadamente óbvio, monótono ou imediatamente apreensível na sua totalidade.

[231] Atente-se na relativa unânimidade dos transeuntes inquiridos no que respeita a explicitação e o reconhecimento das principais características do Parque; a fauna/flora e - no que respeita a simbologia física mais concreta - os lagos.

[232] Segundo os dados obtidos nos questionários, são precisamente estas as zonas do parque que mais agradam e são usufruídas pelas pelos inquiridos. São também aquelas que mais constante e assertivamente são representadas nos esquemas gráficos elaborados pelos transeuntes (cf. Figura 5.43).

[233] Embora se possa considerar, especificamente neste caso, a questão da identidade como um processo em estado de construção e evolução, sendo que a participação dos indivíduos será uma das suas componentes fundamentais.

Figura 5.46. Vista da Avenida da Boavista: rua desertificada e limite difuso

Figura 5.47. Vista da Avenida da Boavista: rua desertificada, limite não qualificado/obstruído

No entanto, deve-se atentar na forma como os transeuntes – tanto pelas respostas dadas, como pelas indicações presentes nos esquemas gráficos elaborados – reflectem algumas das suas frustrações, necessidades ou inadaptabilidades relativamente à condição actual do Parque da Cidade do Porto. Consequentemente, começa-se por referir

relacionamento

a natureza das relações que a extensão do parque mantém com a envolvente urbana que, por sua vez, revela algumas particularidades e condicionantes de extrema relevância.

Neste âmbito, evidencia-se que o parque se enquadra numa zona de carácter predominantemente residencial (cf. Figura 5.11) que – embora integre de forma relati-

dispersão

vamente dispersa alguma oferta diversificada de usos (cafés, restaurantes, lojas - muitos dos mesmos concentrados no *edifício transparente* – o oceanário *Sea-Life*[234] e a Fundação

intricação

Cupertino Miranda, por exemplo), aparenta não atingir níveis de intricação, dinamização, diversificação e rotatividade de usos e horários desejáveis. Para tal situação, além das já referidas consequências e fatalidades decorrentes de uma excessiva monofuncionalidade, acresce também a própria escala e natureza dos elementos físicos que os separam; nomeadamente os eixos rodoviários da Avenida da Boavista e da estrada da Circunvalação.

Assim, deve-se referir que o acesso, a afluência e os modos de vivenciação do Parque da Cidade do Porto se encontram inevitavelmente condicionados tanto pelas limitações inerentes à morfologia funcional do meio envolvente[235] - que se baseia essencialmente em elementos de diversidade primária -, como pelos efeitos fronteiriços e excessi-

obstrução

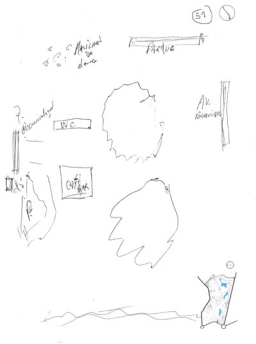
vamente obstrutivos que advêm da escala elementos viários adjacentes. A este propósito,

limites

deve dizer-se que é precisamente sobre a conformação dos limites do parque que incide e se revela uma das suas mais evidentes problemáticas. A maioria dos visitantes do parque dirigem-se ao mesmo com recurso a automóvel próprio ou a transportes públicos, nomeada e maioritariamente utilizando os dois eixos rodoviários acima referidos. Sublinha-se assim que o Parque da Cidade do Porto se encontra circundado e servido, essencial-

espaço móvel

mente, por um significativo *espaço móvel*, que implica inevitavelmente uma importante descontínuidade espacial no tecido urbano e nos seus padrões de vivenciação[236]. Esta situação tem, natural e igualmente, repercussões ao nível da forma como os transeuntes percepcionam e assimilam as zonas limítrofes e imediatamente circundantes ao parque (cf. Figura 5.43). Ressalve-se que a maioria dos indivíduos abordados evidenciou – tanto através da dificuldade em identificar e localizar os pontos de entrada, como através da falta de capacidade ou interesse em representar ou aprofundar estas zonas nos esquemas gráficos (cf. ANEXO II) –, que as mesmas não se constituem como elementos suficiente-



[234] Apenas um número muito reduzido de transeuntes mencionou ou representou o oceanário. Neste sentido, poder-se-ia considerar que o mesmo se encontra - seja pela sua escala relativamente reduzida, ou pela forma como foi concebido e implantado - de certa forma dissociado da realidade do parque.

[235] Recorde-se que um dos atributos que mais contribui para os níveis de vivência e popularidade nos exemplos anteriormente abordados - nomeadamente nos casos de *Rittenhouse Square* e *Prospect Park* - é precisamente a diversidade e o carácter próximo e intricado da mistura funcional/tipológica vigente na sua envolvente urbana.

[236] Um dos índividuos abordados, quando questionado relativamente aos pontos de entrada/saída do parque que costumava utilizar, referiu: "não sei, acho que entrei pela Circunvalação; foi onde o *GPS* me indicou".

Figura 5.48. Vista da Avenida Boavista para sul: habitação unifamiliar de classe-alta

Figura 5.49. Limite sul do Parque da Cidade: uma *barreira* composta por um muro contínuo

Figura 5.50-51. Limite obstruído do parque e edifício devoluto na Avenida da Boavista

mente clarificados, caracterizados ou simbólicos[237].

Deste modo – consideradas as limitações funcionais e vivenciais vigentes no meio urbano circundante, entre as quais se destaca a extensão de moradias que flanqueiam a Avenida da Boavista, a sul, bem como o actual panorama de desenvolvimento generalizado de habitação colectiva a norte da estrada da Circunvalação – estes eixos habitualmente não registam um fluxo pedestre significativo[238]. Consequentemente, poder-se-ia afirmar que, atentando nestas circunstâncias limítrofes, o Parque da Cidade do Porto mantém com o meio envolvente e com os transeuntes uma relação de *exterioridade* - tanto *objectiva*, como *incidental*[239].

exterioridade

Muitos destes aspectos e condicionantes são paralelamente transpostos para os próprios modos e padrões de vivenciação do espaço: uma significativa maioria dos transeuntes abordados encontravam-se sós, ou em pequenos e restritos grupos (acompanhados por um familiar ou amigo). Exceptuando durante o fim-de-semana este é, aliás, o panorama mais comum. A condição solitária do viajante que se desloca até ao parque aparenta, na maioria dos casos, transpôr-se e manter-se no usufruto do mesmo. Acresce ainda que, tanto na composição do espaço interior do parque, como na forma como se relaciona com o meio envolvente, existem alguns aspectos associados às dimensões de exterioridade referidas, bem como aquelas afectas ao sentimento de *interioridade comportamental*[240], que aqui devem ser assinalados e sugeridos.

solidão

Os utilizadores abordados sugerem unanimidade relativamente a determinadas carências ou lacunas no interior do parque. Estas referências aludem maioritariamente à

carências / lacunas

[237] Este facto pode ser igualmente verificado pelas discrepâncias relativamente ao modo como cada transeunte representa o perímetro do parque. Um número significativo dos esquemas gráficos apresenta o percurso interno como limite, outros cingem-se a um esboço das vias rodoviárias exteriores ao parque. Outros ainda, não representam qualquer limite, ou apenas representam uma forma vaga, arbitrária ou abstracta; um quadrado ou círculo, por exemplo.

[238] Na realidade, o único fluxo significativo nestes espaços é automobilístico, uma vez que os passeios se encontram, tanto durante o dia como - mais acentaudamente - à noite, praticamente desertificados.

[239] Este panorama tem repercussões a diversos outros níveis, dos quais a insegurança é apenas um deles.

[240] Recorde-se que o conceito de interioridade comportamental - tal como é descrito por Edward Relph (2008) - se refere à possibilidade de usufruir de um conjunto de experiências perceptivas e vivenciais de carácter concreto e familiar; logo, fácil e directamente assimilável. Neste sentido, clarifica-se e enaltece-se a relação física e sentimental entre o indivíduo e o lugar; o qual, por sua vez, adquire determinados sentidos e qualidades de ordem, observação e apreensão.

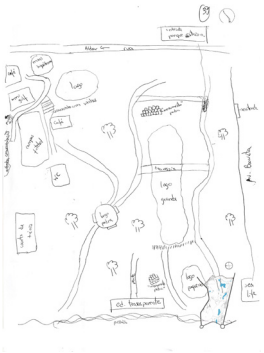
Figura 5.52. Vista da Circunvalação para o *Queimódromo*, com o parque ao fundo

Figura 5.53. Vista da Circunvalação para o *Queimódromo*, com o parque ao fundo

deficitária dinamização lúdica/cultural e à quantidade e distribuição insuficientes de equipamentos/funções de que o espaço poderia dispor. Quanto aos recursos funcionais/utilitários, os transeuntes apontam primordialmente a necessidade de dotar o parque de mais serviços sanitários, com uma distribuição mais equilibrada. A par destes elementos é igualmente expressa a vontade de que existam mais cafés, áreas de lazer e equipamentos destinados aos mais jovens, como parques infantis e piscinas. Consequentemente, considerando a constituição do parque em três unidades genéricas, para além do sugerido pelos utilizadores, seria pertinente a inclusão pontual dos mesmos ao longo dos limites do parque, o que se constituiria tanto uma forma de o relacionar com o meio urbano circundante – tornando-o funcionalmente mais atractivo, diversificado e permeável – como de qualificar e clarificar a sua forma[241].

distribuição

permeabilidade



Através dos esquemas gráficos elaborados pelos transeuntes, foi perceptível a correlação positiva entre a capacidade de reter e representar elementos e imagens e a existência de referências concretas, seja pelo seu valor funcional, sentimental, ou pela sua escala (os lagos, o café junto ao "Núcleo Rural", o Pavilhão da Água, etc.). Assim, seria importante considerar o desenvolvimento e a distribuição de outras valências pelo parque (visando, porventura, pontos de confluência de percursos), valorizando-se a oferta e a diversidade que o espaço poderia compreender, constituindo-se como potencial contributo para enaltecer os sentidos de pertença e orientação dos seus visitantes[242].

pertença / orientação

Neste âmbito, deve também aludir-se ao modo como a existência de uma certa multiplicidade de elementos de apoio ao parque se repercute na sua capacidade de conceber, integrar e desenvolver aspectos da diversidade social e cultural, que neste espaço se deveriam fomentar. Refira-se, nomeadamente, que um dos sujeitos abordados, de nacionalidade Americana, lamenta – "não se pode fazer churrascos, não há sítios para tal", tendo um cidadão de nacionalidade Inglesa mencionado a inclusão de "parques infantis sem prejuízo para a paisagem". O mesmo indivíduo explicita igualmente o caso da *Serpentine Gallery*, em *Hyde Park* (Londres), como "um exemplo bem sucedido, uma centralidade em redor da qual gira o parque e as pessoas; ali pode-se conhecer muita gente e muita cultura - é um local atractivo". Outro transeunte, de nacionalidade Portuguesa embora residente nos Estados Unidos da America há vários anos, opina que "podia haver exibição de filmes à noite, para assistir na relva; no *Central Park* fazem muito no verão e as pessoas vão assistir com uma manta". Ainda a respeito do mesmo parque declara "o *Central Park* não tem muitos edifícios, destaca-se um pequeno pavilhão onde vão as vezes artistas pintar ou tocar musica".

diversidade

[241] Existe no presente um horto - *Horto da Boavista* - que se implanta entre a Avenida da Boavista (através da qual se acede ao mesmo) e o interior do Parque. Neste âmbito, poderia ser interessante equacionar a sua existência como elemento de ligação entre a Avenida e o Parque, podendo aceder-se ao mesmo a partir dos dois quadrantes, aumentando provavelmente a notoriedade e afluência de ambos.

[242] A este respeito, deve dizer-se que a falta de capacidade mais ou menos generalizada em representar concreta e fidedignamente a imagem do parque pode igualmente ser associada à falta de pontos de referência físicos e concretos - tanto no interior, como nos limites e àreas adjacentes ao mesmo. Ao procurar iniciar a sua representação gráfica, a maioria das pessoas demonstrou extrema dificuldade em perceber em que ponto se situavam, por que lado haveriam de começar e onde se encontravam os diversos quadrantes em seu redor.

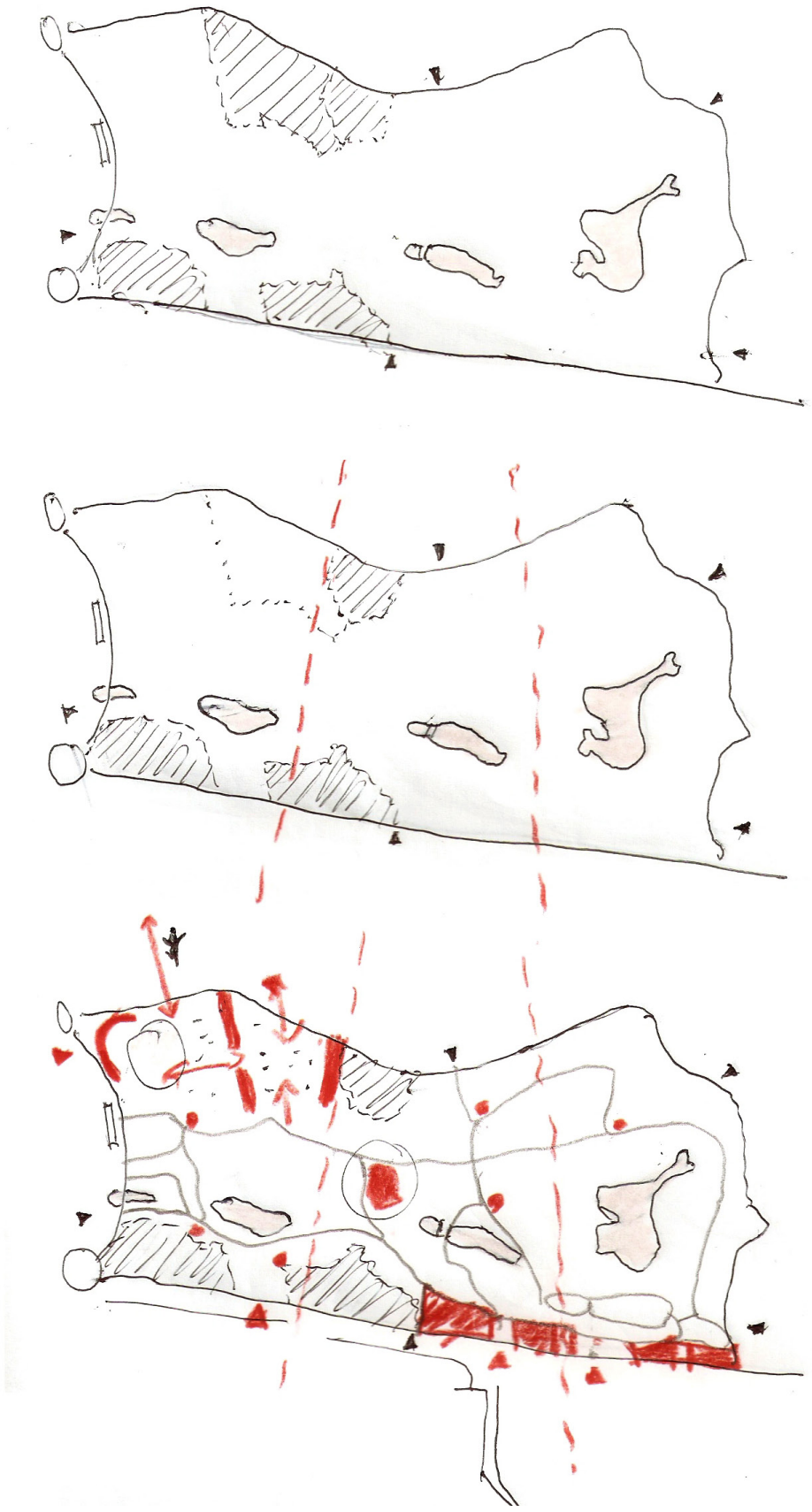


Figura 5.54. Esquemas representativos das principais directrizes no âmbito de eventuais intervenções no Parque da Cidade do Porto

segurança
agregação

Também no que concerne à percepção de segurança manifestada pelos inquiridos, a dispersão de elementos de carácter social e funcionalmente atractivo/agregador pelo parque - por exemplo pequenos pontos de venda de refrigerantes, café e gelados, postos de informação ou espaços para a realização de *workshops/*exposições – poderia constituir-se uma mais-valia (vários inquiridos fizeram menção da necessidade de se desenvolverem actividades associadas à prática colectiva de desporto e a eventos musicais, tendo um transeunte sugerido a inclusão de um "coreto/palco desmontável"). Ainda acerca desta questão, entre as pessoas que não consideram o Parque da Cidade um espaço totalmente seguro, dividem-se as opiniões entre aqueles que indicam a necessidade de uma vigilância mais atenta e abrangente por parte dos seguranças do parque, e os que sugerem que podem ser os próprios utilizadores os principais agentes atentos à manutenção da segurança e da ordem cívica: "a segurança é pouca – somos nós que a temos que fazer". Um outro indivíduo sugere que "era boa ideia distribuir postos de venda ambulante pelos percursos; assim as pessoas podem parar para comprar uma água ou um gelado, e ao mesmo tempo essas pessoas vigiam as restantes - podem até ter *walkie-talkies* para comunicar entre eles; isto assim acaba por ser um bocado desértico"[243].

monofuncionalidade
limite
distanciamento
contacto
coexistência
clarificação

Em suma, o estudo realizado permite apreender o carácter substancialmente monofuncional do tecido urbano circundante do Parque da Cidade do Porto, contrariamente ao que sucede quanto à caracterização de alguns dos exemplos abordados no decorrer da exposição teórica[244]. Tornou-se também evidente que a natureza dos elementos viários adjacentes ao parque, bem como a natureza dos próprios limites do mesmo, se constituem factores agravantes deste distanciamento – impondo-se assim enquanto barreiras demasiadamente pronunciadas e dificultadoras da fomentação de níveis de contacto e vivenciação pedestre, próxima e declaradamente livre, com o espaço circundante[245]. Neste sentido, equaciona-se como vantajoso conceber a hipótese de re-estruturar e criar ligações pedestres mais directas, concretas e diversificadas com o parque[246]. Poder-se-ia, igualmente, potenciar a concepção de mais áreas de coexistência social e cultural no seio do parque, bem como entre o espaço delimitado do mesmo e os eixos/ruas que o circundam, convergindo-se em limites mais permeáveis, qualificados, diversificados e, consequentemente, mais claramente integrados e apreensíveis. Sendo que, para a maioria dos transeuntes abordados, as zonas de mais difícil e distante vivenciação/assimilação são a quase totalidade das áreas limítrofes do Parque da Cidade (cf. Figura 5.43), seria importante considerá-las também enquanto possíveis pontos de diversificação e

[243] Elementos desta natureza poderiam constituir especial valor em pontos de confluência de percursos, ou relativamente próximos dos lagos, por exemplo.

[244] Nomeadamente nos casos de *Rittenhouse Square* (Philadelphia) e *Prospect Park* (Boston).

[245] Recorde-se que o eixo da estrada da Circunvalação representa, para além de uma acentuada e dificilmente transponível barreira física, a fronteira administrativa entre as cidades do Porto e Matosinhos.

[246] Por exemplo, uma ou mais passagens aéreas que a fomentassem a transposição da estrada da Circunvalação, a partir de Matosinhos-Sul, estabelecendo uma relação diversa e mais imediata com o limite da zona Noroeste do Parque da Cidade, podendo inclusivamente penetrar o interior do mesmo (à imagem do que sucede com a ligação do parque ao *edifício transparente*).

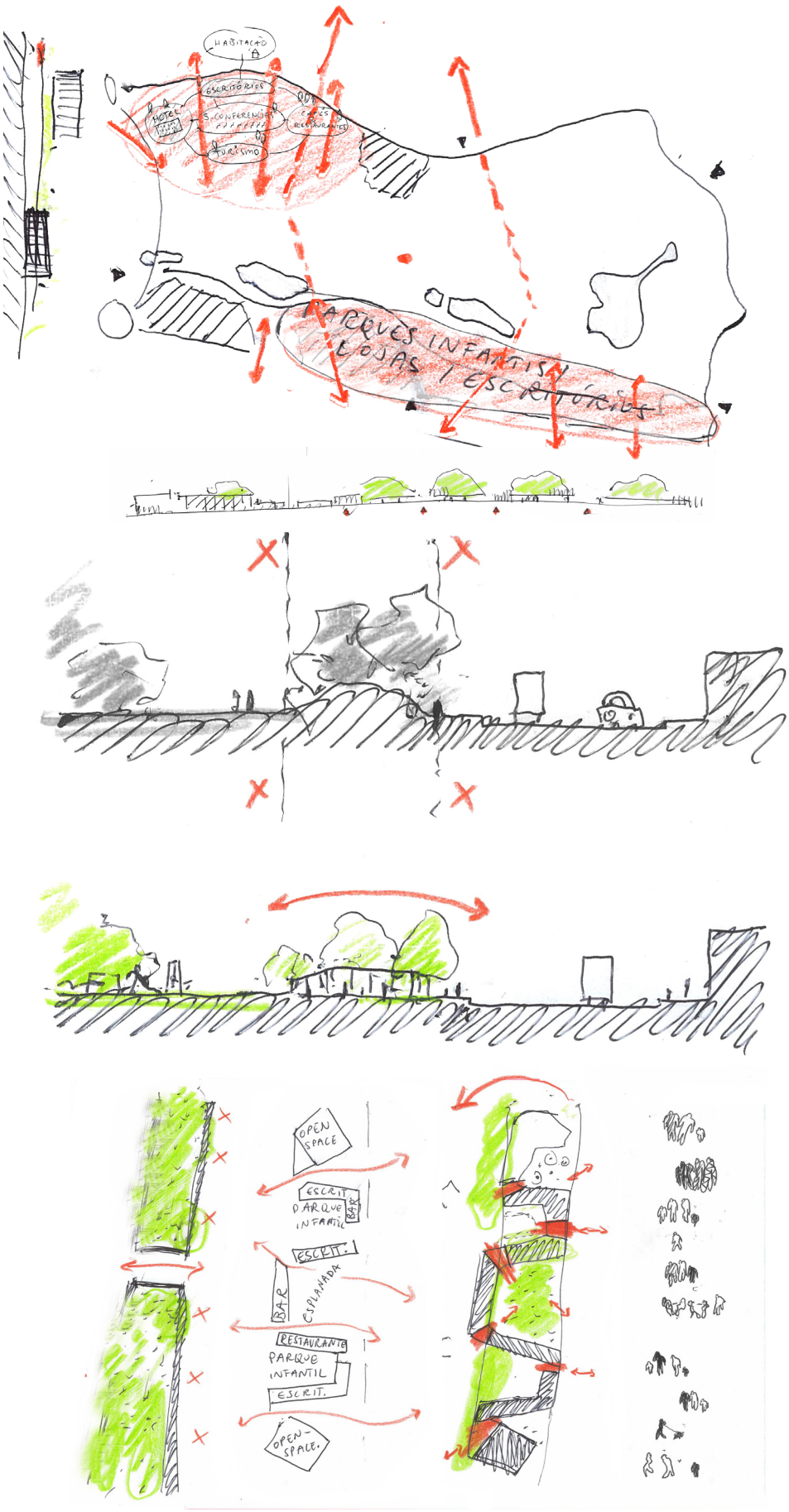


Figura 5.55. Esquemas representativos de possíveis estratégias de transformação a sul

clarificação funcional e identitária, tanto do parque, como das dinâmicas urbanas que o envolvem[247]. Nomeadamente no quadrante noroeste do Parque poder-se-ia conceber a existência de um Hotel – tal como equacionava o Plano de 1952, elaborado por Antão de Almeida Garret – qualificando-se deste modo este importante gaveto. Na área circundante, na eventualidade de se considerar a apropriação da área actualmente denominada de "Queimódromo", poder-se-ia desenvolver a articulação de diversas outras funções (e.g. escritórios, comércio, habitação, um pequeno jardim zoológico, uma piscina pública), orientadas transversalmente à estrada da Circunvalação – iniciando um processo de crescente diversificação primária que eventualmente geraria – preferivelmente consagrando diversas escalas – funções e actividades de cariz secundário. Estariam então favorecidas condições que promoveriam o acesso ao parque através deste quadrante, que deixaria de se constituir como uma mancha difusa e inapreensível para a maioria dos cidadãos. Tanto esta área como o limite sul poderiam ser pontuados por elementos de diversas escalas e funções *(e.g. skate-parks*, parques infantis, pequenos cafés), fomentando a criação de espaços de coexistência que consequentemente fortaleceriam e clarificariam a relação do parque com a cidade e com os eixos que o delimitam (particularmente a Avenida da Boavista). Estas intervenções poderiam atrair aos mesmos mais pessoas, mais actividades, e um decorrente maior sentido de vivenciação e segurança.

diversificação

multiescalaridade

atracção

espaços de coexistência

limites

Neste sentido, conjugados os aspectos teóricos abordados com a efectividade das ilações decorrentes do estudo prático, considera-se que o Parque da Cidade do Porto se deveria estabelecer enquanto privilegiado espaço agregador e importante *interface* de confluência e dinamização funcional, social e cultural, partilhado pelas cidades do Porto e de Matosinhos. Como esfera de grande e inerente potencial que se constitui para o desenvolvimento de elementos de diversidade secundária, deveria igualmente visar a fomentação e diversificação das possibilidades e intenções de atravessamento pedestre[248], sem que fossem colocados em causa os seus reconhecidos valor, carácter e identidade paisagísticos. Realce-se ainda que é precisamente a escala do parque que possibilita conceber a referida adaptação/dinamização do seu espaço, sem ser colocada em causa a unidade paisagística que os transeuntes, em discurso directo, manifestaram temer perder.[249]

[247] Tal como refere Kevin Lynch (2009), os limites devem funcionar como "costuras, ao longo das quais regiões se relacionam e encontram". Estes, em conjunto com outras características que tornam os lugares marcantes e distintos - um nome é apenas uma delas - são fundamentais no processo de cristalização da sua identidade.

[248] Presentemente o parque aparenta representar para algumas pessoas, em certos sentidos, os efeitos de uma barreira física: muitas optam por contorná-lo, normalmente de automóvel, ou passar a seu lado (principalmente aquelas que se deslocam a pé ou de bicicleta no eixo norte-sul ao longo da frente marítima), mas nem todas revelam o desejo ou a necessidade de atravessá-lo.

[249] Dado a configuração orgânica e espacial do Parque da Cidade ser um caso excepcional no território de Portugal, alguns dos exemplos fornecidos ao longo da exposição teórica remetem obrigatoriamente para culturas e realidades urbanas além fronteiras, devendo salvaguardar-se as respectivas especificidades ou eventuais desajustes inerentes a essa mesma condição. Não obstante o facto deste trabalho visar muitos dos efeitos decorrentes de uma sociedade globalizada - que tende para uma crescente uniformização destas especificidades -, esta deve ser considerada como uma das limitações do estudo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso de estudo do Parque da Cidade permitiu correlacionar positivamente alguns dos pressupostos teóricos abordados e as percepções e atribuições manifestadas pelas pessoas que usufruem daquele espaço. No sentido de contrariar a tendência de crescente distanciamento entre o indivíduo e a sociedade, entre essa sociedade e as suas fabricações e *produtos*, este estudo caracteriza-se por uma efectiva proximidade ao Parque da Cidade do Porto e seus visitantes.

Considerando as cidades enquanto organismos caracterizados pelo seu carácter de complexidade organizada – constituídos por múltiplas variáveis em recíproca interacção – visa-se o conceito de *vazio*[250] como condição inerente ao seu processo evolutivo, potencialmente re-estruturante, capaz de assumir representações e de colmatar eventuais lacunas, indissociável das dinâmicas que o rodeiam.

Primeiramente importa sublinhar a constatação de uma reciprocidade entre o investimento e a disponibilidade que o indivíduo e a sociedade imprimem no território, e a forma como esse território e as morfologias nele moldadas e significadas se vão sustentando, perpetuando, transformando ou dissolvendo[251]. O estudo exploratório possibilitou confirmar a significância actual do *espaço móvel*, dado que a maioria dos transeuntes se desloca ao Parque com recurso a um meio de transporte próprio – o que poderá explicar-se não apenas pela dependência que evidenciam relativamente a esse *espaço* e meio, mas também pela deficitária exploração dos seus limites e área circundante, monofuncional e pouco diversificada, que assim propicia uma desertificação associada ainda a um iminente sentimento de insegurança[252]. Assim, verificou-se em conformidade com a base teórica considerada que o valor e as valências representados pela condição de *vazio* não decorrem somente da sua presença e do seu conteúdo, mas também – e talvez de forma mais preponderante – da génese e do *modus operandi* do contexto em que se insere: o seu suporte físico, funcional, económico e social. São precisamente estas dinâmicas, individualistas, limitadoras e alheadas do território e do fluxo pedestre, que permitem compreender que as dificuldade que os transeuntes manifestaram relativamente à percepção deste

[250] Gonçalo M. Tavares (2007) refere que o vazio é a "distância principal - espaço que protege ou põe em perigo: a distância entre um corpo e outro. Na cidade: esta distância é curta, mas perigosa. Nas grandes extensões: distância longa, mas perigosa. Não há uma medida justa, bela ou verdadeira para esta distância".

[251] Enquanto se vai multiplicando o desenvolvimento de territórios suburbanos, cada vez mais difusos e monofuncionais - proliferando as vias de trânsito a alta velocidade, os *Shopping Centers* e os pólos empresariais -, nos centros da cidade tradicional diminuem os níveis de diversidade e densidade. Reflexo desta mentalidade, assiste-se a um crescente número de terrenos, ruas e edifícios abandonados ou desertificados, muitas vezes apropriados como meio de difusão imagética afecta à publicidade, dissolvendo o impacto e a real natureza da sua presença enquanto, simultaneamente, incitam à superficialidade da sua leitura e significado por meios completamente alheios - e por isso prejudiciais - à clarificação dos mesmos.

[252] Decorrente do corpo teórico do trabalho, depreende-se que esta questão se encadeia num processo cíclico e interdepente de factores: o meio urbano é essencialmente monofuncional, logo não propencia o cruzamento de pessoas diversas, com propósitos diversos e a horas diversas, logo torna-se desinteressante, logo cada vez se propencia um maior distanciamento do mesmo, logo o mesmo se encontra desertificado ou ocupado por uma população indigente, logo cada vez mais é percepcionado como inseguro, etc...

vazio derivam da sua conjugação com o contexto urbano e da própria conformação dos seus limites, evidenciando que o Parque se configura ainda, contrariamente ao desejável, um fragmento dissociado do todo que é a cidade.

Foi assim possível aferir que nas intervenções que visam a transformação e significação do *terrain vague* se deve considerar – para além das possibilidades de consolidação física, identitária e funcional – o resultante potencial e grau de flexibilidade no âmbito de futuras adaptações e (re)ajustamentos. Relativamente a este aspecto o estudo do Parque da Cidade evidenciou que, mesmo qualificado ou intencionalmente significado, o espaço é valorizado enquanto susceptível de ser transformado, com vista a integrar diversas utilidades, ajustando-se às necessidades e carências do meio urbano envolvente bem como à flutuação das dinâmicas socioeconómicas. Em concordância com as vontades de revitalização/dinamização que os transeuntes manifestaram, não deixando de sublinhar quererem salvaguardar a denominada dimensão do *genius* que associam a este espaço, verifica-se que a intervenção sobre o *terrain vague* – que visa transformá-lo em espaço público qualificado (como foi o caso), deve considerar, ou permitir desencadear, mecanismos de representação das histórias e culturas dos cidadãos. Através do desenvolvimento desta simbiose, o *vazio* deve pensar-se receptivo à multiplicidade de culturas e desejos nele coexistentes, sustentando os *ecossistemas sociais/culturais* de que depende e que, por sua vez, contribuem para consolidar a sua identidade e o seu estatuto de *lugar*.

Perante este cenário, urge repensar o significado da relação do próprio indivíduo com a sociedade e os seus elementos culturais característicos; a relação entre escalas, modos e tipos de uso, no sentido de fomentar dinâmicas de coexistência mais claramente inclusivas, diversificadas e descomprometidas entre esferas espaciais, sociais e económicas. A dissociação entre indivíduo e respectiva sociedade tende a reflectir-se numa crescente dissociação entre os meios e espaços urbanos que deveriam partilhar. Assim, partiria do próprio indivíduo – da sua capacidade de união e integração em diversos grupos, partes constituintes da própria sociedade – estabelecer e impulsionar *forças contrapositoras* aos efeitos adversos que resultam da sua actual condição. Em qualquer contexto, situação ou intervenção urbana, será sempre imperativo atentar nas especificidades e particularidades dos elementos que constituem a morfologia da sua complexidade (ou a falta da mesma), de modo a procurar entender a natureza das suas virtudes, lacunas e *modus operandi*. Um certo nível de plasticidade é favorável na abordagem à cidade como imagem construída (Lynch, 2009), mas também no que respeita aos parâmetros e correntes menos palpáveis que a gerem.

7. ANEXOS

ANEXO I : Modelo do questionário

Questionário sobre o Parque da Cidade, Porto

Sexo :

Idade :

Profissão :

1. Por que razão / razões frequenta o Parque? Que actividades procura desenvolver nele?

_____

2. Em que dias da semana e a que horas do dia costuma frequentar o Parque?

_____

3. Que entrada / saída costuma utilizar?

_____

4. Qual a principal característica do Parque?

_____

5. Qual a zona / atracção do Parque que mais lhe agrada?

_____

6. Considera o Parque um sítio seguro?

_____

7. O que faz falta no Parque ?

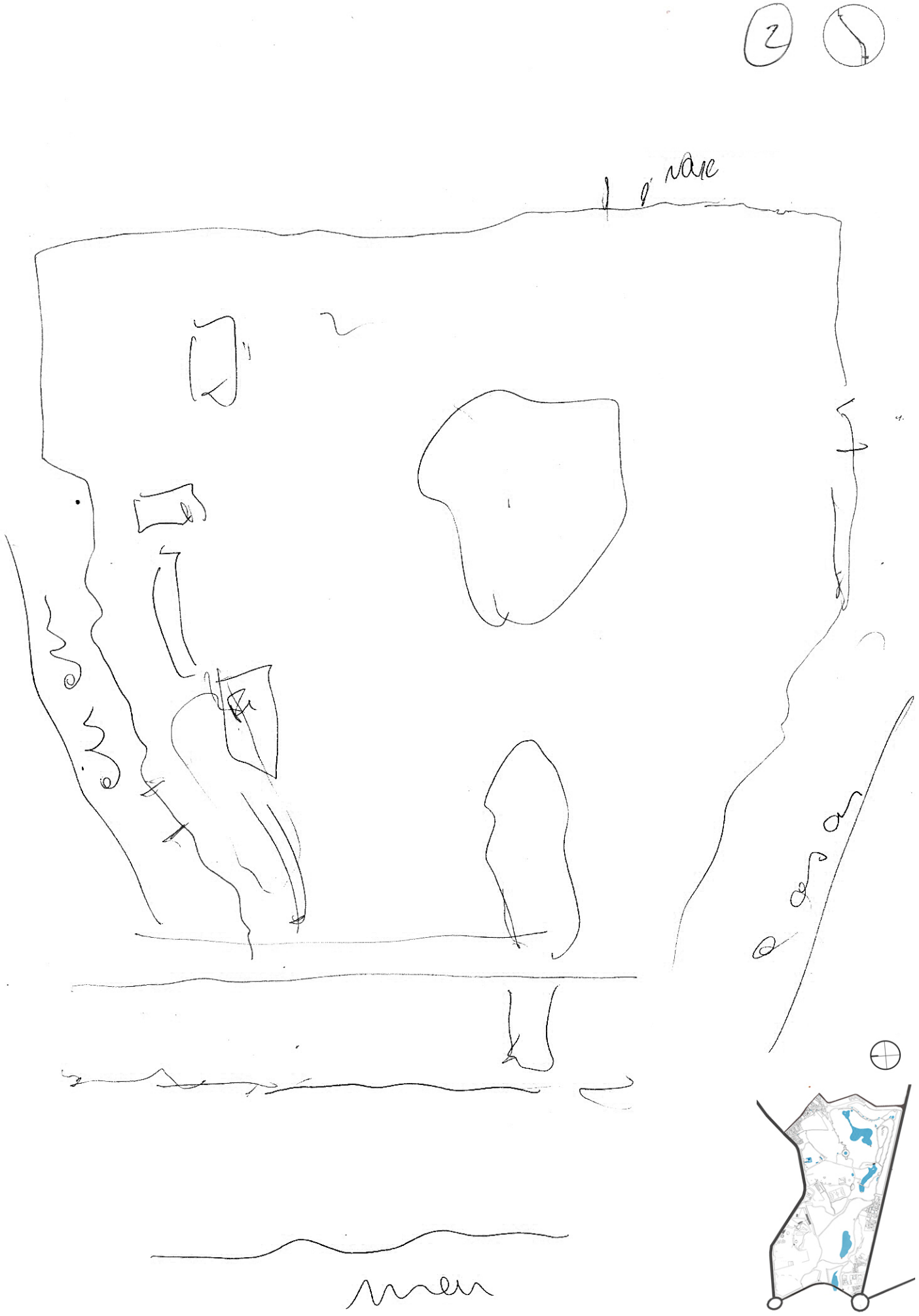
_____

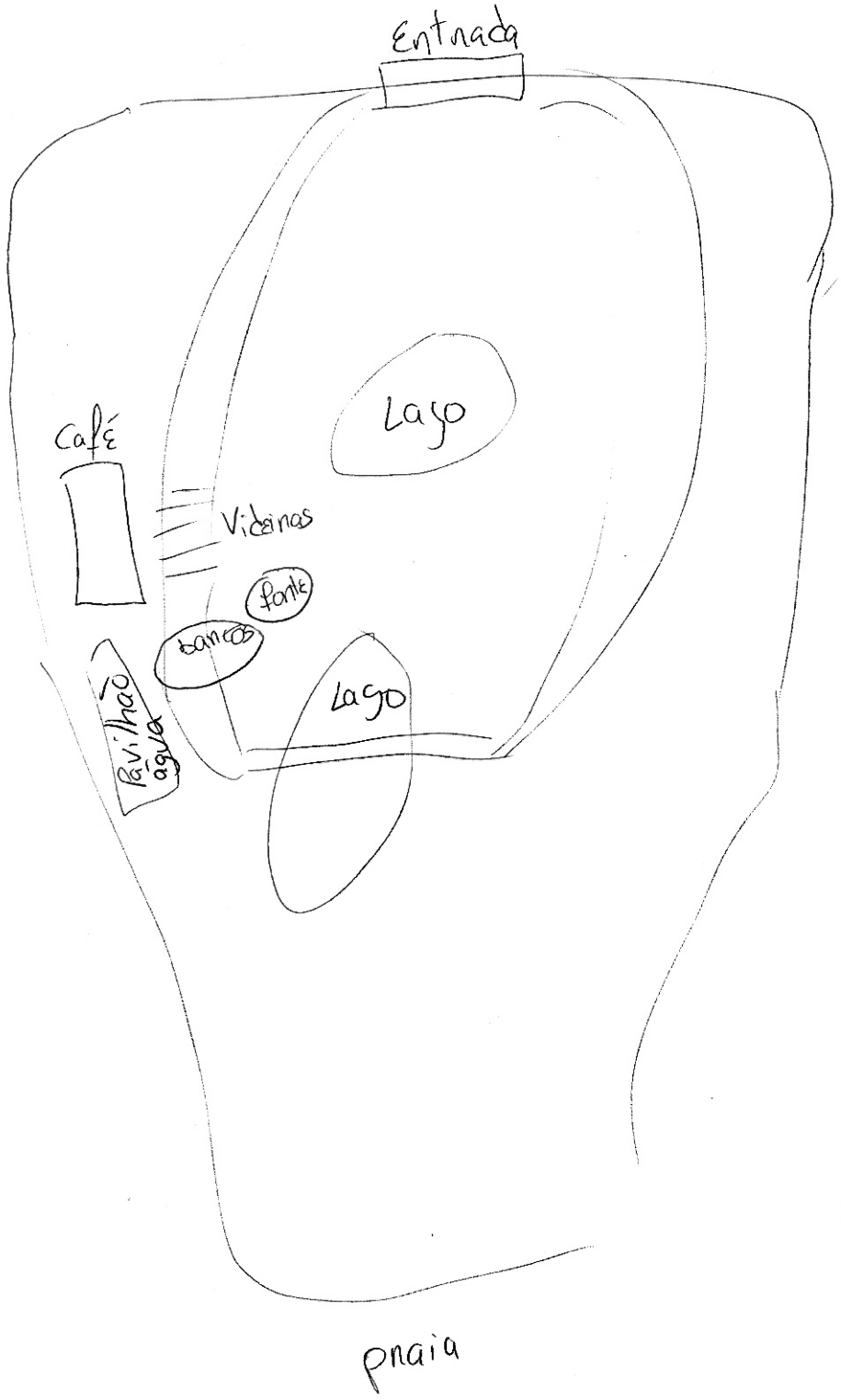
8. De forma esquemática, desenhe uma planta geral do Parque, indicando todos os aspectos que lhe vêm à memória.

ANEXO II : Representações gráficas elaboradas pelos participantes

8. De forma esquemática, desenhe uma planta geral do Parque, indicando todos os aspectos que lhe vêm à memória.

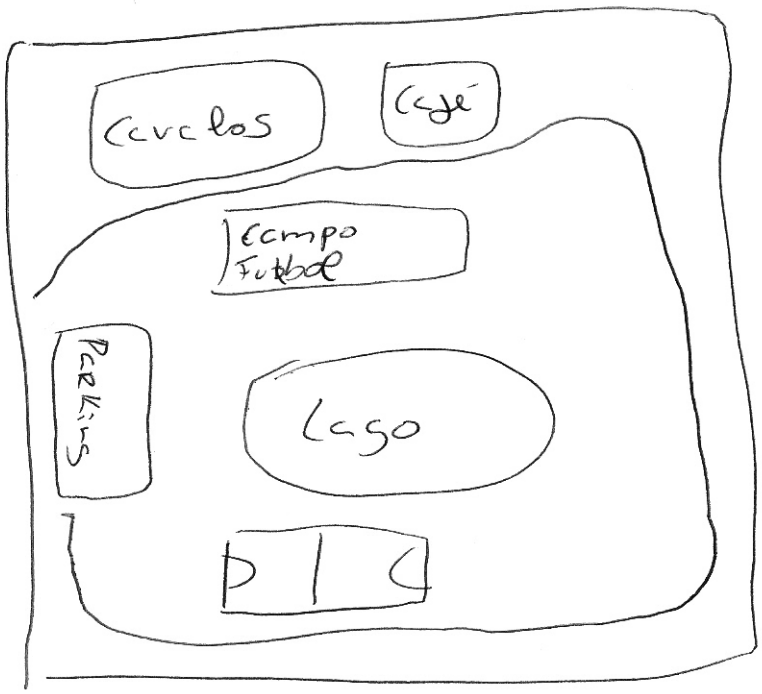
2


2
1 ° mare
mare

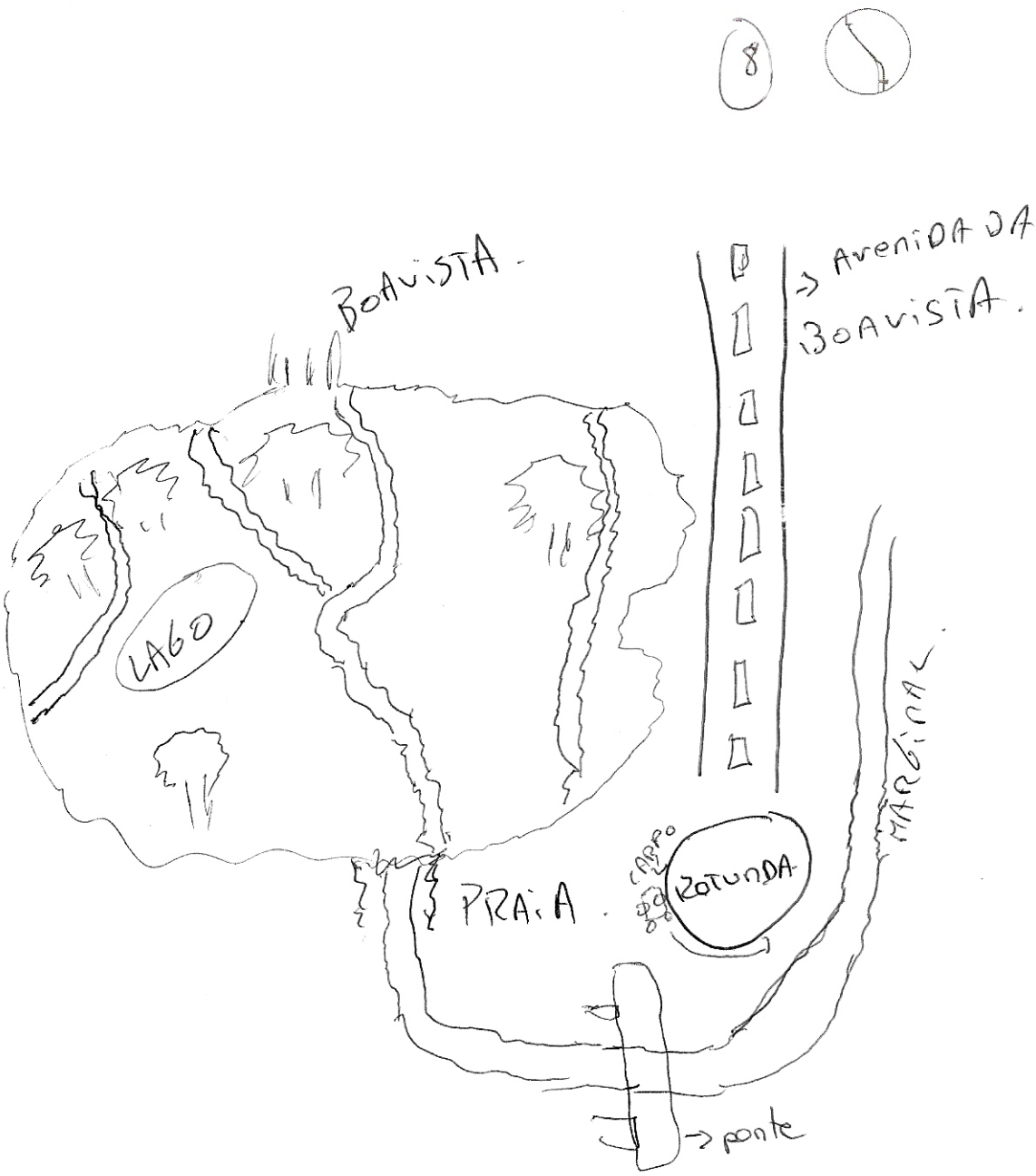

3
Entrada
Lago
Café
Vidraças
fonte
bancos
Lago
Pavilhão água
praia

valles
camino

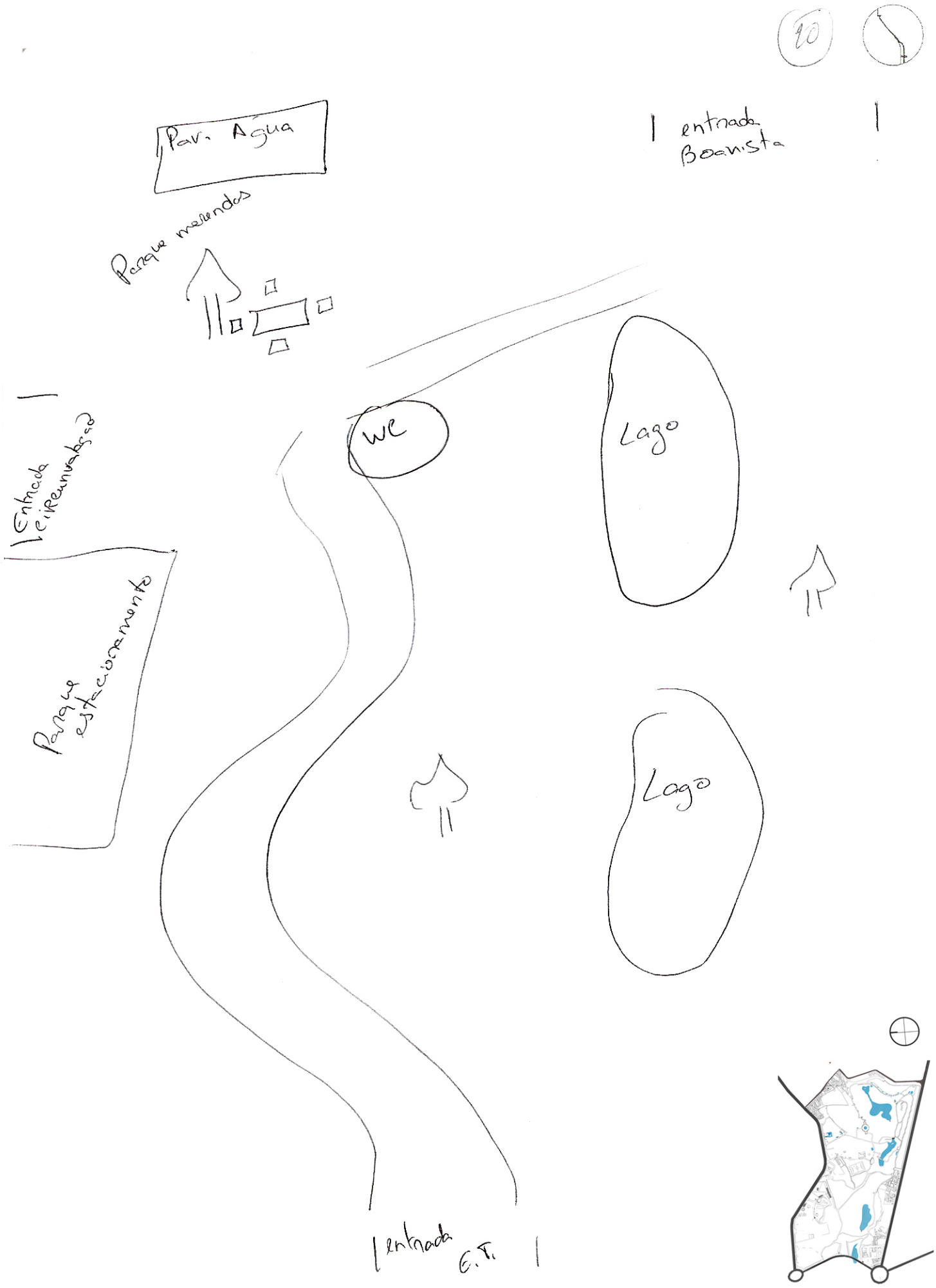
6
Cavalaria
Pequeno Lago
Esplanada
Lago
Zona Marítima

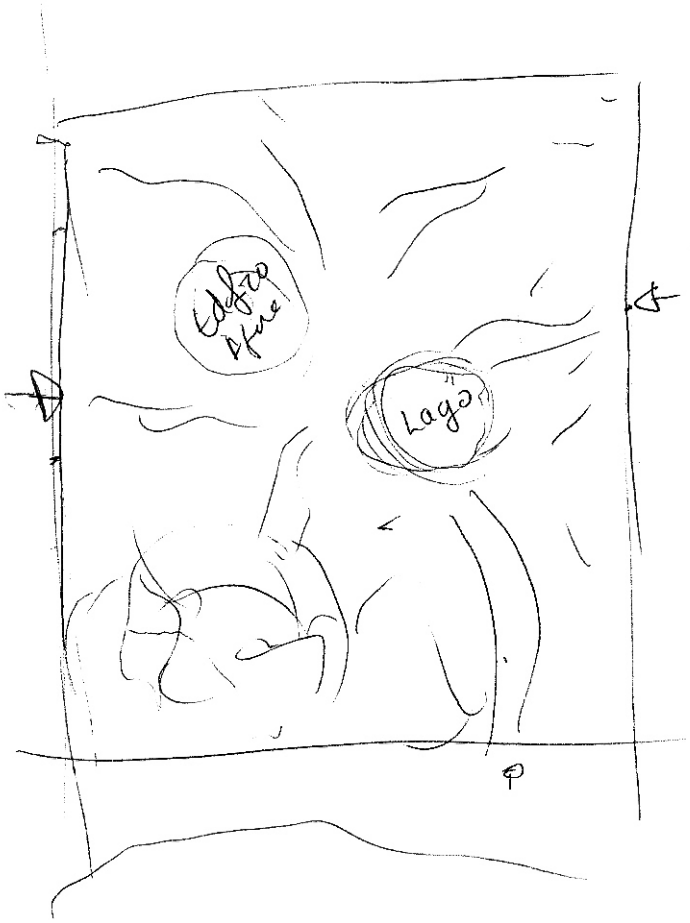


PRcic


8
BOAVISTA.
-> AVENIDA DA BOAVISTA.
LAGO
PRAIA.
ROTUNDA
MARGINAL
-> ponte

QUEIMADROMO
LAGO
ESPAÇO VERDE
CAMINHO
ENTRADA

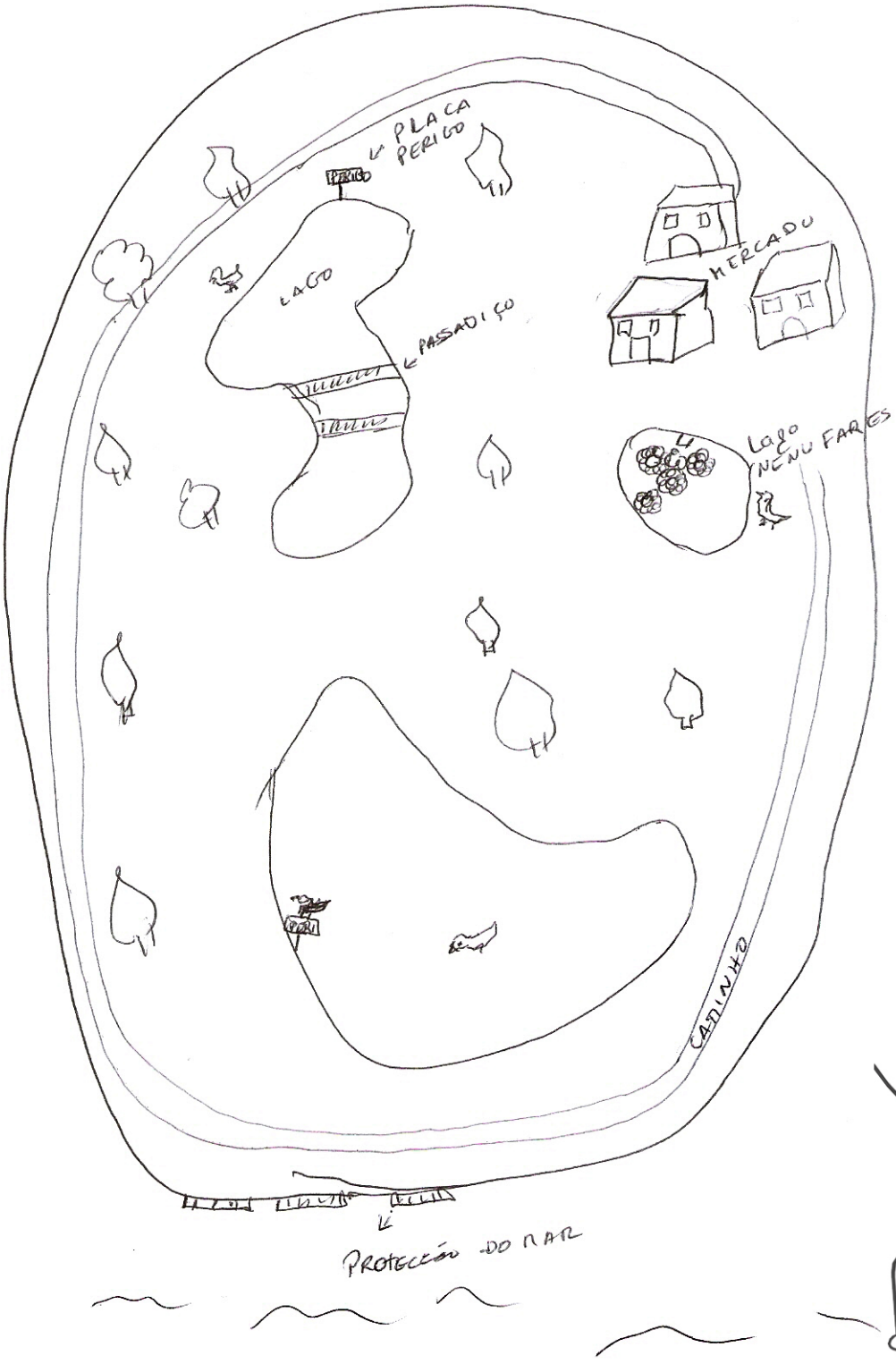

Pav. Água
entrada Boavista
Parque melendas
we
Lago
Lago
Entrada circunvalação
Parque estacionamento
entrada E.T.

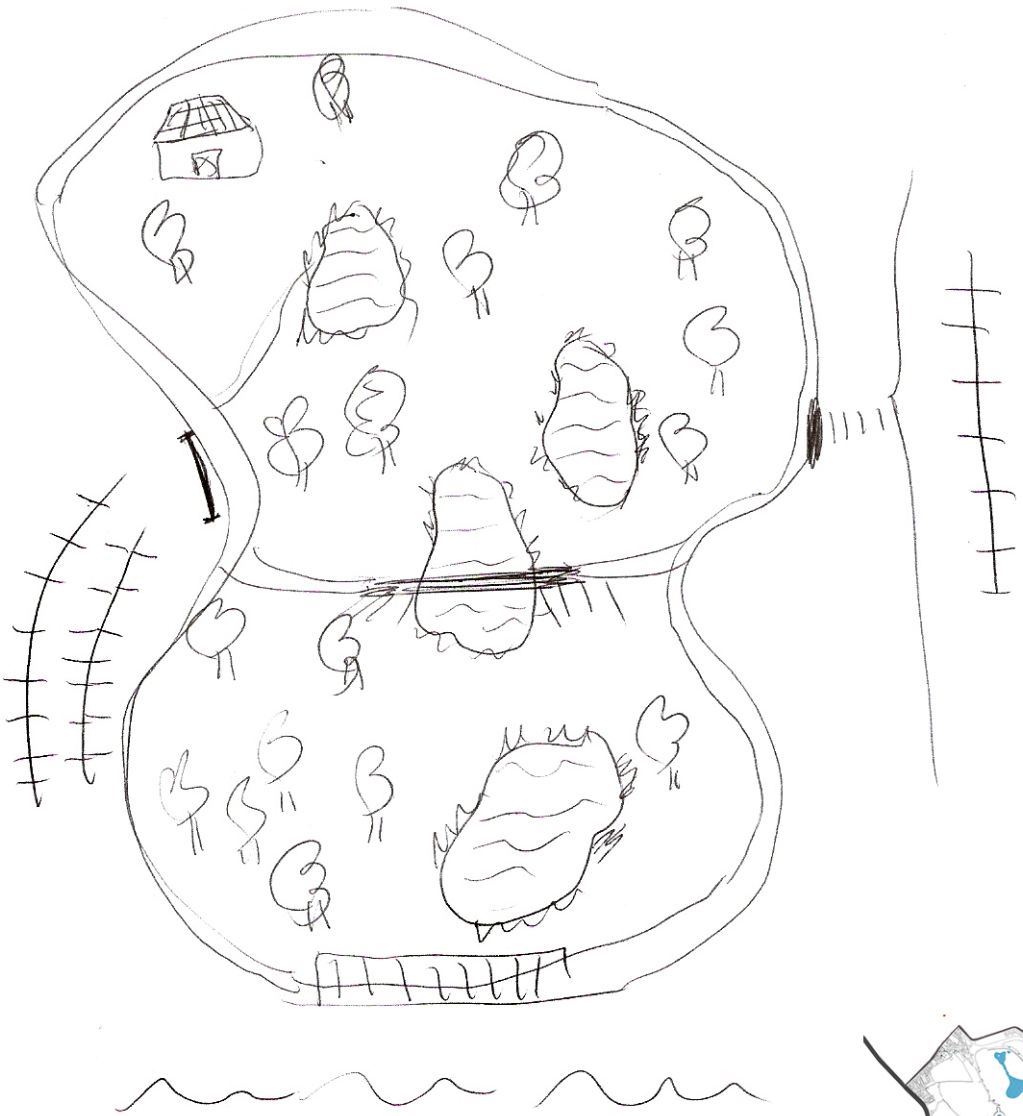


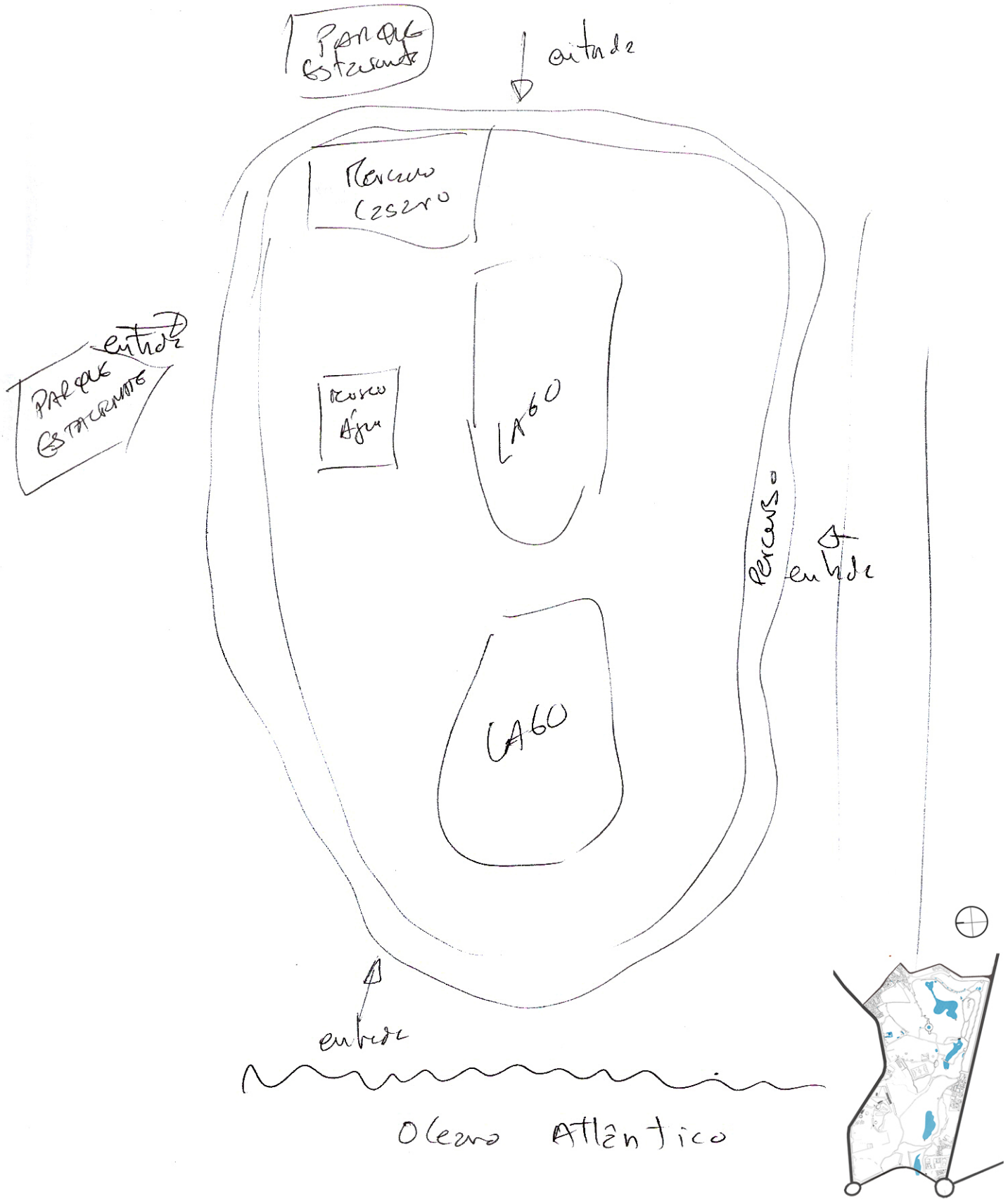
GRANDE É CONFUSO DE FAZER UMA PLANTA

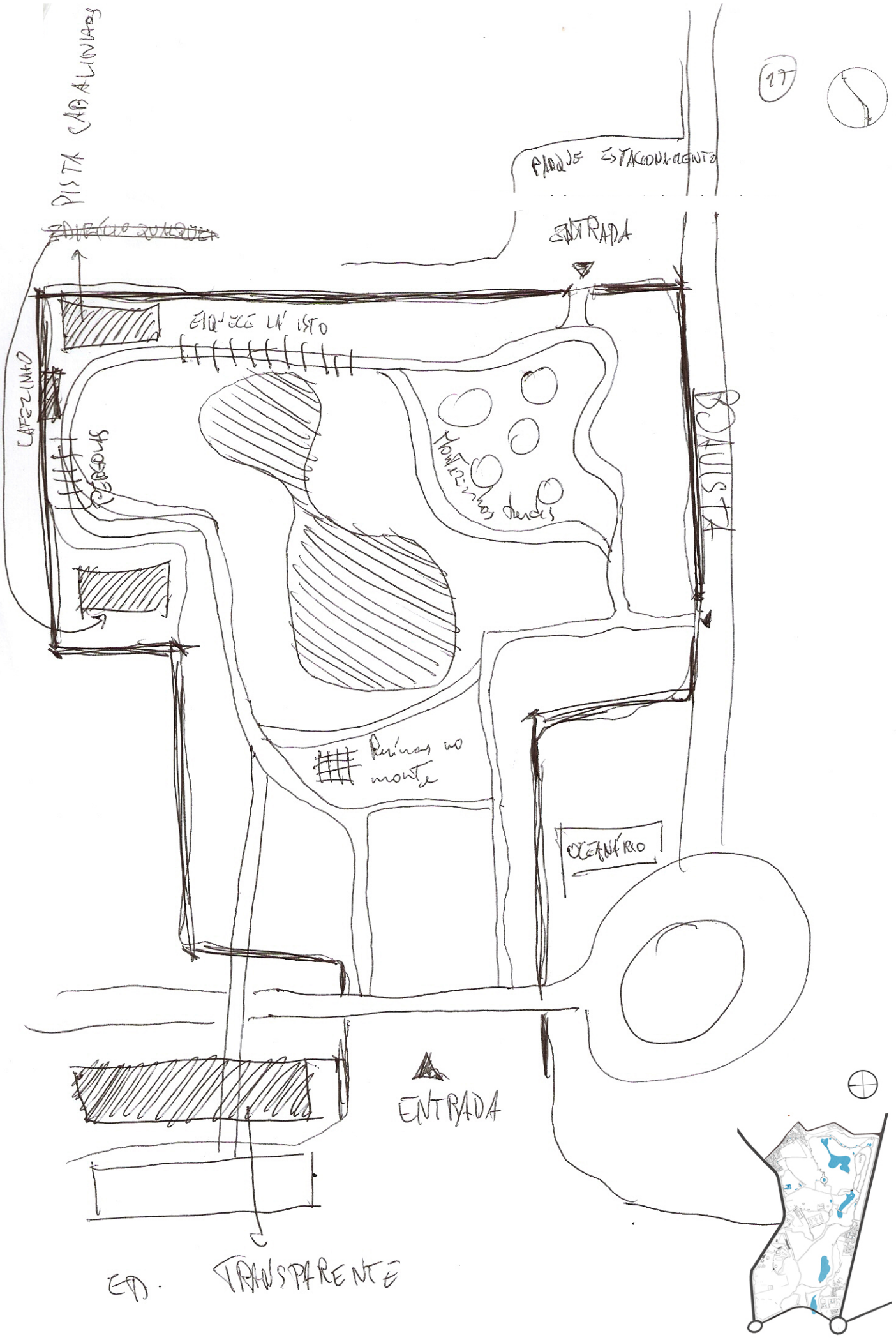
N
Lago
Lago
Ataia

13

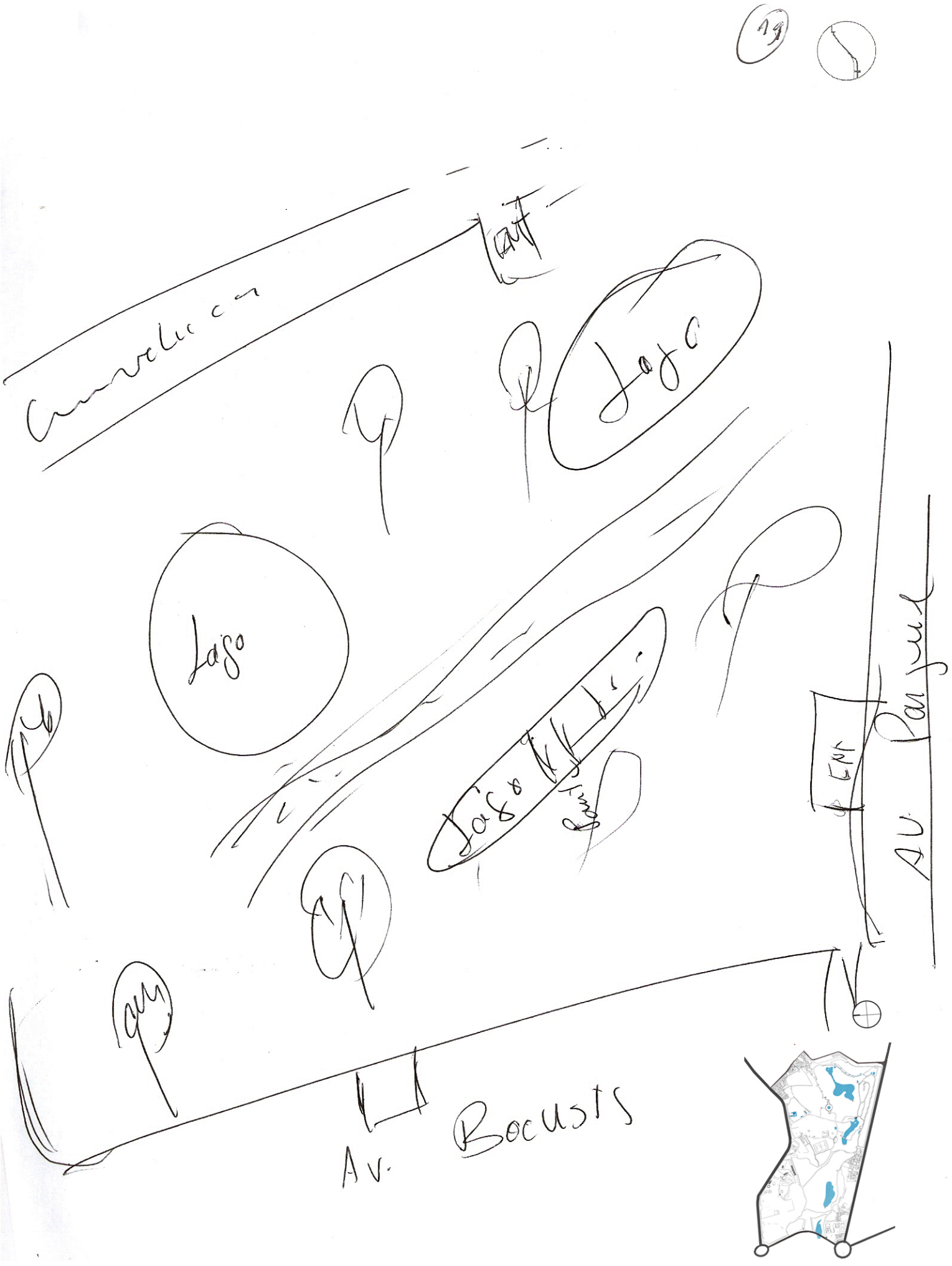

PLACA PERIGO
PERIGO
LAGO
PASADIÇO
MERCADO
LAGO NENÚFARES
CAMIÑO
PROTECCIÓN DO MAR



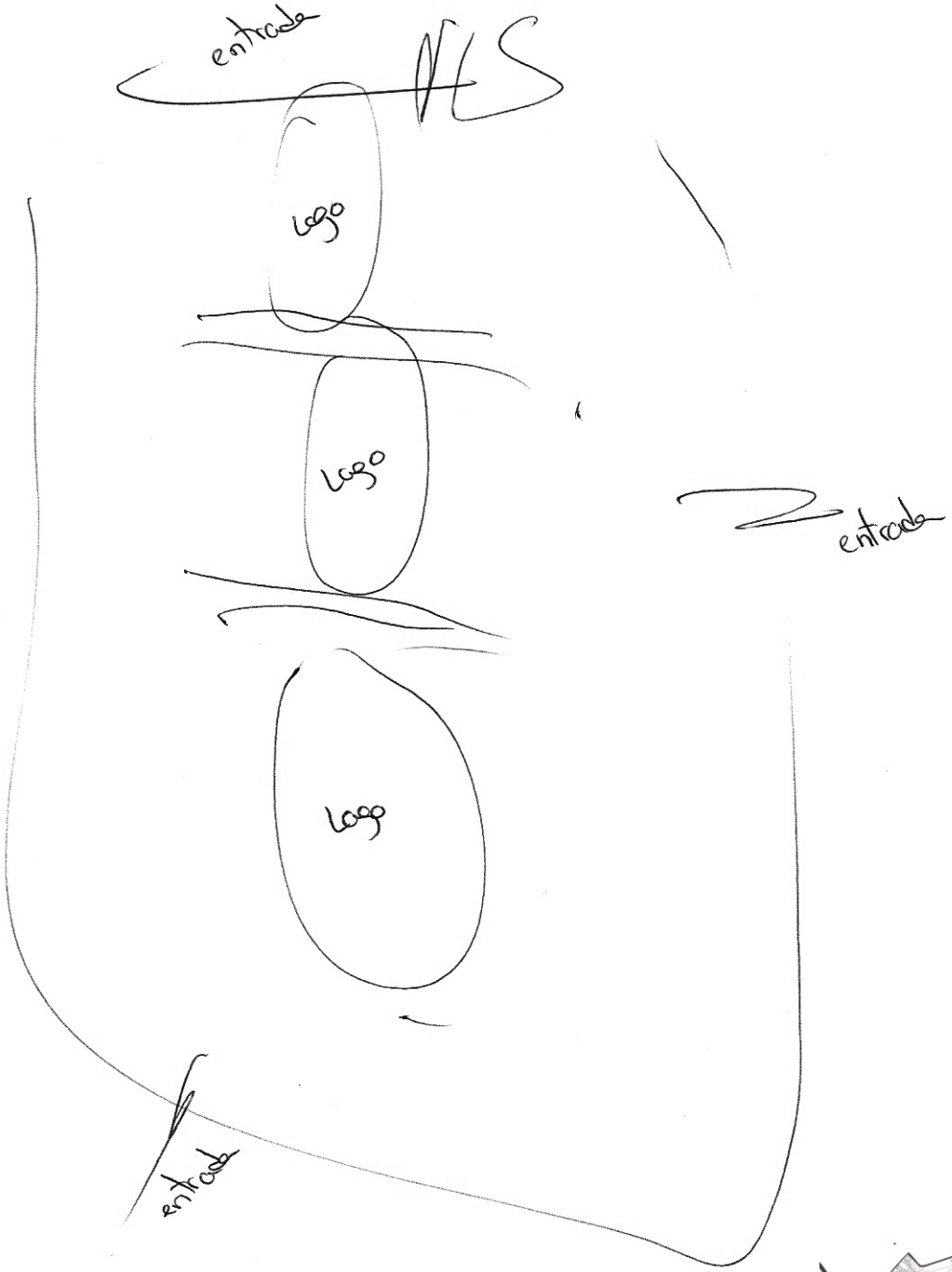

Parque Estacionamento
entrada
Percurso Lazer
Percurso Água
LAGO
LAGO
Percurso
entrada
Parque Estacionamento
entrada
entrada
Oceano Atlântico


PISTA CABALINHOS
PARQUE ESTACIONAMENTO
ENTRADA
ESTUFA FRIA
CAFEZINHO
ESPLANADA
FONTAINHAS Secas
RUA
Ruínas no monte
OBSERVATÓRIO
ENTRADA
ED. TRANSPARENTE

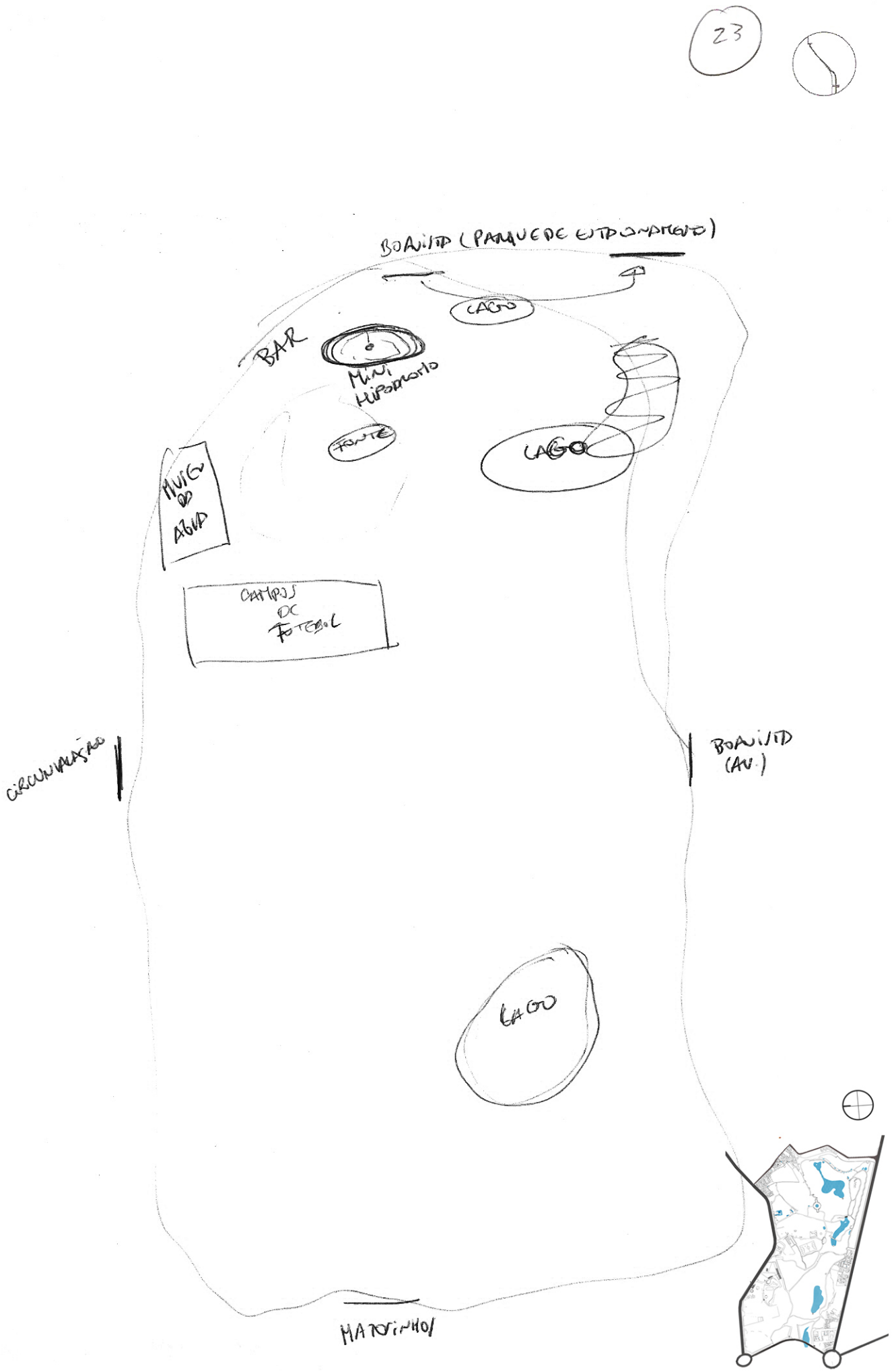
18
Βρυσιανά
Κ
Επίπεδο
Ενδιάμεσο

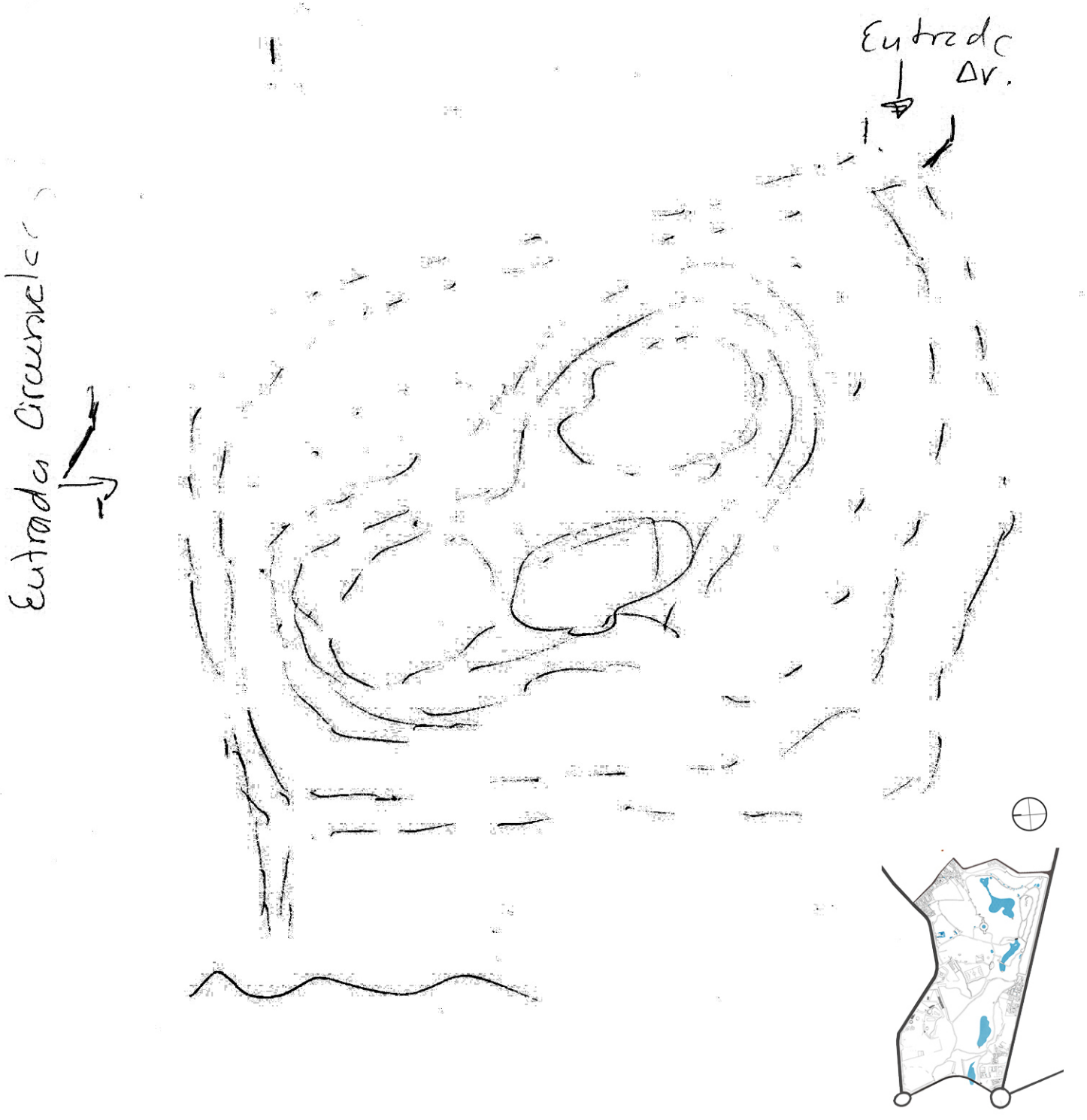

19
Lago
Lago
Av. Bocuts
Av. Paysud

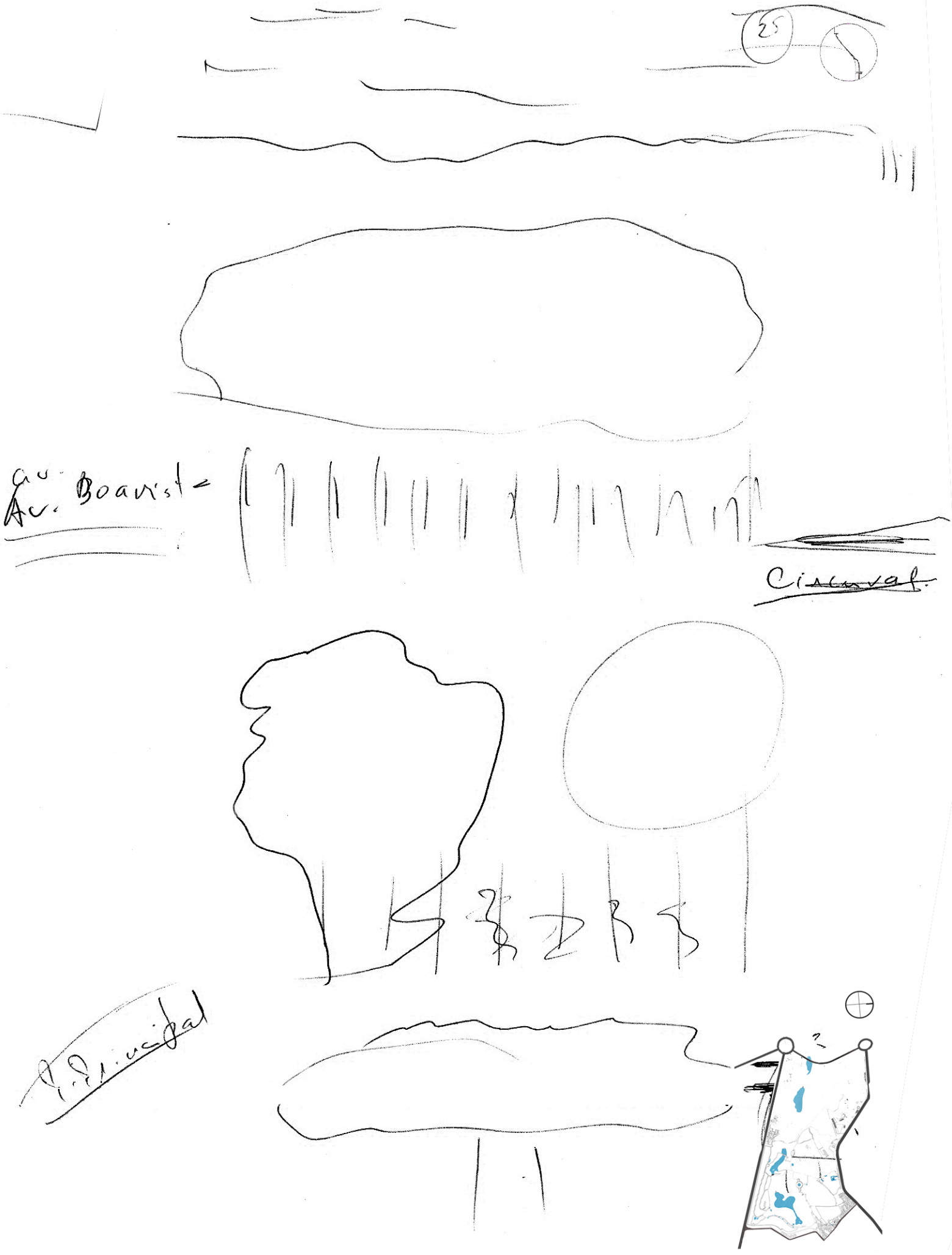
20
1a
2a

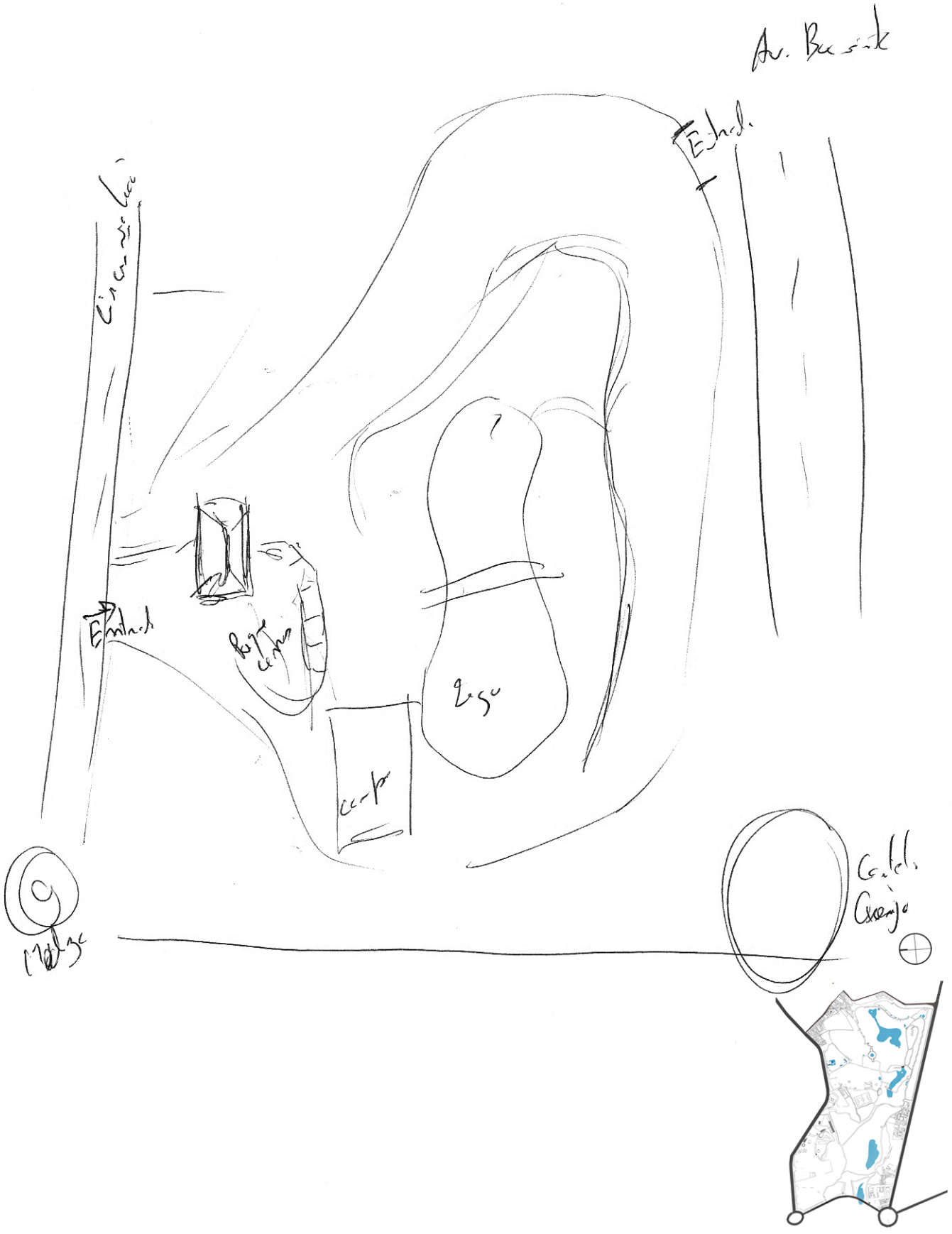

entrada
Logo
Logo
Logo
entrada
entrada

22
ENTR. ZONA
PARQUE
I PISTO
SALIDA ZONA
LAGO
PAU
AGUA
PE
CICLISTA
P.I.P.
C.U.P.

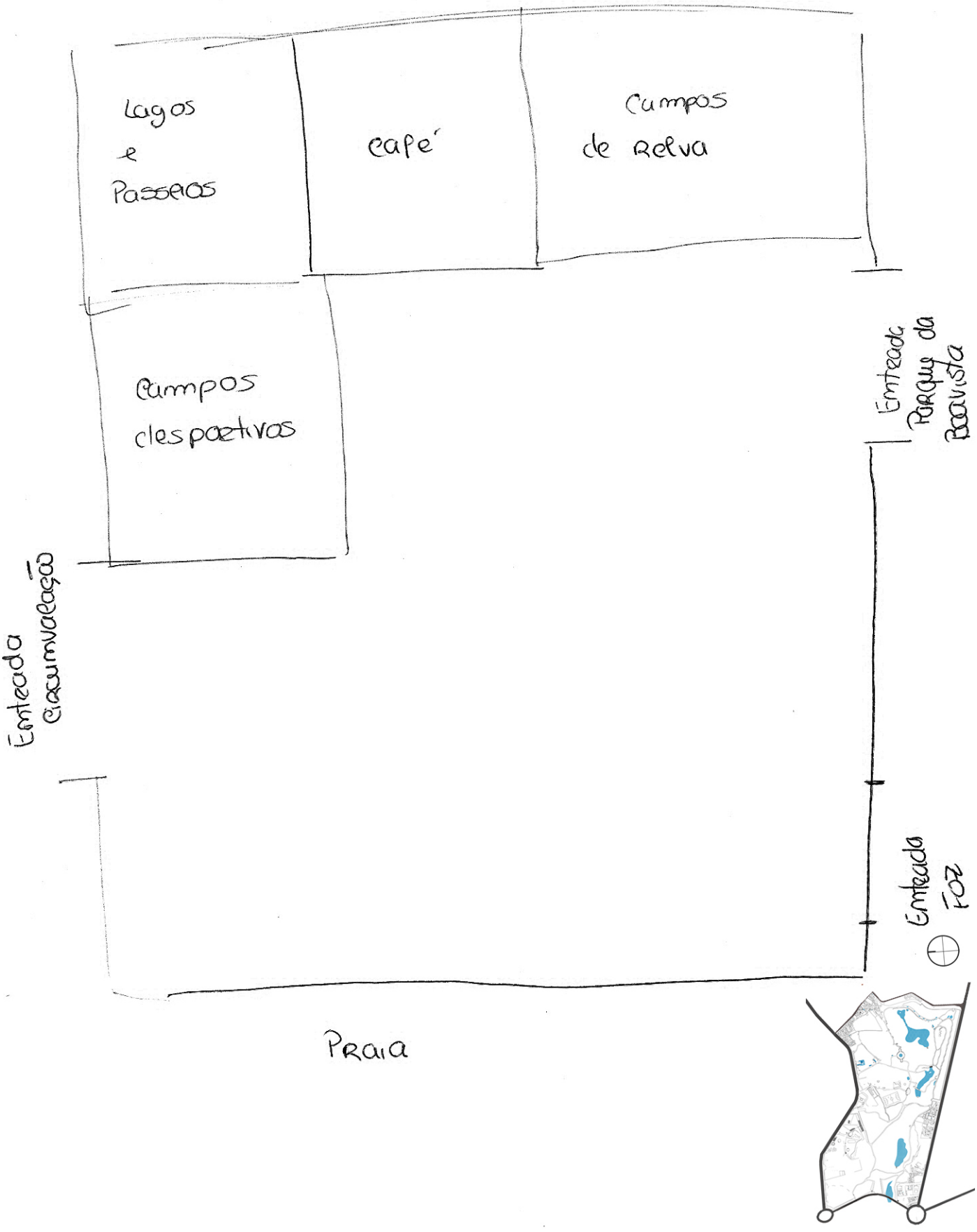

23
BOAVISTA (PARQUE DE ESTACIONAMENTO)
LAGO
BAR
MINI HIPÓDROMO
FONTE
LAGO
MURO DE ÁGUA
CAMPOS DE FUTEBOL
CIRCUNVALAÇÃO
BOAVISTA (AV.)
LAGO
MATOSINHOS


Entrada Av.
Entrada Circunvalar


Av. Boavista
Circunvat.
Principal



27
ENTRADA
ENTRADA
AV. BOAVISTA
ENTRADA
CIRCUNVALAÇÃO
PRAIA


Lagos
e
Passeios
Café
Campos
de Relva
Campos
desportivas
Entrada
Parque da
Boavista
Entrada
Circunvalação
Entrada
FOZ
Praia

29
Mar
Lago

30

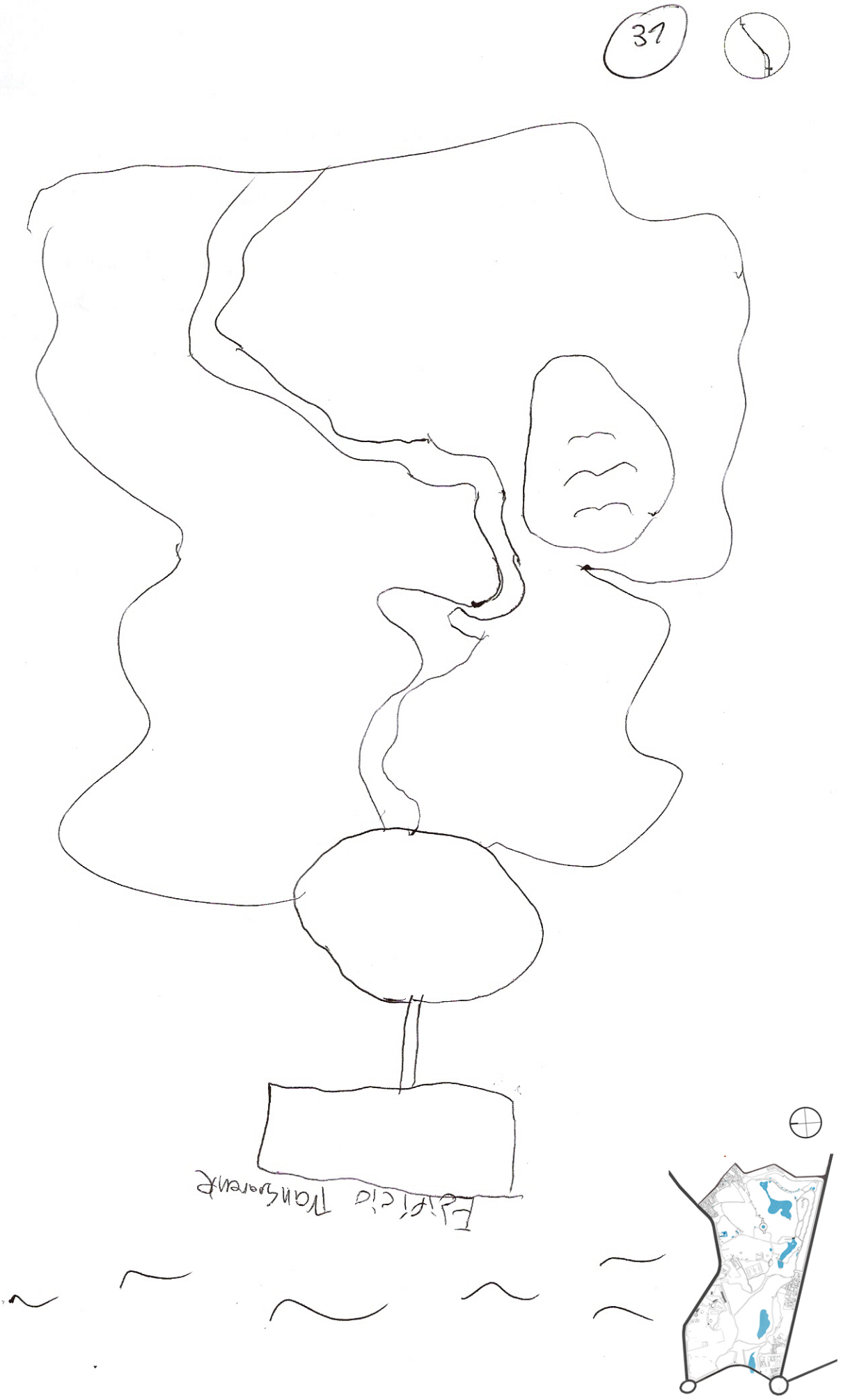
Entrada
Avenida Boavista

Entrada
Circunvalação

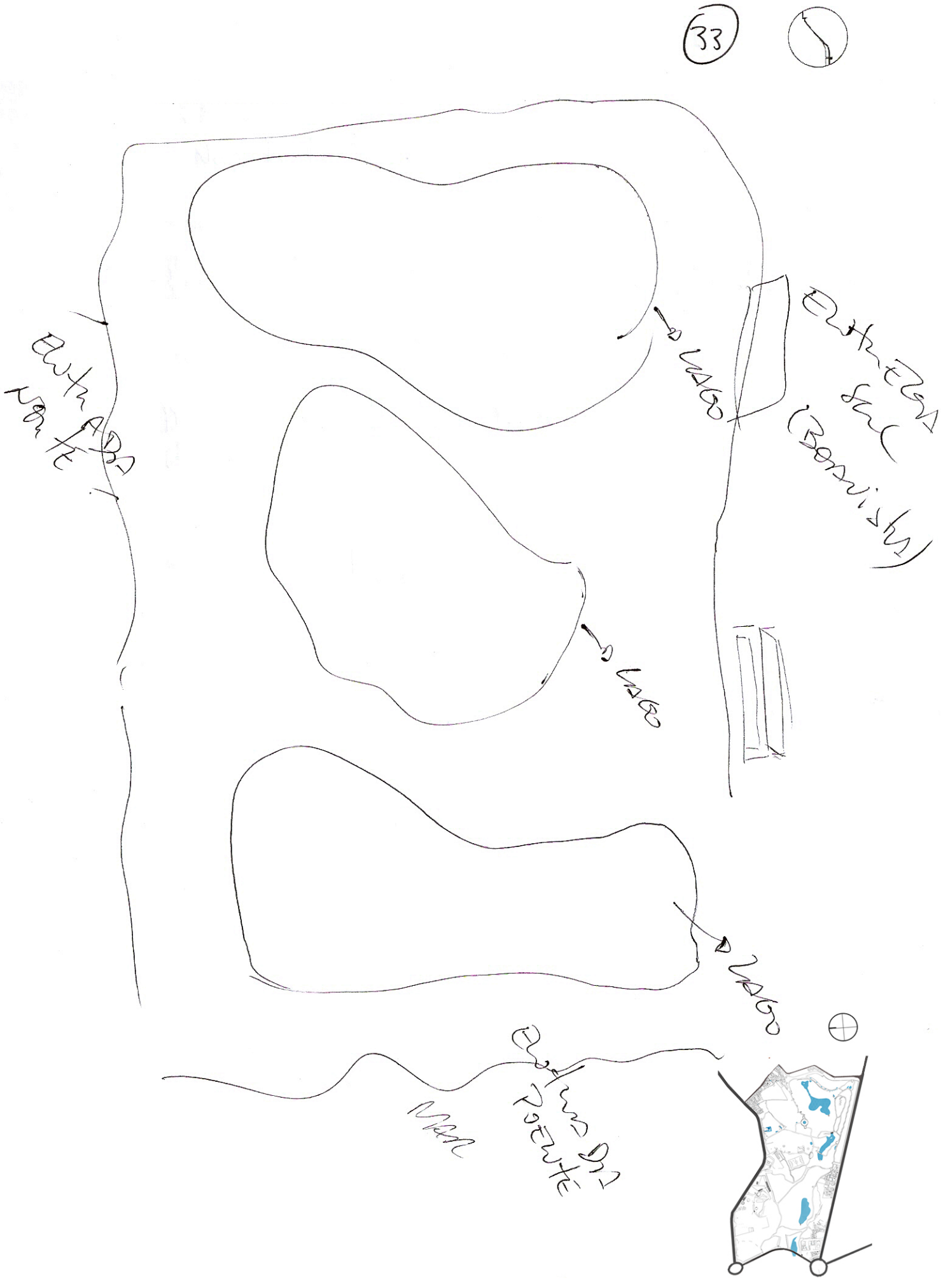
Lagos

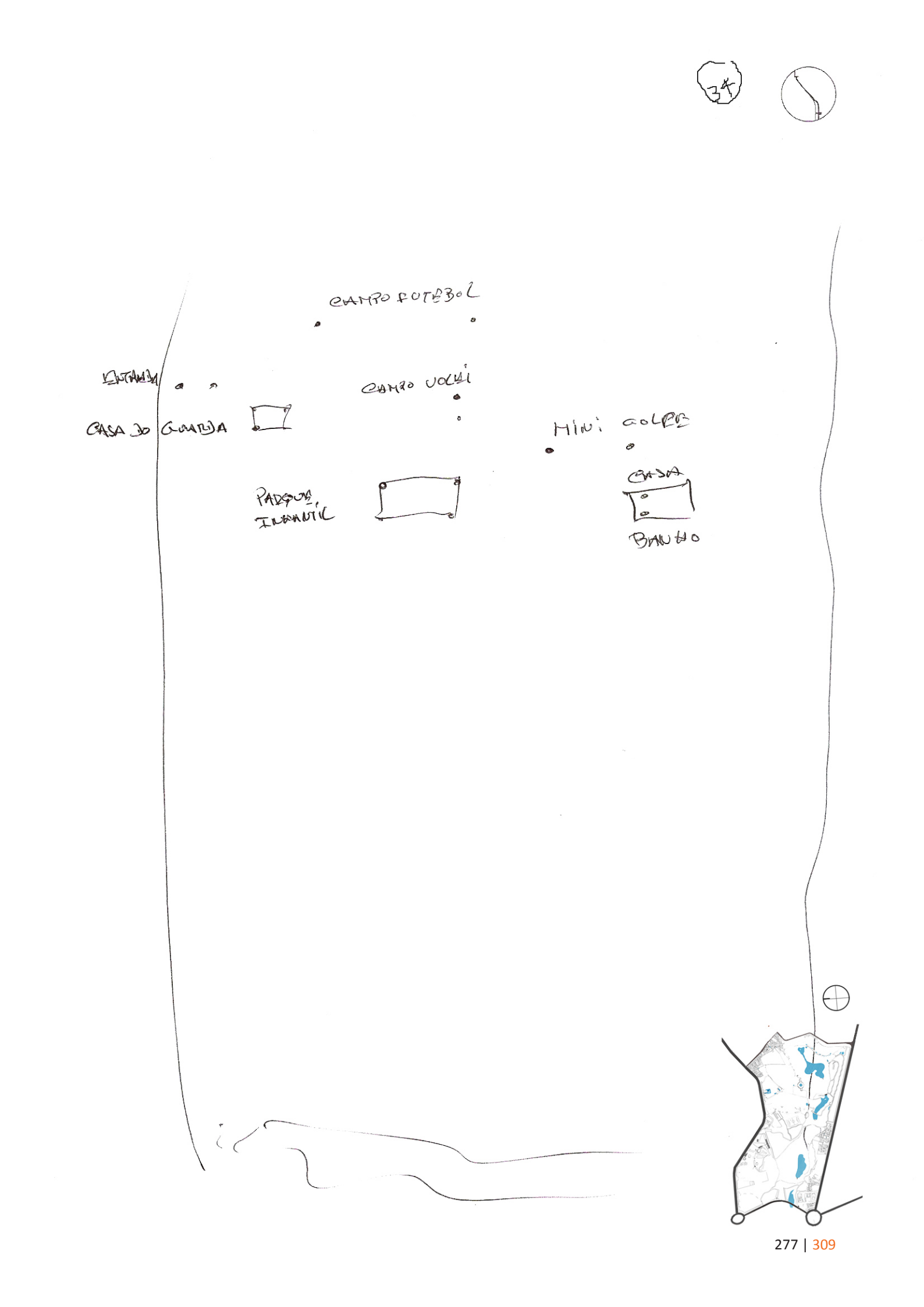
Entrada
Avenida Boavista

Entrada
Aldoar

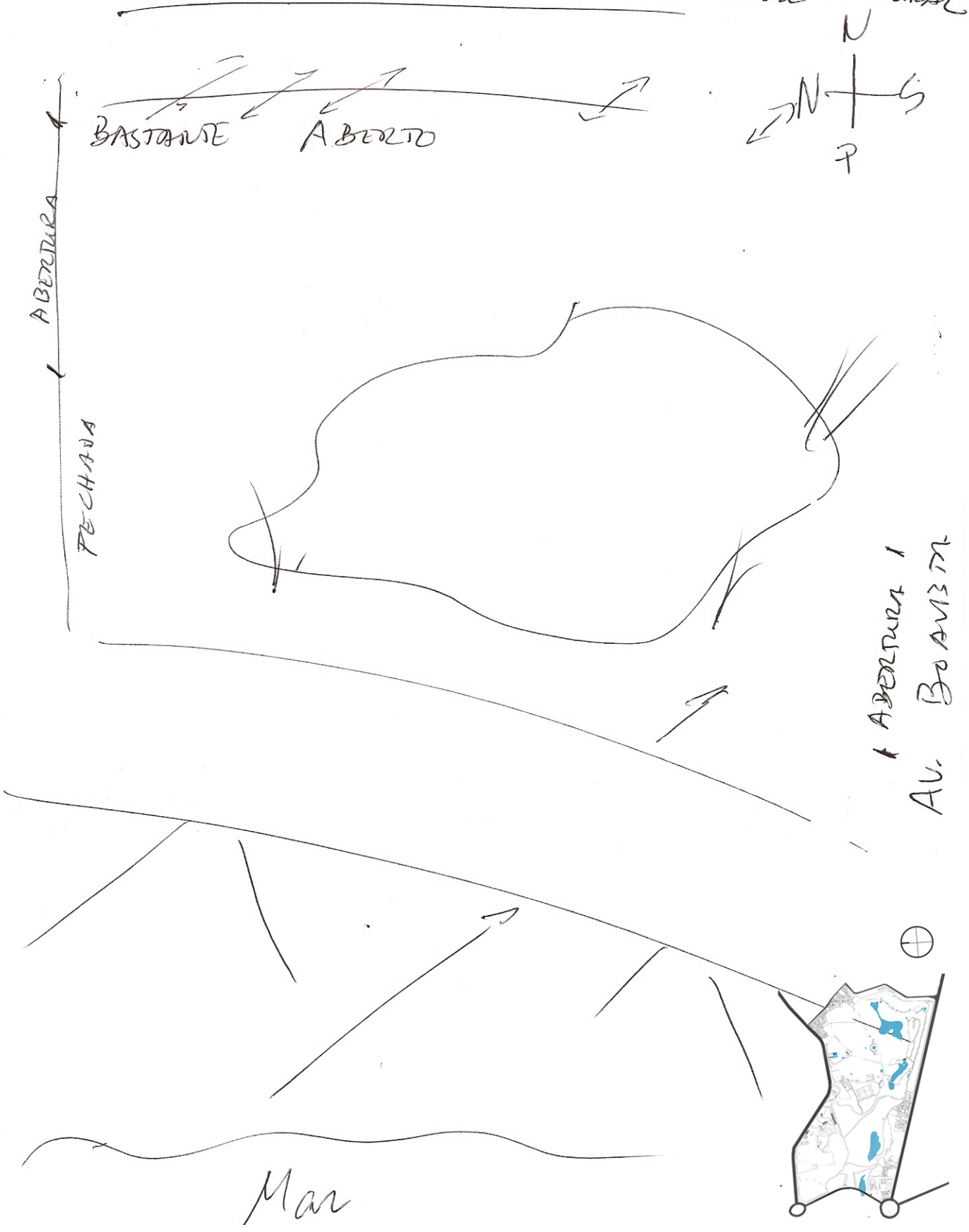

37
Elevicio Transmark

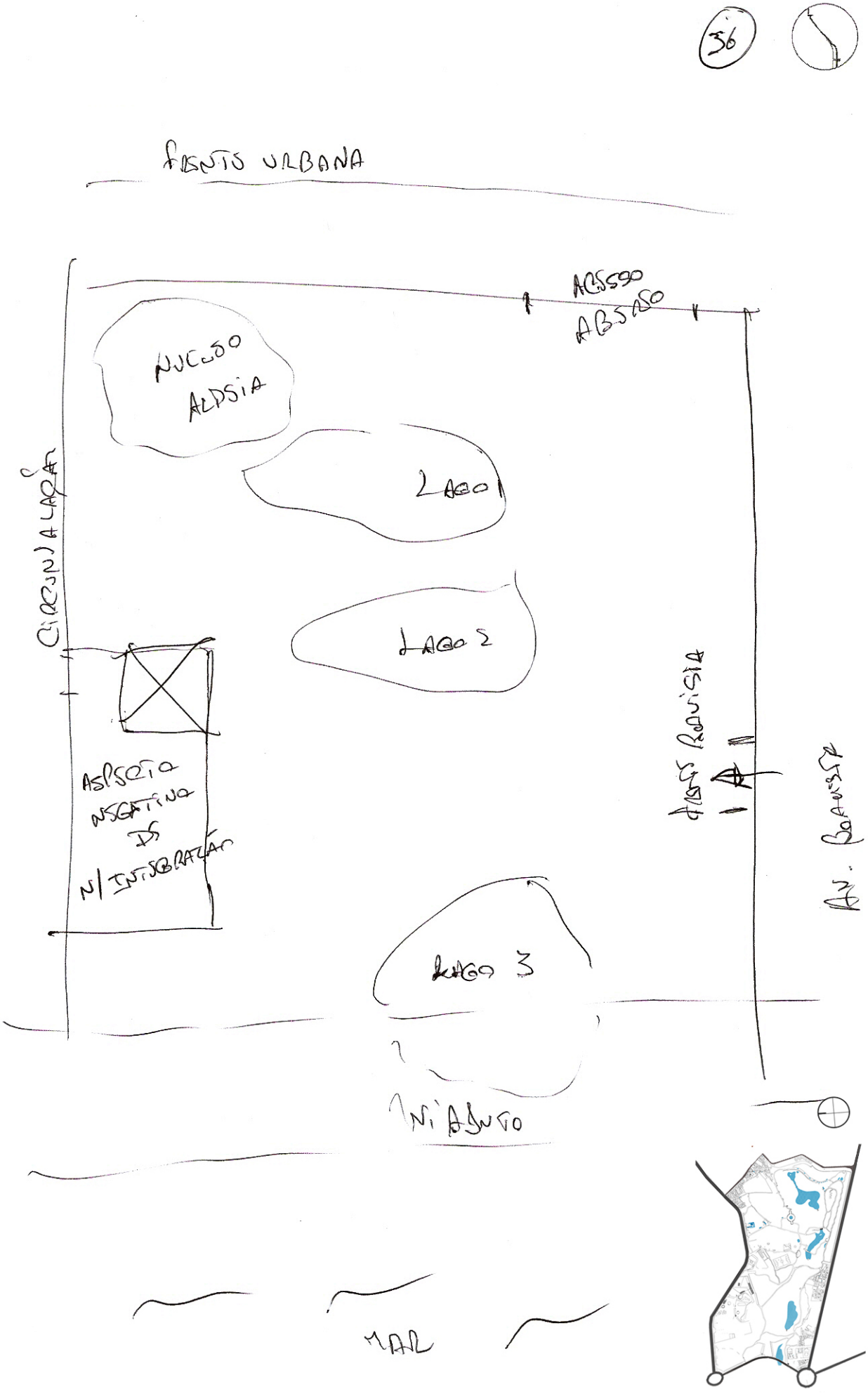
Lago.
edificio transparente
Praia.


33
lago
lago
lago


CAMPO FUTEBOL
CAMPO VOLEI
CASA DO GUARDA
MINI GOLFE
PARQUE INFANTIL
CASA
BANHO

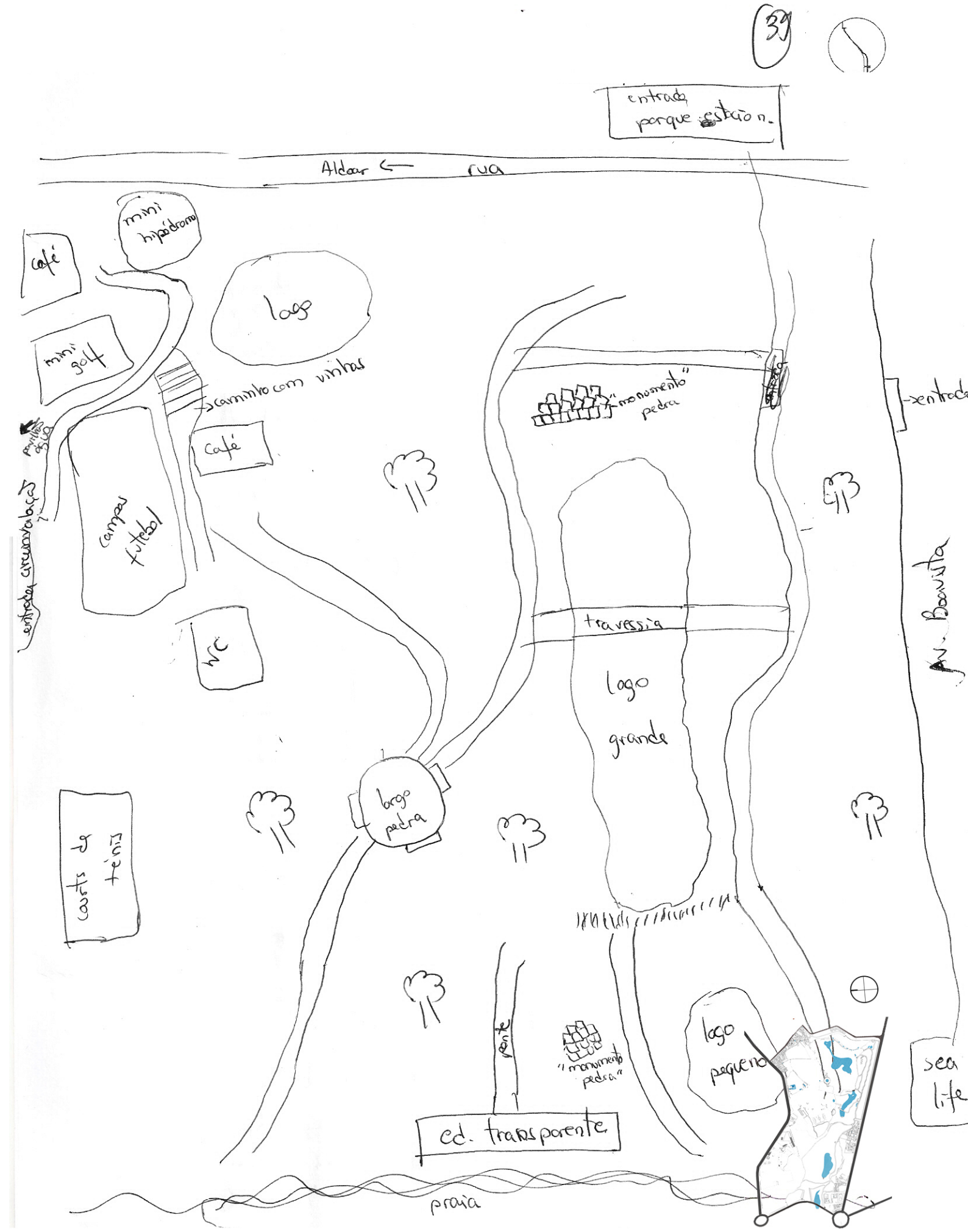
ALGUNS 'EVENTOS', GESTUAIS DE ÍNDOLE CULTURAL



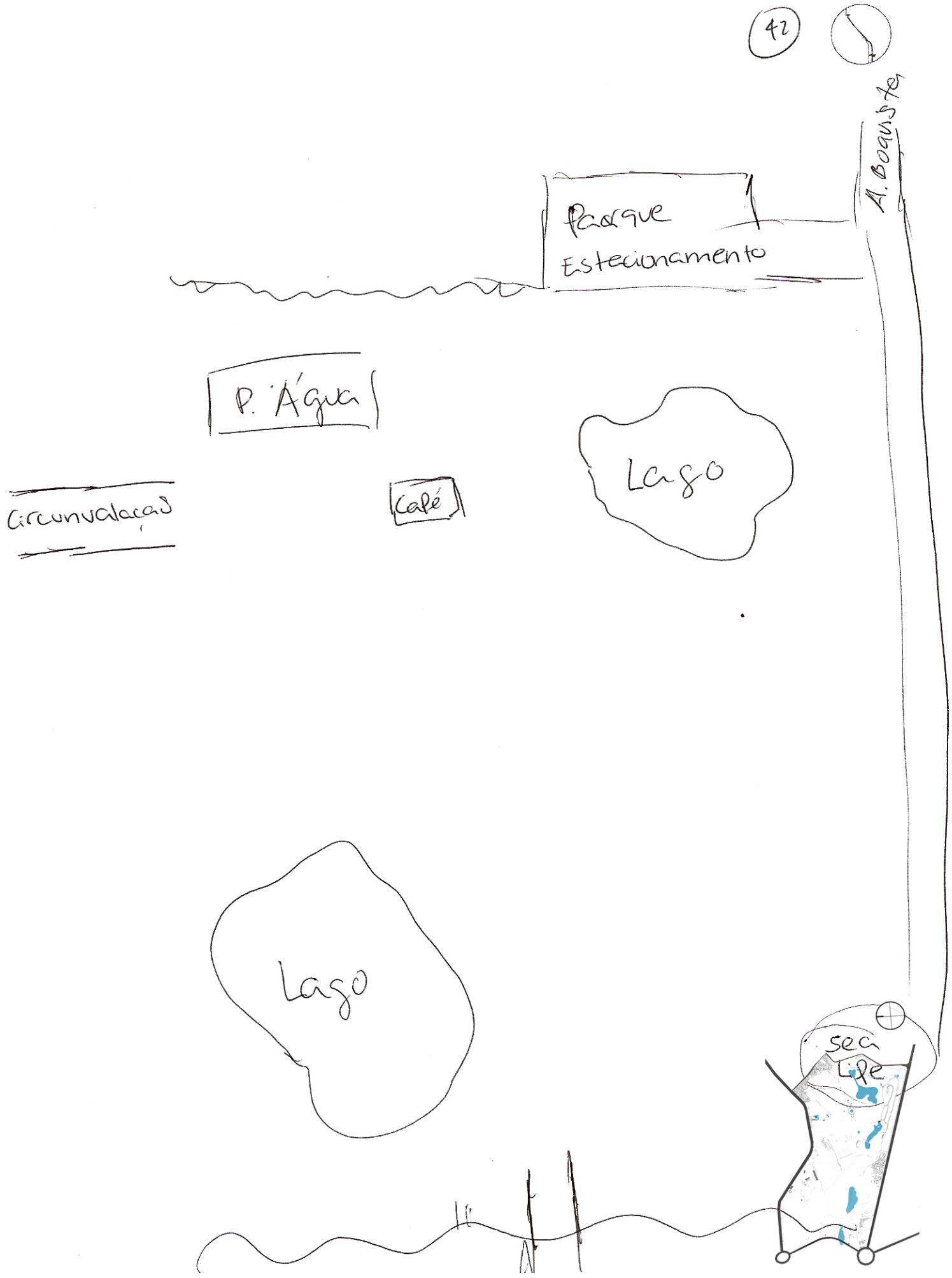

FRENTE URBANA
ACESSO
ACESSO
NUCLEO
ALDSIA
LAGO
LAGO 2
CIRCUNDANTE
ASPECTO
NEGATIVO
DO
N/ INTERVENÇÃO
LAGO 3
N/ ALVO
MAR

37

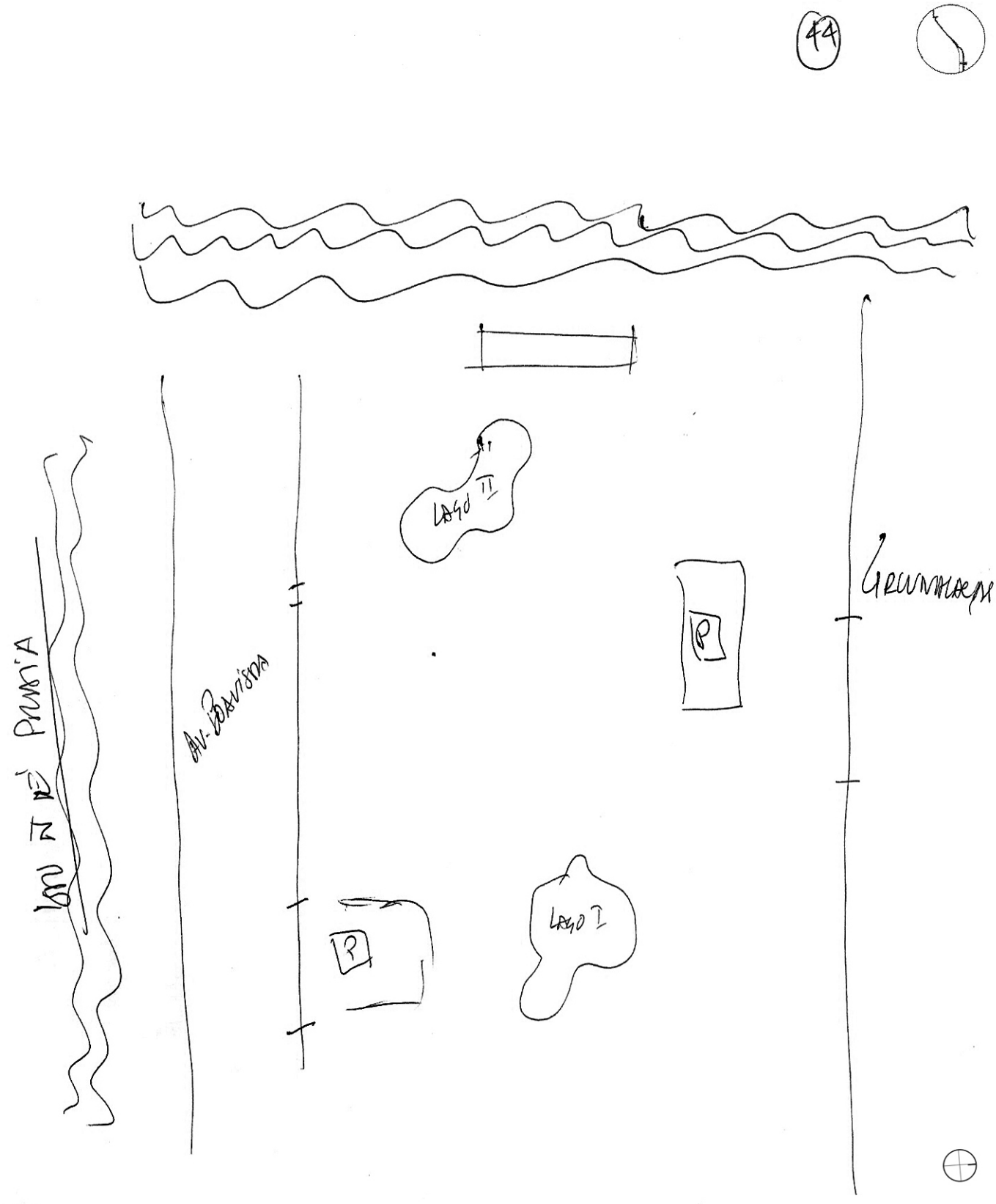
38
LAGO DOS PATOS

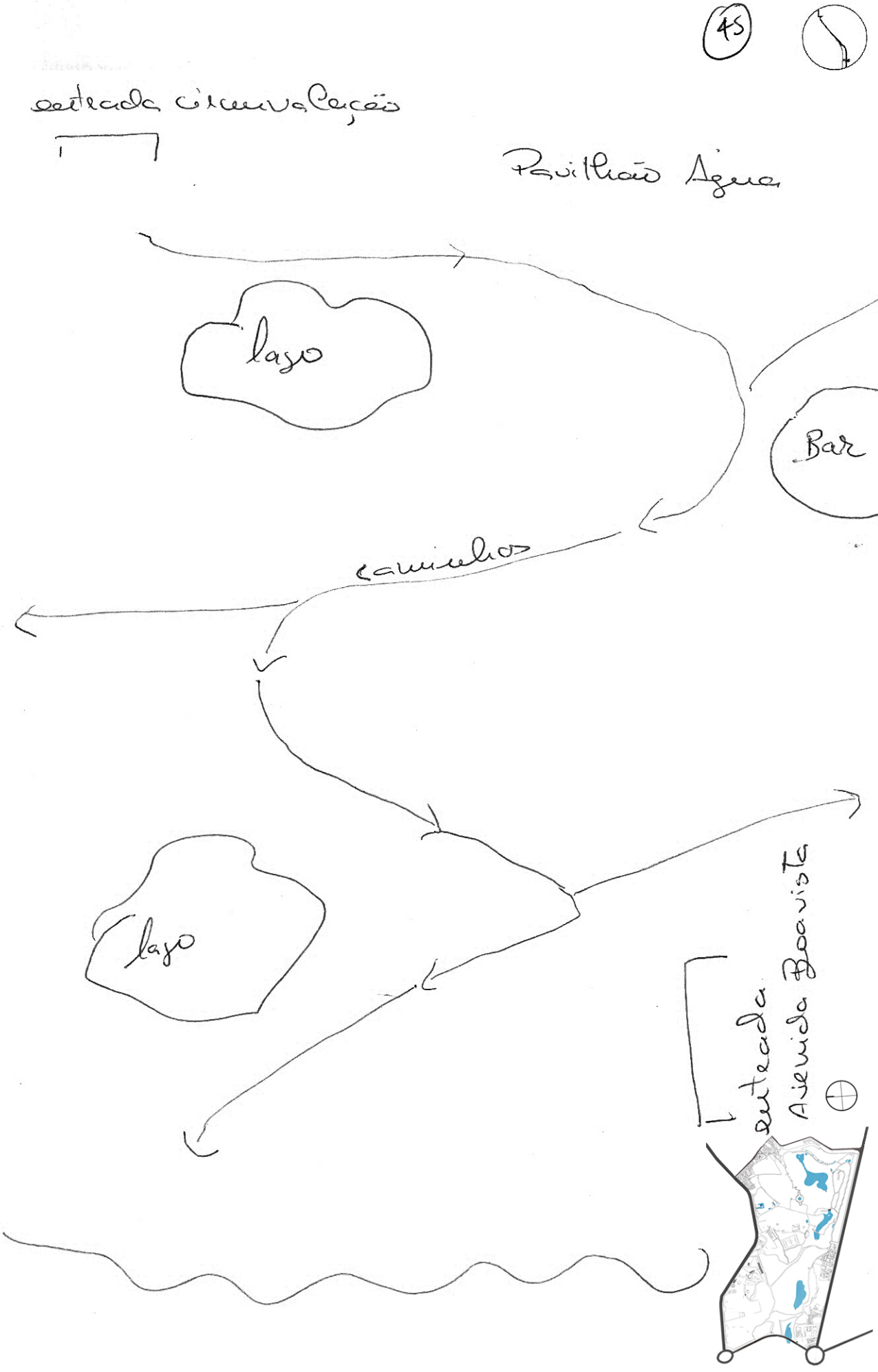

39
entrada parque estacion.
Aldear ←
rua
mini hipódromo
café
mini golf
lago
caminho com vinhas
entrada circunvalação
campos futebol
café
"monumento" pedra
entrada
WC
travessia
Av. Bonita
lago grande
lago pedra
courts de ténis
lago pequeno
"monumento pedra"
ponte
ed. transparente
sea life
praia

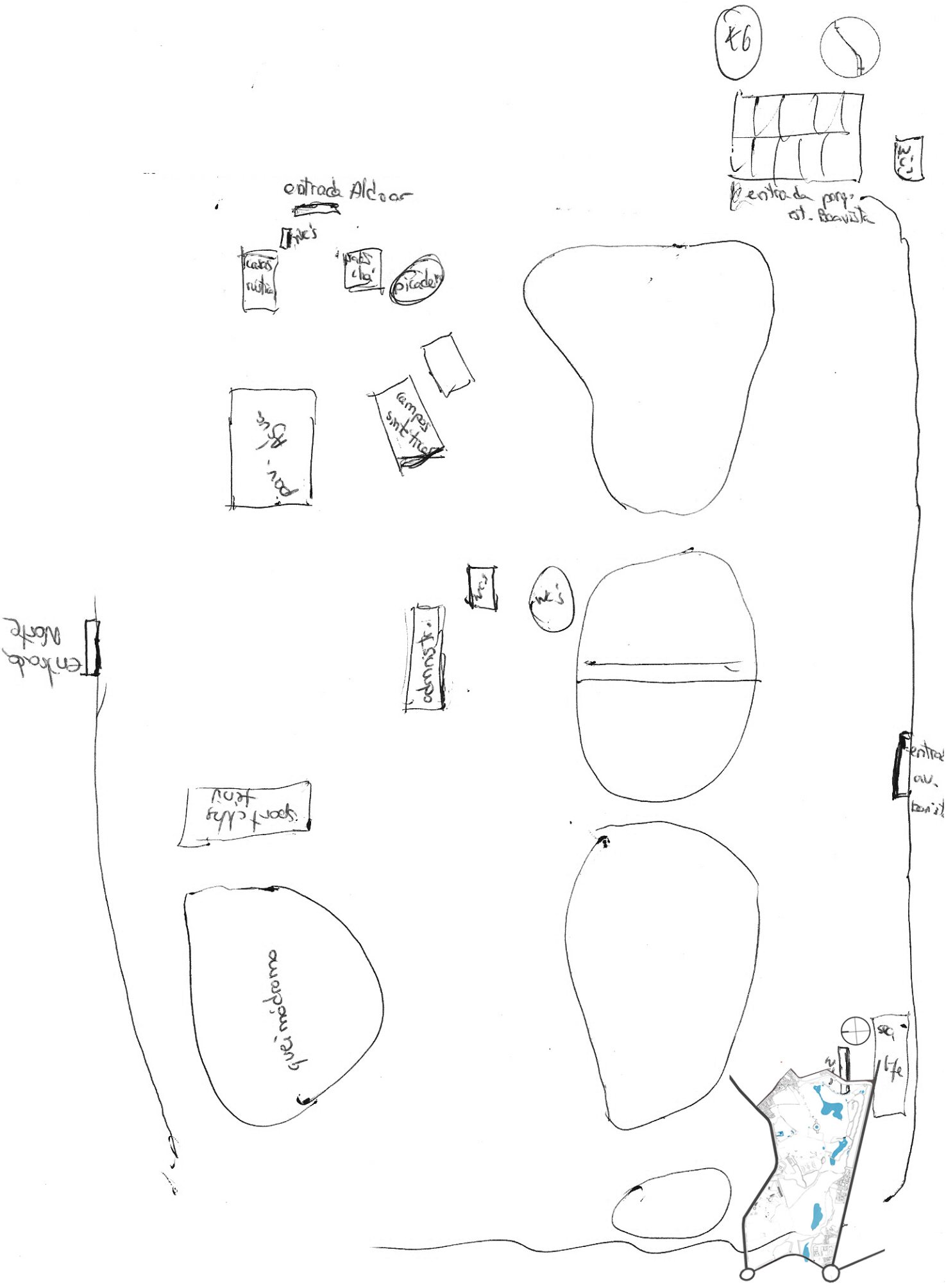
ΛΙΜΝΗ
ΛΙΜΝΗ

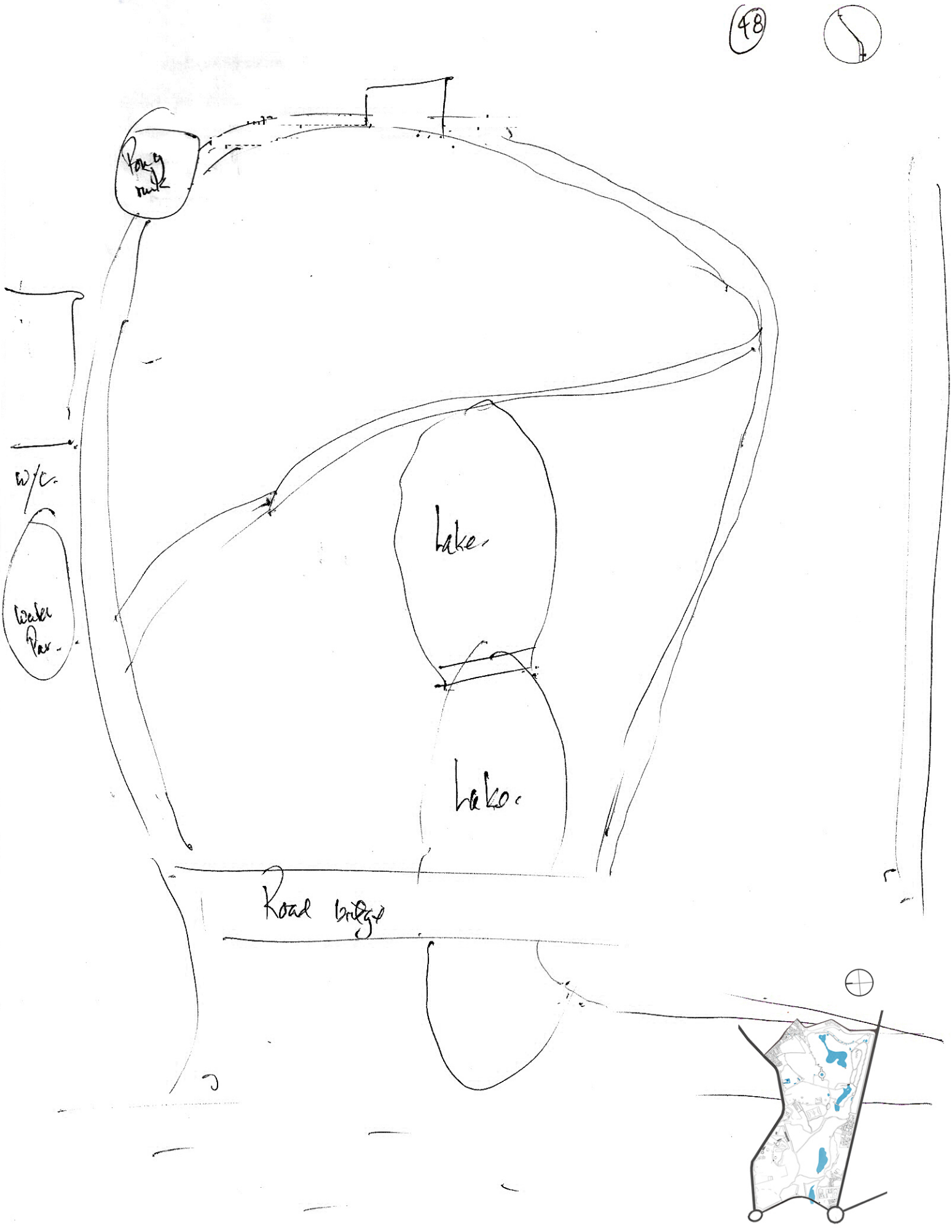

42
Parque
Estacionamento
P. Água
Lago
Circunvalação
Café
Lago
Seca
Lixe

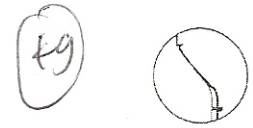
43
lago
wc's
cafe
lago grande

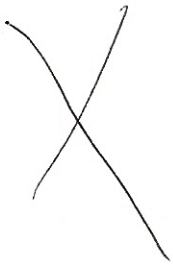

44
LAGO II
LAGO I
P
P
Av. Brasília
Lago Norte
Grumari

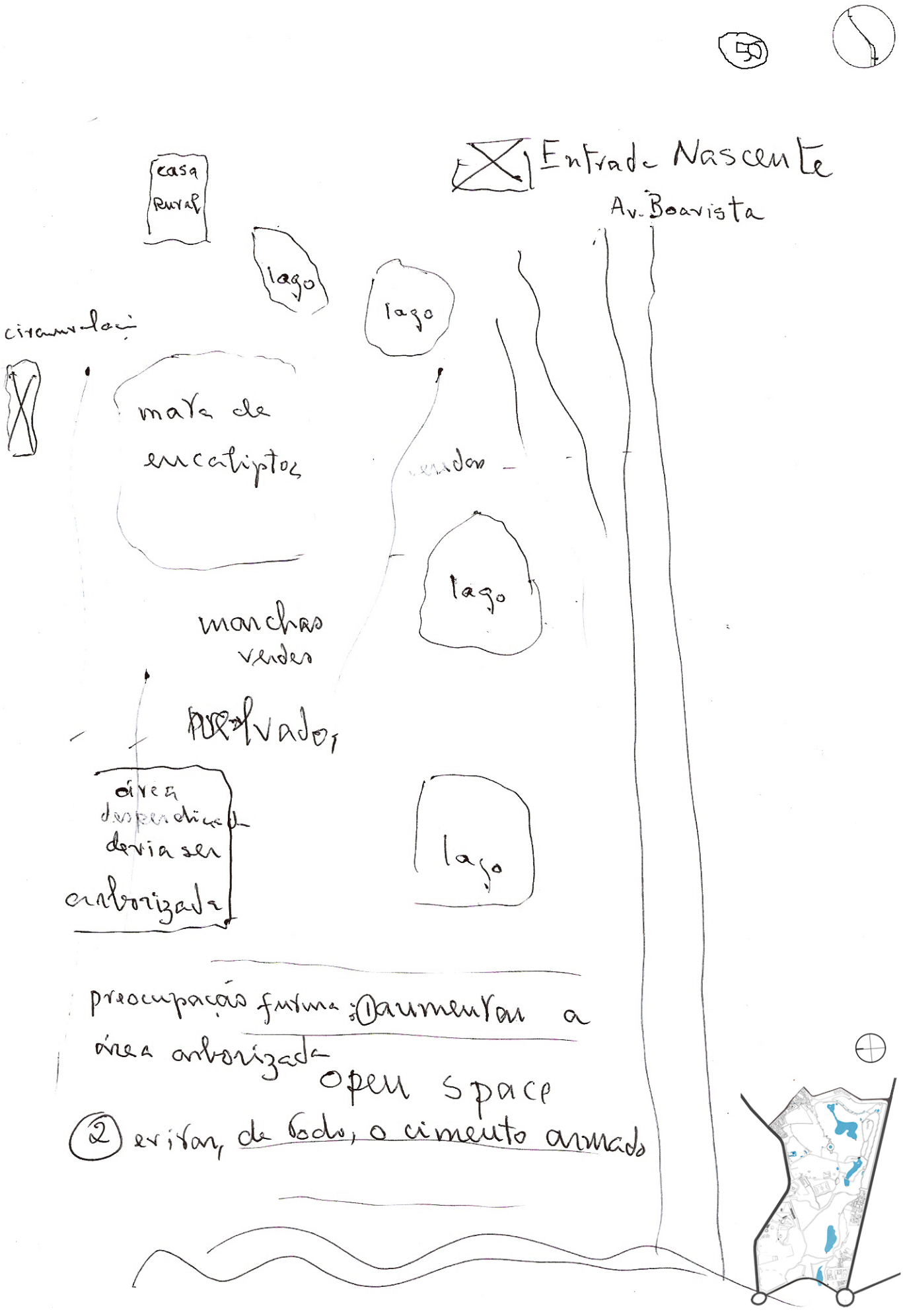

entrada circunvalação
Pavilhão Água
lago
Bar
caminhos
lago
entrada
Avenida Boavista

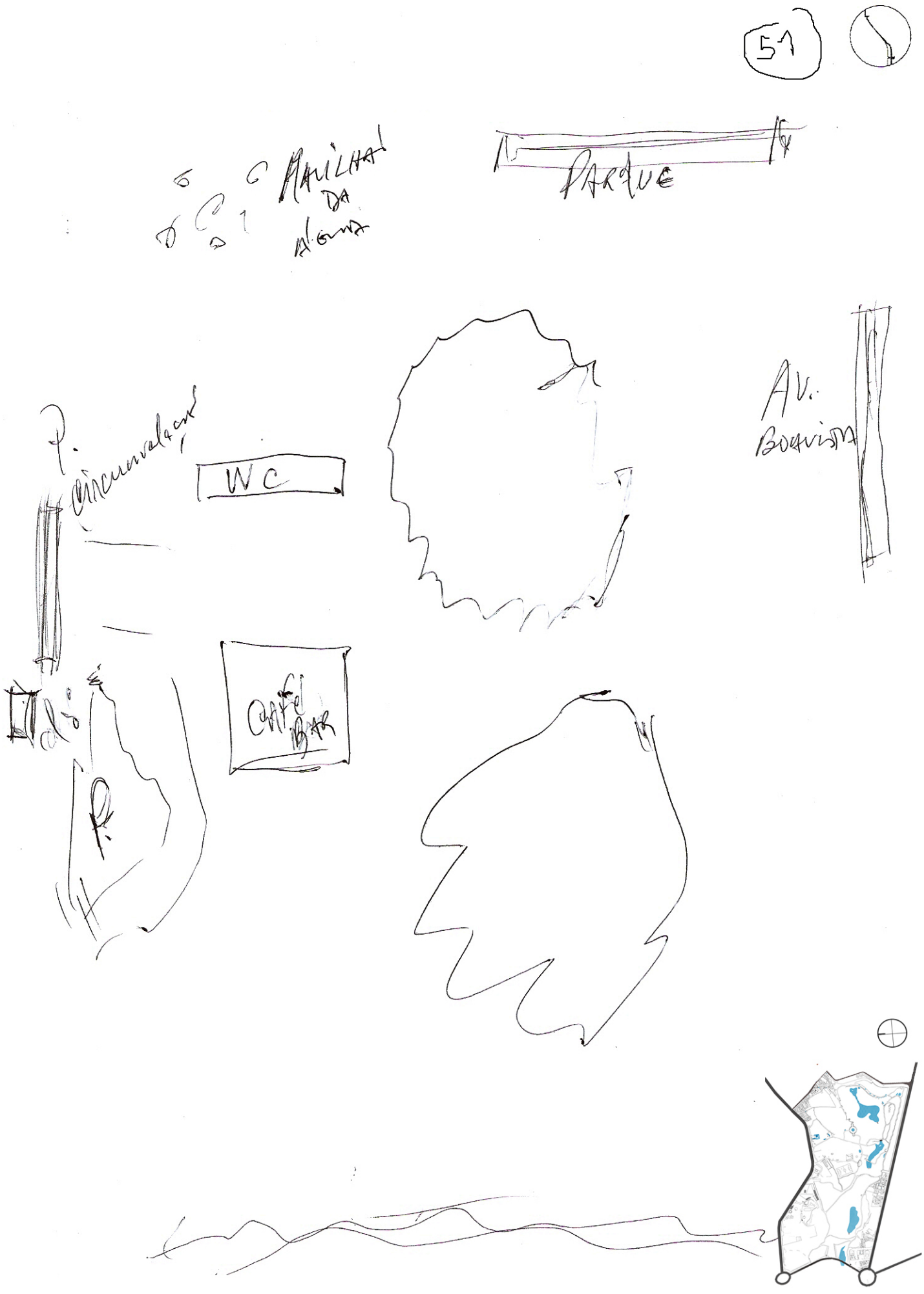

entrada Aldeia
entrada parq. ext. floresta
entrada Norte
entrada ou. floresta

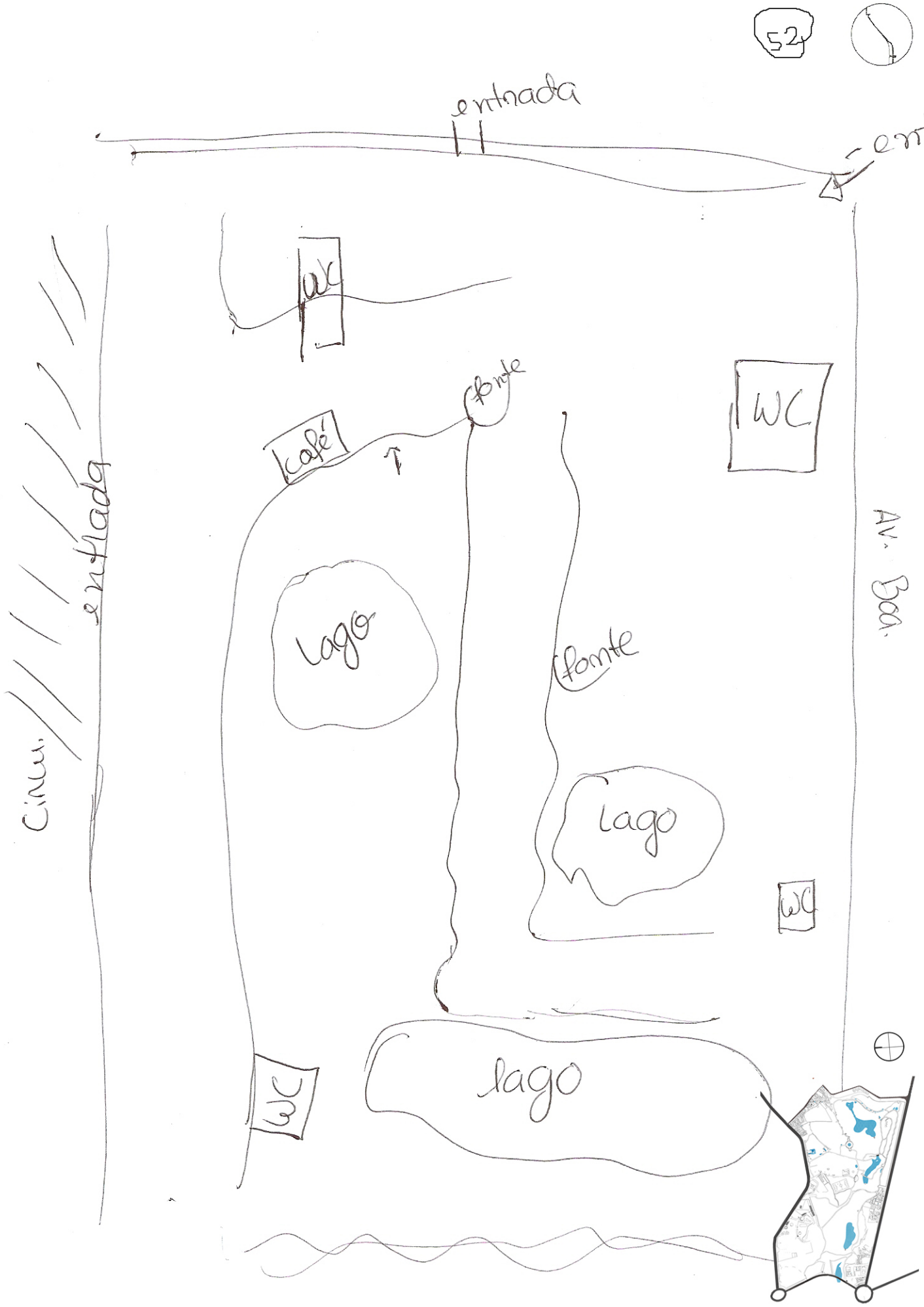

48
Parking
w/c.
Lake.
Lake.
Road bridge





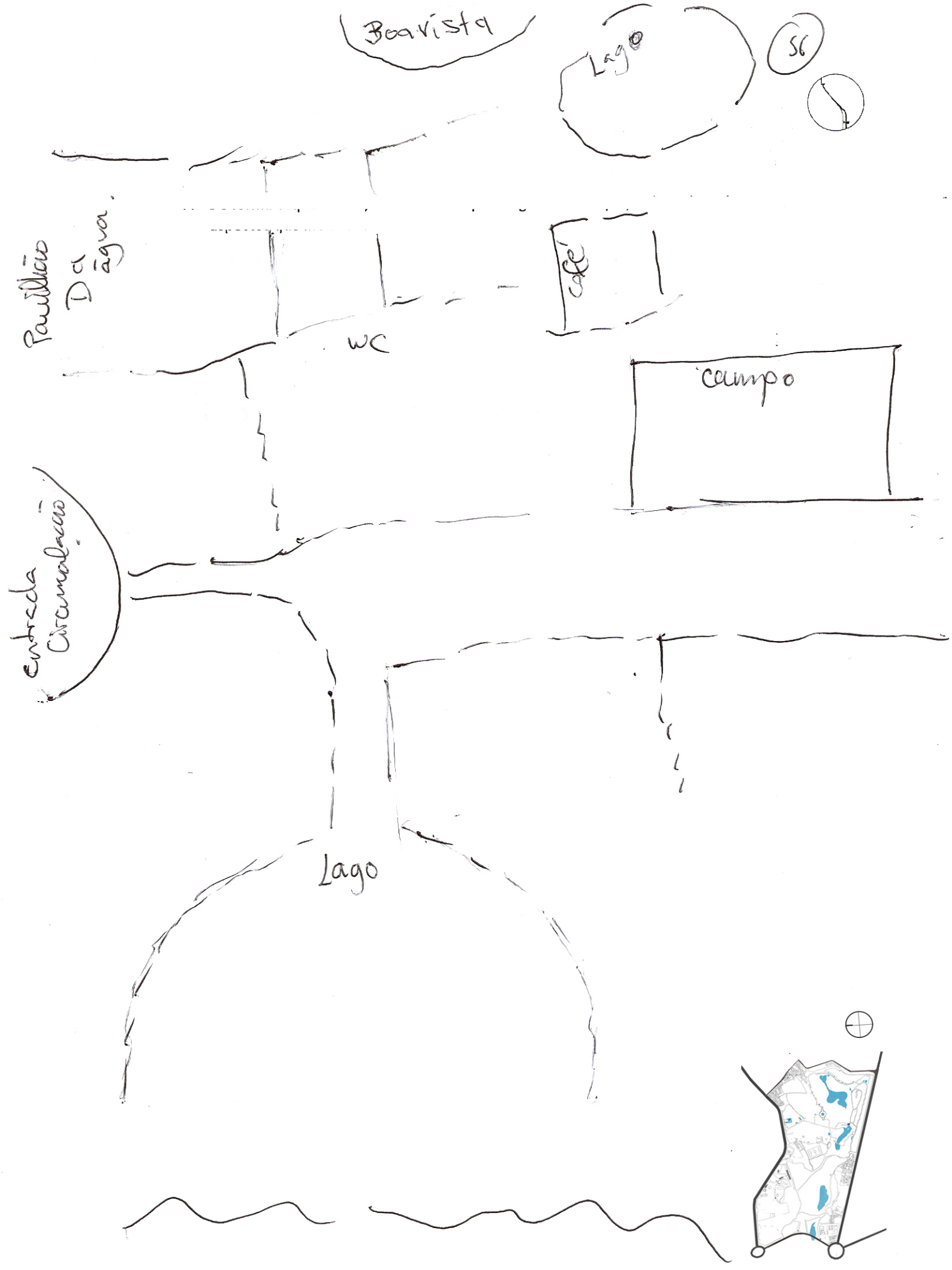

50
Entrada Nascente
Av. Boavista
casa rural
lago
lago
circulação
mata de eucaliptos
lago
manchas verdes
privado
área dependência devia ser arborizada
lago
preocupação futura: ① aumentar a área arborizada
open space
② evitar, de todo, o cimento armado

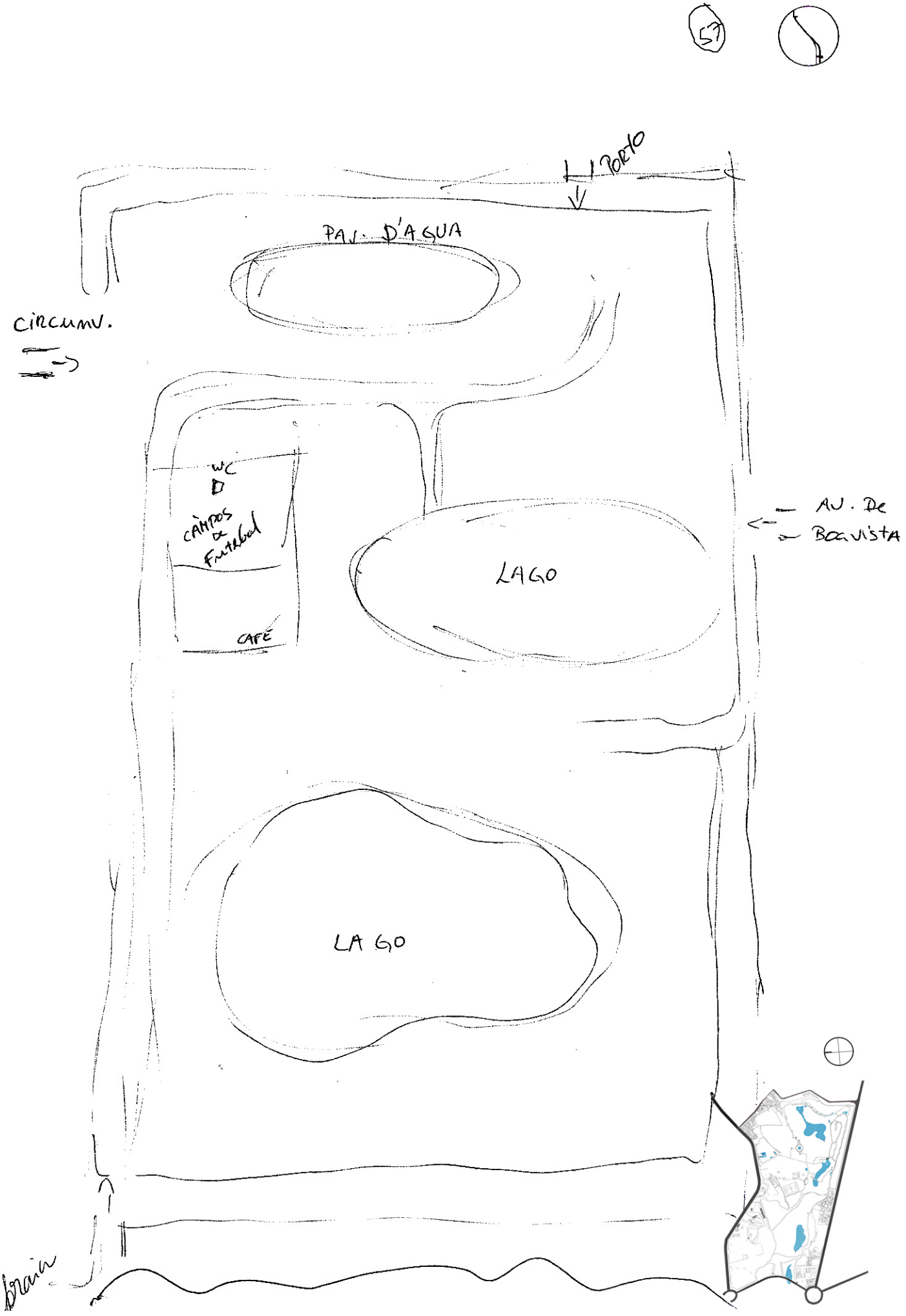

51
PARQUE
WC
Av.
Café
Bar

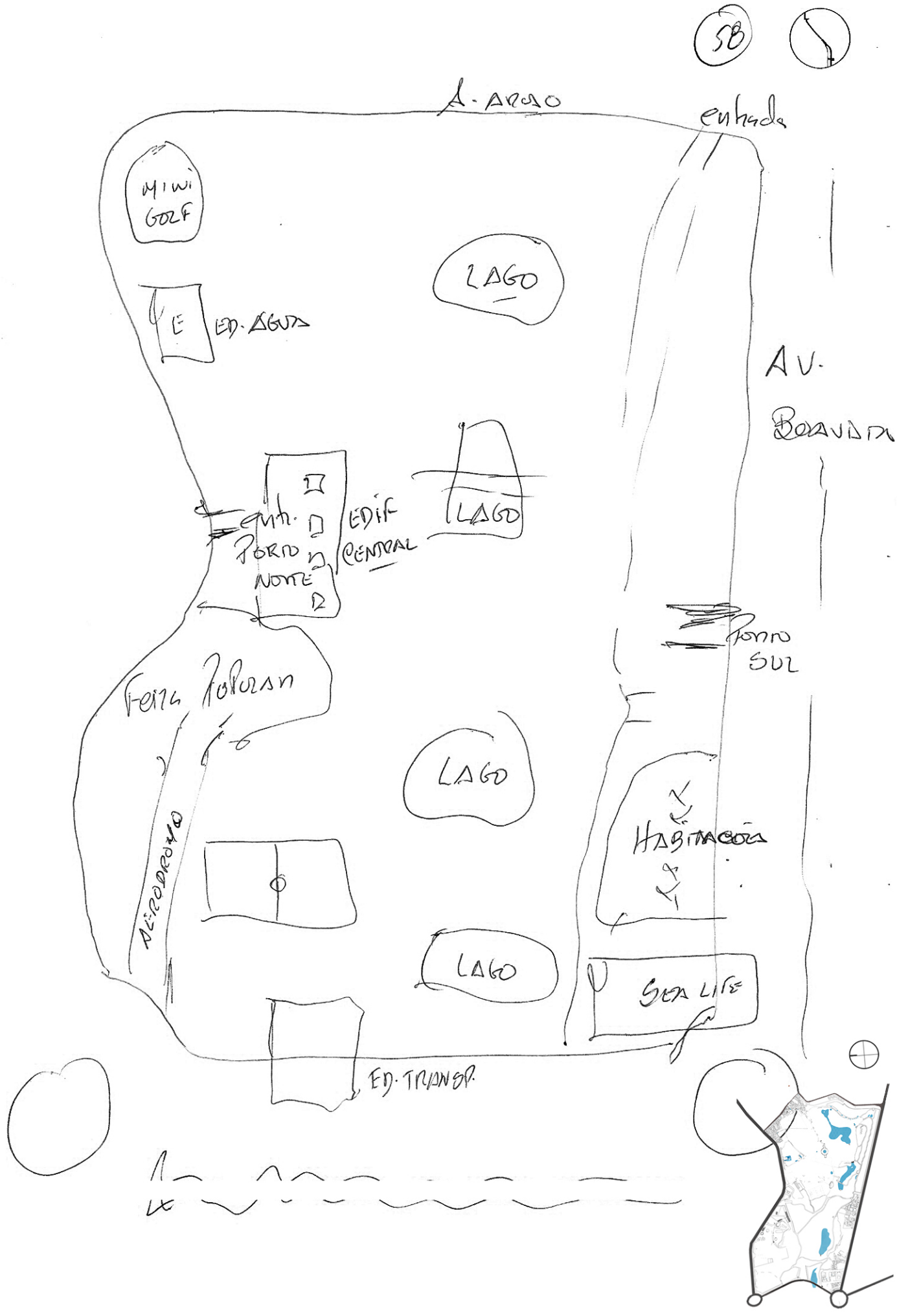

52
entrada
entrada
WC
fonte
café
WC
Av. Boa
entrada
Cinu
lago
fonte
lago
WC
lago
WC

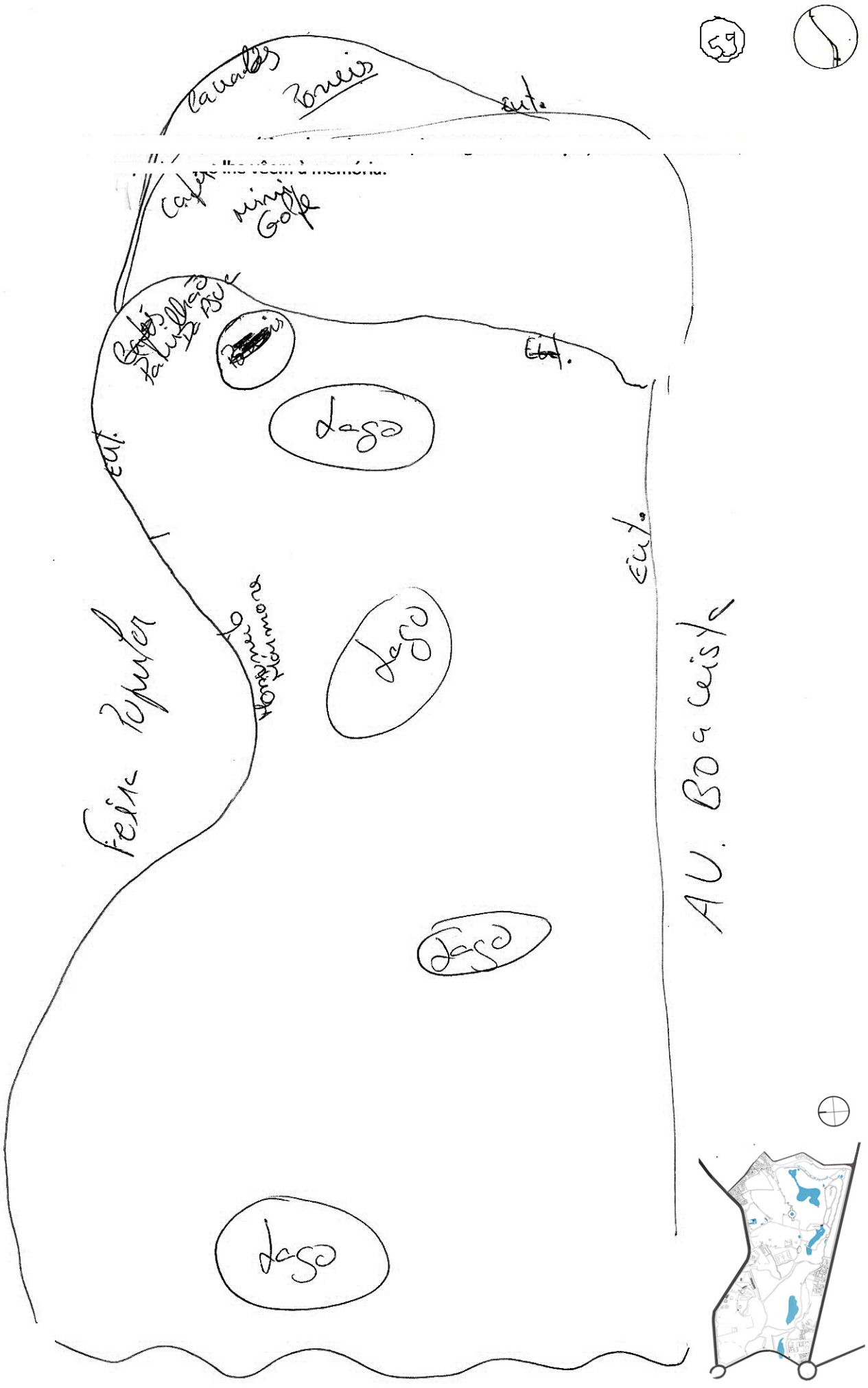
54
Hortas das Escolas
Picadeiro
Café
Esplanada
Saída
W.C.
Entrada/Saída
bebedouro
Entrada
bebedouro
lago
campo de futebol
W.C
campo ténis
lago
W.C.
lago
Bebedouro
Lago
Entrada/Saída
Entrada
W.C.
Saída
lago

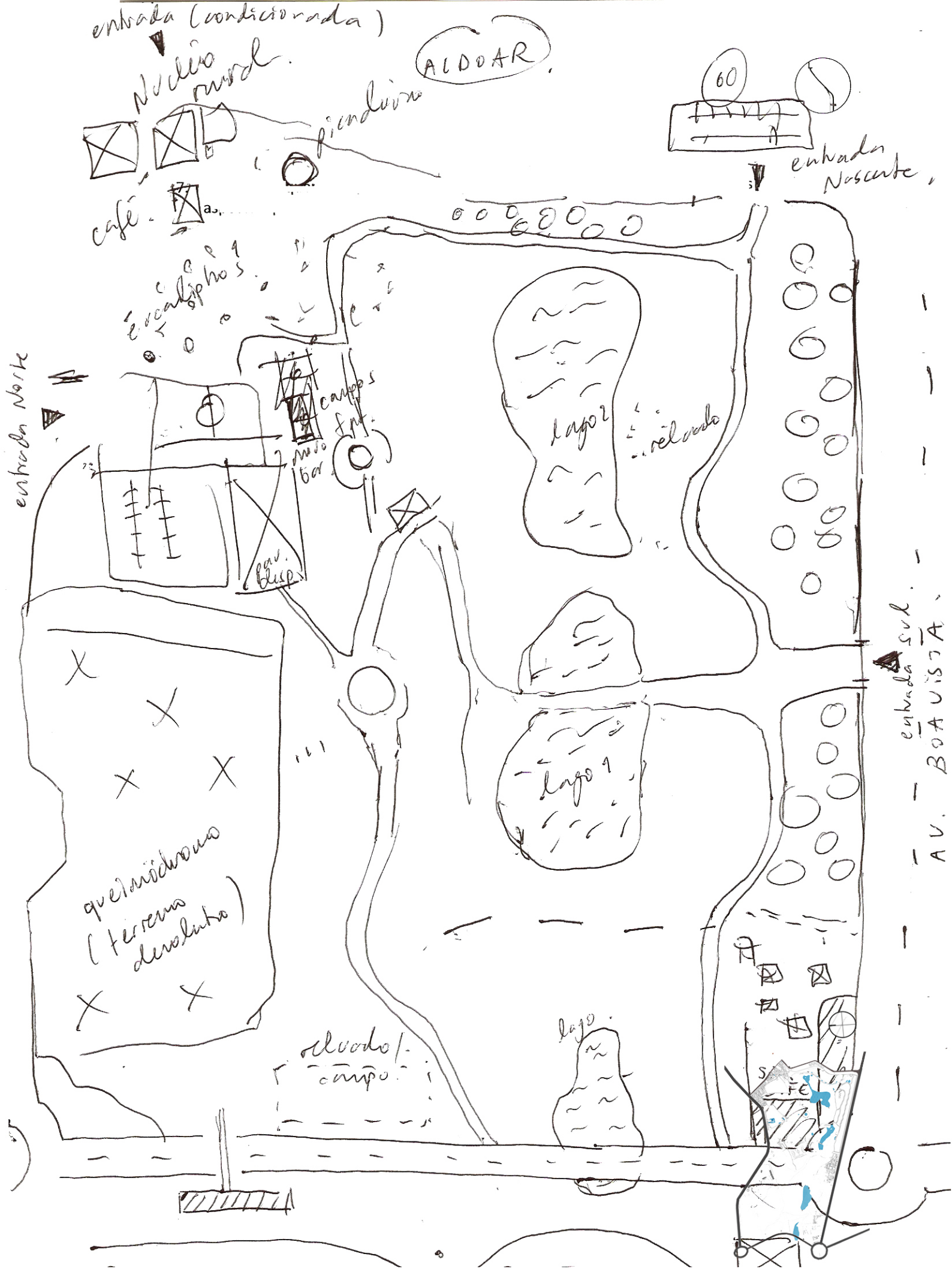
55
Entrada
Parque Infantil
Lago
Pergolado
Sanitarios
Lago
Puente de madera
WC


Boavista
Lago
SC
Pavilhão
Da
água
WC
Café
campo
Entrada
Circunvalação
Lago


57
LIBERTO
PAV. D'AGUA
CIRCUNV.
WC
CAMPOS DE FUTEBOL
CAFÉ
LAGO
AV. DE BOAVISTA
LAGO
praia


58
A. ARGO
entrada
MINI GOLF
LAGO
ED. AGUA
AV.
BOAVISTA
EDIF CENTRAL
LAGO
PORTO NORTE
PORTO SUL
FEIRA POPULAR
AERODROMO
LAGO
HABITAÇÃO
LAGO
SEA LIFE
ED. TRANSP.


Zonas
Cafetaria
Minigolfe
Lago
Lago
Lago
Lago
Fonte Ipiuna
AV. Boa Vista


entrada (condicionada)
Núcleo rural
ALDOAR
picadeiro
60
entrada Nascente
café
eucaliptos
campos fut.
Bar
lago 2
relvado
entrada Norte
lago 1
entrada Sul
AV. BOAVISTA
quelhódromo
(terreno
desnivelado)
relvado campo
lago
S
FE

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILÓ, Miguel. 1999. *El Paisaje Construído: una aproximación a la idea de lugar*. Colegio de Ingenieros de Caminos, Canales y Puertos. Madrid.

- ALMEIDA GARRET, Antão. 1952. *Plano Regulador da Cidade do Porto*. CMP – Câmara Municipal do Porto. Porto.

- ANGEL, Sonny. 2004. *The Tale of the scale: an odyssey of invention*. Oxford University Press. New York.

- AUGÉ, Marc. [1992] 2006. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Editora 90º. Lisboa.

- BARTHES, Roland. [1980] 2006. *A câmara clara*. Edições 70, LDA. Lisboa.

- BELO RODEIA, João. 2007. *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitectura de Lisboa*. Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, AS. Lisboa. pp. 21-23

- BODDY, Trevor. 1992. "*Underground and Overhead: Building the Analogous City*" *in* SORKIN, Michael [ed.]. Hill and Wang. New York. pp. 123-153

- CALVINO, Italo. 1990. *As Cidades Invisíveis*. Editorial Teorema. Lisboa.

- CAMPOS, Ezequiel. 1932. *Prólogo ao Plano da Cidade do Porto.* Empresa Industrial Gráfica do Porto. Porto.

- CASTELLS, Manuel. 2003. *Vol. II: O poder da identidade*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

- COSTA, J. Almeida & SAMPAIO E MELO, A. 1984. *Dicionário da língua portuguesa, 5ª edição*. Porto Editora, Lda. Porto.

- CRAWFORD, Margaret. 1992. "*The World in a Shopping Mall*" *in* SORKIN, Michael [ed.]. Hill and Wang. New York. pp. 3-30

- DAVID, Ana [coord.] 2007. *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitectura de Lisboa*. Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, AS. Lisboa.

- GRAÇA DIAS, Manuel. 2006. *Manual das Cidades*. Relógio D'Água Editores. Lisboa.

- HALL, Edward T. [1966] 2005. *A Dimensão Oculta.* Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo.

- HAYDEN, Dolores. 1996. *The Power of Place : Urban Landscapes as Public History*. The MIT Press. Cambridge.

- JACOBS, Jane. [1961] 1993. *The Death and Life of Great American Cities*. Modern Library Edition. New York.

- KRIER, Léon. 1999. *Arquitectura: escolha ou fatalidade*. Estar-Editora, Lda. Lisboa.

- KUNSTLER, James. 1994. *Geography of Nowhere: The Rise and Decline of America's Man-Made Landscape*. Free Press. New York.

- LEACH, Neil. [1999] 2005. *A anestética da Arquitectura*. Antígona editores refractários. Lisboa.

- LOW, Setha, TAPLIN, Dana. & SCHELD, Suzanne. 2005. *Rethinking Urban Parks: Public Space and Cultural Diversity*. University of Texas Press. Texas.

- LYNCH, Kevin. [1960] 2009. *A Imagem da Cidade*. Edições 70, LDA. Lisboa.

- MALPAS, Jeff. 2006. *Heidegger's Topology : Being, Place, World.* Massachusetts Institute of Technology. Massachusetts.

- MENIN, Sarah. 2003. *Constructing Place : Mind and Matter.* Routledge. New York.

- MONTANER, Josep. 1997. *La modernidad superada, Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX*. Editorial Gustavo Gili, S.A. Barcelona.

- NORBERG-SCHULZ, Christian. 1984. *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*. Rizzoli International publications, Inc. New York.

- NORBERG-SCHULZ, Christian. 2000. *Architecture: Presence, Language, Place*. Skira Editore. Milano.

- PARDAL, Sidónio. 2006. *Parque da Cidade do Porto – Ideia e Paisagem*. CMP – Câmara Municipal do Porto. Porto

- PORTAS, Nuno. [1969] 2007. *A cidade como arquitectura*. Livros Horizonte, Lda. Lisboa.

- RELPH, Edward. 1976. *Place and placelessness*. Pion. London.

- RELPH, Edward. 1987. *A Paisagem Urbana Moderna*. Edições 70, LDA. Lisboa.

- RÉMY, Jean & VOYÉ, Liliane. 1994. *A Cidade: Rumo a uma nova definição?*. Edições Afrontamento. Porto

- SMITH, Neil. 1992. "*New City, New Frontier: The Lower East Side as Wild, Wild West*" *in* SORKIN, Michael [ed.]. Hill and Wang. New York. pp. 61-93

- SOJA, Edward W. 1992. "*Inside Exopolis: Scenes from Orange County*" *in* SORKIN, Michael [ed.]. Hill and Wang. New York. pp. 94-122

- SOLÀ-MORALES, Ignasi. 2002. *Territorios, Barcelona*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona.

- SORKIN, Michael [ed.]. 1992. *Variations on a Theme Park: The New American City and the End of Public Space*. Hill and Wang. New York.

- SORKIN, Michael. 1992. *"See You in Disneyland" in* SORKIN, Michael [ed.]. Hill and Wang. New York. pp. 205-232

- TABORDA, Claudia. 2007. *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitectura de Lisboa*. Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, AS. Lisboa. pp. 126-127

- TAVARES, Gonçalo M. 2007. *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitectura de Lisboa*. Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, AS. Lisboa. p. 147

- OLIVEIRA RAMOS, Luis. 1994. *História do Porto*. Porto Editora, Lda. Porto.

Periódicos de arquitectura:

- DOMINGUES, Álvaro. 1999. *Formas e escalas da urbanização difusa – interpretação e intervenção no NÓ de Portugal*. *in* Inforgeo, n. 14, Edições Colibri.

- MORALES, José. 1997. *Terrain Vague – Uncertain sites*. *in* Quaderns D'Arquitetctura I Urbanismo – Fórum Internacional. n. 214. Barcelona.

- SOLÀ-MORALES, Ignasi. 1996. *Terrain Vague*. *in* Quaderns d'Arquitectura i Urbanismo - Fórum Internacional, n. 212., Collegi d'Árquitectes de Catalunya, Barcelona.

Sítios na internet, em URL:

- http://www.unfpa.org/swp/2007/english/introduction.html; consultado em Fevereiro 2010

- http://www.sobremodernidade.blogspot.com/; consultado em Fevereiro 2010

-http://www.parquedacidade.no.sapo.pt/imprensa/opiniao-20010715-A+longa+histria+do+Parque+da+Cidade.html; consultado em Maio 2010

- http://www.cpires.com/porto_parque_da_cidade.html; consultado em Maio 2010

- http://www.doportoenaoso.blogspot.com/2010/05/o-porto-ha-cem-anos-1.html

- http://www.nisd.net; consultado em Julho 2010

- http://www.apartmenttherapy.com; consultado em Junho 2010

- http://www.porto.taf.net_boavista; consultado em Maio 2010

- http://www.amnesia.com.au; consultado em Maio 2010

- http://www.ilo.org/public/english/bureau/stat/isco/isco08/index.htm; consultado em Julho 2010

- http://www.vistadosubúrbio.blogspot.com; consultado em Julho 2010

- http://www.urban75.org; consultado em Julho 2010

- http://www.news.sky.com; consultado em Agosto 2010

- http://www. flickr.com; consultado em Junho 2010

- http://www.cidadedoporto.pcp.pt; consultado em Junho 2010

- http://www.maps.google.com; consultado em Maio, Junho e Agosto 2010

- http://www.andy.myhomeblog.in; consultado em Julho 2010

- http://www.geocaching.com; consultado em Julho 2010

- http://www.acultura.no.sapo.pt; consultado em Julho 2010

- http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Piódão; consultado em Maio 2010

- http://www.commons.wikimedia.org; consultado em Maio 2010

- http://www.cs.bham.ac.uk; consultado em Junho 2010

- http://www.innovationcircle.net; consultado em Julho Maio 2010

- http://www.modusoptimus.com; consultado em Junho 2010

- http://www.mappery.com; consultado em Julho 2010

- http://www.nycgo.com; consultado em Agosto 2010

- http://www.gothamist.com; consultado em Agosto 2010

- http://www.visitingdc.com; consultado em Agosto 2010

- http://www.43places.com; consultado em Julho 2010

- http://www.naolugaresnoporto.blogspot.com; consultado em Maio 2010

- http://www.4.bp.blogspot.com; consultado em Julho 2010

- http://www.stanford2008.wikispaces.com; consultado em Agosto 2010

- http://www.istockphoto.com; consultado em Agosto 2010

- http://www.idesignproject.com; consultado em Agosto 2010

- http://www.aifs.gov.au; consultado em Setembro 2010

- http://www.skyscrapercity.com; consultado em Agosto 2010